



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Mirela Teresinha Bandeira Silva Moraes

FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA FILOSÓFICO-LITERÁRIA:
uma leitura do romance *Recordações do Escrивão Isaías Caminha*, de Lima Barreto

Pelotas, 2021.

Mirela Teresinha Bandeira Silva Moraes

**FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA FILOSÓFICO-LITERÁRIA: UMA
LEITURA DO ROMANCE *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS
CAMINHA*, DE LIMA BARRETO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Neiva Afonso Oliveira

Pelotas, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M827f Moraes, Mirela Teresinha Bandeira Silva

Formação humana na perspectiva filosófico-literária :
uma leitura do romance recordações do escrivão Isaías
Caminha, de Lima Barreto / Mirela Teresinha Bandeira Silva
Moraes ; Neiva Afonso Oliveira, orientadora. – Pelotas,
2021.

250 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal
de Pelotas, 2021.

1. Lima Barreto. 2. Escrivão Isaías Caminha. 3.
Formação humana. 4. Romance de formação. 5. Literatura.
I. Oliveira, Neiva Afonso, orient. II. Título.

CDD : 370.1

Mirela Teresinha Bandeira Silva Moraes

**FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA FILOSÓFICO-LITERÁRIA: UMA
LEITURA DO ROMANCE *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS
CAMINHA*, DE LIMA BARRETO**

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de abril de 2021.

Banca examinadora:

Profª Drª Neiva Afonso Oliveira (Orientadora)

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profª Drª Giana Lange do Amaral

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª Drª Priscila Monteiro Chaves

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Clademir Luís Araldi

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo

Prof. Avelino da Rosa Oliveira

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para Waldemar e Noeli
In memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Neiva Afonso Oliveira,
minha orientadora,
que tem acompanhado meu processo de formação desde o
ano de 2002, quando iniciei o Curso de Especialização em
Filosofia Moral e Política. Sem nunca desistir de mim, inclusive
nos momentos em que eu mesma já havia desistido, continuou
comigo durante o Curso de Mestrado em Educação e ao longo
dos anos deste Doutorado.

Agradeço aos professores
Clademir Luís Araldi (PPGFIL/UFPEL),
Giana Lange do Amaral (PPGE/UFPEL)
e Avelino da Rosa Oliveira (PPGE/UFPEL),
cujas sugestões para a qualificação desta tese a levaram a
bom termo.

À professora Priscila Monteiro Chaves (UFES)
pela preciosa contribuição na banca de defesa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação
de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
(CAPES) - Código de Financiamento 001.

Mas de tudo isso o que mais me amola é sentir que não sou inteligente. Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande Humanidade de que quero fazer parte (BARRETO, 1956c, p. 135).

RESUMO

MORAES, Mirela Teresinha Bandeira Silva. **Formação Humana na Perspectiva Filosófico-Literária**: uma leitura do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Orientadora: Neiva Afonso Oliveira. 2021. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A tese propõe uma leitura do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, escrito pelo literato brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto, à luz do conceito de romance de formação (*Bildungsroman*). Para tanto, apresenta um panorama sobre a vida e a obra do escritor seguido do levantamento das pesquisas realizadas no Brasil a respeito da sua obra até o mês de janeiro do ano de 2020. Examina o conceito e a função da literatura a partir da concepção de humanização do homem como um processo primordial para a sua existência, de modo a reconhecer que a dinâmica da relação entre os papéis do escritor e do leitor é fundamental para a comunicação literária. Tece algumas aproximações entre o conceito de engajamento literário pensado pelo filósofo Jean-Paul Sartre e a concepção de literatura militante, da qual o escritor era adepto. Utiliza as definições e características de *Bildungsroman* e de ironia romântica, conforme cunhadas pelo Primeiro Romantismo Alemão para encontrar pontos de semelhança com a literatura do escritor carioca. Consoante a acepção de *Bildung*, examina o conceito de educação enquanto processo de formação do homem em devir, atribuindo a cultura e a linguagem o papel de coadjuvantes da ação educativa. A leitura do romance de Lima Barreto é realizada através do cotejamento com a conceituação e características do gênero romanesco, em especial, do romance de formação tal como proposto por Mikhail Bakhtin e Franco Moretti. Considerando o romance de formação como a forma de expressão literária derivada da concepção de formação humana, a tese aponta *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como um legítimo romance de formação brasileiro por conter elementos compatíveis com o gênero. Demonstra que o enredo se desenvolve na perspectiva da brasilidade, fator determinante para a narrativa do escrivão. O cenário, ambientado na redação de um jornal na capital do país, na época a cidade do Rio de Janeiro, e a caracterização do protagonista refletem esta brasilidade conferindo ao texto um caráter de singularidade ante a concepção de romance de formação.

Palavras-chave: Lima Barreto. Escrivão Isaías Caminha. Formação Humana. Romance de Formação. Literatura.

ABSTRACT

MORAES, Mirela Teresinha Bandeira Silva. **Human learning in the Philosophical-Literary Perspective**: a reading of the novel *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, by Lima Barreto. Guidance: Neiva Afonso Oliveira. 2021. 250 f. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, Federal University of Pelotas, 2021.

This thesis proposes a reading of the novel *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, written by the Brazilian literati Afonso Henriques de Lima Barreto, in the light of the concept of novel's formation (*Bildungsroman*). For this purpose, shows a panorama about the writer's life and work followed by the survey of research conducted in Brazil on it's work until the month of January 2020. It examines the concept and function of literature from the conception of humanization of man as a primordial process for his existence, in order to recognize that the dynamics of the relationship between the roles of the writer and the reader is fundamental for literary communication. To elaborate some approximations between the concept of literary engagement thought by the philosopher Jean-Paul Sartre and the conception of militant literature, of which the writer was adept. It uses the definitions and characteristics of *Bildungsroman* and romantic irony, according by the First German Romanticism to find points of similarity with the writer's literature. Depending on *Bildung's* meaning, it examines the concept of education as a process of formation of man in the becoming, attributing culture and language to the role of supporting educational action. The reading of Lima Barreto's novel is performed through the comparison with the conceptualization and characteristics of the novelist genre, in particular, the novel's formation as proposed by Mikhail Bakhtin and Franco Moretti. Considering the novel's of formation as the form of literary expression derived from the conception of human formation, the thesis points *Recordações do escrivão Isaías Caminha* as a legitimate Brazilian formation novel because it contains compatible elements with the genre. Demonstrates that the plot develops in the perspective of Brazilianness, determining factor for the scribe narrative. The scenario, set in the newsroom of a newspaper in Brazilian capital, then Rio de Janeiro, and the the protagonist's characterization reflects this Brazilianness giving the text a character of singularity before the conception of a novel's formation.

Keywords: Lima Barreto. Escrivão Isaías Caminha. Human Formation. Novel of Formation. Literature.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO: A PRIMEIRA INSPIRAÇÃO COM PREÂMBULO DA TESE	10
1	INTRODUÇÃO	22
2	LIMA BARRETO.....	31
2.1	VIDA QUE DÓI	31
2.2	O BRASIL COMO TEXTO E CONTEXTO	42
2.2.1	<i>O cenário brasileiro.....</i>	<i>42</i>
2.2.2	<i>A abolição.....</i>	<i>46</i>
2.2.3	<i>A república</i>	<i>54</i>
2.2.4	<i>O eugenismo.....</i>	<i>57</i>
2.3	A OBRA E O LEGADO	65
3	LITERATURA	73
3.1	O CONCEITO	73
3.2	A FUNÇÃO.....	79
3.3	O PAPEL DO ESCRITOR	82
3.4	O PAPEL DO LEITOR	84
3.5	LITERATURA MILITANTE: CONVERSANDO COM SARTRE	86
3.6	ROMANTISMO: UM MOVIMENTO QUE DEIXOU RAÍZES.....	95
3.6.1	<i>A ironia romântica</i>	<i>100</i>
3.6.2	<i>A ironia prefaciada.....</i>	<i>101</i>
4	FORMAÇÃO HUMANA, UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO	108
4.1	EDUCAÇÃO: CONCEITO E FUNÇÃO.....	109
4.2	BILDUNG: A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO.....	119
4.3	OS COLABORADORES DA FORMAÇÃO: CULTURA, LINGUAGEM E LITERATURA	124
4.3.1	<i>Cultura: patrimônio transmitido pela educação.....</i>	<i>125</i>
4.3.2	<i>Linguagem: o agente de mediação do mundo</i>	<i>126</i>
4.3.3	<i>A linguagem e os modos de ler na atualidade.....</i>	<i>128</i>
4.3.4	<i>Literatura: expressão linguística em favor da educação.....</i>	<i>132</i>
5	ANÁLISE DO ROMANCE “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”	135
5.1	DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE	135
5.2	O ROMANCE DE FORMAÇÃO	138
5.3	ISAÍAS CAMINHA, UMA HISTÓRIA DE VIDA E UMA FORMAÇÃO A NARRAR.....	140
5.4	RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA, UM ROMANCE DE FORMAÇÃO BRASILEIRO	149

CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	167
ANEXOS	180
ANEXO A – DISSERTAÇÕES E TESES DEPOSITADAS NO CATÁLOGO DA CAPES ATÉ 20 DE DEZEMBRO DE 2019.....	181
ANEXO B – PROGRAMA DO CURSO DE FILOSOFIA QUE LIMA BARRETO CRIOU PARA SI MESMO NA JUVENTUDE	216
ANEXO C – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA PESSOAL DE LIMA BARRETO, A LIMANA, CONFORME CONSTA NA BIOGRAFIA DE FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA.	220

APRESENTAÇÃO: A PRIMEIRA INSPIRAÇÃO COMO PREÂMBULO DA TESE

A inspiração para esta tese surgiu no ano de 2014, através de uma leitura descontraída do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, escrito por Lima Barreto. Feita em momento de lazer, a leitura trazia, insistentemente, à memória a lembrança do pensamento de Jean-Jacques Rousseau¹ no que se refere à crítica ao falso sábio. A cada capítulo, o genebrino teimava em se fazer presente com sua crítica, na maioria das vezes, refinada, mas também áspera e irônica.

Quanto mais lia, mas tinha certeza de que o texto de Lima Barreto parecia estar afinado com a filosofia rousseauiana, especialmente, aquela apresentada nas respostas às objeções dirigidas ao *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, vencedor do prêmio da Academia de Dijon, do ano de 1749. Era inegável a semelhança entre o pensamento de Rousseau e o modo como o protagonista do romance se opunha à superficialidade quando se tratava do conhecimento verdadeiro. Tanto o filósofo quanto o escritor brasileiro (pela boca do protagonista) eram enfáticos no combate aos falsos sábios e suas críticas vinham acompanhadas de refinada ironia. Isso me fazia imaginar que Lima Barreto, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, tivesse feito uma espécie de releitura do *Discurso* traduzindo-o para a forma romanesca.

Ao concluir a leitura do romance, restou a inquietação: seria Lima Barreto um leitor de Rousseau? Exceto o fato de o filósofo expressar-se por si mesmo e o literato se valer de um personagem, os traços de similaridade, as semelhanças na fala de um e de outro estavam tão evidentes que se tornou impossível não buscar algum tipo de ligação entre eles. Porém, Rousseau, pensador iluminista, estava no topo, entre os grandes intelectuais do mundo, enquanto Lima Barreto havia sido um escritor brasileiro que, à revelia de muitos de seus coetâneos, teimava em manter-se entre os melhores.

¹ A autora da tese havia defendido recentemente (2013) a dissertação de mestrado intitulada Rousseau e Horkheimer: dois pensadores, uma crítica.

A inquietação me trouxe de volta à Universidade, primeiro, como aluna especial no PPGE. No segundo semestre do ano de 2014, cursei a disciplina *A interpretação da formação humana em filosofia da educação*, ministrada pelos professores Avelino Oliveira e Neiva Oliveira. No ano seguinte, também no segundo semestre, na mesma condição, cursei a disciplina *Paradigmas Filosóficos na Educação III: um estudo dos romances de formação (Bildungsroman)*, novamente ministrada pela Prof^a Neiva Oliveira.

Nesse período, a Prof^a Neiva Oliveira já coordenava o Grupo de Estudos *Educação, Filosofia e Literatura*, ligado ao FEPRAXIS, ao qual me vinculei. Tanto as disciplinas quanto o grupo me deram oportunidade de pesquisar a temática relacionada à tese e colaboraram para a maturação da hipótese, que antes estava baseada apenas em inspiração. Foi por meio dos estudos sobre formação humana e *Bildungsroman* que a hipótese de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ser um romance de formação começou a ser elaborada de forma mais clara, pois, até então, a pesquisa comparativa entre a crítica rousseauiana e a literatura de Lima Barreto era a ideia central para o projeto de doutorado.

Com a proposta de pesquisar a relação entre as formas de expressão crítica do filósofo e do escritor brasileiro, fui aprovada para ingressar como aluna regular no Curso de Doutorado do PPGE/UFPel no ano de 2016. A hipótese descrita no anteprojeto de pesquisa versava sobre a similaridade entre os pensamentos de Rousseau e Lima Barreto, mas o texto também apontava *Recordações* como um romance de formação brasileiro, nos mesmos moldes do *Bildungsroman*. Decorridos quatro anos do ingresso no Curso, após realizar o exame de qualificação, ao reler o anteprojeto percebi que, de fato, havia nele duas hipóteses. Uma explícita, conforme exigia o modelo do anteprojeto de pesquisa. Outra latente, cujo teor do texto permitia inferir que a perspectiva da crítica se encaminhava fortemente para as questões da formação humana e do *Bildungsroman*.

Por sugestão da banca avaliadora da qualificação, o foco da pesquisa foi direcionado para a hipótese que aponta o romance de Lima Barreto como representante brasileiro do gênero romance de formação, ficando o estudo comparativo entre Rousseau e Lima Barreto para outro momento. Todavia, como a filosofia rousseauiana foi uma das influências para o surgimento do

Romantismo alemão, do qual o *Bildungsroman* é uma importante forma de expressão, Rousseau continuava pairando sobre esta tese, motivo pelo qual tomei a liberdade de apresentar, brevemente, nesta seção, alguns tópicos referentes à primeira tese.

Dado que minha pesquisa de mestrado se concentrou nos aspectos que envolvem a crítica rousseauiana a respeito da ciência, eu já possuía um certo domínio sobre a filosofia do genebrino e, assim, a dedicação maior passou a ser a pesquisa sobre o escritor brasileiro. Antes, porém, foi preciso encontrar respaldo para o projeto que se articulava a partir da relação entre três áreas de pesquisa: educação, filosofia e literatura. Em sua vertente comparatista, a teoria literária mostrou que um projeto desse tipo pode ser exequível desde que fundamentado pela Literatura Comparada que permite

[...] o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais, (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião, etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 2011, p. 189).

Esse conceito elimina barreiras geográficas, culturais e linguísticas e viabiliza a transversalidade como possibilidade de conhecimento. Dessa forma, o fio condutor principal da tese é aquele que entende que a educação é como uma espécie de solo comum para a atuação da filosofia e da literatura, no caso da primeira hipótese expressa no pensamento de um filósofo iluminista suíço e na literatura de um escritor brasileiro pré-modernista.

O estudo sobre a vida de Lima Barreto trouxe algumas surpresas. Revelou um homem culto, leitor voraz, conhecedor da língua francesa, de latim, de filosofia e muito atento aos acontecimentos de seu tempo. Apreciador dos clássicos, de Homero a Dostoiévski, sem esquecer a cultura asiática e a literatura brasileira, Lima foi um intelectual pouco valorizado em seu tempo.

Inimigo ferrenho da hipocrisia social e da mesquinhez humana, o escritor e jornalista não tinha “papas na língua”, tampouco medo dos poderosos. Sensível em sua escrita, suscetível aos sentimentos, amante fiel e incondicional da

literatura, denunciou os pseudointelectuais que, no início do século XX, valiam-se da erudição polida para se passarem por sábios perante a sociedade.

Entre os temas recorrentes em sua obra, estão a educação, o conhecimento e a verdade. Eles aparecem no autodidatismo do Major Policarpo Quaresma, no desejo íntimo de Isaías Caminha em se tornar doutor, na descrição do sistema educacional da Bruzundanga e no currículo do *Homem que sabia Javanês*. Também nos discursos do deputado Numa Pompílio de Castro, de *Numa e a Ninfa*, as questões sobre a relação entre conhecimento, verdade e educação estão presentes.

A ligação do escritor com os temas da educação extrapola a literatura de ficção. Em uma anotação de seu *Diário do Hospício*, Lima Barreto confessa o que pensa sobre a maneira como a sociedade lida com o conhecimento. Ao se referir ao famoso psiquiatra Henrique Roxo, que o tratou durante sua segunda internação no Hospício, no final do ano de 1919, diz:

É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza (BARRETO, 1988, p. 24).

Embora esteja se referindo a uma pessoa específica, este é um excerto ilustrativo do modo como o escritor lidava com a soberba intelectual e com o que considerava conhecimento superficial. Avesso à arrogância, fez da humildade a companheira que mostrava no dia a dia um cidadão de vestes e comportamento modestos. Na literatura, a recusa ao vocabulário rebuscado do parnasianismo e a escolha pelo uso de uma linguagem simples e acessível a qualquer leitor. Para ele, o conhecimento exige radicalidade, curiosidade, verdade e humildade. Com esta premissa, orientou sua vida pessoal e nela ancorou sua literatura. Nesse sentido, a postura de Lima Barreto perante o conhecimento assemelha-se ao pensamento de Rousseau no *Primeiro Discurso*. Em ambos, não se trata de uma crítica rasa ou da simples exposição de teorias, mas de um alerta e um apelo aos

homens sobre o modo de conhecer e de por em prática o conhecimento, especialmente na esfera da ciência.

Conforme a exploração da obra do escritor avançava, aquela intuição gerada pela leitura das *Recordações* tomava forma e abria espaço para a confirmação da primeira hipótese. Na crônica *Considerações oportunas*, publicada na revista *A. B. C.*, em 16 de agosto de 1919, se referindo às consequências da Primeira Grande Guerra e aos princípios da teoria eugenista adotados como política de estado no Brasil, o literato reflete sobre o rumo que o conhecimento científico havia tomado no início do século XX.

Nós estamos na época da brutalidade e da violência. Parece que todas as grandes aquisições científicas da humanidade foram entregues, sob a forma de instrumentos de guerra, a papuas ou carijós, que dominam o mundo. O destino da ciência, transformada em arma de guerra, foi nos embrutecer até ao mais último grau (BARRETO, 2004a, p. 582).

Essa reflexão iguala-se a que Rousseau fazia a respeito dos limites e da utilidade da ciência para a humanidade. No século XVIII, o filósofo demonstrou inquietação com o assunto ao redigir o *Discurso* e defender seus argumentos nas respostas às objeções que recebeu. Na interlocução com o rei da Polônia, ponderou: “Mas como pode ser que as ciências, cuja fonte é tão pura e o fim tão louvável, dêem origem a tantas impiedades, a tantas heresias, tantos erros, tantos sistemas absurdos [...] ?” (ROUSSEAU, 1973a, p. 384). Clamando aos que têm a ciência como atividade, as críticas de Lima Barreto e Rousseau mostram-se solidárias uma em relação a outra. Ambas visam chamar a atenção para a prudência, a responsabilidade e o respeito que se deve ter para com a utilização do conhecimento que tem como fim último o bem e a evolução da humanidade.

Mesmo que se possa considerar a intuição um começo instigante para o desenvolvimento de uma pesquisa, ela não é suficiente. Portanto, indícios mais fortes de que a crítica barretiana se coaduna com a crítica rousseauniana precisavam ser encontrados para fortalecer essa hipótese. Nessa fase, foi importante a leitura da biografia de Lima Barreto, escrita por Francisco de Assis Barbosa. O livro de Barbosa traz anexo a relação das obras que pertenciam à biblioteca pessoal do literato. Nela, constam *Do Contrato Social*, *Emílio* e *As Confissões*, três das obras mais importantes de Jean-Jacques Rousseau. A

descoberta da presença dessas obras nas estantes da Limana confirmou a suspeita de que o brasileiro foi leitor atento da filosofia rousseauniana.

A partir dessa informação, o próximo passo foi investigar diretamente na obra de Lima Barreto os possíveis registros sobre a filosofia rousseauniana. E, qual não foi a surpresa ao me deparar com crônicas, contos, romances e diários repletos de alusões a filósofos de todas as épocas e correntes, além de diversas referências ao movimento iluminista e a filósofos como Rousseau, Diderot, D'Alembert, Voltaire e Kant. As alusões e citações literais revelam uma literatura tomada pela filosofia. Contudo, elas são meras ilustrações para uma escrita que exala a essência do verdadeiro conhecimento filosófico.

No romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, inconformado com o sofrimento que a vida em sociedade impõe ao homem, o protagonista menciona a teoria sobre o bom selvagem que Rousseau apresentou no *Do Contrato Social*.

Se eu pudesse, aduziu, se me fosse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada, que lhes corrigisse a bondade e a doçura deprimente. Havia de saturá-la de um individualismo feroz, de um ideal de ser como aquelas trepadeiras de Java, amorosas de sol, que coleiam pelas grossas árvores da floresta e vão por ela acima mais alto que os mais altos ramos para dar afinal a sua glória em espetáculo (BARRETO, 1956h, p. 134).

Após esse entusiasmado discurso, Gonzaga de Sá reconhece a doçura (BARRETO, 1956h, p. 135) como o sentimento mais importante do mundo, assim como pensava Rousseau.

No conto *A indústria da caridade*, publicado na revista *Careta*, em 15 de abril de 1922, dois amigos conversam sobre um evento e o comportamento das pessoas presentes. Um deles, para ilustrar determinada situação, lembra uma anedota sobre o *Primeiro Discurso* de Rousseau:

Recordas-te da anedota de Diderot com Rousseau?

Qual?

Aquela da resposta a dar à Academia de Dijon: - “se o progresso das ciências e artes tinha contribuído para a felicidade do gênero humano?”.

Sim; lembro-me, pois não. Rousseau queria responder afirmativamente; mas Diderot disse-lhe que seria burrice: deveria responder negativamente (BARRETO, 2010, p. 335).

Na crônica *A conferência do dr. Assis Brasil*, Lima Barreto critica o modismo das conferências no meio intelectual. Demonstra despreço por discursos de pseudointelectuais, salvo a preleção sobre educação proferida por Afrânio Peixoto (1876-1947), membro da ABL.

Ele vai falar da “Educação” e ilustre romancista não pode sofrer aquela censura que Voltaire, ao aparecer o *Émile* arranhou ao infeliz Rousseau, a que notável fisiocrata quis saíssem da Áustria para pôr em Cabanen [sic]. O sábio professor não é Rousseau; é um moço educado e pode falar de cadeira das duas educações, sobretudo da cívica, a que se propôs (BARRETO, 2010, p. 611, grifo do autor).

Não obstante a crônica se refira à conferência de Afrânio Peixoto confirmando o interesse do escritor pela educação, a referência à obra *Emílio* é reveladora do conhecimento que Lima Barreto possuía sobre o filósofo, pois se refere ao livro e sua condenação pela Inquisição, como também sobre a animosidade que envolvia Rousseau e Voltaire.

Na crônica *Procurem a sua Josefina*, publicada na Revista *A.B.C.*, em 04 de janeiro de 1919, o escritor brasileiro faz comentários sobre *Do Contrato Social* e *Emílio* e, novamente, comenta as indisposições entre Rousseau e Voltaire:

[...] que tendo vivido uma vida muito pouco decente e equilibrada, segundo as regras comuns, não trepidaram em indicar aos homens de Estado o caminho são para estabelecer um governo forte, fecundo e as leis que devem obedecer com segurança de acertar.

Rousseau foi um deles e até escreveu um tratado geral de ciência política, cujos ensinamentos, sob este ou aquele disfarce, com estas ou outras palavras, perpassam ainda hoje no fraseado das arengas parlamentares e nos sólidos artigos da imprensa política.

É verdade que também Rousseau publicou uma obra sobre educação das crianças; e este seu livro – *Émile* – provocou Voltaire a reflexão de que era dever de quem se propunha a tal coisa ser primeiramente bem-educada. Suponho que o patriarca de Ferney se refira ao cidadão de Genebra (BARRETO, 2004a, p. 437, grifo do autor).

Em crônica anterior intitulada *A mulher brasileira*, publicada no jornal *Gazeta da tarde*, em 27 de abril 1911, o assunto são as mulheres. Para falar

sobre as mulheres brasileiras do início do século XX, o escritor traça um paralelo com as mulheres francesas do século XVIII e usa como exemplos Madame d'Épinay e Madame de Warens. Ambas tinham ligações estreitas com o filósofo:

Lendo há dias as *Memórias*, de Mme. D'Épinay, tive ocasião de mais uma vez constatar a floração das mulheres superiores naquele extraordinário século XVIII francês.

[...]

[...] como essa Mme. D'Épinay, amiga de Grimm, de Diderot, protetora de Rousseau, a quem alojou na famosa "Ermitage" [...] há uma Mme. de Warens que recebe, educa e ama um pobre rapaz maltrapilho, de quem ela faz mais tarde Jean-Jacques Rousseau.

[...]

Por uma questão qualquer, Diderot escreve uma carta a Rousseau que o faz sofrer; e logo este se dirige a Mme. d'Épinay dizendo: "Se eu vos pudesse ver um momento e chorar, como seria aliviado!" (BARRETO, 2004a, p. 73, grifo do autor).

No conto *Mágoa que rala* é a vez de mostrar um pouco sobre a vida social do genebrino e trazê-lo até o Brasil do início do novecentos, quando foi considerado por alguns como influenciador da Proclamação da República:

O sucesso de Rousseau entre a alta fidalguia do seu tempo foi um estranho acontecimento que hoje surpreende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem ele a ser amaldiçoado pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores de 89 e do rubro 93.

Antes disso foi ele o *enfant gâté* da grande nobreza e da grande burguesia que àquela se assemelhava nos gestos, nos gostos, nos vestuários, em tudo, enfim, até no modo de assinar o nome.

Depois dos seus primeiros sucessos musicais e literários, mesmo antes com sua mãe-amante, Mme. de Warens, Jean-Jacques foi o mimo, o autor predileto da alta nobreza e da grande burguesia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução lendo as suas declamações e objurgatórias contra a civilização sempre lido por elas, sempre por elas agraciado e socorrido, ambas sorveram com lágrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o ânimo do sumo pontífice da guilhotina. – Robespierre. E Rousseau, nas festas e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand que, numa edição das *Confessions*, prefaciada por ela, se confessa fiel ao espírito do comensal de seu avô naquele lacustre castelo de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as águas do Cher; é Mme. d'Épinay [...] (BARRETO, 2010, p. 231, grifo do autor).

O apreço que nutria pelo Século das Luzes não impedia o literato de criticar a adoração da elite e da intelectualidade brasileiras pela capital francesa. A passagem acima retirada de um conto sobre a cidade do Rio de Janeiro contém

uma forte crítica à burguesia carioca que na época tentava copiar Paris de todas as formas. Esse período ficou conhecido na história como *Belle Époque* carioca, pois mais do que atitudes individuais, como assinatura à francesa, houve no Rio de Janeiro a implementação de projetos políticos para tentar criar a Paris brasileira que afetaram e alteraram a aparência arquitetônica da cidade e a vida dos cidadãos.

Em toda a sua vida, Lima Barreto nunca deixou de ler nem de escrever e em uma das vezes em que esteve internado para tratamento do alcoolismo ao ler no jornal *O País* a afirmação de que Rousseau era o pai do anarquismo ficou tão indignado que escreveu por três vezes refutando o autor da sentença. A primeira foi uma crônica publicada na revista *A.B.C.*, em 03 de novembro de 1918 com o título *Da minha cela* onde relata sua rotina como paciente no hospital do exército, os cuidados médicos que recebia e o que fazia para passar o tempo.

Esquecendo-se dessas coisas mezinhas que são do conhecimento de todos, não é de espantar que afirme ser o anarquismo os últimos vestígios da filosofia (não ponho a chapa que lá está) do *Contrato Social* de Rousseau.

Pobre Jean-Jacques! Anarquista! Mais esta, hein, meu velho? (BARRETO, 2004a, p. 404, grifo do autor).

Cerca de um mês após, em 14 de dezembro de 1918, novamente na revista *A.B.C.*, em outra crônica chamada *Carta Aberta*, Lima Barreto dirige-se diretamente a Rodrigues Alves, eleito pela segunda vez presidente do Brasil, para expressar sua preocupação com o que seria mais do que o registro da ignorância de um jornalista sobre filosofia. Diante deste e de vários outros casos narrados na carta, alerta sobre o modo de funcionamento e o poder da imprensa no país e, por isso, pede ao futuro presidente que tome posse o mais breve possível ² e passe a residir no Palácio do Catete.

Poucos dias depois, em 18 de novembro, ocorreu o que ficou conhecido como Insurreição Anarquista. Operários cariocas de vários setores entraram em greve reivindicando melhores condições de trabalho. Especialmente naquele dia, houve tumulto e mortes. Foi o ápice de uma situação que vinha se projetando

² Rodrigues Alves (1848-1919) foi vítima da gripe espanhola e morreu antes de assumir o segundo mandato.

desde um ou dois anos antes (NÉBIAS,2009). Alguns jornais acusaram os anarquistas de fomentar a greve. Na tentativa de enfraquecer o movimento dos trabalhadores, publicavam matérias explicando o que significava o anarquismo.

Em 01 de março de 1919, na revista *Contemporânea*, ainda para refutar o texto sobre o anarquismo de Rousseau, publica a crônica *Sobre o Maximalismo*. Nela, o escritor revela ser muito mais do que um simples leitor de Rousseau. Lima Barreto demonstra ser um pesquisador exigente, daqueles que consulta na fonte, que busca o texto original para evitar interpretações equivocadas.

Quando em 22 de novembro de 1918, ele disse que Jean-Jacques Rousseau era um anarquista ou que o anarquismo tinha origem na “filosofia sentimental e chorosa” (chapa nº 1738) do autor do *Contrato Social*, eu, dias depois, pela revista A.B.C., emprezei-o a demonstrar tal coisa.

Habitado, sempre que posso a ir às fontes, nunca tinha encontrado, na leitura das obras de Rousseau, semelhante espírito, nem mesmo a mais tênue tendência para o anarquismo.

Rousseau, ao contrário, é um crente da Legislação e do Estado, que organiza como uma máquina poderosa, para triturar o indivíduo, cujas atividades de toda ordem devem ser marcadas por leis draconianas. Jean-Jacques, como toda a gente sabe, era um grande admirador do despotismo do Estado, existente em Esparta, a que houve de fato ou a que está na vida dos seus heróis, Licurgo, Agesilau, etc., contadas por Plutarco. Houve até quem dissesse que ele era um duro Calvino leigo. Como esse seu espírito está longe do anarquismo!

No *Contrato Social*, liv. II, cap. VII. Tratando “Do Legislador”, ele diz textualmente: “Il faut, en un mot, qu’il (o legislador) ôte à l’homme ses forces propres!, etc.; e no período seguinte:

Plus ces forces naturelles sont mortes et anéanties, plus les acquises sont grandes et durables, plus aussi l’institution est solide et parfaite: en sorte qui se chaque citoyen n’est rien, ne peut rien que par tous les autres, et que la force acquise par le tout soit égale ou supérieure à la somme des forces naturelles de tous les individus, on peut dire que la législation est au plus haut point de perfection qu’elle puisse atteindre.

Está nestas palavras consubstanciado o ideal do autor das *Confessions*, no tocante à política. Ele é um crente na eficácia do Estado e da Legislação; e não há autor anarquista que seja capaz de subscrever tais palavras (BARRETO, 2004a, p. 461, grifo do autor).

Amparado em citação textual extraída do original, o escritor refuta o artigo publicado no jornal *O País*. Mais do que defender Rousseau, possivelmente, Lima Barreto estivesse tentando livrar os anarquistas, com os quais simpatizava, de acusações indevidas. Esse excerto mostra um jornalista que não abre mão do

rigor da verdade. Um intelectual comprometido, acima de tudo, com o conhecimento.

Com estas refutações ao infame artigo sobre as origens do anarquismo encontradas na filosofia de Rousseau, Lima Barreto respondeu as dúvidas da minha pesquisa, pois não restou dúvida de que o escritor foi um leitor e conhecedor do pensamento rousseauiano.

Uma curiosidade: Infâncias machucadas

Os autores cujos passos se tenta cadenciar registraram em seus escritos íntimos experiências de vida dolorosas ocorridas na infância. A maior de todas foi a orfandade materna. A mãe de Rousseau morreu no seu parto e a de Lima Barreto quando ele tinha seis anos. Sem o amparo materno, ambos desenvolveram uma sensibilidade maior para com os sentimentos. Quando crianças, passaram pela traumática experiência da falsa acusação, o que lhes rendeu um senso de justiça aguçado. Em suas *Confissões*, Rousseau relembra o episódio do pente quebrado de sua tia.

Esse primeiro sentimento da violência e da injustiça ficou-me tão profundamente gravado na alma, que todas as idéias que com ele se relacionam me despertam a primeira emoção; e esse sentimento, relativo a mim, na sua origem, tomou por si próprio uma tal consistência, e de tal modo se desligou de qualquer interesse pessoal, que ***meu coração se inflama ao espetáculo ou a narração de qualquer ação injusta, qualquer que seja o objeto ou o lugar onde se cometa, como se o seu efeito recaísse sobre mim.*** Quando leio as crueldades dum tirano feroz, ou as sutis dalgum padre velhaco, correria de boa vontade a apunhalar esses miseráveis, tivesse embora que morrer cem vezes. Já me tenho ensopado de suor perseguindo a correr a pedradas um galo, uma vaca, um cão, um animal qualquer que vejo atormentando outro unicamente porque se sente mais forte. Pode esse impulso me ser natural, e creio mesmo que o é; mas a lembrança profunda da primeira injustiça que sofri ligou-se durante muito tempo e muito profundamente a ele para o não ter reforçado muito (ROUSSEAU, 1936, p. 29, grifo nosso).

Lima Barreto em seu *Diário Íntimo* relata a injusta acusação de furto:

Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época

que eu sentia a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e aí também **comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante** (BARRETO, 1997, p.16, grifo nosso).

Os excertos acima mostram como, a partir do sofrimento, Rousseau e Lima Barreto desenvolveram o senso de justiça e converteram a dor pessoal em empatia e sensibilidade para as questões sociais.

Os trechos extraídos da obra do escritor, bem como a demonstração do significado da justiça para ele e para o filósofo, ratificaram a hipótese da similaridade entre as críticas. Também tornaram possível afirmar que Lima Barreto foi um leitor atencioso da filosofia rouseauniana e um verdadeiro pesquisador da área das Ciências Humanas com um valor de conhecimento inestimável.

No exame de qualificação do projeto de tese, a banca avaliadora sugeriu que a pesquisa fosse direcionada para a hipótese de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ser um romance de formação brasileiro. Acatada a sugestão, a investigação tomou outro rumo. Foi preciso intensificar o estudo sobre Lima Barreto e sua obra e pesquisar o Romantismo desde suas origens para encontrar nas *Recordações* elementos característicos do *Bildungsroman* alemão.

1 INTRODUÇÃO

O tema desta tese diz respeito à identificação do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, do escritor Lima Barreto, como representante brasileiro do gênero romance de formação.

Trata-se de uma perspectiva que se estrutura na linha de pesquisa da filosofia da educação e se orienta pela concepção de educação enquanto processo de formação individual, que começa com o nascimento e se prolonga até a maturidade.

O respaldo para o desenvolvimento do projeto veio através dos conceitos da Teoria Literária e dos princípios da Literatura Comparada que permitem o estudo comparativo entre literaturas de países diferentes e entre a literatura e outras áreas do conhecimento (REMAK, 2011, p. 189), eliminando as barreiras impostas por distanciamentos temporais, geográficos, culturais e linguísticos existentes entre dois ou mais textos.

Resultado de intensa pesquisa, o texto ora apresentado sintetiza informações extraídas de diversas fontes. Sobre o escritor Lima Barreto foram de suma importância as obras *Lima Barreto: triste visionário*, de autoria da professora Lilia Schwarcz e *A Vida de Lima Barreto*, escrita pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Sempre que pairou alguma dúvida em relação a datas ou fatos da vida do literato, a opção foi pelas informações contidas nestes dois livros os quais nortearam o aprofundamento da pesquisa em relação ao contexto sócio-histórico que o envolvia. *Afinal, quem fez a república?*, de Joel Rufino dos Santos, *A revolta da vacina*, de Nicolau Sevcenko e *A construção nacional*, volume organizado por José Murilo de Carvalho, foram as principais fontes de consulta sobre a História do Brasil, na virada do século XIX para o século XX. Merece menção o suporte fornecido pelo pensamento de Antonio Candido a respeito da literatura, bem como *História da leitura no mundo ocidental*, organizado por Guglielmo Cavallo e Roger Chartier.

Para ratificar a hipótese de que o romance de Lima Barreto pode ser um representante brasileiro do gênero romance de formação, a pesquisa se fixou na origem do movimento romântico, no conceito de *Bildung* e de *Bildungsroman*. Nessa fase, os conhecimentos fornecidos pelos textos *Antropologia filosófica e educação*, do professor Osmar Schaefer, *As raízes do romantismo*, de Isaiah Berlin, *Estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin e *O romance de formação*, de Franco Moretti foram de suma importância.

Antes da apresentação dos capítulos, alguns esclarecimentos se fazem necessários: Embora existam autores que divirjam quanto à tradução da palavra e da própria definição de *Bildung* como formação no sentido de educação, nesta tese as expressões formação, formação humana e processo formativo são usadas indiscriminadamente, como sinônimos de *Bildung* e estão associadas à educação enquanto processo duradouro no qual o homem se desenvolve e se aperfeiçoa dentro da sua incompletude. O mesmo acontece com as expressões que derivam desse significado, *Bildungsroman* e romance de formação. Ambas são referidas como sinônimos e dizem respeito à expressão literária que representa a *Bildung*. Igualmente não se leva em conta possíveis distinções que caracterizariam diferentes tipos de romance dentro da concepção de *Bildung*.

Por vezes, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é referido apenas como *Recordações*.

O primeiro capítulo apresenta o contexto no qual Lima Barreto viveu sua vida pessoal e seu legado. Mostra como os grandes acontecimentos que marcaram a história do Brasil, na virada do século XIX para o XX, afetaram a vida do escritor. Durante a infância, foi testemunha da abolição da escravatura e da Proclamação da República, fatos que, futuramente, serviriam de temas para sua obra literária. Além destes, outros acontecimentos menos divulgados marcaram o país e a vida de Lima Barreto, em especial, o eugenismo, do qual o escritor foi uma voz dissonante. Importado sob a forma de higienismo, o eugenismo foi adotado com política de estado pelo Brasil e posto em prática na cidade do Rio de Janeiro através da reforma urbana e do sanitarismo. O escritor, que viveu toda a sua vida nesta cidade, presenciou a tentativa de execução desse projeto se insurgindo publicamente contra o tratamento dado ao povo brasileiro pelos governos federal e municipal. Após pincelar estes acontecimentos e apresentar a

reação do escritor, passa-se à apresentação da obra de Lima Barreto sob o enfoque da recepção crítica. Ao organizar a publicação das obras completas do escritor, seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, convidou alguns intelectuais de renome do país para escreverem os prefácios de cada volume. Neles, estão registradas as impressões dos críticos sobre a literatura barretiana, muitas delas negativas. Foi em torno da década de 1970 que o escritor conquistou seu espaço definitivo na galeria de literatos brasileiros, através da pesquisa realizada dentro das universidades. De lá para cá, o prestígio de Lima Barreto vem aumentando cada vez mais dentro e fora da academia.

O segundo capítulo trata da literatura de um modo geral, de sua definição e de sua função. Considerada uma das formas de humanização, que se realiza pela transmissão de uma mensagem, seja ela oral ou escrita, a literatura se estrutura na mesma base de comunicação da linguagem, isto é, pela constituição do trinômio emissor-mensagem-receptor. Por isso, o texto literário possui caráter agregador. Considerada sob as condições da oralidade, a literatura, assim como a educação, participou dos primórdios da humanidade como coadjuvante do desenvolvimento da sociedade. Apresenta algumas das características que moldam os perfis do escritor e do leitor, sendo o primeiro encarregado de elaborar a mensagem e o segundo, o destinatário que decifra e interpreta a mensagem que o texto literário propõe. Considerando-os sujeitos constitutivos do processo literário, procura esclarecer qual o envolvimento de cada um com a mensagem expressa pelo texto. Para tratar do comprometimento da literatura com as questões sociais, apresenta a concepção de literatura militante, da qual Lima Barreto era adepto, sob a ótica do engajamento proposto pelo filósofo Jean-Paul Sartre algumas décadas depois. Por fim, trata dos principais aspectos do romantismo sob a perspectiva dos autores que deram origem ao movimento na Alemanha, especialmente F. Schlegel. Para demonstrar a afinidade do pensamento de Lima Barreto com os princípios do Romantismo, traça um paralelo entre o prefácio do livro do romântico E.T.A. Hoffmann, *Reflexões do Gato Murr*, e o prefácio escrito por Lima Barreto para *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, onde é possível notar como ambos se valeram do artifício que subverte a noção de autoria para expressar com humor e reflexão crítica como se configura a ironia romântica.

O terceiro capítulo trata do conceito de educação como formação. Apresenta a educação sob o ponto de vista da humanização, desde os primórdios da humanidade até a atualidade. Mostra como o ato de educar sempre esteve presente em todas as formas de agrupamento humano como meio de transmitir aos membros mais novos os conhecimentos adquiridos pelo grupo. Discorre sobre como essa função humanizadora da educação pode ser atualizada conforme o requerido pelas etapas do processo evolutivo da humanidade. Para isso, mostra como o processo educativo foi um instrumento importantíssimo de inserção, adaptação e socialização dos indivíduos nos primórdios da civilização. A seguir, mostra como a função humanizadora da educação acompanhou o processo evolutivo chegando à concepção da *Bildung* como proposta de processo educativo que acompanha as transformações do homem em sociedade. Apresenta, brevemente o conceito de cultura e de linguagem, elementos diretamente envolvidos com os princípios da educação e sem os quais o homem não seria quem ele é. Mostra a relação de interdependência e cooperação que existe entre educação, cultura e linguagem e como a literatura também tem lugar nessa associação para em conjunto atuar nos processos de humanização e formação do homem.

O último capítulo se refere à análise do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* a luz das concepções de *Bildung* e *Bildungsroman* encontradas no pensamento dos primeiros românticos. Apresenta a definição e as características do gênero literário denominado romance, com especial atenção para as formulações de Bakhtin e Moretti. Após destacar as características que definem o tipo romance de formação, faz uma descrição sucinta da história das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* para, a seguir, tecer os argumentos que amparam a afirmação da hipótese de o livro ser um representante brasileiro dos romances de formação, redigido em conformidade com o modelo tradicional preconizado pelos românticos.

Na sequência das Considerações Finais, encontramos os anexos. Estes constam da relação com as dissertações e teses pesquisadas no Catálogo de Teses da CAPES (anexo A), do programa do curso de filosofia que Lima Barreto criou para si mesmo na juventude (anexo B) e da relação de livros da biblioteca

pessoal de Lima Barreto (anexo C), a Limana, conforme consta na biografia de Francisco de Assis Barbosa.

A relação de dissertações e teses extraída do Catálogo de Teses da CAPES está disponível no portal da CAPES, conforme indicado nas Referências desta tese. O repertório do Catálogo está atualizado até o ano de 2017, contendo catalogações anteriores à implantação da plataforma Sucupira e cada um dos trabalhos lançados traz essa referência. O acesso ao Catálogo foi realizado entre o período de 15 de outubro a 20 de dezembro de 2019. Para a pesquisa, foram utilizadas as palavras: Afonso Henriques de Lima Barreto; Recordações do Escrivão Isaías Caminha; Isaías Caminha; Lima Barreto e educação; Isaías Caminha e educação; Isaías Caminha e formação; Lima Barreto; Isaías Caminha e *Bildungsroman*. Por se tratar de transposição de dados, não foram realizadas correções no formato ou na apresentação das informações deste anexo, tendo sido preservada a falta de padronização original na apresentação visual do Catálogo. Somente a ordem alfabética de autoria foi priorizada para tornar a leitura mais confortável.

Por se tratar de um escritor, a pesquisa concentrou-se na área de Linguística, Letras e Artes, contudo a investigação revelou dissertações e teses em outras áreas de conhecimento. Com referência às questões debatidas na atualidade, foram encontrados dois estudos desde a ótica da decolonialidade. Uma dissertação intitulada *Uma leitura decolonial de Lima Barreto e Arlt*, defendida por Santiago Miguel Gomez, em 21 de março de 2018, no Mestrado em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina aparece listada. E uma tese intitulada *A presença das estratégias de descolonização na obra de Lima Barreto*, defendida por José Eugênio das Neves, em 01 de outubro de 2012, no Doutorado em Letras da Universidade Estadual de Londrina também compõe a listagem.

Foi verificada a relação de teses e dissertações da UFPel. Nela, foi encontrado somente um trabalho sobre Lima Barreto, a dissertação intitulada *Razão ao avesso: uma análise da representação da loucura, dos loucos e dos manicômios em Cemitério dos Vivos e Diário do Hospício, de Lima Barreto e Um Estranho no Ninho, de Ken Kesey*, defendida por Ana Paula Giehl de Oliveira, em 03 de março de 2017, no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pelotas. A partir disso, tomou-se a decisão de elaborar uma tabela ajuntada ao

anexo A para melhor visualização da produção acadêmica resultante das pesquisas sobre Lima Barreto e sua obra, por regiões do país.

Evidentemente, a tabela é apenas um levantamento preliminar que não condiz com um estudo mais acurado onde as variáveis são condição indispensável para a obtenção de conclusões sobre quais motivos levam determinadas universidades a produzirem mais pesquisas sobre determinado assunto/tema do que outras. Não foi considerado, por exemplo, o tempo de existência dos Programas de Pós-Graduação na sua relação com a quantidade de defesas de dissertações e teses, o que certamente colabora para maior concentração dos estudos sobre Lima Barreto nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Também não foi levado em conta o fato de a Biblioteca Nacional, onde ficam os manuscritos de Lima Barreto, ser sediada na cidade do Rio de Janeiro, o que facilita o acesso dos pesquisadores das áreas próximas aos documentos originais. Contudo, aqui não se trata de obter um índice dos estudos sobre a obra barretiana, mas tão somente apresentar um mapeamento com base no banco de teses da CAPES, que é o órgão oficial para depósito e reconhecimento de dissertações e teses do país.

Terminada essa fase, em janeiro de 2020, foi examinado o sítio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que disponibiliza o acesso ao texto completo daqueles que desejam ter seus trabalhos publicados. As teses e dissertações disponíveis neste local são em número bem menor que o do Catálogo da Capes, porém possui a vantagem de já disponibilizar teses e dissertações até o ano de 2019.

Com exceção das informações sobre as dissertações e teses dos anos de 2018 e 2019 ainda não disponibilizadas pela CAPES, apenas a dissertação de mestrado de Marília Köenig intitulada *Por uma teoria não-oficial da comunicação: o jornalismo como tema da obra Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto* defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), não consta no Catálogo da CAPES e está disponível no sítio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A Fundação Biblioteca Nacional (FBN) através de programas de fomento estimula a pesquisa, *in loco*, nos arquivos manuscritos e acervos pessoais dos literatos brasileiros que estão sob sua salvaguarda. São programas como o de Residência em Pesquisa na Biblioteca Nacional que concedem bolsas para o desenvolvimento de projetos que resultem em livros bem como o Programa de Apoio à Pesquisa na Biblioteca Nacional de concessão de bolsas a pesquisas realizadas diretamente no acervo da Biblioteca Nacional. Exemplo do primeiro é a pesquisa intitulada *A recepção de Lima Barreto em Portugal: a documentação da FBN (1909-1922)* desenvolvida por João Marques Lopes, com resumo publicado no sítio da FBN em dezembro de 2014. Do segundo, a pesquisa de Rachel Bertol, então doutoranda da UFRJ, intitulada *Em torno de um encontro: José Veríssimo e Lima Barreto (fragmentos)*, publicada em arquivo PDF, em novembro de 2015.

Do projeto de residência (2016) *Lima Barreto: trajetória intelectual e redes de sociabilidade (Rio De Janeiro, 1897-1922)* da pesquisadora Magali Gouveia Engel, derivou o projeto do Programa de apoio à pesquisa de sua orientanda de graduação Débora Guerra, intitulada *À meia-língua, uma maneira de falar sobre o africano em Lima Barreto*, também disponível no sítio da FBN.

A pesquisa por artigos em periódicos foi subsidiada especialmente pelo Portal de Periódicos da CAPES e pela Rede SciELO. O Portal de Periódicos da CAPES disponibiliza textos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais reunindo diversas bases de dados que fornecem acesso aos mais variados tipos de material como livros, enciclopédias e conteúdo audiovisual, entre outros. A Rede SciELO oferece conteúdo de periódicos científicos gerenciados por organizações científicas de renome.

O último sítio pesquisado foi o da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) onde estão publicados anais do XVI Congresso da Associação, ocorrido em 2019, cadernos de resumos e de posters dos três últimos anos, seis livros produzidos entre os anos de 2012 e 2013, 22 e-books e a Revista Brasileira de Literatura Comparada, esta desde a primeira edição em 1991, até o volume 21, número 38, publicado no final do ano de 2019. Na pesquisa realizada no dia 13 janeiro de 2020, foi encontrado somente um artigo que menciona explicitamente o nome de Lima Barreto, publicado no volume 10, número 12, do ano 2008, por Elizabeth Gonzaga sob o título de *Cartografias da*

intimidade na literatura brasileira: os diários de Lima Barreto. Nas demais publicações da ABRALIC, nenhuma referência direta ao escritor ou sua obra foi encontrada.

A pesquisa nesses portais e sítios revelou que pesquisadores como Lília Schwarcz, Beatriz Resende, Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo, Denilson Botelho e outros que têm se destacado nos estudos sobre Lima Barreto e sua obra continuam contribuindo com produções relevantes e já há uma geração de seus orientandos também atuando nesse sentido.

Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo, realizando uma rara aproximação do literato com a filosofia, publicou o artigo intitulado *Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche*, na revista ALEA Estudos Neolatinos (v. 6, n. 1, janeiro – junho 2004, pp. 159-173). Parece ser um trabalho pioneiro da pesquisadora, pois não foi detectada nas fontes consultadas outra abordagem no sentido de aproximar o escritor brasileiro dos clássicos da filosofia.

A revista Cadernos Nietzsche ligada ao GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, na edição número 1, do volume 36 do ano de 2015 (São Paulo, v.36 n.1, p. 167-172, 2015) publicou a crônica *Estudos de Lima Barreto*. Publicada originalmente no ano de 1920, a crônica assemelha-se a uma resenha do livro da feminista Albertina Bertha que trata de um texto de Nietzsche.

No ano de 2016, Maria Salete Magnoni publicou a artigo *Lei de Cotas e a mídia brasileira: o que diria Lima Barreto?* Na revista Estudos Avançados da USP (V.30, n. 87, 2016, pp. 299 - 312). Para verificar como a Lei de Cotas foi discutida e veiculada pela mídia e pela sociedade brasileira, a autora adota a perspectiva histórica apoiada nos escritos de Lima Barreto sobre educação no início do século XX.

O que mais chamou a atenção na busca dos artigos foi a importante contribuição da pesquisadora autônoma Denise Bottmann publicada na Revista da Anpoll (DOI:<http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1145>), em 2018, sob o título *Lima Barreto em Tradução* que conforme descrito no resumo apresenta um

Levantamento bibliográfico das traduções da obra de Lima Barreto publicadas em livro, de 1946 a 2017, em diversos países. Seu objetivo é fornecer uma base de dados para pesquisadores da área, servindo como

compilação consolidada de informações primárias até então dispersas em várias fontes (BOTTMANN, 2018, p. 313).

Verdadeiramente, o resumo reflete pouco do excelente trabalho feito pela pesquisadora, que traz ainda um índice quantitativo e uma iconografia com a imagem das capas das primeiras edições traduzidas para os diversos idiomas.

Retornando à tabela ajuntada ao anexo A, é necessário esclarecer que esta é somente um modo de expor a relação dos dados extraídos do Catálogo de Teses da Capes, mas que proporciona alguns indícios de como se dissemina a pesquisa sobre Lima Barreto no Brasil. O fato de encontrarmos apenas uma dissertação elaborada na UFPEL, quatro dissertações e três teses na área de educação e nenhuma em filosofia em todo o Brasil é sintomático e serviu de estímulo à produção desta tese. Embora não se tenha localizado pesquisas na área específica de filosofia, foi encontrada uma dissertação de mestrado intitulada *Literatura e modernidade: pressupostos filosóficos da obra de Lima Barreto*, de autoria de Adriano Costa Prado, aluno do Mestrado em Letras da PUC-MINAS, defendida em 1997.

Feitas as considerações iniciais, resta uma questão a considerar: em tempos de fortalecimento do debate importantíssimo sobre decolonialidade, qual o mérito de pesquisar sobre um escritor brasileiro do século passado e sua relação com um assunto do século retrasado? A resposta está na relevância do pensamento de Lima Barreto para o Brasil atual. A genialidade deste escritor permite uma variedade de estudos subsidiados por sua literatura. Um único texto admite leituras com enfoques diferenciados e ênfase em questões específicas, o que pode ser constatado pelo material do anexo A. A obra do escritor vem sendo pesquisada em diversas áreas do conhecimento. Das Letras, à Geografia, História, Psicologia, Direito, Arquitetura e mais recentemente, alguns estudos sobre decolonialidade. Todavia ainda há poucas pesquisas nas áreas da Filosofia e de Educação.

2 LIMA BARRETO

Neste capítulo, a vida e a obra do escritor Lima Barreto são apresentadas juntamente com o contexto brasileiro. Primeiro, o contexto em que o escritor viveu e ajudou a construir sua personalidade e seu temperamento combativos. Ele não se calou diante das injustiças e das atitudes antidemocráticas do governo. Sua voz, através de sua escrita, ecoava por toda a capital do país causando desconforto nos representantes da elite carioca. Toda a sua obra, as crônicas, os contos e os romances foram escritos como uma espécie de manifesto contra o preconceito, a hipocrisia social, a pobreza e a falsa sapiência que envolvia os altos círculos sociais. Até seus diários refletem a sua visão de mundo e a sua luta incansável em favor das pautas sociais. A sua obra e o seu legado são mostrados aqui pela recepção crítica. Dos grandes intelectuais brasileiros que escreveram a seu respeito, a maioria o considerou como um literato menor por comparação a Machado de Assis. Somente com as pesquisas dentro das universidades, a sua fortuna crítica começou a ser valorizada, chegando ao grande público por intermédio da divulgação dos trabalhos acadêmicos e consequente reedição das suas principais obras. Atualmente, consagrado como um dos maiores escritores brasileiros, as pesquisas sobre o escritor ainda não se esgotaram.

2.1 Vida que dói

Com frequência, afirma-se que alguns autores não podem ser compreendidos fora do contexto no qual estão inseridos e que, para tanto, é necessário considerar aspectos históricos, sociais e pessoais na leitura e interpretação de seus textos. De outros, se diz serem atemporais, pois para compreendê-los, não é necessário ter conhecimento desses fatores. Mas há um outro grupo para o qual ambas as opções são possíveis e este é o caso do escritor Lima Barreto.

De um lado, Lima Barreto é autor de obras que entraram para a seleta galeria dos clássicos brasileiros e, como tal, transcendem as barreiras do tempo e do espaço. Lembrando a definição de Ítalo Calvino (2007, p. 11) de que “*um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*” há pelo menos dois romances do literato que nela se enquadram: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911). A personalidade dos protagonistas e as situações nas quais estão envolvidos conduzem a narrativa ao nível atemporal, deixando os elementos que ambientizam estes romances como informações secundárias. O cenário constitui o pano de fundo adaptável enquanto o cerne da narrativa carrega o indelével e atrai para si a insígnia do clássico.

De outro lado, os fatos históricos que se desenrolavam no país afetaram, consideravelmente, a vida e a escrita de Lima Barreto tornando-o, nesse aspecto, um escritor de seu tempo. Tanto do ponto de vista político quanto social, o período de transição do século XIX para o século XX foi um dos mais intensos do país. Acontecimentos como a assinatura da Lei Áurea e a Proclamação da República foram marcantes na vida do menino que entraria para a história das letras no Brasil.

Lima Barreto foi testemunha ocular da história. Nascido sete anos antes da Abolição da Escravatura (1888), oito antes da Proclamação da República (1889) e dez antes da primeira constituição republicana (1891), sua vida foi acompanhada por acontecimentos de grande repercussão nacional. Desde menino, presenciou fatos e discursos políticos acompanhados de promessas não cumpridas. Viu de perto a expressão da violência do Estado na vida dos indivíduos e nas manifestações e revoltas populares. O que viu e vivenciou como cidadão registrou em sua escrita com a lente crítica dos que não se deixam iludir pelas aparências.

Escritor socialmente engajado e disposto a usar a literatura como instrumento de transformação esteve sempre atento aos fatos, interessando-se pelo Brasil e atualizando-se sobre os acontecimentos no resto do mundo. Suas crônicas, contos e romances retratam a mente reflexiva que aguçava ao máximo a percepção da realidade social e, de forma polêmica, se entregava à literatura sem fazer questão de separar o autor da sua criação.

Lima Barreto está em seus protagonistas, resplandece em seus heróis, não somente como condição psicológica do alterego, mas também como manifestação da genialidade do literato que dialoga com sua obra em terceira pessoa dando-lhe vida própria e ao mesmo tempo fazendo-a espelho de si e do mundo que o cerca. Une-se ao texto e ao contexto demonstrando um engajamento literário que o põe simultaneamente em seu tempo e a frente dele.

Neste texto, além do romance que instigou a investigação, outros dois escritos foram fundamentais para a compreensão e o desenvolvimento da pesquisa que ora se apresenta. São os dois diários de Lima Barreto: *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*. É neles que o escritor expõe o âmago de seus pensamentos, suas dores e seu amor incondicional pela literatura, pela verdade e pelo conhecimento. Enquanto as crônicas, contos e romances nos dizem quem foi Lima Barreto, os diários revelam quem foi Afonso Henriques, o homem que não se pôde separar do escritor.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. Era filho do tipógrafo João Henriques e da professora primária Amália Augusta. Foi o mais velho de quatro irmãos. Depois dele, vieram Evangelina, Carlindo e Eliezer. Houve um mais velho do que ele, mas não vingou, chamava-se Nicomedes.

A família levava uma vida modesta, mas digna. Diferente do que muitos acreditam, os Lima Barreto não eram exatamente uma família humilde³ que vivesse em extrema dificuldade financeira e desprovida do mínimo necessário para ter como prioridade a educação dos filhos. Considerando que o censo de 1872 acusou 77,4% da população livre como analfabeta (CHALHOUN, 2012, p. 46), uma família com pai e mãe negros alfabetizados e com profissão definida não poderia se enquadrar no conceito de humilde, pelo contrário. Ainda que não fizessem parte da elite econômica do país, a família do senhor João Henriques estava longe da miserabilidade e ignorância, condições nas quais vivia a maior parte do povo.

³ Refiro-me ao termo humilde em sua acepção mais popular, equivalente à pobreza, carência de recursos básicos para sobrevivência e falta de instrução.

A educação era assunto importante, o pai conhecia bem a língua francesa e a mãe tinha uma pequena escola para meninas. Se a vida continuasse nesse ritmo, ao crescer, Afonso Henriques formar-se-ia na Escola Politécnica (hoje integrada à UFRJ) e seria engenheiro civil diplomado. Seria doutor, como sonhava o pai. Porém, cedo o destino começou a traçar outro rumo para a vida do escritor. Sua mãe morreu no ano de 1887, quando ele tinha apenas seis anos. Desde então, a vida nunca mais foi a mesma para o pequeno que se tornou um menino triste e introvertido que carregou para sempre a dor da orfandade materna.

No diário que julgara íntimo e que escrevera mais por compulsão do que por necessidade de desabafar, Lima Barreto pede piedosamente que nunca o publiquem, mesmo após sua morte porque a vergonha lhe atingiria até no túmulo. Bem, editores e pesquisadores só podem pedir perdão ao autor uma vez que se tornou imperioso fazê-lo. Nele, há anotações sigilosas que são cruciais para o bom entendimento do pensamento do autor. Há informações de fatos históricos descritos do ponto de vista de quem os presenciou na condição de simples cidadão e há a manifestação de sonhos e decepções do jovem e do homem maduro. Na primeira página do *Diário Íntimo*, o escritor apresenta-se ao mundo e declara seu maior sonho:

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra* no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade (BARRETO, 1956c, p. 33).

Essa rápida apresentação é reveladora de uma parte importante de sua vida. Nessa época, Lima Barreto já tinha abandonado a faculdade e era clara sua aspiração a literato. O sonho de escrever a história da escravidão brasileira nunca se concretizou, talvez porque a literatura fosse, não por capricho, mas por necessidade, uma ocupação secundária em sua vida e por ter tido uma morte prematura, aos 41 anos. Ainda assim, a sua obra é um legado da literatura e da própria história do Brasil que, em muitos aspectos, encontra-se retratada em suas crônicas, contos e romances. Não raro, historiadores e cientistas sociais fazem

uso dos textos barretianos para encontrar informações que a história oficial tentou ocultar sobre um período crucial para a formação da nação brasileira.

A vida estudantil de Lima Barreto percorreu um trajeto comum a muitos brasileiros. Durante o ensino básico, foi um estudante comum, sem apresentar qualquer excepcionalidade que pudesse chamar atenção dos professores. Os problemas de rendimento escolar surgiram no período em que cursou a faculdade de engenharia civil, em parte como reflexo da inaptidão para a profissão e em parte pela difícil adaptação ao ambiente universitário. Não se sentia confortável como aluno, não ficava à vontade junto à elite intelectual e também não conseguia aprovação nas disciplinas de cálculo e mecânica. Francisco de Assis Barbosa (1914-1991), biógrafo oficial do escritor realizou um minucioso estudo sobre sua vida e após entrevistar os irmãos, amigos e colegas de aula do jovem Afonso Henriques concluiu que

Positivamente não era um grande estudante. [...] Ia pouco às aulas. Era incapaz de se interessar pelas coisas que não amava. Conjugados... Momentos... Teoria do Pêndulo... Teorema das áreas... Preferia esconder-se na biblioteca, devorando Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet, Le Bon (BARBOSA, 2017, p. 94).

O gosto do jovem estudante com inclinação vocacional para as humanidades que preferia o refúgio da biblioteca a assistir as aulas do curso de engenharia, transparece nos textos de Lima Barreto, a maioria inundados por referências literárias e filosóficas. É comum encontrar em seus textos argumentos e exemplos ilustrativos retirados da história, da filosofia e das ciências em geral. Sem negligenciar o amor à literatura e ao conhecimento, são textos produzidos em linguagem simples que fogem da retórica rebuscada da época.

Amante dos livros e do conhecimento, o escritor possuía uma biblioteca particular, batizada por ele mesmo de Limana (BARBOSA, 2017, p. 353). Com cerca de 800 volumes, inventariados por Lima Barreto para posterior catalogação, constava dos mais variados assuntos, nos idiomas português, francês e inglês. Havia autores nacionais e estrangeiros, antigos e contemporâneos nas áreas da Literatura, filosofia, história e ciências. Artigos de jornais e recortes de revistas sobre todo tipo de assunto. Tal era o gosto de Afonso Henriques pelas humanidades que, ainda na juventude, elaborou para si mesmo um curso de

filosofia baseado na Enciclopédia Francesa do século XX. Algum tempo antes, havia frequentado a Igreja Positivista do Rio de Janeiro, oportunidade em que conheceu de perto a filosofia do francês Augusto Comte (1798-1857) e seus seguidores. Ao se afastar da Igreja, tornou-se um crítico consciente da doutrina que atraía muitos adeptos e que pode ser considerada um paradigma do século XIX.

Em 1902, o destino volta a interferir decisivamente na vida de Lima Barreto, que contava agora com vinte e um anos. Seu pai teve um surto de loucura que o incapacitou para sempre. Como filho mais velho, o jovem Afonso teve que abandonar o curso de engenharia para tomar conta do pai e dos irmãos, assumindo as funções de arrimo da família. Na realidade, a família não era composta apenas pela célula familiar. Havia também um velho africano por quem o escritor nutria grade afeição, que estava com eles desde sua infância e mais Prisciliana, a empregada, com seus três filhos, contratada pelo pai, após a morte de Amália Augusta para cuidar das crianças. Possivelmente, com o tempo, a função de Prisciliana tenha sido ampliada, passando a cuidar também da intimidade do senhor João Henriques, o que era bastante comum a mulheres nessa situação (aqui trata-se de suposição sem base em pesquisa mais consistente, mas aventada por outros estudiosos). Com os agregados, a quantidade de pessoas que passaram a depender do trabalho do membro mais velho da família chegava a dez. Devido à invalidez, o pai recebia pensão, mas o valor era insuficiente para atender os gastos com a sua condição e as demais despesas da casa.

Apesar do acometimento inesperado, o sofrimento do senhor João Henriques era antigo e tinha relação com a situação política do país. Nos tempos do Império, o pai de Lima Barreto trabalhava como tipógrafo na gráfica imperial, chegando à posição de chefia. Homem culto, traduziu do francês o *Manual do Aprendiz Compositor*, de Jules Clayne (BARBOSA, 2017, p. 44). Tinha por amigo e compadre o Visconde de Ouro Preto do qual tomou o nome Afonso para o filho. Afonso Celso de Assis Figueiredo (1836-1912) teve grande poder no Reinado de dom Pedro II. Era o ministro da fazenda do Império e o responsável pelo conselho de ministros, por isso, foi um dos alvos dos instauradores da República, tendo sido constrangido a exilar-se logo após a Proclamação. Aqueles que

trabalhavam ou simpatizavam com o antigo regime também sofreram as consequências da mudança. João Henriques perdeu o cargo de tipógrafo da agora Imprensa Nacional e teve que se afastar da vida próxima ao poder. Por meio de um amigo, conseguiu emprego como almoxarife nas Colônias de Alienados da Ilha Grande e, algum tempo depois, foi promovido a administrador das mesmas.

Da meninice passada junto aos loucos, na Ilha Grande, o escritor tinha boas lembranças, pois o pequeno Afonso Henriques ainda não percebia o infortúnio que a Proclamação causaria para sua família. Durante a semana, passava o dia no colégio de tipo internato e, aos finais de semana, aproveitava tudo o que a Ilha tinha a oferecer a uma criança. Bem adaptado, brincava, corria, caçava e conversava com um preto velho africano com o qual fizera amizade – aquele que virou agregado da família. Assim, a satisfação pelas horas de lazer em casa compensava a vida longe da cidade com a qual estava acostumado.

O gatilho que desencadeou a doença do pai aconteceu quando o senhor João Henriques era administrador das Colônias. Certo dia, ao fechar o balanço das contas encontrou uma diferença entre o ingresso e a saída dos materiais em estoque e não conseguiu resolver o problema. Imaginou que fosse uma falta gravíssima e que poderia resultar em prisão (SCHWARCZ, 2017, p. 131). Sem conseguir encerrar as contas ou encontrar explicação para o que poderia parecer um desvio dentro do almoxarifado, o pai do escritor se viu, imediatamente, como suspeito passando, a partir daí, a ter mania de perseguição. Quiçá tudo não passasse de um erro de cálculo, solução que nem chegou a considerar diante do pavor a que se entregara. Nunca mais recuperou sua saúde mental.

A alienação paterna trouxe a urgência do emprego para sustentar a si e a família. O jovem Afonso Henriques logo se afastou da literatura como atividade profissional para arrumar um trabalho que lhe garantisse um retorno financeiro estável. Fez concurso para a Secretaria da Guerra do Governo Federal onde foi amanuense⁴ no período de 1903 a 1918, quando foi aposentado por invalidez devido ao alcoolismo. O vício teve início nessa época, talvez para disfarçar a frustração do desejo não realizado. Não exatamente aquele de escrever a história

⁴ Cf. Dicionário Aurélio: Funcionário público de condição modesta que fazia a correspondência e copiava ou registrava documentos (FERREIRA, 2004, p. 112).

da escravidão brasileira, mas o de não poder fazer da literatura seu ganha-pão, seu modo de vida, sua existência, seu prazer de viver. Na crônica *O motivo da zanga* (Careta 05/03/1921), publicada menos de dois anos antes de sua morte, o escritor confessa sua frustração. Dedicado a Carlos Chagas, o texto menciona as inquietações da sua juventude a respeito do futuro profissional.

Ser empregado público, não me pareceu conveniente. Iria estiolá-la num palanfrório monótono e em preocupações subalternas de promoções, de aumento de vencimentos, de montepio, de consignações a agiotas, bancos cooperativas, etc.

De resto, o amanuense é sempre candidato a casamento e, quando não o é, fazem-no (BARRETO, 2004b, p. 325).

Porém, as circunstâncias da vida o levaram justamente para essa profissão. Para o amanuense, o importante era o salário, mesmo que mal cobrisse o orçamento mensal da família. Para o escritor, o prazer da escrita valia a própria vida. Foi esse prazer com traços de compulsão, que o levou a não distinguir entre satisfação e dinheiro. Lima Barreto escrevia por amor e, sempre que solicitado, sob encomenda. Nessas ocasiões, fazia do prazer o seu comércio e cômico de que tornava sua arte mercadoria, se ressentia pela fraqueza. Em *Diário do Hospício*, já sofrendo as graves consequências do alcoolismo, seu companheiro ao longo dos anos, reflete sobre sua vida e sua relação com a literatura. Com um pouco de pudor admite: “A minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades” (BARRETO, 1988, p. 50). De certo modo, a literatura foi como a pretendida em sua vida para a qual nunca teve condições de oferecer o dote em honra de sua mão. Não podendo dar-se inteiramente a ela, a tinha aos poucos, às escondidas ou prostituindo-se, nunca no altar da glória, nunca. A frase mais emblemática da sua obra: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela” (BARRETO, 1988, p. 24) jaz escrita nesse *Diário* como um último grito de socorro de quem, em seu íntimo, sabia que o álcool não era o problema real, era apenas o paliativo para um mal sem cura.

A consciência de um destino que era o revés do que o amor lhe solicitava foi a causa do profundo sofrimento do literato que, desde cedo, foi arrebatado

pelo gosto do conhecimento e da escrita que o dominavam tanto ou mais que o vício em álcool. Eram uma paixão entranhada em seu ser e foram sua ruína e sua glória, esta última sem que ele o soubesse.

Contudo, eu queria viver isolado, perder a paixão pela literatura, pelo estudo. Creio que ela me faz mal e lastimo não ter outra forma de talento em que minha inteligência pudesse trabalhar, absorver toda a minha atividade, sem comunhão com os meus semelhantes. Queria ser um geômetra, mesmo medíocre, mas da família de Arquimedes, conforme o desenha Plutarco, na vida de Marcellus, página 109.

Mas não me é possível, a minha pouco certa inteligência é de outra raça; sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para a contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que a cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhes a sua alma, e particularidades. Ao mesmo tempo, levado para o estudo das sociedades, da sua história, do *quid* que as anima, arrastado para o estudo do seu destino, sou também capaz de me emocionar diante das cousas e da natureza. Não serei nunca sociólogo, historiador, não serei nunca romancista (BARRETO, 1988, p. 61).

Essa dolorosa mistura de confissão e reflexão é fruto da maturação do sofrimento causado pela segunda internação psiquiátrica. O desejo sôfrego da escrita e o sonho da redação do seu *Germinal brasileiro* ou a história da escravidão negra no Brasil sucumbiam rapidamente ao adicto cedendo espaço para a culpa e para o arrependimento que se renovavam a cada ciclo da doença. As horas de ócio passadas no hospício deram ao escritor a dimensão da dura realidade de uma vida decadente e humilhada, que muito se distanciava da glória, e a exata noção da prisão interior a qual estava eternamente condenado. Nem ao menos, o reconhecimento público por parte dos intelectuais que foram seus contemporâneos chegou a tempo de lhe dar consolo.

Projetada pelo senso crítico e pelo humor irônico e refinado, a personalidade do escritor se manifestava em sua escrita do mesmo modo como aparecia na vida. Os que o conheceram relataram ao biógrafo que Lima Barreto era discreto, de poucas palavras, mas transmitia assertividade quando falava. Os amigos da juventude lembravam de um jovem que expressava “comentários seguros e conscientes, sempre animados por um leve toque de ironia, como se partissem de homem bastante vivido e experimentado” (BARBOSA. 2017, p. 105) que preferia a autenticidade à popularidade. A incapacidade de permanecer

indiferente diante das injustiças sociais fez da sua escrita um instrumento de luta em prol da justiça e da verdade. Nesse sentido, o seu legado literário é a manifestação do refinamento de um pensamento perpassado pelo humor irônico através do qual transparecia, de forma autêntica, uma consciência da realidade que poucos eram capazes de demonstrar.

Crítico implacável de seu tempo, Lima Barreto esteve sempre atento e informado sobre os assuntos que pautavam o dia a dia do país e da capital. O modo como o povo organizava-se socialmente, o comportamento pessoal refletido nos círculos sociais, a atribuição de valores e a determinação de prioridades na vida pública e privada que escancarava vaidades, hipocrisia e ignorância foram alguns dos motivos mais recorrentes em suas reflexões e críticas. Numa época em que concepções eugenistas ganhavam adeptos no Brasil e o país era visto como um laboratório a céu aberto para o teste de teorias racistas, um negro assaz inteligente, porém incapaz de se manter calado, expressava sua inconformidade com a segregação de modo peculiar: através da escrita. Eram crônicas, contos e romances que ecoavam nas folhas dos jornais do Rio de Janeiro desagradando a elite carioca.

Um dos temas prediletos e frequentemente encontrados na obra de Lima Barreto é o do conhecimento verdadeiro. Em seus textos, o escritor expõe o modo como a elite brasileira do início do século XX retratava personalidades dotadas de falsa sapiência, banalizando a importância da veracidade para o conhecimento.

Na aurora da República brasileira, a relação mais explícita entre conhecimento e poder era maquiada pelo diploma universitário cujos portadores, os doutores, adquiriam status de cidadãos superiores. O texto barretiano vai de encontro a esta concepção visando desmascarar os falsos sábios e denunciar os males infringidos à sociedade através da distorção da compreensão e do valor do conhecimento que fazem com que o povo aceite a aparência em lugar da essência e se conforme com sua condição de inferioridade.

Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais inteligente do que outro qualquer, e só ele é inteligente; é mais sábio, embora esteja disposto a reconhecer que ele é, às vezes, analfabeto; é mais honesto, apesar de tudo; é mais bonito, conquanto seja um Quasímodo; é branco, sendo mesmo da cor da noite; é muito honesto, mesmo que se

conheçam muitas velhacadas dêle; é mais digno; é mais leal e está de algum modo, em comunicação com a divindade (BARRETO, 1956a, p. 42).

No imaginário do povo brasileiro, o grau universitário fornecia prova incontestável da capacidade e dos atributos do seu portador. Bons casamentos e empregos em cargos públicos, muitas vezes, eram conquistados graças ao título acadêmico. Valores como afiliação e bacharelismo⁵ dispensavam o verdadeiro conhecimento e a competência profissional em benefício próprio. Lima Barreto foi contra essa prática que havia sido importada da Europa desde a época do Brasil Colônia para privilegiar um grupo seleto de cidadãos. O escritor combatia, veementemente, a ignorância e a falsa polidez da elite brasileira que, por falta de originalidade, limitava-se a imitar a vida e os costumes dos estrangeiros, especialmente dos franceses e dos americanos. Nesse aspecto, a escrita barretiana revela a consciência do cidadão em seu engajamento como escritor.

A jornada de Lima Barreto em busca de um mundo melhor foi trilhada usando a literatura como dispositivo de enfrentamento da realidade e chegou ao fim no dia primeiro de novembro de 1922. No mês anterior, pai e filho adoeceram. Naquele dia, o escritor pediu a irmã, Evangelina, que cuidasse do pai, que, por uma contingência mais razoável, morreria antes dele. Pela última vez e com toda a sua ironia, o destino se apresentou a Afonso Henriques. Enquanto o escritor repousava, a atenção da irmã se voltou para o pai da família que estava à beira da morte, mas quando esta retornou para cuidar do irmão, ele já havia morrido. O pai, ainda não. Naqueles tempos, o velório era realizado dentro da própria casa e a movimentação atípica chamou a atenção do senhor João Henriques que, em um último sopro de razão, lucidamente perguntou pelo filho mais velho (BARBOSA; SCHWARCZ, 2017). A consciência da morte do filho, que ocorreu 48

⁵ É um critério de supervalorização do diploma de curso superior como regra para competência e confiabilidade em um profissional, mesmo para atuar fora da sua área de formação. Tendo em mãos um diploma, uma pessoa tornava-se automaticamente capaz de exercer qualquer cargo de alto nível, independente de ter sido preparada para isto ou de conhecer a função que iria desempenhar. De acordo com o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o bacharelismo foi herdado de Portugal: “*Em quase todas as épocas da história portuguesa uma carta de bacharel valeu quase tanto como uma carta de recomendação nas pretensões a altos cargos públicos. No século XVII, a crer no que afiança a Arte de furtar, mais de cem estudantes conseguiram colar grau na Universidade de Coimbra todos os anos, a fim de obterem empregos públicos, sem nunca terem estado em Coimbra.*” (HOLANDA, 1995, p. 157).

horas antes da sua, foi seu único momento de lucidez desde o episódio que o levou à invalidez, na madrugada de 15 agosto de 1902.

Mas a morte não foi o fim da intervenção literária do escritor que, no raiar da República brasileira, posicionou-se perante o mundo e a vida e, assim, perpetuou-se entre os grandes nomes da história da literatura nacional.

2.2 O Brasil como texto e contexto

2.2.1 *O cenário brasileiro*

No século XIX, os problemas da servidão e da escravidão retornam, com vigor, ao centro do debate intelectual. O dilema entre escravidão e liberdade na época moderna reteve questões antes inexistentes, somente engendradas pelo sistema capitalista que se consolidava através do modo de produção industrial. Com a concepção de progresso e avanço civilizatório associada ao trabalho livre e assalariado (CHALHOUN, 2012, p. 47), a necessidade e os benefícios da escravidão para as sociedades modernas foram colocados em suspeição. Essas ideias chegaram ao Novo Mundo por intermédio de intelectuais que, em suas viagens e correspondências com amigos estrangeiros, buscavam no pensamento e estilo de vida europeus os valores que consideravam válidos também para o Brasil. Tardamente, as ideias abolicionistas agitaram a vida política do Império brasileiro dando ao debate ares de batalha entre abolicionistas e não abolicionistas.

A produção em larga escala nas fazendas de cana de açúcar e café foram a base da agropecuária durante o Império brasileiro. Como o trabalho nas lavouras exigia mão de obra barata e em abundância, a escravidão tornou-se um negócio indispensável à manutenção do setor nesse período. Devido ao trabalho forçado, a vida útil dos escravos não era muito longa. Os “desperdícios” como a invalidez ou morte em função dos maus tratos recebidos (CARVALHO; FREYRE; RIBEIRO, 2012, 2003, 1995) geravam uma demanda que fazia do tráfico negreiro vindo da África um negócio lucrativo. Mesmo com as perdas de escravos pelos motivos citados e também por causa das constantes revoltas e fugas, para os

escravocratas, a relação custo-benefício compensava a manutenção do sistema. Todavia, com argumentos que variavam de sentimentos humanitários ligados aos princípios do direito e a considerações morais de cunho religioso, o movimento abolicionista se propagava na direção contrária. A pressão por parte do povo e dos intelectuais abolicionistas confrontava a oligarquia escravocrata que se posicionava contra a criação de leis que afetavam imediatamente tanto a economia do país quanto os cofres individuais, pois envolviam questões de direito à propriedade, custos e indenizações aos proprietários de escravo e aos donos de terra.

Entre os países independentes da América, no final do século XIX, o Brasil foi o único que manteve a escravidão como principal fonte da economia. Desse modo, as pressões em favor da abolição vinham, inclusive, da política externa dominada pelos europeus que rapidamente avançavam em direção à consolidação do capitalismo. Com a Revolução Industrial, a Europa dispensou a mão de obra escrava para investir no mercado que inseria, também, o trabalhador assalariado como parcela consumidora dos bens disponibilizados pelo novo modo econômico. A Inglaterra, maior potência da época, usava seu poder para pressionar a ex-colônia portuguesa a abolir a escravidão.

A Inglaterra, além de principal parceira comercial do Brasil durante todo o Império, era também sua principal fonte de capital. A *City* de Londres forneceu todos os empréstimos ao governo brasileiro e a maioria do capital estrangeiro investido no Brasil (BETHELL, 2012, p. 140).

Tais empréstimos e suporte financeiro de tal monta garantiram a independência do Brasil do Reino de Portugal e geraram a primeira dívida externa do país.

Berço da Revolução Industrial, a Inglaterra tinha pouco ou nenhum interesse em manter o sistema escravista, por isso tornou-se o maior adversário na luta contra o tráfico negreiro. Em 1831, o Brasil criou a primeira lei proibindo a importação de escravos africanos. Na prática nada mudou, pois a lei Feijó serviu mais para agradar aos ingleses do que para coibir a ação. Decorridos vários anos, o desinteresse e a conivência do governo imperial com o contrabando de escravos levaram o governo britânico a tomar uma atitude drástica. Para

combater a pirataria empreendida no Atlântico, a Inglaterra criou barreiras, impôs sanções e com respaldo de uma lei inglesa, criada em 1845, que proibia o tráfico de escravos da África para a América, abateu navios brasileiros em alto mar. Sem o apoio da Europa, o Império brasileiro não tinha poder econômico tampouco força política para resistir à tensão interna provocada pela resistência negra e pelo movimento abolicionista, vendo-se forçado a iniciar a política de reformulação do sistema e, no ano de 1850, promulgou nova lei contra o comércio ilegal de escravos através do seu território marítimo, a lei Eusébio de Queirós. Com isso, a alternativa para substituir a mão de obra vinda da África passou a ser o comércio interno de escravos. Foi o caso da região do Vale do Paraíba, situada entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, que, para atender a grande demanda da plantação cafeeira, passou a importar escravos de outras regiões do país. Este comércio funcionou bem até o ano da abolição, pois o Brasil dispunha de um grande contingente de escravos.

A abolição da escravatura no Brasil se construiu sem a existência de um projeto com objetivos claramente definidos e a projeção de expectativas e perspectivas para o futuro próximo do país. Um conjunto de fatores políticos e econômicos expôs a fragilidade do governo que, intimidado, viu-se na obrigação de adotar medidas emergenciais para evitar a derrocada do Império.

Em 1871, foi sancionada a Lei do Ventre Livre. Na década seguinte, a Lei do Sexagenário (1885) deu prosseguimento ao processo que culminou com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, que extinguiu, definitivamente, a escravidão em todo o país. De imediato, o trabalho escravo foi substituído pelo assalariado, que passou a ser a principal fonte da mão de obra laboral no Brasil. Não houve para isso um projeto de transição visando equacionar possíveis questões relacionadas ao cumprimento da lei. Sem qualquer direito que garantisse a sua nova condição, a maioria do povo negro migrou para os centros urbanos fazendo a massa de desempregados aumentar vertiginosamente nas grandes cidades. Alguns, na ilusão de receber remuneração pelo trabalho, preferiram permanecer nas fazendas. Diante disso, a falta de fiscalização rigorosa da lei e o descaso do governo perpetuaram o trabalho escravo nas regiões periféricas e nas zonas agrícolas. Nenhum dispositivo para atender às demandas surgidas no que deveria ser um período transitório de um modo de produção para outro, foi criado.

O desprezo pelo impacto social provocado pela alteração da estrutura econômica do país teve como consequência o aumento dos problemas humanitários e dos conflitos sociais que assolam o país ainda hoje. A inexistência de um projeto que cuidasse da inserção social dos negros como cidadãos de direito no período pós-abolição expôs as mazelas das grandes cidades, em especial, da capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, que, em 1890, tinha uma população estimada em 522.651 habitantes ⁶ e uma infraestrutura precária.

Com a proposta de suprir a falsa carência da mão de obra no cultivo das lavouras, o governo abriu as portas para a imigração europeia. Atraídos pela propaganda e pelos incentivos concedidos pelas autoridades brasileiras, milhares de imigrantes deixaram para trás a pobreza e a miséria de seus países de origem para assumir os postos de trabalho deixados pelos ex-escravizados.

O verdadeiro objetivo por trás da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado do imigrante europeu era implementar o projeto de branqueamento do povo. Para colocar o Brasil na esteira do progresso e acabar, definitivamente, com os problemas do país, a solução encontrada pelo governo e pelos parlamentares foi criar uma política de branqueamento populacional concebida à luz da teoria eugenista. Por isso, os critérios que definiram de onde deveria vir a nova força de trabalho foram fixados de acordo com os parâmetros morais e estéticos do eugenismo. As vantagens e os benefícios de imigrar para o Brasil estavam diretamente ligados aos fatores de nacionalidade e fenótipo dos imigrantes e privilegiavam a vinda dos povos europeus.

mOrientado por teorias racistas, os governantes brasileiros acreditavam que tendo a maioria da população constituída por legítimos representantes da raça branca, em pouco tempo – havia quem calculasse em um século – os negros e índios deixariam de existir e o Brasil alcançaria o progresso colocando-se entre as nações mais adiantadas do mundo. Essa remodelação do perfil étnico brasileiro fazia-se necessária diante da afirmação de que as raças humanas possuíam uma hierarquia, sendo a branca a mais inteligente e a negra, a mais inepta. Portanto, de acordo com a ciência eugênica, somente os brancos seriam

⁶ Dados extraídos da Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900 realizado pela Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas da República dos Estados Unidos do Brasil. (Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900, p. 10)

capazes de gerar prosperidade e colaborar com a extinção de vários problemas sociais que se espalhavam pelo país. Nesse sentido, a vinda dos imigrantes europeus era um investimento de médio e longo prazos que apostava no cruzamento de homens e mulheres da raça branca com as outras para clarear a pele do brasileiro até o branqueamento total, pois conforme a teoria, o predomínio da raça mais forte valia também para a reprodução humana.

Embora fosse inevitável, uma das consequências imediatas da Abolição foi a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, cerca de um ano e meio após a aprovação da Lei Áurea. Sem a adesão popular, o Brasil monárquico chegou ao fim impelido pela ação do alto escalão do exército que, de golpe, instaurou a república e enviou ao exílio a família imperial. A nova forma de governo trouxe novas demandas ao transformar súditos em cidadãos, mas não resolveu os problemas deixados pelo Império. O crescimento desordenado da capital representou um problema cada vez maior e a solução encontrada pelos republicanos seguiu a mesma linha das teorias científicas de teor racista. O método adotado para lidar com as diferenças sociais na capital federal foi o higienismo, seguido pela reforma urbana que definia o embelezamento da cidade com ares do melhor estilo da *Belle Époque*. As práticas executadas na tentativa de sanar os problemas emergentes da cidade do Rio de Janeiro gozavam do apoio da maioria dos intelectuais, mas não escaparam às críticas do escritor Lima Barreto.

2.2.2 A abolição

Ao ampliar os limites do mundo, as grandes navegações realizadas pelos exploradores europeus no final do século XV e durante o XVI renderam especiarias, metais preciosos, expansão da atividade comercial e também estreitaram as relações com os povos das terras desconhecidas. Não foram exatamente o que se pode chamar de relações cordiais, antes, foram ligações estabelecidas com vistas à dominação e ao usufruto dos benefícios que o Novo Mundo pudesse oferecer. As terras recém avistadas precisavam ser exploradas ao máximo por meio da colonização que foi sustentada pela força do trabalho escravo, primeiro dos índios e depois dos negros africanos.

Decorrido mais de um século da abolição no Brasil, algumas questões ainda não foram satisfatoriamente respondidas. Uma delas diz respeito ao prolongamento do regime escravista após a publicação da Lei Áurea. Alguns historiadores que se ocupam em pesquisar os regimes escravistas analisam esse fenômeno sob a ótica do surgimento do capitalismo. De acordo com essa perspectiva, o capitalismo não teria propiciado o fim da escravidão moderna, como geralmente é sugerido. Pelo contrário, ele se utilizou dela para dar seus primeiros passos. Tomando essa premissa como verdadeira, a escravidão nas Américas não pode ser considerada um fenômeno único e homogêneo, mas um acontecimento constituído por duas fases que se relacionam com o modo de produção da economia europeia. A primeira, denominada primeira escravidão, “se desenvolveu em um mundo feudal tardio, pré-moderno, quando o capitalismo ainda estava em sua infância” (BLACKBURN, 2016, p. 15), servindo como suporte à colonização. A segunda, denominada segunda escravidão, estreitamente vinculada ao avanço do capitalismo, como novo processo econômico, necessitava do subsídio fornecido pelo trabalho escravo para se afirmar mundialmente.

As transformações econômicas que iniciaram na região da Inglaterra, através da Revolução Industrial, precisavam da manutenção do trabalho escravo para garantir o abastecimento de matéria-prima à indústria. Dessa forma, no Novo Mundo, longe da metrópole, o trabalho escravo consolidava o trabalho livre e assalariado dos operários europeus.

O advento da hegemonia britânica e a Revolução Industrial na Grã-Bretanha reestruturaram a divisão mundial do trabalho e estimularam a expansão material da economia mundial. Esses desenvolvimentos não apenas criaram as condições para a extinção da escravidão dentro do Império britânico mas também encorajaram a expansão e a intensificação da escravidão fora dele. Essa “segunda escravidão” se desenvolveu não como uma premissa histórica do capital produtivo, mas pressupondo sua existência como condição para sua reprodução. O significado e o caráter sistêmicos da escravidão foram transformados. Os centros emergentes de produção escrava viam-se agora cada vez mais integrados na produção industrial e impelidos pela “sede ilimitada de riqueza” do capital (TOMICH, 2011, p. 87).

A nascente indústria europeia obtinha os recursos básicos para a produção através do recebimento dos *commodities* produzidos nas ex-colônias. Por isso, a

continuidade do trabalho escravo nas Américas era necessária. A indústria têxtil inglesa, protótipo da Revolução Industrial, era abastecida com matéria-prima vinda dos Estados Unidos que registravam nos estados do sul um grande número de fazendas algodozeiras. Paralelamente, ao se expandir, essa indústria gerava novos empregos e hábitos de consumo na rotina da burguesia e da própria classe operária. Cuba e Brasil forneciam os suprimentos para a dieta alimentar que agradava, inclusive, aos estadunidenses. Assim, o café da manhã adoçado (TOMICH, 2011; MARQUESE e SALLES, 2016) e o uso das roupas de algodão macio foram rapidamente incorporados aos hábitos dos consumidores de todas as classes sociais.

Para abastecer o mercado, a incipiente, mas lucrativa atividade fabril, necessitava que insumos como algodão, açúcar e café, fossem cultivados em larga escala. A incrementação dessas lavouras nos Estados Unidos, Cuba e Brasil, respectivamente, reforçou o sistema escravista, pois para atender a demanda industrial no estágio inicial do capitalismo, a força de trabalho escravo tornou-se uma instituição indispensável. Nesse sentido, a continuidade da escravidão moderna no século XIX foi impulsionada pelo novo sistema econômico.

Diferente da escravidão colonial, a segunda escravidão operava com a lógica capitalista de lucro maximizado, o que alterou a relação entre senhores e escravos. Para manter a situação sob controle e evitar prejuízos com fugas e revoltas, os senhores desse período aplicavam castigos cruéis em seus escravos. As agressões eram usadas como exemplo para os demais. A tensão entre senhores e escravos acirrava-se com a exigência de produtividade num nível sobre-humano.

A segunda escravidão estava ligada à aceleração do capitalismo industrial e conforme este se expandia o número de tarefas extenuantes a serem realizadas se multiplicava. Essa nova escravidão americana tinha caráter ainda mais intensamente racial do que seu antecessor colonial (BLACKBURN, 2016, p. 19).

A justificativa para a aceitação da escravidão negra foi outro fator distintivo da segunda escravidão. A escravidão moderna manteve-se por meio do discurso de desqualificação da condição de ser humano das pessoas negras. A ciência do

século XIX encontrou na cor da pele dos negros a explicação para legitimar a desigualdade e a inferioridade dos habitantes da África negra. Assim, os argumentos científicos das teorias eugenistas disseminados em todas as instâncias colaboraram para configurar o que atualmente vem sendo chamado de racismo estrutural.

Arelada à desigualdade entre os homens, a questão da servidão humana vinha sendo debatida pelos filósofos do Iluminismo desde o século XVIII. O discurso sobre a desigualdade entre os homens dominava as conversas nos círculos intelectuais europeus levando a Academia de Dijon, no ano de 1754, a lançar o concurso sobre o tema “Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e é ela autorizada pela lei natural?”. Nesse ano, Rousseau não se sagrou vencedor do certame, mas seu discurso se tornou célebre.

Para muitos filósofos desse período, os negros não possuíam os atributos que qualificam um ser humano. A reflexão teórica em torno da inferioridade do negro foi tratada por Montesquieu (1689-1755), um dos pensadores mais expressivos da história moderna, em sua famosa obra *Do Espírito das Leis*, publicada em 1748, obra em que contesta a servidão humana, mas justifica a escravidão dos negros. A última parte dessa obra de importância capital para a consolidação das democracias no Ocidente é dedicada ao tema da escravidão. No livro XV, o tema é analisado sob diversos aspectos ao longo de dezenove capítulos e a prática é rechaçada porque “A escravidão é, também, tão oposta ao direito civil como ao direito natural” (MONTESQUIEU, 2005, p. 295), exceto quando diz respeito aos negros que quiça sejam criaturas humanas⁷. Com essa

⁷ Se eu tivesse que defender o direito que tivemos de tornar escravos os negros, eis o que eu diria: Tendo os povos da Europa exterminado os da América, tiveram que escravizar os da África a fim de utilizá-los no desbravamento de tantas terras.

O açúcar seria muito caro se não se cultivasse a planta que o produz por intermédio de escravos.

Aqueles de que se trata são negros dos pés à cabeça e têm o nariz tão achatado que é quase impossível lamentá-los.

Não podemos aceitar a idéia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo completamente negro.

É tão natural considerar que é a cor que constitui a essência da humanidade, que os povos da Ásia, que fazem eunucos, privam sempre os negros da relação que eles têm conosco de uma maneira mais acentuada.

[...]

Uma prova de que os negros não têm senso comum é que dão mais importância a um colar de vidro do que ao ouro, fato que, entre as nações policiadas, é de tão grande consequência.

É impossível supormos que tais gentes sejam homens, pois, se os considerássemos homens, começaríamos a acreditar que nós próprios não somos cristãos.

Os espíritos mesquinhos exageram muito a injustiça que se faz aos africanos, pois, se ela fosse tal

ressalva aos africanos, o grande iluminista francês procurou legitimar o direito de dominação europeu perante os outros povos. Usar a sapiência divina como garantia da impossibilidade de que corpos pretos tivessem alma e participassem do bem foi um argumento bastante forte para um mundo cristão que, na verdade, precisava de muito pouco para tranquilizar sua consciência. Assim, a ideia do negro como raça inferior com tendência natural à servidão foi propalada pelo mundo, não sem que houvesse resistência do povo negro.

No Brasil, a assinatura da Lei Áurea, certamente, o acontecimento mais importante do período derradeiro da monarquia foi registrado pelos historiadores como ponto final de um processo que se arrastava há anos. Em 1871, o Império tentava com alguma manobra resolver o problema da escravidão no Brasil. Neste ano, em 28 de setembro, a Princesa Isabel sancionou a Lei do Ventre Livre ⁸ de acordo com a qual os filhos de escravas nascidos a partir daquela data seriam livres.

Essa lei causou descontentamento entre os proprietários de escravos, pois além de tratar da libertação dos recém-nascidos delegava ao senhor de escravos obrigações quanto à criação e ao tratamento dispensado às crianças filhas de mães escravas até completarem oito anos, devendo após esse período entregá-las ao governo sob indenização ou utilizar seus serviços mediante pagamento. Por isso, “Nos anos seguintes à Lei do Ventre Livre (1871) fundaram-se nas vilas e cidades do estado de São Paulo dezenas de asilos para acolher essas crianças, atiradas fora pelos fazendeiros” (RIBEIRO, 1995, p. 233) que não queriam arcar com as despesas de criação de pequenos que não dariam retorno, mas trabalho e prejuízo. O senhor de escravo perdia duas vezes. Primeiro, perdia a propriedade do escravo e segundo, era obrigado a sustentar o rebento gastando no mínimo com alimentação e vestimentas.

como eles dizem, não teria ocorrido aos príncipes da Europa, que estabelecem entre eles tantas convenções inúteis, fazer uma delas em favor da misericórdia e da piedade? (MONTESQUIEU, 2005, p. 296).

⁸ Lei nº 2.040 de 1871 que declara em seu artigo 1º- “Os filhos da mulher escrava, que nascerem no Imperio desde à data desta lei, serão consederados de condição livre” (Lei nº 2.040, de 1871). São ao todo dez artigos onde constam outras providências sobre os procedimentos a serem adotados para o efetivo cumprimento da lei.

O Brasil lentamente avançava para por fim à escravidão e em 28 de setembro em 1885, D. Pedro II sancionou a Lei do Sexagenário ⁹ que definia as regras para a libertação dos escravos acima dos 60 anos de idade. Mesmo que as exigências impostas para a execução da lei não se adequassem à realidade e ao conceito de liberdade, alguns benefícios foram alcançados pela sua providência descontentando os escravocratas. Em tese, a longo prazo, essas duas leis seriam suficientes para extinguir a escravidão; contudo, a pressão pela abolição imediata superou a resistência da oligarquia rural que não dispensava a mão de obra escrava para garantir o cultivo de suas lavouras. Finalmente, em 13 de maio de 1888, foi assinada e sancionada pela Princesa Imperial a Lei Áurea ¹⁰ que prometia mudar os rumos do país ao acabar subitamente com a escravidão.

Tendo sido anunciado dias antes de seu acontecimento, o ato de assinatura da Lei Áurea foi marcado pela presença do povo em frente ao Paço Imperial. Os jornais da época deram grande destaque ao fato, registrado no Jornal do Senado do Império do dia 14 de maio de 1888 e em outros jornais que circulavam no país naquele período.

A abolição da escravidão foi um acontecimento marcante na vida de todos, mas foi especial para o escritor Lima Barreto. Naquele dia, o menino Afonso comemorava seu aniversário de sete anos e seu pai o levou ao Paço para presenciar o momento em que a Princesa assinaria a Lei Áurea. Na crônica intitulada *Maio*, publicada em 04 de maio de 1911, na *Gazeta da Tarde*, o escritor exhibe um verdadeiro testemunho sobre o 13 de maio de 1888:

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia dos teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.

[...]

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles

⁹ Lei nº 3.270, de 1885: Regula a extinção gradual do elemento servil (Lei nº 3.270, de 1885). Esta lei possui no total 5 artigos com detalhamento de valores e procedimentos a serem adotados durante o processo que culminará com a alforria dos escravos com mais de 60 anos de idade.

¹⁰ Lei nº 3.353, de 1888: Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrario (Lei nº 3.353, de 1888). Estes são os dois únicos artigos que compõem esta lei.

milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenços, vivas...

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia.

Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai [...] Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... houve o barulho de bandas de música, de bombas, de girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegorias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares; houve desfile de batalhões escolares e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fileira de numerosos soldados desfilar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer.

[...]

Eu tinha então sete anos e o cativoiro não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão (BARRETO, 2004a, p. 77).

O relato acima faz parte das lembranças de um pequeno espectador que via o mundo com as cores da inocência. Ao mesmo tempo, é o registro histórico de uma testemunha ocular dos fatos tal como foram vistos e sentidos pelo povo. A descrição dos festejos e do sentimento popular em relação à abolição, o estado de euforia que pairava na capital do Império e a esperança de dias melhores envolviam até as crianças em suas expectativas singelas de um bom futuro. Por isso, adulto, o escritor conservava tão viva em sua memória as cenas daquele dia histórico para o país.

Impressa em sua mente como um dos mais importantes acontecimentos de sua infância, a assinatura da Lei Áurea tornou-se um referencial para a análise da realidade que se sucederia posteriormente. A capacidade crítica e reflexiva do literato serviu como instrumento de mediação para interpretar os dados de um futuro imediato, que não realizou o que a lei preconizava. Lima Barreto constatou a mais dura das verdades: uma lei não é o suficiente para subtrair falhas sociais como hipocrisia e preconceito. Sua luta contra o preconceito foi travada com caneta e papel. Na crônica *Meia página de Renan*, escrita para a *Revista Contemporânea*, em 1919, refuta a comparação feita indevidamente por Ernest

Renan¹¹. Para justificar a escravidão, autor argumenta que os brancos não nasceram para o trabalho manual, mas para a dominação das outras raças.

Dizer que os negros e chineses estão condenados a uma servidão eterna é outro engano de Renan. O grande sábio devia conhecer a história das antigas colônias de sua pátria. Devia saber das rebeliões do Haiti, das surras que Louverture deu nas forças francesas que o foram subjugar e de que maneira traiçoeira foi preso, para morrer de frio, nas mãos de salteador de Napoleão, no forte de Joux, em França.

Lamartine e Shoelcher, que foram seus contemporâneos, escreveram a esse respeito alguma coisa...

[...]

Se o inimitável escritor do *L'Antéchrist* vivesse entre nós, por exemplo, veria que nunca os negros aceitaram a escravidão, apesar de ser instituição legal e penal entre eles, com a docilidade que lhe parece. Aceitavam como os atuais operários recebem sua escravidão econômica, o salariado, isto é, com contínuas revoltas.

Quando chegou Dom João VI, um dos maiores perigos e constantes que corria a sua corte, estabelecida no Rio de Janeiro, era a revolta dos inúmeros negros fugidos que havia pelos arredores, e se podiam associar de uma hora para outra, e, por todo o Brasil, as coisas se passavam assim. E é fácil ver.

“Quilombo”, é uma palavra, não sei de que origem, que quer dizer acantonamento de negros fugidos.

Aqui no Rio de Janeiro, onde nasci, ainda no regímen da escravidão, não tendo, porém, conhecido uma única pessoa escrava, a nomenclatura dos acidentes topográficos de seus arredores marca com esse nome, indicando muitas revoltas de negros, vários lugares. De pronto, eu me lembro de dois, em pontos bem afastados: um, na ilha do Governador – simplesmente “Quilombo”, e outro, lá pelas bandas do Jardim Botânico, o morro do “Quilombo” (BARRETO, 2004a, p. 535).

Ao publicar suas contestações acerca da desigualdade, o escritor entrava em franco diálogo com o preconceito prevalente no pós-abolição. Sua resistência e sua luta contra o racismo eram travadas com as armas do conhecimento que possuía. Sobre história do Brasil, sobre os acontecimentos mundiais, sobre ciência e sobre filosofia. Sem se importar com o status do seu interlocutor, o escritor não poupava esforços na defesa da verdade e exigia o mesmo de todos que desejassem participar de qualquer debate. Lima Barreto foi a voz que nunca

¹¹Joseph-Ernest Renan (1823-1892). Escritor, historiador, teólogo e filólogo francês de grande prestígio no século XIX. Considerado uma das personalidades mais importantes do período, suas ideias religiosas e políticas foram difundidas entre os intelectuais do mundo inteiro. No Brasil, manteve contato com Dom Pedro II (1825-1891) e Joaquim Nabuco (1849-1910) que demonstrava grande admiração por seu pensamento. Uma de suas principais obras, *Vida de Jesus*, de 1863, traduzida no ano seguinte para o português fazia parte de todas as boas bibliotecas do Império brasileiro sendo conhecida por religiosos, políticos e intelectuais (RUDI, T. A. M., 2014).

se calou, foi o eco do desconforto perturbador ao insistir em escancarar a verdade e expor as mazelas sociais, por isso se tornou *persona non grata* nos círculos intelectuais da capital da primeira república.

Entre a escravidão e a abolição no Brasil, está o preconceito que não se dissipou após a Lei Áurea e como erva daninha adquiriu força e se enraizou no tecido social ao ser patrocinado pelas teorias científicas de teor racista veiculadas no século XIX. As consequências desastrosas para as pessoas e para o país foram percebidas e denunciadas pelo escritor carioca em sua literatura. Ao contrário da maioria dos seus coetâneos, Lima Barreto não se deixou levar pelo entusiasmo da propaganda eugenista que associava purificação racial com progresso econômico e social.

2.2.3 A República

O outro episódio marcante na história do país durante o oitocentos, visto de perto pelo pequeno Afonso Henriques foi a Proclamação da República, que não tardou após o 13 de maio. Decorrido um ano e meio da grande festa, o Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892) acompanhado por Benjamin Constant (1836-1891) e Quintino Bocaiúva (1836-1912) tomou o poder depondo o presidente do conselho dos ministros da coroa imperial, Afonso Celso (1836-1912), o Visconde de Ouro Preto¹².

Há algum tempo, a monarquia vinha enfraquecendo perante outros setores que articulavam as relações de poder, como a Igreja e o exército. Por sua vez, a oligarquia rural, demonstrando seu descontentamento com a assinatura da Lei Áurea, aderiu rapidamente ao republicanismo, tornando-se contrária à autoridade real. Isso formou o cenário propício à proclamação (FAUSTO, 1995; SANTOS, 19-; CARVALHO, 2012; MATTOS, 2012) cujos registros históricos apontam para uma trama que foi forjada distante do clamor popular pelo fim do Antigo Regime. Longe do que acontecia nos bastidores do poder, o povo, em sua ignorância, não tomou parte na implementação da República. De acordo com Carvalho,

¹² Este era o padrinho de Lima Barreto, o ministro mais importante do Império.

O povo assistiu bestializado à Proclamação da República, segundo Aristides Lobo; não havia povo no Brasil, segundo observadores estrangeiros, inclusive os bem informados como Louis Couty; o povo fluminense não existia, afirmava Raul Pompéia (CARVALHO, 2012, p. 140).

A ausência de uma das peças fundamentais no primeiro movimento de democratização da nação estabeleceu um vínculo frágil entre a República e o povo. Em virtude disso, o cidadão brasileiro ainda hoje tem dificuldade de compreender qual a função do governo e o que significa cidadania para o republicanismo.

Pouco mais de trinta anos do 15 de novembro, em 26/11/1921, Lima Barreto dedicou sua crônica no periódico *Careta* às comemorações da data tão significativa para o país:

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. [...] e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da Princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. [...] me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade.

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para a reconstrução da Avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar.

Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi.

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o régimen de fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. [...] Quase todas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. [...]

Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal.

Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse?

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, cá com meus botões, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto – eu o sei bem – o 15 de Novembro é um data gloriosa, nos fatos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país (BARRETO, 2004b, p. 460).

Assim como fez sobre a data da abolição, o escritor publicou o testemunho de quem presenciou a história do Brasil com seus próprios olhos. Com seu olhar crítico e questionador, teceu uma análise breve e clara sobre a situação da capital nas primeiras décadas de existência da República brasileira. Trinta e dois anos após a troca do regime político, Lima Barreto estava lá para observar o que realmente havia mudado com a queda do Império. As transformações que deveriam garantir qualidade de vida ao povo e progresso social e econômico beneficiavam somente a elite. A reforma urbana engendrada pelo governo republicano transformava a paisagem da cidade na área central. Para dar à cidade do Rio de Janeiro aparência similar à da capital francesa, a pobreza precisava ser expurgada para longe do centro. O prefeito da capital da República, Francisco Pereira Passos, dedicou seu mandato (1903 a 1906) ao projeto de reforma urbana na tentativa de modernizar a cidade e deixá-la com ares de urbe europeia. O processo não foi pacífico, pois, para isso, as pessoas que habitavam os cortiços do centro e a zona portuária foram expulsas para a periferia. A desocupação das áreas requeridas pelo governo municipal envolveu conflitos com a polícia, encarregada de retirar as pessoas dos lugares onde moravam. Sem ter para onde ir e sem poder pagar aluguel, muitas famílias passaram a residir nos morros ao redor da cidade fundando as primeiras favelas do Brasil.

Tendo Paris como modelo, o centro da cidade foi depressa modificado, a avenida Beira-Mar foi aberta, jardins foram criados e reformados, os bondes ganharam tração elétrica, sem esquecer a construção do novo porto. Ao visitar a cidade pouco depois, uma poetisa francesa, entusiasmada, escreveria um livro de poemas com o título *La Ville Merveilleuse*. Vindo de uma francesa, era a glória, e compensava o epíteto depreciativo de rastaqueras que em Paris era dado aos brasileiros (CARVALHO, 1987, p. 40).

A importação da cultura europeia, especificamente a francesa, para a cidade do Rio de Janeiro não era novidade na vida republicana, vinha dos tempos da monarquia. A corte e a nobreza importavam tecidos e cortes da moda para coser suas roupas. Adotavam o uso de expressões verbais e comportamentos sociais considerados elegantes por serem copiados dos franceses. Faltava, de fato, um espaço público para exhibir o que as altas rodas sociais manifestavam como forma de requinte e bom gosto. Com a reforma urbana na capital

Abriu-se espaço para o mundo elegante que anteriormente se limitava aos bairros chiques como Botafogo, e se espremia na rua do Ouvidor. [...] No Rio reformado circulava o mundo *belle-époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do Brasil negro (CARVALHO, 1987, p. 40).

O mundo elegante da elite era o mesmo mundo hipócrita criticado por Lima Barreto. O mundo dos que fecham os olhos para a realidade e só enxergam a si mesmos. O mundo dos pseudointelectuais aos quais o escritor dedicava todo o seu desprezo e oferecia a mais sincera irreverência literária. Nele, vivia a elite carioca que se supunha cultural e intelectualmente íntima dos franceses e alijada dos brasileiros. Dessa classe, o escritor retira inspiração para inventar personagens de romances, sátiras e contos que provocam no leitor sentimentos que vão da compaixão à ira. Para desvelar e questionar a hipocrisia social, usava do humor irônico e da zombaria na criação de personagens néscios e bem-sucedidos escancarando o desacordo entre conhecimento e *status* social que predominava no Brasil do início do século XX.

2.2.4 O eugenismo

O século XIX revelou ao mundo ocidental dois grandes paradigmas: a Filosofia Positivista de Augusto Comte (1798-1857) e a Teoria Evolucionista de Charles Darwin (1809-1882) ambos fundamentais para alavancar o desenvolvimento do conhecimento científico moderno. Em 1830, Comte iniciou a publicação do *Curso de Filosofia Positiva* no qual apresentava a classificação da ciência de acordo com o grau de generalidade e complexidade dos fenômenos apreciados. Com objetos e métodos próprios, cada tipo de conhecimento pertence a uma área científica específica. A matemática, cujo objeto é o mais abstrato de todos – o número e suas relações – é a mais geral de todas as ciências. Depois, vêm a Astronomia e a Física, até chegar na Sociologia, que possui o objeto mais complexo, o homem em suas relações com a sociedade. O curso também tratava da importância da aplicação do método como recurso de confiabilidade para a obtenção da verdade. Essa estruturação visava consolidar a ciência como conhecimento verdadeiro e o método científico como fundamental para a conquista do progresso.

Poucos anos depois, o evolucionismo viria a se construir nos moldes exigidos pela nova caracterização das ciências proposta pelo sociólogo francês. A teoria da evolução das espécies apresentada por Darwin, em *A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças fornecidas na luta pela vida* (1859) defende que todos os seres vivos evoluem biologicamente e os que melhor adaptam-se ao meio são os que conseguem sobreviver. Mesmo sem fazer referência direta ao homem, o livro gerou debates sobre seu lugar na cadeia evolutiva e os diferentes tipos humanos existentes. Somente em 1871, o naturalista publicou *A descendência do homem* para “mostrar que a origem do homem situa-se na mesma linha da evolução geral das espécies, analisando as características que fazem dele uma espécie mais avançada que as outras e, por isso mesmo, mais complexa” (PINO, 2009, p. 853), sem que disso decorra forçosamente uma distinção ou classificação das raças humanas. Mas a questão já havia despertado o interesse de intelectuais e cientistas não demorando a surgir a vertente social do darwinismo.

A transposição das ideias darwinistas para outras áreas pareceu promissora enquanto capaz de auxiliar a política, a economia e a sociologia a acelerarem o processo que levaria a humanidade ao progresso projetado pelo Positivismo. Embora não tivesse origem na teoria de Darwin, o caminho para a difusão das teorias eugenistas estava aberto. Um pouco antes, no século XVII, René Descartes (1596-1650) havia deslocado a figura de Deus do centro do universo. Ao afirmar que foi permitido pelo criador que a criatura se tornasse sujeito do conhecimento no mundo, o racionalismo cartesiano concedeu ao homem o lugar do divino. Desse modo, o homem tomou poder sobre as coisas terrenas e deixou o sagrado para a esfera superior para a qual o futuro encaminharia a todos quando o momento da vida eterna chegasse.

A concepção de uma ordem divina inalterável vinha aos poucos sendo posta em dúvida pelos novos valores de uma burguesia em ascensão. O homem da virada do século XVIII para o XIX era menos movido pelo desejo de um dia atingir o paraíso do que pelo anseio de obter sucesso individual ainda nesta terra. No contexto do surgimento da idéia do progresso, caberia aos seres de ultramar a função de servir como exemplos do atraso e da “primitividade” (HOFBAUER, 2006, p. 118, grifo do autor).

Ao restringir a relação com Deus à esfera da religiosidade, o europeu entendeu que poderia dedicar-se às coisas do mundo por contra própria. Nisso, se deu o encontro com o outro, o não-europeu da África e do Novo Mundo, com o qual assemelha-se em alguns aspectos e difere em tantos outros. Se é na semelhança que o homem aproxima-se da divindade, é na diferença que o *status* de ser humano do não-europeu passa a ser questionado. A explicação e justificação para desumanizar o diferente foi amparada por teorias biológicas herdeiras do darwinismo. A aplicação dos princípios eugênicos à teoria da evolução das espécies propiciou o surgimento do darwinismo social, que foi uma das formas encontradas para justificar a escravidão moderna. No século XIX, uma espécie de clima favorável pairava na Europa predispondo o olhar de intelectuais, cientistas e pesquisadores a se direcionar para as causas das diferenças entre os humanos tornando o debate e as publicações sobre o assunto de interesse dos especialistas e do público leigo.

Já no final do século XVIII, havia se estabelecido um “modismo intelectual”: elaborar métodos para classificar e categorizar o mundo natural. Era como se as incertezas que surgiram em consequência do lento processo de perda do poder explicativo dos dogmas religiosos pudessem ser sublimadas por meio de tais instrumentos. Começava a se buscar a origem e a causa dos fatos na própria natureza, distanciada cada vez mais de um princípio divino (HOFBAUER, 2006, p. 119).

A utilização da natureza como fonte de indagação sobre a origem, evolução e diferenças do homem fez do método científico um instrumento fundamental para a obtenção de respostas que atendessem às expectativas fomentadas por preconceitos individuais e interesses do sistema econômico em ascensão. Na busca pela confirmação de suas hipóteses, alguns cientistas trabalhavam com instrumentos e métodos de medição e aferição de crânios, nariz, tórax e outras partes do corpo humano que em comparativos entre os tipos provariam a classificação hierárquica das raças, foco central do eugenismo. De acordo com os critérios eugenistas, todo fenótipo diferente do branco pertencia ao grupo dos menos favorecidos intelectual e convinha que países como o Brasil evitassem o aumento da população miscigenada. O branqueamento era uma das ideias mais difundidas pelos eugenistas que acreditavam na superioridade da raça branca. Por esse motivo, a dominação europeia seria

natural. Com o predomínio branco, o progresso seria alcançado, por isso a purificação racial por intermédio da eliminação das demais raças ou do cruzamento sexual do branco com as raças inferiores levaria ao embranquecimento pela superioridade do melhor.

No Brasil, um laboratório a céu aberto para pesquisas do gênero, a solução encontrada para os problemas causados pela mistura de raças foi a importação de trabalhadores europeus. Em seu livro *Onda Negra, Medo Branco* (1987), Azevedo mostra como se formou a ideologia da inferioridade dos não brancos no Brasil.

[...] à medida que a possibilidade de uma grande imigração européia tomava corpo, impulsionada por uma corrente de políticos imigrantistas, entre eles também alguns abolicionistas, o negro começa a ser descaracterizado não só enquanto força de trabalho, mas sobretudo como futuro cidadão. A partir daí os argumentos especificamente racistas (mais em termos biológicos que culturais) ou de racismo científico, complementados por outros encontrados nas teorias das aptidões naturais, começam a descartar os descendentes de africanos, acusando-os não só de membros de uma raça inferior tendente fatalmente à ociosidade, à desagregação social e ao crime, como também de maus trabalhadores, de incapazes para o trabalho livre (AZEVEDO, 1987 p. 253).

No momento em que a redefinição do papel do setor social demandava decisões políticas para sua afirmação, a chegada dos imigrantes para preencher os postos de trabalho foi mais um fator para o aumento da tensão nas relações sociais. As palavras de Azevedo revelam o cenário ideológico do Brasil pós-abolição que Lima Barreto denunciava em sua obra. Em seu *Diário Íntimo*, o escritor observou: “É singular que fazendo eles a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro” (BARRETO, 1997, p. 27). De um lado, essa anotação exprime seu desencanto com a República e, de outro, evidencia a importância que atribuía à educação. Refletindo sobre a oferta de trabalho para as pessoas negras, o escritor conclui que a relação entre a política e a ciência repercute também no âmbito da educação.

Na Europa, além de Darwin, Spencer (1820-1903) também se destacava por suas ideias sobre o evolucionismo. Porém, no campo do eugenismo quem mais defendeu e propagou teorias racistas foram o diplomata francês, amigo de

dom Pedro II, Arthur de Gobineau (1816-1882), com seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855) e o britânico Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin, verdadeiro militante da causa eugênica e criador do Laboratório Galton para a *Eugenia Nacional*, na Londres de 1907 (DIWAN, 2018, p. 45). O médico italiano Cesare Lombroso (1835-1909) ganhou celebridade no ano de 1885, durante I Congresso de Antropologia Criminal, realizado em Roma, (SILVA, 2009, p. 42) ao expor os métodos para identificar pessoas nocivas à sociedade e qual o melhor procedimento para evitar que tipos como criminosos e deficientes físicos e mentais, os degenerados, de um modo geral, pudessem ser erradicados para promover a evolução e o progresso no menor tempo possível.

Com a concepção de evolução e progresso em voga, muitos cientistas e intelectuais da virada do século XIX para o XX foram seduzidos pela teoria eugenista. No Brasil, dois dos nomes de maior destaque na medicina eugênica são Nina Rodrigues (1862-1906) e Renato Kehl (1889-1974), amigo de Monteiro Lobato (1882-1948).

A partir de 1902, sob a presidência de Rodrigues Alves, com a alegação de modernizar o país, o governo começou a trabalhar com a propaganda eugenista. Conduzindo a implementação da política higienista como a melhor proposta para o alavancar do progresso, na cidade do Rio de Janeiro, foram mobilizadas duas frentes de trabalho, a reforma urbana e o sanitarismo. Como foi dito acima, a reforma urbana concentrada no centro e no porto da capital foi executada pela administração municipal do governo Pereira Passos com vistas a transformar a cidade numa metrópole à semelhança dos padrões europeus. O sanitarismo foi coordenado pelo médico Oswaldo Cruz (1872-1917) no intuito de acabar com doenças que assolavam a população, como a varíola e a malária. Para promover as reformas urbana e sanitária, os governos federal e municipal não pouparam esforços, mas não deram ao povo as informações necessárias sobre as ações que atingiriam a vida de todos. Por isso, ao invés da adesão popular, motins e revoltas passaram a fazer parte do cenário reformista do Rio de Janeiro.

Uma lei federal publicada em 31 de outubro de 1904 tornou a vacinação contra a varíola obrigatória em todo o território nacional. Com “uma campanha maciça, rápida, sem nenhum embaraço e fulminante: o mais amplo sucesso no mais curto prazo. Não se cogitou a preparação psicológica da população, da qual

só se exigia a submissão incondicional” (SEVCENKO, 2018, p. 26). A execução da lei posta em prática por equipes de enfermagem com auxílio da polícia usava de métodos violentos para obrigar a vacinação, invadindo casas e forçando desde as crianças em tenra idade até os adultos a receberem a dose. Sob pena de prisão, ninguém podia recusar-se a receber a vacina. A falta de conscientização a respeito da importância da prevenção de doenças através da vacinação levou o povo a não aceitar as medidas impostas pelo governo, gerando algumas revoltas. Foi criada a Liga contra a Vacina Obrigatória para tentar barrar as ações profiláticas impetradas de forma agressiva pelo governo. O povo saiu às ruas para protestar num episódio que ficou conhecido como a Revolta da Vacina, que teve seu ápice no dia 10 de novembro daquele ano. Contudo, a revolta popular não se resumiu à questão da vacinação. A própria reforma urbana a um custo econômico e social elevado foi motivo de desconfiança e descontentamento popular. O mês de novembro de 1904 foi mês de tensões entre o governo e o povo insatisfeito com as políticas aplicadas no país.

Em mais de uma ocasião, o escritor questionou os argumentos e os métodos utilizados na execução das políticas sanitárias no Brasil. Na crônica *Sobre o Maximalismo*, a mesma em que trata de contestar o anarquismo de Rousseau, Lima Barreto contesta a posição de Monteiro Lobato e da maioria dos intelectuais contemporâneos.

A solução do saneamento no interior do Brasil, no meu fraco entender, joga muito com outros dados. Há a parte de engenharia: dessecamento de pântanos, regularização de cursos d'água, etc.; há a parte social, no fazer desaparecer a fazenda, o latifúndio, dividi-lo e dar a propriedade dos retalhos aos que efetivamente cultivam a terra; há a parte econômica, consistindo em baratear a vida, os preços do vestuário, etc.; coisa que pede um combate decisivo ao nosso capitalismo industrial e mercantil que enriquece doidamente, empobrecendo quase todos; há a de instrução e muitos outros que agora não me ocorrem.

Em resumo, se pode dizer que todo o mal está no capitalismo, na insensibilidade moral da burguesia, na sua ganância sem freio de espécie alguma, que só vê na vida, dinheiro, dinheiro, morra quem morre, sofra quem sofrer (BARRETO, 2004a, p. 463).

O excerto acima mostra que os argumentos de Lima Barreto não são contrários à implementação de medidas que promovam condições adequadas de higiene para o povo. Mas, sua posição é radical. Não basta adotar soluções

paliativas que não erradicam definitivamente o problema. É preciso ir mais fundo e instituir ações de enfrentamento do problema em todos os seus aspectos, ainda que isso envolva o sistema econômico e desagrade aos privilegiados.

Como plano de governo, a política higienista se estendeu por vários anos no País. Em 1920, o escritor publicou o texto *Os tais higienistas* (Careta, 04/12/1920), em que criticava abertamente os métodos seguidos pelo médico sanitarista Carlos Chagas para forçar o povo a aceitar as ações do governo para limpar o Brasil.

O Senhor Carlos Chagas é o mais alto representante da presunção médica.

[...]

O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê.

Não vê que é preciso dinheiro para ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene; entretanto, por isso ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara.

Sua Excelência antes de expedir regulamentos minuciosos sobre tantos atos da nossa vida doméstica, deveria ter o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências.

O que há em Sua Excelência, é o que há em todos de sua categoria: Sua Excelência nunca conheceu as necessidades e afere a vida dos outros pela sua, feliz e rica (BARRETO, 2004b, p. 237).

Novamente, o escritor propõe a necessidade de atacar o problema da higiene pela raiz com medidas que efetivamente eliminem a situação de pobreza do povo para que todos possam ter condições de cultivar bons hábitos de higiene e saúde.

Em julho de 1911, a Europa promoveu o primeiro *Congresso Universal das Raças*, em Londres. O Brasil foi oficialmente representado pelos médicos cientistas Edgar Roquetti-Pinto (1884-1954) e João Baptista de Lacerda (1846-1915) encarregados pelo presidente Hermes da Fonseca (1855-1923) de divulgar o país como um lugar promissor no qual não havia os problemas e conflitos raciais predominantes em outros países da América. Com a palestra intitulada *Sobre os mestiços no Brasil*, Lacerda apresentou um Brasil pacífico e predisposto ao crescimento. A tese de que a imigração dos europeus associada à

miscigenação natural do povo levaria ao branqueamento em menos de um século conduzindo ao progresso econômico e social foi bem aceita pelos participantes do congresso e transmitida na forma de ideologia aos brasileiros. A mistura de raças com predomínio da branca em breve extingiria os negros que eram a causa das grandes mazelas do país. Sem a mácula da negritude, o Brasil passaria definitivamente a fazer parte do mundo ocidental desenvolvido. Com o intuito de estudar, debater e implantar medidas eugenistas capazes de sanar os problemas socioeconômicos nacionais e projetar um futuro próspero, nesse período, surgiram várias entidades como ligas, associações e institutos afilhados ao eugenismo.

Lima Barreto sentia-se marginalizado como cidadão e desprezado como intelectual pelo discurso eugenista que dominava a sociedade brasileira. Com sua cor “azeitonada”, o escritor trazia na pele a marca do prejuízo que os negros e mestiços causavam à humanidade. De alguma forma, pertencia ao conjunto dos objetos da investigação eugênica. Longas meditações sobre a teoria científica que pregava a hegemonia ariana fizeram parte do seu cotidiano e reverberaram em sua escrita. Certo de que não havia verdade nos pressupostos do eugenismo, o escritor refletia com amargura e escárnio sobre a vaidade e a arrogância daqueles que pretendiam conferir veracidade à tamanha falácia. Somente os ignorantes poderiam acreditar nesse tipo de manobra utilizada para esconder o preconceito dos que se associavam ao poder para justificar as aflições sociais.

Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas (BARRETO, 1988, p. 37).

Suas meditações eram acompanhadas pela dor de duvidar da própria capacidade intelectual, pois como homem negro, o escritor estava constantemente sob as teorias dos cientistas da eugenia. O menosprezo sentido pelo escritor era o mesmo da maioria do povo, por isso sua literatura foi fortemente marcada pelo combate ao racismo e ao preconceito. Como um cavaleiro solitário, Lima Barreto usou a literatura tal como uma metralhadora contra os efeitos perversos das teorias racistas predominantes nos séculos XIX e

XX. Não que outros escritores e intelectuais não fizessem o mesmo, eles apenas não estavam na trincheira desta batalha.

2.3 A obra e o legado

Comprometido com seu tempo, Lima Barreto foi mais que um romancista. Participou ativamente da vida social e política do país escrevendo crônicas desde os tempos de estudante de engenharia para o jornal do centro acadêmico. Editou a revista *Floreal* que contou com apenas quatro publicações, pois a falta de recursos financeiros e a estrutura amadora não permitiram que fosse além do período de outubro a dezembro de 1907. Entretanto, colaborou com diversas revistas e jornais durante toda a sua vida. Sua obra inclui crônicas, contos, romances e sátiras.

No início do século XX, muitos romances eram publicados em formato folhetim nos periódicos de circulação na cidade. Depois, de acordo com a aceitação do público e o interesse de algum editor, eram transformados em livros. Esse expediente foi bastante utilizado por Lima Barreto. O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* teve os quatro primeiros capítulos publicados na revista *Floreal*, entre os meses de outubro e dezembro de 1907. *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi publicado na edição vespertina do *Jornal do Commercio*, entre agosto e outubro de 1911 e *Numa e a Ninfa* foi escrito com o propósito de ser um folhetim.

Triste fim de Policarpo Quaresma, escrito em menos de três meses, de janeiro a março de 1911, foi publicado integralmente pela primeira vez em 1916. Tornou-se o mais famoso romance do escritor e foi adaptado para o cinema com o título *Policarpo Quaresma: herói do Brasil*, em 1998, pelo cineasta Paulo Thiago de Oliveira.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, considerado por muitos um romance *à clef*¹³, foi publicado integralmente pela primeira vez no ano de 1909, em Lisboa, porque não houve interesse dos editores nacionais em publicá-lo. Ao

¹³ “Expressão francesa [utilizada] para designar romance ou novela com uma chave, ou seja, em que personagens e acontecimentos reais aparecem sob nomes fictícios” (MASSAUD, 2013, p. 411).

chegar ao Brasil, o livro não foi bem recebido pela crítica e nem causou a reação que o autor esperara como será visto adiante.

Clara dos Anjos, o romance que levou a vida inteira para escrever, teve a primeira versão iniciada em 1904, a segunda, foi publicada em formato de conto, em 1919. Somente em 1948, postumamente, foi publicado como romance.

Sob encomenda de Irineu Marinho, diretor do jornal *A Noite*, em vinte e cinco dias, no mês de outubro de 1914, precisando de dinheiro, escreveu *Numa e a Ninfa* publicado em formato de livro em 1917.

Monteiro Lobato tornou-se editor de Lima Barreto em 1918 e se encarregou de publicar *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* no ano seguinte. Em 1921, o livro recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras.

Os Bruzundangas, publicado ano de 1922, após a morte do escritor, é uma sátira sobre uma república imaginária chamada Bruzundanga, que lembra o Brasil em diversos aspectos: os hábitos e costumes do povo, o modo de fazer política dos governantes e os valores sociais mais apreciados pelos cidadãos.

Dentre os contos, possui destaque *O homem que sabia Javanês*, talvez o mais famoso do escritor. Neste conto, embora se sobressaia a esperteza do protagonista, a história desenvolve-se em torno dos conceitos de conhecimento, verdade e da relação de valor que a sociedade estabelece entre ambos.

Imprescindíveis para uma boa compreensão da literatura de Lima Barreto são seus diários, ambos de publicação póstuma. *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício* publicados em 1953, confirmam o que os seus outros escritos já manifestavam, o engajamento literário que fez parte de toda a sua vida e sem o qual Lima Barreto não seria Lima Barreto.

Devido ao grande número de crônicas e a publicação dos romances em formato folhetim, reunir o conjunto da obra do escritor não foi tarefa fácil. Mas, em 1956, sob a direção de Francisco de Assis Barbosa e a colaboração de Antônio Houaiss e Cavalcanti Proença, a editora brasileira publicou as obras completas de Lima Barreto, antes dispersas em jornais, revistas e livros. Posteriormente, os romances e contos mais famosos foram publicados por outras editoras contemplando também o formato didático.

Os críticos sempre foram severos em relação a Lima Barreto e sua obra. Desde seus contemporâneos até aproximadamente a década de 1960, acusações de desleixo no uso da Língua Portuguesa, escrita de textos autobiográficos ressentidos e a constante comparação com Machado de Assis determinaram a tônica da crítica.

Para o historiador Sérgio Buarque de Holanda, Lima Barreto foi como um “discípulo” de Machado de Assis, inferior ao mestre. Sua literatura era “quase uma forma de vingança” (HOLANDA, 1978, p.142) da qual o escritor fazia uso confessando a amargura e ressentimento pessoais.

Para a publicação das obras completas, várias personalidades prefaciaram os dezessete volumes. A seguir, mostramos brevemente as considerações de algumas delas.

Gilberto Freyre, no prefácio para *Diário Íntimo*, compara Lima Barreto e Machado de Assis e assim como Sérgio Buarque de Holanda o considera inferior. De acordo com Freyre (1956c, p. 11) “A Lima Barreto faltou formação universitária ou seu justo equivalente: o conhecimento que reuniu sobre os assuntos de sua predileção vê-se pelo seu diário íntimo que foi um saber desordenado e como êle próprio, boêmio”. Essa crítica emitida por Freyre foi baseada no fato de Lima Barreto não ter escrito a história da escravidão negra no Brasil, como sonhou de juventude. Nesse aspecto, Freyre argumenta que ele próprio o teria feito em *Casa Grande e Senzala* (1933).

No prefácio de *Histórias e Sonhos* seguindo a vertente comparatista entre Machado e Lima, Lúcia Miguel Pereira embora assinale o fato de Lima Barreto não gostar de tal comparação, tece seu comentário no mesmo sentido. A grande diferença entre ambos estaria na sutileza do texto machadiano contraposta à ferocidade barretiana. Também faz referência ao caráter autobiográfico da obra de Lima Barreto já que “Nos seus livros, mesmo nos melhores, uma certa desarmonia trai a falta de unidade espiritual” (PEREIRA, 1956e, p. 12) revelando sarcasticamente o perfil do autor em seus personagens.

Agrippino Grieco inicia o prefácio de *Marginália* chamando Lima Barreto de “o maior e mais brasileiro dos nossos romancistas” (1956g, p. 9). Faz pouco uso do comparatismo, mas para isso se vale de outros escritores. Quanto a Machado

de Assis, não o considera um grande romancista, ele “seria o maior dos nossos romancistas, se os brasileiros fossem ingleses” (1956g, p. 16) diz o ensaísta para o qual os personagens machadianos carecem de vida.

A primeira crítica feita por Tristão de Ataíde¹⁴ a Lima Barreto foi após o lançamento do romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. O jovem crítico o comparou a Machado de Assis e o classificou como um caricaturista, enquanto considerava que o acadêmico havia atingido a perfeição em termos de humor literário.

Anos mais tarde, deixando de lado o pseudônimo e assumindo-se como Alceu Amoroso Lima, em 07 de maio de 1981, escreveu um artigo para o Jornal do Brasil intitulado *Machado de Assis e Lima Barreto* no qual transparece um certo sentimento de retratação pelas ásperas palavras dirigidas a Lima Barreto e seu *Gonzaga de Sá*.

Aquele “desleixo” que eu criticava, em 1919, no estilo de Lima Barreto, não era aliás uma ignorância da linguagem culta, nem muito menos qualquer tipo de esnobismo, e sim o sinal espontâneo do homem das massas, dos pingentes dos subúrbios, do povo-povo, sem qualquer preocupação de exotismo lingüístico, mas típico de suas origens populares e de sua predileção natural (LIMA, 1997, p. 508).

A acusação feita por Alceu Amoroso Lima ou Tristão de Ataíde, na época, era a mesma da maioria dos contemporâneos de Lima Barreto. Presos ao modelo imposto pelo estilo clássico, não reconheciam na escrita simples nenhuma qualidade. Para a crítica, faltava ao escritor trato no uso da gramática, estilo na narrativa e bom gosto na descrição.

A comparação entre Lima Barreto e Machado de Assis é equivocada. Cada literato possui um estilo de escrita condizente com sua personalidade. Machado era um gênio dados a sutilezas. Em *Dom Casmurro* (1899), a traição de Capitu não é explicitamente revelada pelo autor. A certeza da traição da moça está na visão do protagonista e na interpretação que o leitor faz do texto. No conto *Pai contra mãe* (1906), as histórias dramáticas da escrava grávida e do pai de família

¹⁴ Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893 - 1983), crítico literário, membro da Academia Brasileira de Letras. Adotou o pseudônimo ao escrever sua primeira crítica, em 1919, sobre o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto.

desempregado podem comover o leitor mais sensível, mas não perturba o preconceituoso. Os menos sensíveis à reflexão não hesitam em dar razão ao pai. Tal como as pessoas brancas, as pessoas negras também são diferentes, independente da profissão que possuam. Lima Barreto e Machado de Assis são dois escritores negros contemporâneos, mas com visões de mundo e comportamentos diferentes. Machado era discreto em sua crítica. Lima era um ativista ferrenho que usava a literatura como arma no combate à injustiça e ao preconceito. Por isso, ela dialoga com a literatura militante de Sartre, que surgirá décadas depois, e se deixa envolver, mesmo que inconscientemente, pela escrita crítica dos românticos alemães do século XIX. A genialidade de Lima Barreto é combativa. Com mensagens diretas e textos assertivos, o escritor toma a linha de frente contra o preconceito e as injustiças que presenciava no dia a dia. Nesse aspecto, ele era um escritor de seu tempo cuja obra foi de extrema relevância para aquele momento da história do Brasil. Hoje, ele é importante porque o contexto brasileiro do século XXI ainda não se desligou do preconceito.

De outro lado, há em Lima Barreto ideias que o colocam muito além do seu tempo. Para percebê-las, o leitor precisa dedicar-se a uma leitura cuidadosa dos escritos barretianos. Há quem critique o fato de o escritor ser contra o voto feminino sem perceber a coerência desse posicionamento. Lima Barreto era contra a obrigatoriedade do voto, por isso não poderia ser a favor do voto das mulheres. A questão da obrigatoriedade precede a do direito ou dever dos participantes do sufrágio. Sem a obrigatoriedade, as mulheres escolheriam, livremente, sobre sua participação nos pleitos. Seu olhar atento se opunha ao feminismo. Não que considerasse a condição de inferioridade das mulheres, mas porque via no movimento da época, um feminismo de elite no qual as mulheres pobres e negras não tinham representação.

Vários são os textos em que o escritor defende, abertamente, o direito das mulheres, o que poucos faziam na época. Denúncias de feminicídio, implicação da proibição do aborto e o direito de a mulher amar livremente quem ela quiser estão nas crônicas que acompanhavam o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. A questão ambiental, hoje tão discutida, já era uma preocupação para Lima Barreto. Durante a reforma urbana do Rio de Janeiro, contestou a derrubada de árvores para a construção de prédios modernos. E,

para não deixar de falar em educação, também defendia o direito das mulheres ao conhecimento e à instrução pública.

No prefácio escrito para a publicação da edição de 1956 de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, Alceu Amoroso Lima parece ter captado com mais profundidade a natureza ímpar da escrita barretiana e expôs em palavras a radiografia do pensamento e do sentimento deste escritor incompreendido.

Não escreveu para desabafar a sua ira contra os vencedores da vida; nem para promover a revolução social como um Plínio Salgado ou um Jorge Amado; nem uma revolução espiritual como Jackson de Figueiredo; nem uma revolução estética, como Mário de Andrade; nem para fazer romances realistas. Escreveu para se libertar, não para se vingar. Escreveu por amor, não por ódio, ambição ou fé. Escreveu de mansinho, em surdina, como para si mesmo ou para um reduzidíssimo grupo de amigos. Escreveu para sofrer menos. Escreveu para dar o seu depoimento. Escreveu para encher o trágico vazio das suas noites. Escreveu para fazer companhia a si mesmo e para contar, a algumas almas sofredoras como a sua, a grande melancolia e grande ternura dos vivos, no meio da comédia das vaidades humanas (LIMA, 1956h, p. 12).

A necessidade de escrever foi a companheira de vida de Lima Barreto. Quando não se sentia em condições de elaborar um bom texto para publicação, era compelido a fazer anotações, por simples que fossem. Escrevia nas margens dos documentos da Secretaria da Guerra enquanto trabalhava. Escrevia em seu diário e dizia a si mesmo dos dias que passava sem fazer anotações (BARRETO, 1956c). Durante as internações por causa do alcoolismo, o vício de escrever o mantinha desacanhado. Procurava ou pedia um pedaço qualquer de papel e um toco de lápis para se expressar na urgência da abstinência. Não a abstinência do álcool, a da compulsão pelas letras. No hospício estiveram, por duas vezes, um alcoólatra e um cativo da literatura personificados em um só homem.

Após o lançamento das obras completas e entremeando o cinquentenário de morte e o centenário do nascimento do escritor, a academia começou a demonstrar interesse pela literatura barretiana. Surgiram as primeiras dissertações e teses defendidas por autores oriundos do espaço acadêmico que levariam adiante a fortuna crítica de Lima Barreto.

No ano de 1973, Osman Lins defendeu, na Universidade de São Paulo (USP), a tese de doutorado com o título *Lima Barreto e o espaço romanesco*, publicada como livro no ano 1975.

Em 1974, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, Carlos Fantinati defendeu a tese de doutorado intitulada *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*.

Antonio Arnoni Prado, também na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1975, defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Lima Barreto: o crítico e a crise*.

Beatriz Resende, em seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 1980, defendeu a dissertação intitulada *Lima Barreto, Crítico da Modernidade*. E, no ano de 1989, na mesma instituição, a tese de doutorado *Dentes Negros, Cabelos Azuis: Lima Barreto e a Cidadania em Fragmentos*.

No início deste século, estudos e pesquisas sobre a obra do escritor têm despertado o interesse do mercado editorial em trazer Lima Barreto novamente para as estantes das livrarias brasileiras. Em 2004, as crônicas de Lima Barreto foram reunidas e publicadas pela Editora Agir, no livro intitulado *Toda Crônica*, organizado em dois volumes, pelas professoras Beatriz Resende, da UFRJ, e Rachel Valença, da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). O trabalho cuidadoso das pesquisadoras apresenta as crônicas por ordem cronológica, um índice de assuntos e um índice onomástico, além de algumas páginas de iconografia, no primeiro volume. E, no segundo, uma tabela descritiva sobre o escritor e seu tempo, na qual é possível visualizar o entrelaçamento entre os principais acontecimentos da vida de Lima Barreto, da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil/mundo, até o ano de 1956, data da publicação das obras completas.

A professora e pesquisadora da USP, Lília Schwarcz, publicou em 2017, o livro *Lima Barreto: triste visionário*, biografia resultante de dez anos de pesquisa e que veio somar-se à primeira biografia, *A vida de Lima Barreto* (1952), escrita por Francisco de Assis Barbosa. Em 2010, a professora já havia organizado a edição com os contos do autor publicados pela editora Companhia das Letras com o título de *Contos Completos de Lima Barreto*.

Em 2016, a editora Penguin e Companhia das Letras publicou *Sátiras e Outras Subversões* contendo textos inéditos escritos por Lima Barreto sob

pseudônimos. O livro, com 164 contos, é fruto do intenso trabalho de investigação do professor e pesquisador do King's College London, Felipe Botelho Corrêa.

Chama atenção o excelente trabalho realizado por Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Ceila Maria Ferreira, professora da Universidade Federal Fluminense, em *Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 2017, pela editora da Universidade de São Paulo. Trata-se de um primoroso trabalho de crítica filológica do texto das *Recordações*, acompanhado de glossário e descrição das atualizações gráficas.

O esmero desses profissionais, além de disponibilizar a obra de Lima Barreto por tópicos, organizou e atualizou a configuração do acervo colaborando para sua difusão fora do âmbito acadêmico. Atraindo o olhar do público, que se intensificou na última década, o texto barretiano alcançou um nível de popularidade que provavelmente teria sido desejado pelo escritor.

Juntamente com outros clássicos da literatura brasileira, alguns romances e contos ganharam edições em quadrinhos e audiobooks disponíveis em sítios da internet. Atualmente, o portal domínio público disponibiliza a obra de Lima Barreto para livre acesso.

3 LITERATURA

O nível de popularização de sua obra que possivelmente seria aceito por Lima Barreto, conforme mencionado anteriormente, autoriza-me a extravasar a compreensão da mesma para o âmbito de estudos acerca da relação entre a literatura e a formação humana.

Este capítulo trata do conceito e função da literatura, dos atores envolvidos no processo de sua produção e da relevância desta para a humanização e a formação humana. A partir da definição e do delineamento do papel social da literatura, são apresentados os elementos imprescindíveis ao processo literário. Primeiro, o escritor e seu papel. A seguir, o leitor e o ato de ler. Após, apresenta uma espécie de diálogo entre Lima Barreto e Sartre sobre os deveres do escritor e o objetivo da literatura, que se concretiza como literatura militante. Apresenta o Romantismo, movimento que contestou a racionalidade iluminista e sintetizou o conceito de formação humana através da concepção da *Bildung* cuja manifestação literária é representada pelo romance de formação. Traz, ainda, a concepção de ironia na visão dos primeiros românticos e os exemplos dessa forma de expressão literária nos prefácios de *Reflexões do Gato Murr*, escrito por E.T. A. Hoffmann e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

3.1 O conceito

Em que pese o fato de a teoria literária não contar com um conceito de literatura cunhado do modo suficientemente esclarecedor e definitivo, muitos escritores e críticos literários forjaram definições que remetem a uma noção mais ampla, vinculada àquela que caracteriza as artes em geral. Essa noção foi originariamente descrita na *Poética* de Aristóteles, indicando o sentido imitativo (ARISTÓTELES, 1996, p. 31) que as diversas formas da expressão artística tecem sobre a realidade. A partir de Aristóteles, no decorrer da história da

literatura, as interpretações variaram entre sinônimos de representação, reflexo, semelhança, cópia do real e arte da escrita.

Dentre os fatores que dificultam a formulação de um conceito único para a literatura, está a delimitação do seu campo de abrangência. Por ter origem na expressão verbal, algumas vertentes consideram que a literatura não se restringe à forma escrita. Nesse caso, estão contempladas as narrativas orais existentes em quase todas as culturas desde os primórdios da humanidade, como mostrou Antonio Candido – Lima Barreto era adepto dessa concepção. Na sátira *Os Bruzundangas*, ao descrever o modo de vida do país fictício, o escritor refere-se a sua “literatura oral e popular de cânticos, hinos, modinhas, fábulas, etc. [...]” (BARRETO, 1998, p. 32) que, mesmo menosprezada pelos literatos, é corrente entre o povo e transmitida de pai para filho. Para outro grupo de teóricos, a literatura deve ser pensada a partir da escrita grafada¹⁵. Nesse caso, toda a transmissão oral fica excluída de qualquer definição possível, restando o debate sobre quais textos podem ser validados como literários e quais devem ser afastados do ramo. A delimitação, então, se prende ao estilo da escrita. Documentos administrativos, acadêmicos, científicos e históricos, por exemplo, não podem ser considerados literários sob pena de haver conflito entre o objeto de estudo da teoria literária e os de outras ciências.

De fato, a unanimidade sempre esteve em considerá-la como pertencente ao ramo da arte, o que permite tomá-la do ponto de vista universal. Nesse sentido, a literatura integra as formas de manifestação cultural que há muito fazem parte dos modos de interação social dos agrupamentos humanos em sua busca pela humanização e harmonização da comunidade. Antonio Candido designa como literatura

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p.176).

¹⁵ Essa concepção não é detalhada aqui, por considerarmos que a celeuma pertence aos que fazem parte do círculo literário. Entretanto, esta tese alinha-se com o pensamento de Antonio Candido e Lima Barreto por entender que as narrativas orais devem ser reconhecidas como uma das formas populares de se fazer literatura.

A definição diz respeito ao caráter universal da literatura, pois inclui todas as formas de criação literária, escritas e não escritas, que o homem produz em todos os contextos de agrupamento social, desde os tempos mais remotos. A literatura em sua forma oral acompanha os homens em todas as circunstâncias de vida, independentemente de condição, localização ou contexto. Aprendidas e interpretadas desde a infância através de lendas, folclore, cânticos, anedotas, charadas, versos ou dramatizações, as formas da literatura oral são democráticas e se disseminam em todas as classes e camadas da estratificação social. Porém, em sua forma escrita, a literatura requer um leitor letrado como condição prévia à sua compreensão. Isso restringe a sua disseminação ao grupo de pessoas minimamente escolarizadas dentro da sociedade. Por isso, ela é tida por muitos como uma forma superior da expressão artística, mas nesse caso, não é democrática como a oral.

Como atividade humana atuante na humanização seja pela oralidade seja pela escrita, a literatura é indispensável para o desenvolvimento da vida humana, tanto do ponto de vista individual quanto da coletividade. Ela tem a capacidade de despertar o homem para as questões da vida e do mundo. Sua importância está ligada ao aprimoramento da capacidade individual de compreensão e interpretação de texto e ao desenvolvimento das habilidades sócio-afetivas. O conhecimento literário aumenta as possibilidades de interação dos homens entre si e com o ambiente mundano. Nesse aspecto, a literatura é

uma necessidade universal imperiosa, e porque fruí-la é um direito das sociedades, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos, ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem rendetora da confusão. [...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 180).

Como ser constituído por afetos, o homem tem necessidade de conciliar a crueza da realidade concreta com seus sonhos. Nesse sentido, a literatura é um recurso que harmoniza a convivência entre personalidades individualizadas em permanente conflito e é um campo onde é possível o alargamento das questões

éticas pelo viés da estética.¹⁶ Tocado pela literatura, o homem acessa esferas da realidade ocultas pela vida, vive aventuras e paixões, cria e recria possibilidades de vida, sem ela inimagináveis. Sofre com seu personagem favorito do romance, declama poemas de amor e de indignação social, ri da própria condição humana. Aguça a sensibilidade ao eleger os personagens com os quais simpatiza e com os quais antipatiza. Torce e se emociona com o final da história. Conhece os lugares mais recônditos do mundo e ficciona sobre a própria vida. Seja através das narrativas folclóricas que atuam na formação da identidade social de um povo, seja na informalidade humorística das anedotas populares ou na formação de um cânone literário, a literatura auxilia o homem a acomodar seus afetos e a compreender o mundo. Interfere como coadjuvante no despertar de sentimentos nobres como a compaixão, a solidariedade e a empatia, entregando ao homem a sensação de prazer. Ao participar do processo de representação e significação do mundo, faz dele um lugar mais amistoso, em virtude do que a forma literária ameniza a vida e fortalece os vínculos sociais.

A literatura possui um valor intrínseco que provoca consequências positivas nos aspectos estéticos, morais e sociais da vida. Exatamente porque se move na esfera do ficcional, participa da realidade entregando ao homem modos de saberes que não são contemplados pela ciência e pela fé, mas possibilitados pela flexibilidade da livre interpretação. Ao acessar um texto, o leitor é convidado a refletir e a ressignificá-lo conforme suas vivências e idiossincrasias. Essa organicidade da literatura é confirmada pela imortalidade dos clássicos que são continuamente revisitados e emprestados a serem objetos de releituras e adaptações aos contextos vigentes. Exemplo disso é a interpretação que Freud (1856-1939) deu aos mitos gregos quando criou a teoria psicanalítica. As adaptações livres declaram a plasticidade do texto literário aos mais diferentes tipos de expressão artística, dos espetáculos de teatro à arte de rua, passando pela dança moderna e pela ambientação ao universo juvenil. Nesse espaço, crianças e jovens podem acessar um conteúdo literário por meio de edições sucintas nas quais a linguagem é atualizada para atender a demanda.

¹⁶ Existem autores clássicos da Filosofia que teorizam sobre os entrelaçamentos da ética e da estética, desde Aristóteles, passando por Santo Agostinho até Schiller e Gadamer. A professora Nadja Hermann nos traz essas reflexões em suas duas obras, pelo menos: *Autocriação* e *Horizonte Comum* (2010) e *Ética & Educação* (2014).

Atualmente, muitos desenhos animados e jogos eletrônicos também utilizam personagens e narrativas extraídos da literatura como modo de oferecer ao público opções incrementadas de seus produtos. Isto mostra que a literatura vai ao encontro de outras esferas do conhecimento com as quais coopera e se atualiza constantemente. Nesse sentido, a diversidade inerente ao público revela a dinâmica e a organicidade que permeiam a literatura no fluxo espaço-temporal.

Assim como outras formas de expressão da arte, a literatura pode gerar sentimentos de prazer ou de dor, pois ao retratar a realidade da vida em todos os seus aspectos, o homem encontra nela o seu reflexo mais autêntico. A literatura proporciona momentos de fruição individual que se personalizam de acordo com cada leitor. Desvela e proporciona o entretenimento estimulando a saúde mental, posto que “ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (CANDIDO, 2011, p. 176). Através dos sonhos e fantasias, a realidade concreta do mundo torna-se mais suave e a esperança floresce. O mesmo pode acontecer com quem se entrega ao universo literário, posto que a literatura é uma espécie de compensação que tende a suprir algumas das necessidades espirituais do homem que foram esquecidas pela racionalidade.

Não obstante, é preciso admitir que a literatura tem seu lado sombrio. Uma obra literária é capaz de perturbar o leitor também no sentido negativo, pois a literatura “não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração” (CANDIDO, 2011, p. 176). Foi o caso da recepção do romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), escrito por Goethe. Muitos jovens alemães se identificaram com o protagonista e sua história de amor malsucedida. Instigados pelo protagonista, passaram a usar vestimentas semelhantes às que o escritor descreveu para Werther. Alguns, movidos pelo drama, chegaram ao suicídio, assim como o infeliz personagem.

Quando uma obra sai das mãos do autor e chega às do leitor, este é constantemente provocado a intervir e a refletir a seu respeito. Tomado por expectativas, conscientes ou inconscientes, satisfeitas ou não, o leitor literário subverte o conteúdo do texto submetendo-o aos seus parâmetros de

interpretação. Assim sendo, ler é um ato permeado por fatores externos ao texto do qual ficam alheios os critérios determinados pelo escritor.

A maleabilidade da obra literária permite ao leitor apropriar-se do texto na medida em que suas vivências e seus sentimentos estão presentes no ato de ler. Cada leitor percebe e interpreta o texto de modo singular, fazendo inferências e estabelecendo ligações com outras histórias e narrativas, com outras áreas do conhecimento e com sua própria história, por isso não há rigidez e unicidade quanto à interpretação de obras de cunho literário. Nesse sentido, o impacto gerado pelo texto varia em cada leitor, conforme as disposições que ele previamente carrega para o momento da leitura. A comunicação entre o texto e o leitor ocorre no âmbito do estético, do gosto pessoal e das afinidades, por isso entre o que o autor quis dizer e o que o leitor quis ou conseguiu entender, existe a interpretação. Ela se interpõe como descompasso entre a perspectiva do autor e a do leitor, mas, ao mesmo tempo, somente assim a literatura conquista aquela flexibilidade da qual os clássicos lançam mão e que possibilita frequentes adaptações e releituras.

A ligação entre o escritor e o leitor começa durante o processo de criação, quando o autor crê construir um texto dentro de critérios satisfatórios para que a mensagem que deseja comunicar encontre o destinatário certo. Nesse momento, ele tece conjecturas a respeito da compreensão que o leitor terá do texto. Contudo, entre a escrita e a leitura existe um hiato temporal que impõe o afastamento discursivo entre os interlocutores, porque diferente da conversação oral a relação entre escritor e leitor não é imediata.

A literatura encontra-se sempre no presente porque a mensagem comunicada contém em si a atualidade da palavra escrita, não porque o leitor retorne ao passado num diálogo de vozes pretéritas com o autor, mas porque o texto se apresenta a ele na contemporaneidade da compreensão. É assim que, vez ou outra, antigos textos de autores ignorados chegam a nossos dias. A força da comunicação textual é revelada pela sua perene capacidade de atualização ao encontrar um leitor. Nesse encontro, o texto assume sua existência própria e se afasta do autor.

3.2 A função

Em qualquer sentido, a dimensão social da arte e, especialmente da literatura, é manifestamente evidente pela delicada e peculiar conexão existente entre autor, obra e leitor. Essa tríade é permeada por um conjunto de variantes que envolvem fatores sociais, políticos, psicológicos, econômicos, éticos e estéticos agindo permanentemente em ambos os sujeitos e no texto. Não é possível mensurar a influência de um texto sobre o pensamento e as ações de um indivíduo, contudo, não faltam relatos de personalidades, assim como de pessoas comuns, acerca de obras que mudaram definitivamente o seu jeito de pensar, o modo como viam o mundo, os seus valores e, em decorrência, as suas vidas.

Falar da função da literatura demanda lançar um olhar sobre a história da civilização, pois é onde se encontram algumas das finalidades para as quais foi utilizada. Houve épocas em que a literatura serviu para respaldar as relações de poder estabelecidas e garantir a unidade e a harmonia no seio do grupo social. Foi assim na Antiguidade clássica do Ocidente. Os gregos amparados por seus deuses e mitos eram educados conforme os exemplos transmitidos pelas narrativas mitológicas.

Assim, os episódios da Odisséia, cantados nas festas gregas, reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura (CANDIDO, 2006, p. 54).

Dessa forma, a dinâmica necessária para conservar a estabilidade das relações de poder era repassada de geração a geração. Para o homem grego, a vida era intimamente compartilhada entre deuses e humanos num transcurso que se moldava aos limites dessa estabilidade que impedia a fragmentação do grupo social. Ao assimilar as relações que mantinha com o Olimpo, ao mesmo tempo, o grego interpretava como legítimas as relações de poder entre os homens e aceitava as diferenças vigentes no meio social. Mas, para o povo, os versos de Homero diziam muito mais do que apenas sobre o estabelecimento das normas

de poder. A *Odisseia* transmitia toda a tradição cultural, os ensinamentos religiosos, morais e estéticos do mundo helênico. Seu papel educativo estava ligado à função de formar o homem grego, que ciente de sua origem e de seus deveres, tornava-se apto para a vida comunitária. Como resultante, o orgulho de ser grego estava diretamente ligado a regras de conduta que os faziam sentirem-se únicos perante outros grupos e povos.

Na era moderna, a literatura assumiu outros aspectos que se fortaleceram com o surgimento do Romantismo. A leitura individual passou a ter um papel relevante no modo de vida, aproximando-se mais dos efeitos que preponderam na atualidade. De um lado, a necessidade humana de sentir prazer em reverência ao belo foi acentuada. De outro, as ações práticas de intervenção com vistas a encorajar transformações sociais foram incentivadas. Diferente do caráter fortalecedor de união do grupo, como acontecia no mundo helênico, a ruptura com padrões impostos pela tradição tornou-se um ingrediente indispensável ao texto.

O advento da imprensa propiciou a propagação do livro impresso que passou a ser uma fonte de lazer individual e para pequenos coletivos (CAVALLO; CHARTIER, 1998). Mesmo com a maioria da população analfabeta, o hábito da leitura ganhava força pela figura do leitor público que realizava leituras em voz alta durante as reuniões de família e em espaços como bibliotecas, salões e associações literárias que convidavam o público letrado e iletrado para as audições. Nessa perspectiva, o princípio da congregação entre as pessoas se manteve como uma das funções da literatura no sentido de garantir que o prazer do texto não fosse isolado. Contudo, o propósito já não equivalia ao da Antiguidade, porque a coesão ficava restrita a um número pequeno de expectadores cuja identidade individual prevalecia em relação ao grupo.

Em ambos os casos, a função social da literatura expressa-se por meio das relações sociais construídas em torno da mensagem transmitida pelo texto e da assimilação desta pelo leitor-ouvinte. Entretanto, o leitor público moderno não estava comprometido com a comunidade, como no caso do aedo e nem possuía o mesmo nível de autoridade. Sua estima limitava-se ao fato de ser detentor de uma habilidade que os outros não possuíam, não por natureza ou por atribuição divina que tenha sido confiada somente a ele, apenas porque a capacidade de ler

ainda não havia sido desenvolvida pelos demais. A função do leitor público estava mais próxima das atividades profissionais do mundo moderno do que da nobre função do aedo. Como consequência da ampliação do número de leitores ocorrida com o passar dos anos, a leitura tornou-se um ato eminentemente solitário e privado fazendo desaparecer de vez a figura do leitor público.

A partir do momento em que o letramento atingiu a maioria das pessoas, a ligação escritor-texto-leitor revelou seu caráter indissociável, pois o código (letras, palavras e frases), antes indecifrável para muitos, passou a ser de domínio comum e facilmente decodificável. A forma pela qual a mensagem transmitida pelo escritor chega ao leitor não necessita mais de intermediários exteriores ao trinômio. O texto torna-se a única via que coloca escritor e leitor em contato direto um com o outro, o que promove a difusão mundial da literatura.

A forma escrita da literatura coloca a interlocução na forma sublime do diálogo entre escritor e leitor. Na conversação oral, a presença dos interlocutores faz com que a mensagem transite de forma sincrônica entre emissor receptor. A audição do ouvinte capta imediatamente o que o falante diz. Com a palavra escrita, a interlocução deixa o âmbito do aqui e agora para se realizar entre passado e presente. A anterioridade da escrita a projeta para o momento futuro da leitura. Mas o futuro é o tempo que nunca chega, porque se presentifica na leitura. Cada vez que um texto é lido, ele é atualizado e se liberta dos limites do tempo.

Sob a forma da escrita, todo o transmitido está simultaneamente aí para qualquer presente. Nele se dá uma coexistência de passado e presente única em seu gênero, pois a consciência presente tem a possibilidade de um acesso livre a tudo quanto se haja transmitido por escrito (GADAMER, 1999, p. 568).

Presentificada pela consciência leitora, a mensagem escrita se desprende de sua autoria e se coloca em disponibilidade permanente. Assim, o texto se constrói e se reconstrói, não como o passado que retorna, mas como atualidade que sobrevive ao tempo para se realizar no presente. Pelas mãos do leitor, a leitura traz realidade e atualidade à escrita passada.

3.3 O papel do escritor

Todo escritor, ainda que escreva sobre o passado ou ficcione sobre o futuro utiliza referências de seu tempo, porque quem escreve não passa como folha em branco pelo contexto social e histórico nos quais está inserido. Diante disso, Sartre alerta que a tarefa primeira do escritor “é representar o mundo e testemunhar sobre ele” (SARTRE, 2015, p. 227). Seja para afirmar ou para negar o que está posto, o escritor tem por dever revelar a realidade e desnudar o que está oculto, fazendo aflorar a verdade do mundo e da vida e dando-a a conhecer ao público.

A mensagem que o texto comunica ao leitor não é neutra, porque assim como o leitor, o escritor também deposita em sua escrita as impressões agenciadas pelas suas vivências e idiossincrasias. Como fruto de seu tempo, coloca em sua arte as marcas da época vivida que podem ser repetidas ou sutilmente remodeladas, convertidas ou transformadas em sinais que atendam os requisitos exigidos pela comunicação em suas variadas formas. Os seus objetivos e as suas intenções são projetados no texto de forma clara e direta ou disfarçada. Por esse motivo, o mais implacável escritor precisa fazer uso de uma linguagem inteligível que transmita a mensagem que a literatura, caracterizada como a arte de comunicar pela escrita, deseja enviar. De acordo com Antonio Candido,

[...] há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc. (CANDIDO, 2011, p.182).

Desse modo, as intenções de quem escreve podem ter em vista os indivíduos isoladamente, alguns grupos ou a sociedade em geral. Se a pretensão se sobrepuser, tentará atingir concomitantemente todas essas categorias. O impacto gerado pelo texto em quem lê pode variar de uma pessoa para a outra, mas as impressões que o autor desejou comunicar são as mesmas, pois ao escrever, antecipou mentalmente o seu leitor. Nesse momento, o leitor era apenas uma representação abstrata daquilo que o autor gostaria de ter no receptor de sua mensagem. É o que Umberto Eco chama de Leitor-Modelo (ECO,

1979, p. 39), porque corresponde exatamente ao ideal projetado pelo escritor, quer dizer, ao tipo de receptor que compreende o texto tal como o esperado e reconhece os temas abordados, a linguagem utilizada, o estilo da escrita e o significado da mensagem como legítimos. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que todo texto almeja ser lido por alguém, de modo que o leitor se configura como a pessoa concreta encarregada de atualizar e ressignificar a mensagem sem, contudo, fazer dela o que bem entende. A livre interpretação permite ao leitor atribuir sentidos diversos a um texto e ao mesmo tempo solicita respeito aos limites definidos pela honestidade e boa-fé. Isso implica em não despersonalizar a autoria do texto com interpretações que sejam demasiadamente desviadas das intenções de quem o escreveu, pois o autor está inexoravelmente comprometido com as ideias, crenças e ideologias que depositou no texto, intencionalmente ou não. As consequências advindas da mensagem transmitida não podem ser afastadas da consciência que tinha durante o ato de escrever, mesmo que supostamente para um leitor imaginário. Independentemente da intensidade das suas intenções e da reação do leitor ao se deparar com o texto, o escritor sempre será inteiramente responsável pela redação daquilo que publica.

Afirmar que o escritor é fruto do seu tempo e do meio no qual está inserido não significa ignorar que existem exceções. Estas representam aqueles que estão um passo à frente do seu tempo e surpreendem pela capacidade de associar o desprendimento da realidade imediata com a lucidez em relação a mesma e suas possíveis projeções. Por vezes, são mal compreendidos pelos que não atingiram o mesmo patamar, como foi o caso de Rousseau, por exemplo. Em autodefesa, disse o genebrino que “Quando se quer viver para além de seu século, não se deve escrever para tais leitores” (ROUSSEAU, 1973a, p. 339). Referia-se às tantas críticas direcionadas ao seu *Discurso* premiado, que desagradou intelectuais e público leitor do século XVIII para ser reconhecido, definitivamente, como uma obra relevante e de conteúdo pertinente somente no século XX. Os estudos de Cassirer (1874-1945) e Boaventura de Sousa Santos certificam a atualidade da filosofia rousseuniana para a epistemologia da ciência ao traçar limites para a utilização dos métodos e processos científicos.

No caso de Rousseau, a mensagem do *Primeiro Discurso* atravessou os séculos e chegou, mesmo ao século XXI, ainda com um comunicado importante a

transmitir: que os objetivos da ciência devem estar em consonância com o bem-estar humano. Embora o *Primeiro Discurso* não seja uma obra eminentemente literária, pois insere-se no campo da filosofia, serve como exemplo da função da literatura que se realiza pela estrutura formal da escrita. Somente por meio dela, um texto criado num cenário circunscrito há trezentos anos repercute no mundo hodierno. Por isso, “não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, [...] ela só está acabada no momento em que repercute e atua” (CANDIDO, 2006, p. 31) mostrando os efeitos que produz no leitor e no mundo.

Como processo de comunicação, a literatura demanda que a relação entre escritor, texto e leitor se equipare ao substrato comunicante-comunicado-comunicando. A partir dessa relação, é que a comunicação da mensagem gera no leitor um efeito que sofre a influência das percepções que carrega devido às condições específicas de vida que teve até então. Isso significa que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1982, p. 11). Este fluxo entre leitura do mundo e leitura do texto é permanente e constitui a estrutura do ato de ler e do desenvolvimento das capacidades de compreensão e interpretação do texto. O movimento dinâmico entre mundo e texto suscitado pela leitura coloca o escritor, que por intermédio do texto assumiu a missão de comunicante da mensagem, à disposição da análise que o comunicando realiza. Texto e autor, lado a lado, submetem-se ao enfrentamento da apreciação que o leitor formula sobre ambos para chegar a conclusões próprias e, então, acolher ou desprezar determinada obra.

3.4 O papel do leitor

A palavra leitor designa não apenas o indivíduo que lê, mas considerada em conjunto, também o grande público. Neste, encontram-se as pessoas comuns para as quais a atividade da leitura é um hábito ou prazer ou ambos, e com elas os profissionais como professores, escritores, críticos literários, jornalistas e intelectuais de diferentes áreas que necessitam do texto como um instrumento em sua rotina de trabalho. Apesar da qualificação do leitor, a sua condição na

tríade é de receptor da mensagem, não importando nesse primeiro momento as impressões causadas pelo texto.

Os estudantes também são leitores, se não de literatura, de textos didáticos e acadêmicos. Até as crianças em tenra idade escolar são leitoras, já que o “ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1982, p. 5) abrange não apenas a palavra escrita, mas também símbolos, formas e imagens que a curta vivência infantil captura, proporcionando à criança o desenvolvimento do mesmo exercício praticado pelos adultos no ato da leitura. Desse modo, é possível dizer que o exercício de reflexão e interpretação textual transcende a decodificação da palavra escrita.

As condições que dizem respeito ao leitor afetam o significado do texto, porque ele é o intérprete que dá vida a cada uma das palavras que o compõe concretizando seu significado no tempo e no espaço. Uma obra, um texto, uma narrativa oral a cada vez que é lida ou ouvida, é reinterpretada por quem a recebe. Provoca efeitos diferentes em cada pessoa e na mesma pessoa a depender da ocasião e do quanto é revisitada. Provoca efeitos diferentes em gerações diferentes e, se exportada ou traduzida para outras culturas, seguem-se também efeitos diferentes. O leitor, enquanto parte receptora do processo comunicativo formado entre ele, a obra e o autor, é constantemente desafiado a fazer interpretações, significando e ressignificando o texto no tempo e no espaço ao qual se lança. Ler não é meramente um ato mecânico de decifração de códigos. Ler é construir sentidos para si e para o mundo, é

antes mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, quer se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um projeto (FOUCAMBERT, 2008, p. 63).

Cada leitor formula seu projeto a partir de necessidades que podem ser originariamente voluntárias, por serem fruto da própria escolha ou forçadas quando se tem em vista, por exemplo, a obtenção de um diploma, no caso da leitura de textos acadêmicos. Ao ler, o leitor reforça suas capacidades cognitivas

e lúdicas indispensáveis ao próprio ato da leitura e à interpretação. A questão é que, em qualquer circunstância, o leitor é agente do processo e não uma simples peça que compõe a engrenagem sem interferir no seu funcionamento.

A literatura faculta ao leitor a oportunidade de penetrar no texto tal como alguém que embarca numa viagem cheia de aventuras. Durante o ato da leitura, o leitor se apropria do texto, cria com ele uma espécie de intimidade a qual nem mesmo o autor tem acesso. De um lado, o conteúdo do texto o conduz a uma interpretação preestabelecida, que foi colocada ali pelo autor. De outro, há uma dimensão da interpretação que pertence somente a quem lê. O leitor é chamado a cooperar com o texto para que este adquira atualidade e se aproxime da completude. Faz parte do papel do leitor utilizar dispositivos que, associados à expectativa que antecede à leitura, facilitem a sua capacidade interpretativa e o emprego da reflexão crítica. Sob esse aspecto é, propriamente, a relação do leitor com o texto que o faz existir enquanto mensagem. Um texto que nunca foi lido é como uma mensagem que não encontrou seu destinatário. Somente o ato da leitura faz um texto ser exatamente o que é, uma mensagem escrita dirigida para um leitor.

3.5 Literatura militante: conversando com Sartre

Sobre a função da literatura, Lima Barreto afirmava como precípua a comunicação. Ao comunicar, a literatura é capaz de gerar entendimento entre os homens e fortalecer o sentimento de solidariedade no intuito de promover o progresso e a felicidade (BARRETO, 1956f, p. 190) tão desejados por todos, essa é sua missão. Recusava-se a aceitar que alguns de seus coetâneos, literatos famosos, pregassem o estreitamento do conceito de literatura e sua elitização. Por convicção e rebeldia, sua escrita fugia ao clássico e para os intelectuais da época beirava o vulgar. Sem levar em conta o gênero, tantos em romances, contos ou crônicas, a opção do escritor pela simplicidade estava ligada justamente à necessidade de comunicar-se e fazer-se entender por meio do texto. Contraditoriamente ao julgamento dos críticos, suas crônicas tratavam de temas tão variados que não seria possível classificá-las de ordinárias. Ao mesmo tempo em que traziam assuntos do cotidiano, carregavam também informação e

conhecimento aos leitores com noções sobre filosofia, sociologia, política, matemática, história, geografia e todo tipo de conteúdo do conhecimento humano. Da mesma forma, os romances e contos, embora destinados a um público menos amplo que o das crônicas publicadas diariamente em jornais, também entregam ao leitor uma variada gama de conhecimentos que ultrapassam a superfície do que poderia ser esperado pela sugestão do título ou do tema abordado. Nesse sentido, nota-se o comprometimento do autor com a literatura e com o leitor como se cumprisse um papel intermediário entre ambos, pois jamais se permitia desrespeitar ou dificultar o propósito maior da comunicação para o qual a definição de literatura está propensa.

O comprometimento de Lima Barreto com sua escrita e com seu tempo o fazia capaz de observar o mundo real, indagar sobre a importância da literatura e sobre a sua responsabilidade como autor perante a sociedade. É essa postura que pode ser chamada de respeitosa diante da literatura e do outro enquanto constitutivo do ser social e que remete ao conceito de engajamento na perspectiva concebida pelo filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Sartre recebeu muitas críticas em relação a sua postura política, principalmente por sua ligação com o partido comunista. Não era esse o caso do escritor brasileiro, que não era filiado a nenhum partido político, entretanto sua participação na Igreja Positivista quando jovem já anunciava o interesse por assuntos de cunhos social e político. Posteriormente, sempre iluminado por sua sinceridade e honestidade, a orientação política do literato tornou-se bem evidente na medida em que externava simpatia pelos russos e pela Revolução de 1917, assim como também não escondia o flerte com o anarquismo, defendendo o movimento toda vez que a oportunidade se apresentava.

Com o objetivo de responder às críticas sobre seu engajamento político, Sartre publicou, em 1947, *Que é a literatura?* para tratar dos conceitos de literatura e de engajamento. Como no título, os capítulos são dispostos em questões a serem respondidas. São interrogações que encaminham para a reflexão acerca do autor e sua escrita e do leitor e sua capacidade de compreensão e interpretação textual. No prefácio que dedicou a uma certa Dolorès, o existencialista afirma:

[...] O fato é que se lê mal, afoitamente, e se julga antes de compreender. [...] Já que os críticos me condenam em nome da literatura, sem nunca explicitarem o que entendem por literatura, a melhor resposta que lhes posso dar é examinar a arte de escrever, sem preconceitos. Que é escrever? Por que escrever? Para quem se escreve? Aliás, parece que ninguém jamais levantou essas questões (SARTRE, 2015, p. 5).

As palavras de Sartre vão além do conceito de texto literário que, pela sua versatilidade, é mais propenso às críticas superficiais e interpretações equivocadas. Dizem respeito à interpretação de todos os tipos de texto. No diálogo com seus críticos, o filósofo existencialista pode constatar que o ato de ler está sujeito a falhas relacionadas à interpretação da linguagem e a concepções morais. Muitos leitores não conseguem atingir a maturidade necessária para uma leitura linguisticamente bem estruturada e eticamente receptiva. Especialmente os críticos literários deveriam ficar sempre atentos aos desvios de interpretação causados pelos preconceitos e pelos sentimentos pessoais que circundam o ato de ler.

De sua parte, o escritor brasileiro em seu *Diário Íntimo* já assumia uma posição muito clara em relação ao trabalho do crítico literário.

Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro.

[...]

Em resumo, se o crítico ama as coisas do pensamento, e sobretudo estas, deve ter sempre em mira a sua prosperidade; e, creio, a injúria não é o melhor meio para obtê-la (BARRETO, 1956c, p 56).

A compreensão de que livros ultrapassam o dualismo medíocre dos críticos de ocasião remete à importância da literatura na visão de Lima Barreto. A reflexão perpassa a relação entre conhecimento e ética profissional. Não é possível fazer uma crítica eficaz a um assunto sem conhecê-lo bem e menos ainda tentar atingir seu autor por questões alheias ao exposto no texto, como alguns contemporâneos do literato tinham por praxe fazer.

Três questões que estão colocadas no primeiro capítulo do livro são primordiais na visão do existencialista: Com que finalidade você escreve? Que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo

com esse desvendamento? e por que você falou disso e não daquilo, e já que você fala para mudar, por que deseja mudar isso e não aquilo? (SARTRE, 2015). Com essas interrogações, Sartre quer dialogar diretamente com aquele que escreve, nomeadamente com o escritor da prosa porque seu modo e sua intenção ao lidar com as palavras são diferentes do poeta, ao qual não se aplica essa reflexão.

À finalidade do ato de escrever, Sartre subordina a necessidade da comunicação através do meio especial, que é a escrita. Somente a literatura, especificamente a prosa, utilizando-se da palavra, é capaz de aludir a um objeto extrínseco. Diferente dos poetas que consideram as palavras como coisas, o escritor prosador trata a palavra como signo, isto é, como representação do objeto. Ao utilizar a palavra como representação, a prosa afasta-se das demais artes e o escritor se distingue do poeta que vê nestas o objeto de sua arte, por isso “A prosa é utilitária por essência; eu definiria de bom grado o prosador como um homem que se serve das palavras. [...] O escritor é um falador, designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua” (SARTRE, 2015, p. 26) de modo que influencia o leitor e intervém na realidade. Quando isso acontece, o engajamento literário está sendo posto em prática.

Ao descrever uma cena, um cenário ou acontecimento, o escritor necessariamente apresenta ao leitor o modo como vê o mundo, que pode ser alegre, triste, luxuoso, pobre, humilde, rebelde, amoroso, rancoroso, etc. Nisso consiste a interpelação. Se um escritor descrever um casebre, ele possivelmente falará de seu interior. Talvez, ele escreva sobre goteiras em dias chuvosos, o vento frio no inverno adentrando pelas frestas, a escassez de alimentos e tudo mais. Outro, pode apenas descrever os pensamentos e sentimentos de um pai lenhador que, mesmo com as dificuldades da vida, sinta-se feliz por sua família. Ou, ainda, retratar a mãe, dona de casa, assando pão e passando café para o lanche da tarde, com a pequena casa limpa e carinhosamente organizada. As crianças, felizes, brincando com os animais ao redor da casa e a noite ouvindo histórias contadas por seus pais. São duas descrições diferentes, mas não isentas. Ambas tentam persuadir e seduzir o leitor. Denotam as visões de mundo de cada escritor, mas é preciso considerar que a verdadeira missão do prosador é “[...] desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a

fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, sua inteira responsabilidade” (SARTRE, 2015, p. 29). Por isso, o uso instrumental da linguagem que referencia os objetos é fundamental no processo de comunicação. A escrita, utilizando-se da linguagem, preserva a função da possibilidade de comunicação entre os homens, portanto, encontra-se no campo da ação e da intervenção, distante da contemplação.

Da mesma forma que para o existencialista francês, para o escritor brasileiro, a função da literatura possui uma motivação de cunho antropológico que se revela como atividade prática. Ao criticar o ambiente literário brasileiro do começo do século XX, Lima Barreto sinaliza para a compreensão da literatura como intervenção e ação no âmbito social visando transformação.

Não posso compreender que a literatura consista no culto ao dicionário; [...] não posso compreender que ela não seja uma literatura de ação sobre as idéias e costumes; [...] não posso compreender que ela se desfaça em ternuras por Mme Y, que brigou com o amante, e condene a criada que furtou uns alfinêtes... (BARRETO, 1956f, p. 261).

As palavras acima revelam que Lima Barreto esperava da literatura um benefício efetivo para a sociedade. Isso não significa que o escritor desdenhasse as regras da gramática e, menos ainda, os clássicos da literatura mundial. Sua objeção à des-contextualização da literatura assinala que, para ele, existia um modo de fazer literatura que ignorava qualquer definição do que fosse literatura e outro que era condizente com o que ela realmente significava. Vale lembrar que, em qualquer dos casos, todo tipo de texto publicado era considerado literário, então, não se trata de uma observação com base em juízos estéticos, se aproxima mais de uma razão ética como norteadora do exercício profissional a que cada um se propõe enquanto membro de uma sociedade. Nesse caso, o escritor cumpre a inexorável função social de comunicar aos demais aquilo que não pode permanecer velado, necessitando tornar-se aparente a todos. Por meio daquele que escreve, a quem Sartre chama prosador, a literatura tem a função reveladora (BARRETO, 1956f, p. 168) de eliminar as fantasias e mostrar o ser humano e o mundo aos homens para que estes sejam compelidos ao bom senso. Não é da alçada da literatura interferir na vida privada de Mme Y com o amante, mas se uma criada que furtou uns alfinêtes foi condenada, está no campo de

ação da literatura questionar a estrutura e o ordenamento sociais em torno dos quais ocorreram os fatos e a própria condenação e não apenas reprimir a sentença.

Lima Barreto, quase que diariamente, publicava crônicas com suas impressões a respeito da vida e do mundo. Militante das letras, desvendava o mundo ao leitor posicionando-se com clareza em relação a fatos e acontecimentos, mesmo quando a polêmica acompanhava o argumento e desagradava aos que não aceitavam ou preferiam evitar o engajamento no espaço literário. Seus romances e contos perseveraram na crítica social indicando que o questionamento e a reflexão são componentes essenciais da elaboração literária. A crítica incisiva aponta diretamente para os valores que envolvem o conhecimento verdadeiro e a aceitação social da velha e distorcida polidez burguesa que se tentava importar da França naquele momento histórico. Não obstante os assuntos nacionais fossem sempre de seu interesse, a história e a conjuntura mundiais também lhe traziam gosto. Sempre que possível, atualizava a leitura dos jornais estrangeiros e buscava notícias com quem mantinha correspondência de amigos no exterior. Assim, usufruindo do resultado da comunicação proporcionada pela escrita, o escritor que saiu da cidade do Rio de Janeiro apenas uma vez na vida para repousar em Marissol, pequena cidade do interior de São Paulo, conhecia o mundo inteiro e mantinha-se atualizado e atuante como cidadão do mundo e como literato.

Unir os homens em comunicação e revelar o mundo são duas das mais belas funções da literatura. Tanto o escritor brasileiro quanto o francês acreditavam que, entre o autor e o leitor, há uma relação entremeada pelo processo do desvendamento por meio do qual as transformações acontecem. O escritor engajado tem consciência dessa relação e do significado das suas ações perante o público, importa-se com a consequência das palavras ditas através do seu texto e, acima de tudo, sabe que, quando escreve, do outro lado, o há um interlocutor que, via de regra, não poderá entrar em franca conversação com ele. Portanto, do lado do leitor, existe um enfraquecimento do poder de refutação e um aumento da tendência à aceitação tácita daquilo que foi escrito.

Sem dúvida, o escritor engajado pode ser medíocre, pode ter até mesmo consciência de sê-lo, mas como não seria possível escrever sem o propósito de fazê-lo do melhor modo, a modéstia com que ele encara sua obra não deve desviá-lo da intenção de construí-la como se ela devesse atingir a máxima ressonância (SARTRE, 2015, p. 29).

Nem mesmo a essência da mediocridade pode eximir o escritor da responsabilidade que lhe é exigida a partir do momento em que decide escrever. A atitude de comunicar-se pela escrita articula-se como um compromisso de honra para com a sociedade; por isso, o engajamento requerido pela literatura refere-se ao humano e suas circunstâncias no mundo. Isso significa que há uma função social que pertence estritamente ao prosador. Trata-se de verificar o trinômio mundo – escritor – leitor, entendendo o primeiro como objeto extrínseco a ser pensado, o segundo como intermediário, intérprete e comunicador, e o terceiro, como receptor da mensagem, não simplesmente passivo, também sujeito independente e responsável. Nessa tríade, cabe ao prosador realizar a mediação onde mundo e leitor se encontram, porque “O escritor é mediador por excelência, e seu engajamento é a mediação” (SARTRE, 2015, p. 67). É desse modo que o mundo é revelado e desvendado para todos os que tiverem sido atingidos pela ressonância daquele que se propôs a escrever.

Desde o início do século XX, antes de Sartre explicar o sentido do termo engajamento na literatura, a expressão “Literatura Militante” vinha sendo bastante difundida e não passou despercebida pelo brasileiro. Em setembro de 1918, Lima Barreto contestou um artigo em que Carlos Malheiro Dias (1875-1941) negava o caráter militante da obra de Anatole France (1844-1924). Seu artigo intitulado *Literatura Militante*, publicado no periódico *A. B. C.*, refutou a concepção de Malheiro Dias afirmando que “Tôdas, ou quase tôdas as suas obras, se não visam uma propaganda de um credo social, têm por fim um escopo sociológico. Militam” (BARRETO, 1956f, p. 72). O texto segue trazendo outras referências do cânone literário para dar suporte ao seu argumento e também declarar sua adesão à militância literária. Lima Barreto acredita que com o declínio do poder religioso, cabia à arte estimular o amor e a solidariedade entre os homens e que, somente assim, a literatura cumprirá o seu fim que é colaborar para que o homem alcance o progresso, a paz e a felicidade. Adiante, esclarece que o termo “militante” tem origem na literatura francesa e serve para distinguir a escrita

contemplativa dessa que se interessa pelo destino da humanidade, o que o faz usar o termo com tanta frequência.

Outra manifestação do engajamento barretiano pode ser lida em *O Destino da Literatura*, publicado cerca de um ano antes de seu falecimento, em 1921. O texto é fruto de uma conferência escrita durante sua estadia em Marissol e seria proferida na cidade de Rio Preto, também no estado de São Paulo, mas o escritor não compareceu ao evento (BARBOSA, 2017). A apresentação tem como foco defender a função social da literatura e o seu caráter eminentemente militante. Através do pensamento de grandes personalidades como Taine (1828-1893), Brunetière (1849-1906) e Guyau (1854-1888), Lima Barreto convida o público a refletir sobre a contribuição da literatura para a humanidade. Tratando-a como um ramo da arte, explica que “o fenômeno artístico é um fenômeno social e o da Arte é social para não dizer sociológico” (BARRETO, 1956f, p. 56) porque em todos os casos, o fazer artístico não pode ser desvinculado do conjunto das atividades que buscam promover o bem e a felicidade dos homens. O papel social da arte concretiza-se pela tendência à universalidade, que a faz romper com os limites da comunicação entre os diferentes povos, “especialmente a Literatura [...], mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade” (BARRETO, 1956f, p. 66) que de tempos em tempos atravessa crises onde a dor e o sofrimento sobrepõem-se ao desenvolvimento da civilização. A literatura é a mensageira que concede aos homens a oportunidade de ver no seu semelhante aquilo que ele mesmo é e assim, reconhecendo no outro suas próprias virtudes e vícios, o bom senso o leva a ser mais tolerante com o próximo e a refletir sobre sua responsabilidade como membro de um grupo social ou comunidade, como cidadão e como ser humano que, juntamente com as outras espécies animais, habita o planeta Terra. Se a missão ou destino da literatura é ajudar os homens a alcançar os ideais de paz, justiça social e progresso, cabe a cada envolvido no processo usar de sua inteligência para não barrar o fluxo da comunicação entre o autor e o leitor porque somente assim, a mensagem poderá ser transmitida e atingir seu objetivo.

O escritor é o mediador (SARTRE, 2015) entre o destino da literatura e o maior número de pessoas possível. Quanto mais leitores um escritor conseguir

atingir com seu texto, mais normal e menos restrita será a literatura, pois seu destino “é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos” (BARRETO, 1956f, p. 68) espalhando pelo mundo a esperança na conquista de uma vida melhor, mais justa e feliz para todos os seres humanos.

Voltando a Sartre, quando a questão é *Por que escrever?*. A resposta aponta para as relações entre escritor e leitor uma vez que escrever é “ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como tarefa à generosidade do leitor” (SARTRE, 2015, p. 54) e ler é “um pacto de generosidade entre o autor e o leitor, cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo” (SARTRE, 2015, p. 51). A generosidade representa o elo entre escritor e leitor na medida em que o primeiro sabe que deve solicitá-la enquanto o segundo sabe que precisa colocá-la à disposição quando seu olhar encontra o texto. Se o filósofo está certo, pode ter sido exatamente isso que levou Lima Barreto a confiar que poderia desafiar a tradição literária em sua forma de escrever: ser generoso e confiar na magnanimidade do leitor, porque ainda conforme a interpretação sartriana, a literatura por si

[...] é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas presenças, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores. Somente essa pessoa se entregará com generosidade; a liberdade atravessa de lado a lado e vem transformar as massas mais obscuras de sua sensibilidade (SARTRE, 2015, p. 47).

Atribuindo ao leitor a responsabilidade de estar atento à mensagem do texto e de reconhecer-se como parte integrante da literatura, Sartre estende ao leitor a necessidade de engajamento. Não o partidário, mas o engajamento do homem para com o humano e suas múltiplas circunstâncias “Pois o tema da literatura sempre foi o homem no mundo” (SARTRE, 2015, p. 126). Obviamente, Lima Barreto não soube do existencialismo, contudo sua sensibilidade alcançou o significado do engajamento e da contribuição da literatura para a vida, o que pode ser verificado por toda a sua obra.

3.6 Romantismo: um movimento que deixou raízes

Desde suas primeiras manifestações, literatura e filosofia estiveram juntas formando o mote que deu impulso ao romantismo que despontaria através do movimento *Sturm und Drang* (*Tempestade e Ímpeto*) que teve em Goethe (1749-1832) um de seus principais representantes, para florescer definitivamente com o trabalho dos irmãos Schlegel e seus amigos de Jena. Ao publicar *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), Goethe trouxe à luz o sentimento de uma geração que se opôs às premissas do Iluminismo francês e prenunciou a chegada de um novo modo de pensar a vida e o mundo, antecipando um movimento que dominou a Alemanha no século XIX e deixou suas marcas em todo o Ocidente até os nossos dias.

O impulso psicológico traduzido pelo *Sturm und Drang* que agitou Goethe manteve-se por toda a época romântica animando seus adeptos, os herdeiros indiretos da filosofia iluminista. Paradigma do século XVIII, o Iluminismo orientou a mente dos europeus com a promessa de que a autonomia humana viria através da razão e relevou o expurgo dos sentimentos e emoções a algum canto, onde não pudessem ameaçar a racionalidade com seu formalismo e suas limitações de ordenamento. Não havia espaço para o indefinido, para o obscuro ou para o incompreensível. Aquilo que não estava ao alcance da razão não existia para o mundo humano e, portanto, não fazia sentido, assim como as questões metafísicas jogadas por Kant (1724-1804) no limbo do conhecimento.

A Revolução Francesa, abraçada ao Terror, foi o desfecho da tão sedutora proposta da *Aufklärung* equivalendo ao patético fracasso do seu modelo de racionalidade. A promessa das luzes que levariam o homem à autonomia e ao progresso tornou-se amarga e entristeceu o espírito humano causando perturbação e ansiedade na medida em que compreender a realidade exigia muito mais do que enquadrar o mundo e a vida conforme as disposições da razão. Nesse contexto, o Romantismo foi reação ao vislumbrar a evolução que tolhia parte fundamental do humano no homem, o sentimento. Curiosamente, é na Alemanha e não na França que a modernidade começa a pensar-se a si mesma. Nos primeiros sinais de rebeldia, a coruja de Minerva alça voo até Paris e retorna a sua toca a fim de proceder o bom filosofar.

Vários foram os motivos que levaram os alemães e não os franceses a promoverem um movimento que fazia frente à tradição iluminista. Aqui, cabe destacar a decepção com os ideais frustrados do paradigmático Século das luzes e a conseqüente sensação de tédio, do vazio mesclado com a ansiedade que inundava o coração e a alma dos românticos. Levados foram a buscar um novo caminho. Primeiro, constatando que a realidade talvez não fosse tão verossímil quanto parecia. A partir daí, elaborando uma crítica construtiva para a proposição de um novo direcionamento cuja via poderia ser estética ao invés de puramente racionalizada.

Tendo em vista a relevância para a estruturação da consciência coletiva moderna, o Romantismo em nada perde para o Iluminismo no que diz respeito à determinação de seus objetivos e cumpre o papel que este havia sonegado ao reconhecer o outro lado da vida, valorizando os sentimentos humanos mais profundos e rechaçando as concepções burguesas de bem viver. Mais que tudo, o romântico deseja uma vida autêntica. Não suporta a hipocrisia, não se identifica com as frágeis aparências de felicidade impostas pela sociedade e não se rende ao conformismo.

Nesse aspecto, a juventude representa melhor o romantismo. É o ímpeto do jovem que o impele a buscar uma vida verdadeira, diferente da vida acomodada do burguês que satisfaz os requisitos sociais sobre vida e valores já estabelecidos. A ele, os românticos chamavam filisteus, porque “dedicando-se completamente à utilidade” (SAFRANSKI, 2010, p. 182) simulavam felicidade. São homens maduros, bem posicionados socialmente, preocupados com bens materiais e dinheiro. Contentam-se em aparentar o que esperam deles, mas não são felizes e também não sabem que não o são, nem verdadeiros. Se possuem algum conhecimento, este é superficial, se admiram alguma arte, é da banalidade que falam. Contra esse estilo de vida, o romântico rebela-se e empenha suas forças em sentido contrário.

A fase inicial do Romantismo correspondeu ao seu período mais intenso, quando o grupo de Jena composto pelos jovens estudantes universitários liderados por Friedrich Schlegel (1772-1829) promoveu estudos sobre teoria literária e filosofia. Criaram suas próprias obras e se ocuparam do debate sobre a *Querela entre os antigos e os modernos* que desde o século XVII os intelectuais

tentavam resolver – A importante distinção entre clássico e romântico é fruto dos estudos dos irmãos Schlegel. Esse ciclo originário durou poucos anos e recebeu a denominação de “primeiro romantismo”. De acordo com Medeiros

O primeiro romantismo alemão ou *Frühromantik*, como é conhecido o movimento que se inicia a partir do intercâmbio cultural que acontece nos últimos anos do século XVIII, pode ser considerado uma espécie de concretização da revolução estética que Friedrich Schlegel buscava realizar (MEDEIROS, 2015, p. 64).

Do primeiro romantismo, foram protagonistas os irmãos Karl Wilhelm Friedrich Schlegel e August Wilhelm Schlegel (1767-1845). Juntamente, estiveram Novalis (1772-1801), Tieck (1773-1853), Schleiermacher (1768-1834) e outros, entre filósofos, críticos literários, poetas, escritores e músicos, formando o que se poderia chamar de uma escola de pensamento. Através do enfrentamento ao padrão vigente que assentava o pensar e o viver nos rígidos princípios da razão, buscaram um novo paradigma de viés estético para vigorar no mundo ocidental. Isso não significava sabotar ou excluir o pensamento racional dominante para tornar o irracional o novo modelo. Antes, estava mais próximo de uma tentativa de ajustar ou corrigir uma falha detectada como algo que escapou ao Iluminismo e que, incentivado pelo olhar estético, poderia ser recuperado.

No curto espaço de tempo em que vigorou o primeiro romantismo, suas ideias foram disseminadas pela publicação da revista *Athenäum* editada pelos irmãos Schlegel, no período de 1798 a 1801. Foi o suficiente para germinar a semente do Romantismo e fazê-lo espalhar-se ganhando adeptos pelo mundo, tanto na literatura quanto na filosofia. Nesse espraiar-se mundial, o Romantismo assumiu características distintas enquanto movimento literário ou filosófico o que torna difícil descrever de maneira uniforme suas características no âmbito literário.

No Brasil, acentuou-se o caráter literário com marcações bem diferenciadas dos europeus. O indianismo, como ficou conhecido, formou a primeira geração brasileira que teve como representantes José de Alencar (1829-1877), Gonçalves Dias (1823-1864) e Álvares de Azevedo (1831-1852), entre outros. Segundo Volobuef (1999, p. 29), “Em condições tão divergentes – como de Alemanha e Brasil – impõem-se também romantismos bem diferentes: o

alemão luta por modificar uma realidade estabelecida e já obsoleta; o brasileiro, por descobrir e criar uma nova realidade” (VOLOBUEF, 1999, p. 29). A Alemanha, ainda que não estivesse unificada¹⁷ podia pensar-se de um ponto de vista culturalmente unitário em relação ao Iluminismo. Nesse mesmo “oitocentos”, o Brasil tem seus trezentos e poucos anos de existência e acabou de tornar-se independente; por isso, descobrir-se e autovalorizar-se compunham a principal temática do movimento romântico brasileiro.

É importante destacar que o gênero literário designado romance não é uma criação da época romântica, ele a precede em muito. Friedrich Schlegel (2016, p. 537) observou que romantismo e romance não são sinônimos. O romance existe desde a Antiguidade com os versos de Homero. O Romantismo acontece como movimento que não se encerra nesse gênero, embora o inclua, nem se esgota na literatura. Abrangendo a estética filosófica, a filologia e a arte de modo geral, como a pintura, a escultura e a música, assume aspectos de reforma cultural que mobilizou boa parte da intelectualidade europeia no final do século XVIII e se irradiou para o restante do mundo. Em *As Raízes do Romantismo*, Isaiah Berlin (2015, p. 24) chama a atenção para a dificuldade de definir o romantismo e afirma que

A importância do romantismo é ter sido o maior movimento recente que transformou a vida e o pensamento do mundo ocidental. Creio ser ele a maior mudança já ocorrida na consciência do Ocidente, e de todas as outras mudanças que aconteceram ao longo dos séculos XIX e XX me parecem, em comparação, menos importantes e, de todo modo, profundamente influenciadas por ele (BERLIN, 2015, p. 24).

A constatação de Berlin é mais facilmente percebida quando ampliamos a noção de Romantismo para o contexto cultural no qual nos vemos inseridos. Basta voltarmos a atenção para as obras de arte disponíveis ao nosso redor. São esculturas em praças públicas, templos e igrejas, telas, músicas, além de livros, peças de teatro, cinema e espetáculos de dança essencialmente romantizados. O emblema do romantismo, pelo menos em seus aspectos mais triviais, acompanha os sonhos, o lazer e a diversão hodiernos. Sem perder sua essência, isto é, sem

¹⁷ A unificação da Alemanha como país só ocorreu em 1871 sob o comando de Otto Von Bismarck. Antes, os povos germânicos formavam uma espécie de conglomerado com vários territórios autônomos.

deixar de valorizar as emoções e os sentimentos como elementos constitutivos dos seres humanos, o legado romântico chegou ao século XXI através da herança material e cultural que sobreviveu ao tempo. Viver demanda lidar com sentimentos, angústias e inquietações que o romântico expressa como valores vitais do existir e que sempre acompanharão o homem em sua caminhada individual e coletiva. Por isso, conceitos caros ao romantismo costumam ser reinterpretados pelo contemporâneo.

Se características profundas do Romantismo perpassaram os séculos desde os irmãos Schlegel e estão presentes ainda em nosso século, Lima Barreto, sôfrego leitor e escritor, não poderia ter passado sua vida incólume a um projeto que concedeu referências literárias a todo o Ocidente. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é possível identificar indícios da inspiração romântica. O cenário ambientado numa redação de jornal e personagens que lembravam personalidades importantes da vida intelectual e política do Brasil da época, fez a crítica e o público interpretarem a obra como uma sátira. A expressão caricaturizada dos personagens do jornal fictício, que em muito lembrava o jornal de maior circulação na cidade, expuseram ao ridículo algumas celebridades da cena carioca do início do século XX. A crítica barretiana é contundente. Combate o estilo de vida da burguesia e o pseudo saber com o humor e a ironia crítica consoantes com o argumento formulado por F. Schlegel de que o romance “deve ter uma totalidade política ou satírica” (Schlegel, 2016, p. 89). No livro, a equipe da redação do jornal é formada por vários personagens intelectualmente inexpressivos, individualistas e bajuladores do poder. Se assemelham aos filisteus, agarrados em seus empregos estáveis e com ar de felicidade infeliz (ainda que a expressão pareça contraditória). Simulam dominar um conhecimento cuja profundidade desconhecem, porque não passam do rés do saber. Pouco estudam, pouco leem, e, quando o fazem se limitam a repetir as palavras lidas, sem atingir um nível mínimo de interpretação textual que seja condizente com a realidade.

3.6.1 A ironia romântica

Desde Sócrates, a filosofia propõe o uso da ironia como uma categoria do conhecimento que tem em vista a busca da verdade. Para o filósofo ateniense, a ironia é um método de comunicação no qual um dos interlocutores é levado a refletir sobre suas certezas e concluir pela própria ignorância. No *Teeteto*, Sócrates, o grande interlocutor da maiêutica (em grego, *dar a luz*), compara-se às parteiras que auxiliam as novas vidas a vir ao mundo. Nas conversas com os jovens – seus interlocutores preferenciais – pelas ruas de Atenas, o filósofo aplicava o método como forma de estimular a reflexão e o correto raciocínio na busca pela verdade. Conduzia o diálogo sempre com interrogações até que seu interlocutor percebesse que suas certezas eram apenas opiniões (*doxa*) e não conhecimento verdadeiro. Com perguntas sucessivas, simulava ignorância perante os jovens para que estes, ao se perceberem também ignorantes, fizessem nascer em si o desejo pelo conhecimento verdadeiro, que habita no interior de cada um. Desse modo, a ironia consistia nesse método por meio do qual o pensador se admitia ignaro para fazer nascer no interlocutor a consciência reflexiva e o amor ao conhecimento.

Diferente da ironia socrática, a ironia romântica diz respeito, inicialmente, ao autor que em diálogo com sua obra, “passa a descrever não apenas o discurso da dissimulação retórica, mas adentra igualmente os âmbitos da crítica literária, da criação artística, da hermenêutica e da filosofia” (MEDEIROS, 2015, p. 109). Enquanto o método socrático leva um dos interlocutores a perceber a inconsistência das suas certezas, na ironia romântica, é o próprio autor quem assume a condição de ignorante acerca de si e de sua obra. No Romantismo, a interlocução entre o criador e a sua criatura conduz ao “conhece-te a ti mesmo” numa relação que representa o jogo irônico pela perspectiva da intimidade autoral.

A partir de Schlegel, a ironia passa também a significar a problematização artística, descrevendo a atitude daquele que cria perante sua obra, sendo igualmente uma forma de reflexão filosófica. A relação dialógica e progressiva do autor consigo mesmo é o paralelo romântico da ironia socrática, e, portanto, deve ser contemplada sob o mesmo viés de brincadeira séria, que mantém eternamente o suspense sobre aquilo que se diz (MEDEIROS, 2015, p.117).

Assim como os interlocutores de Sócrates, o autor, internamente, caminha para a busca da verdade. O autoconhecimento permite questionar o valor artístico de sua obra e refletir sobre a autenticidade de seu fazer. A partir disso, toma consciência dos limites da comunicação e entende a ironia como um jogo lúdico, porém sério, não como simples entretenimento ou passatempo. A ironia é um componente lúcido e perspicaz do pensamento. Exige da parte do escritor o máximo de esforço para exteriorizar com fidedignidade aquilo que deseja comunicar e do leitor demanda o desafio de uma leitura interpretativa honesta, crítica e reflexiva que ultrapasse os momentos de distração oportunizados pela obra.

No sentido romântico, a ironia distancia-se do senso comum que percebe o humor apenas como piada, gracejo ou arte do risível, sem função social. Ela não é o tom da chacota despropositada e vexatória. Envoltos pela sutileza, a ironia romântica suscita a polêmica para submeter o pensamento ao mais severo grau de raciocínio. Sua beleza estética e sua clareza lógica a aproximam da filosofia. É preciso abrandar o espírito para obter a compreensão das nuances que a acompanham como forma de representação simbólica da realidade nas diferentes fontes da criação humana.

A ironia, tanto para Sócrates quanto para Schlegel, está estreitamente ligada ao conhecimento. Para o filósofo grego, a ironia que conduz a maiêutica colabora para o atingimento do autoconhecimento, que leva à verdade maior que está no interior de cada um. Para o romântico alemão, a ironia como elemento de estruturação da obra de arte estimula a formação do receptor, no sentido do aperfeiçoamento do autoconhecimento iniciado pelo autor ao se deparar com a própria obra. Esse momento estabelece uma relação dialógica interna na qual imagina o público e adquire a percepção necessária para o aprimoramento da sua criação que será entregue ao mundo.

3.6.2 *A ironia prefaciada*

O prefácio é um elemento pré-textual escrito pelo autor da obra ou por terceiros. Suas funções incluem a informação e elucidação de dados necessários

para melhor compreensão do texto, a justificativa ou contextualização das circunstâncias em que se deu a escrita e a breve apresentação de certos elementos que não têm lugar no corpo do texto. Pode também fazer alusão aos bastidores da redação, contar alguma curiosidade ou peculiaridade relacionada ao assunto que será abordado. Quando escrito por terceiros, é de praxe que esta pessoa tenha reconhecimento na área e saiba um pouco sobre a trajetória do autor até o momento da concepção da obra para oferecer ao leitor informações interessantes relacionadas ao contexto criativo. Alguns prefácios são feitos pelo editor do livro a partir de critérios pré-definidos. Outros, por especialistas ou pessoas que têm ou tiveram relações muito próximas com o autor. Menos comum é o próprio autor prefaciá sua obra, especialmente na primeira edição. Normalmente, as edições posteriores oferecem este elemento das mãos do próprio autor como forma de interagir mais diretamente com o público leitor ou com a crítica.

Na segunda edição de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto escreveu o prefácio que não acompanhava a primeira edição. Nele, explica que não é o redator da obra, é somente o editor. Se autodeclarando editor do livro, atribui sua autoria ao escrivão Isaías Caminha. Com esse artifício, a noção de autoria é problematizada, pois o escritor não se reconhece como autor de sua própria obra e entrega ao personagem fictício a responsabilidade pela escrita. Artifício semelhante também era usado pelo escritor ao se referir ao personagem Policarpo Quaresma. Na crônica *As formigas e o prefeito* (1918), o personagem é tratado como seu amigo de infância. Esse mesmo expediente foi utilizado pelo escritor alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822), expoente da literatura romântica, na obra *Reflexões do Gato Murr*¹⁸ (1822).

Assim como em *Recordações*, *Reflexões do Gato Murr* é prefaciado pelo autor disfarçado de editor, a quem um amigo solicitou a publicação do livro. Nos dois casos, os pseudoeditores demonstram intimidade com o “verdadeiro” autor. Na qualidade de editores, Lima Barreto e Hoffmann se encarregam de informar o leitor sobre a vida dos protagonistas depois da publicação das obras. Além do

¹⁸ O texto sobre *As Reflexões do Gato Murr* faz parte do trabalho “E. T. A. Hoffmann, o gato Murr e seus três prefácios” apresentado no IV Simpósio Filosofia e Literatura: imaginando a vida examinada. UNISINOS, 19 e 20 de junho de 2017.

prefácio que tenta camuflar o caráter ficcional das obras, há várias outras semelhanças entre os dois livros. Com textos de relatos memorialísticos, os escritores afirmam ser autobiográficos e não de sua autoria. Nesse aspecto, o tom da ironia crítica já é dado nesses supostos prefácios editoriais.

No texto, Hoffmann conta duas histórias. A autobiografia do gato Murr e a biografia do músico Johannes Kreisler. São narrativas simultâneas que compartilham o mesmo cenário e ao mesmo tempo mantêm-se autônomas. Usando a identidade do felino, Hoffmann recusa o papel de autor para assumir o papel de editor do livro. Esta ideia é reforçada pela introdução de três prefácios no início do texto: um, assinado pelo escritor passando-se pelo editor e dois assinados pelo gato, autor de sua própria autobiografia. Como editor, Hoffmann explica o embaraço de ter publicado duas histórias diferentes na mesma obra.

Nenhum livro carece tanto de prefácio como este. Sem uma explicação preliminar sobre a maneira extraordinária como foi composto, o livro certamente será entendido como uma miscelânea de trechos incoerentes. O editor pede, portanto, que o prezado leitor de fato leia o prefácio.

[...]

Iniciada a impressão, o editor recebeu as primeiras páginas para dar uma olhada. Qual não foi, porém, sua surpresa, ao perceber que a narrativa de Murr fora intercalada aqui e acolá por páginas estranhas provenientes de outra história, que pareciam conter a biografia do compositor Johannes. [...]

As folhas foram mantidas no manuscrito e com ele impressas por distração, como se fizessem parte do mesmo.

Humilhado e triste, o editor precisa agora confessar que a bizarra mistura de conteúdos de naturezas diferentes deveu-se única e exclusivamente à negligência de sua parte; deveria ter conferido o manuscrito com atenção antes de deixá-lo imprimir, [...]

O editor espera, contudo, merecer a generosidade do perdão.

[...]

Berlim, novembro de 1819

E.T.A. Hoffmann (HOFFMANN, 2013, p. 21)

O conteúdo do prefácio e a assinatura do editor, logo abaixo, induzem o leitor a crer que Hoffmann não seja o autor do livro. Os outros dois prefácios são escritos e assinados pelo protagonista, o gato Murr. A personalidade arrogante e vaidosa do bichano associada à capacidade intelectual que se mostra superior a de muitos seres humanos, por si só já representa a ironia elevada ao nível de

zombaria. Além disso, as divisões do sumário da autobiografia felina revelam, explicitamente, que se trata de uma paródia do mais tradicional *Bildungsroman*. A história do gato é narrada pela sequência dos acontecimentos da juventude, da viagem que transformou sua vida, o período de aprendizagem e o tempo da maturidade, compondo um roteiro semelhante – porém, anedótico – ao descrito por Goethe naquele que é considerado o primeiro *Bildungsroman* da história, *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (1796).

Reflexões do Gato Murr seria o primeiro livro contendo dois volumes com a história de vida do gato escritor, mas no *Post scriptum*, o editor informa ao público que Murr faleceu antes de escrever o terceiro volume de suas reflexões autobiográficas.

Ao fim do segundo volume, o editor se vê obrigado a comunicar ao estimado leitor uma notícia muito triste. O inteligente, instruído filósofo e poético gato Murr foi levado pela morte em meio à sua auspiciosa carreira. Faleceu na noite de 29 para 30 de novembro, após curta mas grave enfermidade, com a calma e serenidade de um sábio. Com isso mais uma vez foi dada prova de que o gênio precoce nem sempre progride (HOFFMANN, 2013, p. 433).

Encerrar o livro com outra nota do editor parece mais uma tentativa de induzir o leitor a acreditar que Hoffmann é somente o editor do livro cuja autoria pertence ao felino. Com efeito, ao escrever *Reflexões do Gato Murr*, Hoffmann estava exercitando a ironia no sentido romântico e levando a cabo a reflexão filosófica na forma de problematização artística, assim como uma “brincadeira séria”, para usar as palavras de Medeiros (2015, p.117).

Ao publicar um texto que brinca com a escrita sugerindo que seu autor era um animal sem que se trate de fábula ou conto infantil, Hoffmann trouxe à luz a expressão da ironia romântica na sua mais genuína forma. O livro ganha mais irreverência e acentua a crítica irônica com o paralelo da biografia de Johannes Kreisler, o músico que despreza o modo de vida burguês da Europa do século XIX. Juntos, Murr e Kreisler formam as duas faces da moeda. Os dois protagonistas têm personalidades quase antagônicas. O gato é dominado pela vaidade intelectual e o homem sofre com o drama da insatisfação existencial. Com esse recurso, o escritor alemão propõe uma crítica divertida sobre a

condição humana diante da vida social. Ao leitor, cabe fazer uso da sua criatividade para acompanhar com leveza a leitura da obra.

Sob o ponto de vista da criação artística, o significado do prefácio das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é perpassado pela mesma intenção de Hoffmann ao escrever os prefácios das *Reflexões do Gato Murr*. Ambos desejam articular a fantasia com a realidade para surpreender o leitor de modo irreverente.

No caso do escritor brasileiro, Figueiredo e Ferreira (2017, p. 10) propõem uma análise para o significado psicológico da redação do prefácio. De acordo com as pesquisadoras, Lima Barreto

problematiza a noção de autoria, com a voz autoral intrusiva, ficcionalizando as etapas de edição. O prefácio torna-se o espaço no qual a questão do autor pode ser percebida sob novo olhar: como lugar de conflitos enunciativos, de expressão da crise do sujeito e da fabulação do autor, na exposição instável do equilíbrio entre realidade e ficção. A obra realiza, nesse aspecto, um diálogo profundo com a tradição do romance, apropriando-se de suas estratégias, para renová-las. Produz, portanto, uma criativa, e crítica, apropriação da herança estética (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 9).

O prefácio acrescentado ao livro em 1917 é fundamental para a compreensão da história do escrivão Isaías Caminha. Lendo-o atentamente, é possível notar que ele é um complemento de toda a história e, inclusive, apresenta uma reviravolta na trama em relação ao final indicado por Lima Barreto, no último capítulo do livro. Sem os detalhes que o próprio escritor revela no prefácio, o leitor desavisado tenderá a crer que, no final, o protagonista, decepcionado, retornou para o interior do Espírito Santo e lá viveu o resto de seus dias. Contudo, a leitura atenta deste prefácio remete a um outro final para a história do escrivão que logo deixará de ser escrivão.

Intitulado “Breve Notícia”, o prefácio de Lima Barreto contém, num primeiro momento, informações reais sobre a recepção deste romance. Após, reproduz o que o escritor diz ser o prefácio redigido pelo próprio Isaías Caminha como forma de explicar o motivo pelo qual escrevera suas recordações. E, no final, mostra o pensamento do escritor sobre o personagem. Tratando-o por amigo, Lima Barreto informa ao leitor como anda a vida do escrivão, traz as notícias mais atuais do protagonista e, assim, nos joga entre a ficção e a realidade.

Após explicar que havia publicado o prefácio na edição da *Floreal*, explicar sua supressão na primeira edição portuguesa e sua adição novamente na segunda edição, o escritor, talvez atendendo ao instinto do jornalista e cronista, completa o prefácio do personagem, tornado uma “Breve Notícia” com estas palavras:

[...] o prefácio, penso eu, consolida a obra e a explica, como os leitores irão ver.

[...] após dez anos, tantos são os que vão da composição das *Recordações* aos dias que correm, o meu amigo perdeu muito da sua amargura, tem passeado pelo Rio com belas fatiotas, já foi ao Municipal, frequenta casa de chá; e, segundo me escreveu, vai deixar de ser representante do Espírito Santo, na Assembléia Estadual, para ser, na próxima legislatura deputado federal. Ele não se incomoda mais com o livro; tomou outro rumo. Hei de vê-lo em breve entre as encantadoras, fazendo o tal *footing* domingueiro, no Flamengo, e figurando nas notícias elegantes dos jornais. Isaías deixou de ser escrivão. Enviuvou sem filhos e será deputado. Basta.

Deus escreve direito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfixiado um espírito tão singular?

Quem sabe lá?

Para mim, no entanto, sem acreditar na intervenção de nenhuma Dejanira, sou de opinião que ele está vestindo a túnica de Néssus da Sociedade (BARRETO, 2010, p.64).

O excerto acima revela uma intimidade entre autor e personagem que nos faz questionar o que é realidade e o que é ficção nesta obra. O protagonista apresentado pelo autor exibe características bastante condizentes com as de um cidadão classe média da época circundado por situações realísticas da capital do Brasil do início do século XX, o que leva o leitor a crer na veracidade dos laços de amizade entre o escritor e o personagem. Existiu realmente um escrivão Isaías Caminha que foi amigo do escritor Lima Barreto? A resposta, a princípio, é não, não existiu, mas isso não significa que o autor não tenha se inspirado em uma pessoa real para compô-lo. Esse jogo do prefácio sugere que o leitor seja também um investigador em busca da verdade. É ele quem deve descobrir se Isaías Caminha existiu na vida real ou se é somente um personagem fictício. Se existiu e foi amigo do escritor, a narrativa ganha um tom de realidade. Senão, o prefácio é somente uma forma divertida de mostrar a zona limítrofe entre realidade e ficção na qual vivia o escritor. A dúvida lançada pelo escrito no

prefácio instiga o leitor a seguir adiante para dissipá-la. Descobrimos quem foi Isaías Caminha, o leitor descobre toda a simbologia do personagem, que pode ser interpretada tanto do ponto de vista do protagonista que conta sua história de vida quanto do ponto de vista do escritor que declarou que sua intenção era chocar o leitor.

A intenção do escrivão ao publicar suas recordações era a de que todos soubessem que pessoas na sua condição não são inferiores às outras. Queria ser exemplo para os jovens, que, como ele, tinham sonhos a conquistar.

Ao escrever *Recordações*, Lima Barreto foi muito além da sua intenção. Entregou ao público um romance afinado com as características do *Bildungsroman* alemão, pois o fio condutor da narrativa é o processo de formação do homem, desde a infância até a vida adulta. A história do escrivão é acompanhada pelas lembranças do seu processo de aprendizagem, formal e informal, destacando, sobretudo, o valor do conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, o texto deixa entrever a concepção do escritor sobre a educação. Educação é formação humana em todos os seus aspectos. É fazer do homem aquilo que ele é enquanto ser em permanente construção. E, é também, formação e autoformação de si, ao mesmo tempo.

4 FORMAÇÃO HUMANA, UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO ¹⁹

Neste capítulo, a educação é apresentada de acordo com a perspectiva da humanização do homem. No primeiro momento, trata da importância da educação para a constituição da sociedade. Para ilustrar, remete aos primórdios da civilização quando os processos educativos foram determinantes para a preservação e evolução da espécie humana. Naquele contexto, o objetivo primordial da educação era o da adaptação dos jovens ao grupo como meio de garantir a sociabilidade e a transmissão dos ensinamentos sem os quais nem os indivíduos nem os grupos seriam capazes de se manter e sobreviver ao mundo natural. Foi através da educação que o homem forjou a cultura e ao mesmo tempo, nela se constituiu enquanto ser humano. Com a evolução cultural através dos tempos, esse papel humanizador da educação não deixou de existir, mas a própria noção de humanização evoluiu juntamente com o homem, até chegar à proposta da *Bildung*. O processo de formação nos moldes da *Bildung* considera que humanizar significa acompanhar o homem em sua constante transformação, de modo que educar seja um ato consciente e de conscientização do projeto aberto que é o homem. Após mostrar como a noção de humanização se adequa ao estágio evolutivo, o capítulo traz as concepções de cultura e de linguagem como elementos entrelaçados dinamicamente com a educação. Deste movimento de fluxo e refluxo, participa a literatura como colaboradora dos processos de humanização e formação do homem.

¹⁹ A parte deste capítulo que se refere à definição de educação foi retirada da dissertação que defendi em 18/09/2013, no Curso de Mestrado em Educação/UFPel. Dois foram os motivos pelos quais o texto foi incluído nesta tese. Um diz respeito ao isolamento social ocasionado pela pandemia do coronavírus, que impossibilitou o acesso à pesquisa na biblioteca da UFPel. O outro diz respeito ao assunto em si, que por se tratar das formulações de conceito e definição não exige alterações substantivas. Contudo, ainda que o conteúdo contemple o mesmo tema da dissertação, o texto foi revisado e atualizado, de modo a não ser absolutamente idêntico ao anterior. A parte que trata da *Bildung*, foi publicada no livro *Humanitas e Bildung*: uma homenagem a Osmar Schaefer, publicado em fevereiro de 2021.

4.1 Educação: conceito e função

Assim como a literatura, a educação ainda não encontrou consenso entre os teóricos quanto à formulação de um conceito unívoco.

O advento da internet, no fim do século XX, recolocou a educação na pauta dos assuntos que merecem uma reflexão profunda por parte da sociedade. No mundo complexo e diversificado da era da informação, as pequenas telas dos computadores e celulares fizeram estremecer a certeza de que educar é um ato inerente à humanidade que se realiza entre seres humanos, das mais variadas formas. A inevitável conexão com outras pessoas que os modos de ensinar-aprender exigem e estimulam, parece enfraquecer a cada dia diante da disseminação do acesso à informação. Com isso, inserir o indivíduo na sociedade fazendo brotar nele suas capacidades e aptidões já não se apresenta como um objetivo suficiente para educar. Não obstante, enquanto atividade inerente ao homem, educar continua sendo imprescindível à vida social e a própria existência da humanidade, já que “a educação não se faz sem o concurso do outro, sem as influências exteriores” (SCHAEFER, 1995, p. 81). Mesmo que a inteligência artificial possa ser útil em vários aspectos, ela nunca poderá substituir por completo um ser humano e ocupar seu espaço nas relações interpessoais, porquanto o homem seja um ser de afetos que necessita compartilhar a vida com seus semelhantes.

Como evento que acompanha a vida cotidiana, a educação está na pauta dos assuntos que dizem respeito a toda sociedade e tudo o que a ela se relaciona provoca a exacerbação do debate. De um lado, estão os teóricos, pedagogos e educadores que procuram manter as questões educacionais em nível do discurso científico. De outro, o senso comum, constituído por pessoas que têm ou tiveram algum acesso à educação formal (seja devido à própria vida estudantil, seja por terem filhos em idade escolar) e disso tiram sua autoridade para participar do debate.

Observando a nossa época, nota-se que, geralmente, a educação é mediadora de práticas que permeiam o cotidiano e se integram à rotina das vidas e da sociedade como mais uma das engrenagens que fazem o mundo funcionar. Quando isso acontece, o interesse maior centra-se nas questões relacionadas à

avaliação, refletida pelas notações de aprovação e reprovação e no valor que a sociedade deposita nos conteúdos transmitidos. No amplo debate, os argumentos gravitam em torno das ações efetivas vigentes no cotidiano escolar, as quais abrangem, desde práticas didáticas e metodologias de ensino até conteúdos considerados polêmicos, passando por questões éticas, religiosas e políticas. Esse pensamento, condizente com as expectativas do senso comum, faz o conceito de educação se dissipar entre mal-entendidos e interpretações equivocadas, o que pode ser facilmente constatado pelo descuido com o uso da palavra, que, muitas vezes, corresponde às boas maneiras impostas pelas convenções sociais. Assim, expressões como “bem educado” e “falta de educação” são usadas para distinguir pessoas que exibem gentileza e simpatia daquelas que manifestam um jeito mais rude ou menos polido no trato com o outro.

Atualmente, o termo parece exigir um complemento para que seja compreendido. São muitas as “educações” que concorrem para defini-lo: educação para o trabalho, educação para a cidadania, educação do homem do campo, de jovens e adultos, educação ambiental, de portadores de necessidades especiais, de etnias, e assim por diante. Não se está dizendo que estas sejam formas erradas de educar, pelo contrário, são adequações que procuram corrigir falhas do sistema atendendo às necessidades impostas pela realidade. Todas têm como objetivo incluir socialmente um público que, na maioria das vezes, não teve oportunidade de se inserir ou de permanecer na rede regular de ensino. O que se quer dizer é que, quando o conceito é atravessado por concepções como as de urbanidade e escolarização e, mais ainda, pela urgência diária da prática, a essência da educação torna-se pálida e seu significado se esvanece. Desse modo, os propósitos pelos quais se educa também podem perder a clareza e correm o risco de serem distorcidos. De acordo com Severino (2006, p. 621),

A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente **um investimento formativo do humano**, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva (SEVERINO, 2006, p. 62, grifo do autor).

Por conseguinte, a educação caracteriza-se como um bem comum ao qual nenhuma sociedade pode renunciar. Posto que ela interfere diretamente no futuro

das vidas particulares e da coletividade, deve ser tratada com atenção por todos os setores sociais. O discurso do senso comum é legítimo e salutar, mas corre o risco de não produzir efeito ao cair na trivialidade das conversas de esquina. Por isso, é preciso escapar das influências do senso comum para refletir sobre qual o real sentido da educação para a vida humana, especialmente, para o atual estágio evolutivo em que nos encontramos. Uma definição inequívoca sobre a educação tem como intenção, primeiro, demonstrar o motivo pelo qual ela acontece. Segundo, fundamentar as escolhas pedagógicas e metodológicas que guiam a atividade educacional na prática.

Examinando o conceito clássico que define a educação como fio condutor da transmissão dos conhecimentos para as gerações mais novas, fica evidente que a existência de ações educativas em todos os tipos de agrupamento humano possui caráter universal e atemporal. Esse conceito aponta para dois objetivos precípuos de validade perene. O primeiro, a preservação da espécie. Neste caso, a educação tem por fim assegurar a manutenção de padrões e normas já estabelecidos e que, reconhecidamente, foram eficazes para a preservação individual e coletiva do homem. Para que isso aconteça, uma série de atos do ensinar-aprender que vão desde andar como um bípede até respeitar convenções sociais e aderir aos valores e princípios morais estabelecidos devem ser repassados aos membros mais jovens do grupo. O segundo, a busca incessante pela evolução. Aqui, a educação funciona como mola propulsora para o futuro e procura superar o presente alavancando a caminhada em direção ao desenvolvimento de toda a humanidade. Nesse caso, a educação encarrega-se de estimular e promover o progresso em todos os seus aspectos, de modo que novas conquistas e mudanças sejam bem-vindas. Em ambos os casos, a educação é um processo inerente ao homem, sem o qual ele não floresceria individual e nem coletivamente. Essa definição está ligada à origem da civilização e considera a educação em sua essencialidade primordial, de modo que admite que sem ela a espécie humana não teria evoluído e, quiçá, sobrevivido, o que parece ser verdade. Visto por esse aspecto, ainda hoje, os milhares de anos de evolução não anulam a importância da educação para a preservação e evolução da espécie. Universalmente, a educação é o elo que une as gerações em torno do conhecimento, porquanto aspira a perpetuação e evolução humanas. Contudo,

diante do grau de desenvolvimento atual, quando o progresso atingido pela ciência e pela técnica ditam as regras da vida, outros significados e objetivos precisam ser estabelecidos para que a educação consiga cumprir seu papel.

Do ponto de vista da preservação, somente a educação é capaz de garantir que a frágil criatura humana não venha a sucumbir diante do mundo natural, já que seu instinto não é suficientemente forte para mantê-la e nem seu corpo está adaptado às condições do ambiente. Diferente de todas as outras espécies de animais, o filhote humano possui uma dependência prolongada dos cuidados paternos. Se observarmos com atenção as crianças e os animais domésticos, por comparação, perceberemos que o tempo necessário para o atingimento da autonomia nos seres humanos é imensamente maior que o dos animais. Os filhotes de aves ocupam o ninho enquanto não são capazes de alçar voo sozinhos. Os animais quadrúpedes acompanham suas crias até que se ergam e sigam livres por si mesmas. O instinto dos animais garante sua sobrevivência por isso, suas ações não se alteram e seus vínculos familiares são frágeis e lacônicos. Mesmo os chamados insetos sociais como as formigas e as abelhas, são guiados pelo instinto na formação de seus grupos e sua comunicação é limitada ao imediatismo natural. Para eles, não há comunicação discursiva, nem o uso de símbolos e signos para designar o mundo. Orientados pelo e para o cumprimento das leis naturais, os formigueiros e as colmeias cumprem uma rígida rotina de sobrevivência da qual não podem escapar. Ao nascer, a criança é jogada num mundo cheio de hostilidades naturais e sua sobrevivência só está garantida no meio de um agrupamento que deve protegê-la até, pelo menos, uma idade em que consiga defender-se sozinha. Abandonado à própria sorte, um bebê dificilmente sobreviveria, pois as forças da natureza seriam implacáveis com a incipiente vida que não dispõe de meios de autodefesa e proteção. Para enfrentar os perigos do mundo e encontrar alimento por conta própria, o homem depende de habilidades motoras e intelectuais que não estão prontas no nascimento. Andar ereto, utilizar adequadamente as mãos, falar e desenvolver o raciocínio lógico são exemplos de habilidades que precisam ser aprendidas com outros seres humanos mais experientes e demandam tempo até serem executadas com perfeição. Por esse motivo, o instinto vital forçou a espécie humana a afastar-se cada vez mais do reino da natureza e a reforçar os laços

sociais através dos aparatos culturais. Há um longo caminho até que um bebê torne-se um homem. Nessa trajetória, estão o desenvolvimento de habilidades sensoriais, técnicas e emotivas, o despertar da inclinação para o senso moral, as preferências estéticas e as vivências sociopolíticas.

Diferente de todos os outros seres, no homem, a vida é regida pelos parâmetros da inteligência forjada com o uso da razão. A razão é uma espécie de mecanismo que somente o homem possui o privilégio de desfrutar e que se associa aos seus débeis instintos para garantir a sobrevivência da espécie. De acordo com Jaeger,

Só o Homem [...] consegue propagar e conservar a sua forma de existência social e espiritual por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente da razão. O seu desenvolvimento ganha por elas um certo jogo livre de que carece o resto dos seres vivos... (JAEGER, 1995, p.4).

Por meio da capacidade reflexiva, o homem liberta-se do imutável domínio da natureza e explora o mundo para além das suas necessidades. Envolto pelo indeterminado reino da liberdade, desenvolve e perpetua a vida humana, criando para si um mundo de aparatos artificiais, que têm por fim promover o máximo de segurança e bem-estar. Entre esses aparatos, está a educação cujos benefícios são atestados pela história da humanidade. Nesse sentido, educar é um ato fundamental para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades humanas, inclusive da própria razão, bem como para a manutenção da vida social, que, por seu turno, mantém-se por ser o homem um ser racional. Ao mesmo tempo em que faz uso dos dispositivos fornecidos pela razão, os processos educativos proporcionam o seu aprimoramento e de todas as atividades que fazem do homem um ser inigualável.

Ocasionalmente, surgem relatos de crianças que sobreviveram fora do ambiente social, como é o caso da singular história de Victor de Aveyron. Documentado pelo médico-pedagogo Jean Marc-Gaspar Itard (1774–1838), o inusitado fato na história da medicina e da pedagogia se refere a uma criança que sobreviveu sem os cuidados e a proteção da família e da sociedade.

Trata-se de Victor, menino selvagem encontrado vivendo junto a lobos na cidade de Aveyron, França, em 1799. Depois de passar por manicômios, o menino foi deixado aos cuidados do médico-pedagogo que tomou para si a responsabilidade pela sua inserção no meio social. Para tanto, criou um projeto educacional especial que ajudasse Victor no processo de adaptação ao mundo humano. No relatório, Itard descreveu detalhadamente os métodos utilizados e resultados obtidos com o processo da educação do jovem selvagem. Conforme as anotações, o menino possuía hábitos e comportamentos semelhantes aos dos lobos. Andava como quadrúpede e não como bípede. Não sabia falar, emitia grunhidos e uivos como um canídeo. Ignorava completamente qualquer hábito mais refinado adquirido no convívio social²⁰, como usar roupas, comer com talheres e sentar à mesa. O projeto educacional previa a ativação de habilidades consideradas básicas para os seres humanos, como andar ereto e emitir sons vocais humanos, a apuração da sensibilidade física, o avivamento dos sentidos, das emoções e das sensações mais elementares como frio e calor. Como mostra Cordeiro (2006, p.116),

Itard observou que o garoto tinha uma tolerância diferenciada ao frio e ao calor, ficava horas acocorado no solo úmido, seminu, sob chuva e vento frio; também era capaz de pegar carvão em brasa na mão. Mesmo que Itard enchesse a cavidade exterior de seu nariz com tabaco, ele não dava nenhum espirro. O que mais espantava Itard era que nunca, mesmo em situações adversas, tinha visto Victor chorando. A audição também era direcionada para os mínimos ruídos provocados por suas comidas preferidas, mas insensível a explosões de armas de fogo (CORDEIRO, 2006, p.116).

Sem pleno sucesso nos métodos empregados, o médico-pedagogo não conseguiu levar a cabo a formação educacional do menino, mas obteve êxito especialmente no desenvolvimento das funções motora e sensitiva bem como na afetiva, ficando aquém do esperado o desempenho intelectual (CORDEIRO, 2006). Privado da educação que se realiza exclusivamente na vida em sociedade, desde o nascimento, o selvagem de Aveyron era um ser humano vivendo de uma maneira da qual a humanidade havia escapado. Embora algumas capacidades

²⁰ Sobre este assunto, indica-se o filme *L'enfant Sauvage* de François Truffaut, em português, *O Menino Selvagem*, gravado em 1969. Também a tese de doutoramento de Aliciene Fusca Machado Cordeiro, *Relações entre educação, aprendizagem e desenvolvimento humano: as contribuições de Jean Marc-Gaspar Itard (1774-1838)*, Doutorado em Educação, PUC-SP, 2006.

humanas tenham sido despertadas com a educação de Itard, a tentativa de resgate total do humano que estava encoberto pela vida animalesca do jovem na alcateia, sucumbiu à deficiência gerada pela falta dos aparatos disponíveis no mundo sociocultural do homem, no momento certo.

A experiência de Itard foi brevemente descrita aqui para ilustrar o que acontece com uma criança que, fora do meio social, não recebe os ensinamentos que a educação proporciona ao ser humano. Certamente, este é um caso extremo e perturbador, porém corresponde às teorizações e conjecturas a respeito da possível sobrevivência humana em isolamento social desde o nascimento. Apesar da ajuda dos lobos – que acolheram Victor como um membro da alcateia – ter garantido a sua sobrevivência, a essência de sua humanidade perdeu-se para sempre diante dos limites impostos pela natureza e pela falta de contato com outros seres humanos. Sem o amparo de uma comunidade humana que, usando de processos educativos, encarregue-se de fornecer os aparatos culturais inerentes ao processo de humanização, o homem desconhece a própria identidade e a vida fica mutilada.

Para inserir adequadamente o indivíduo na comunidade, a educação se faz presente nas mais diversas e singelas ações daqueles que são responsáveis, direta ou indiretamente, pela salvaguarda dos saberes do grupo. Imediatamente após o nascimento, ao começar a se relacionar com o filho, a mãe dá início ao processo de educação. Observando essa relação, Rousseau concluiu que “começamos a nos instruir quando começamos a viver; nossa educação começa junto conosco” (ROUSSEAU, 1999, p.14). É a mãe quem introjeta no filho os hábitos e costumes da sua comunidade, ensina as primeiras palavras, instrui sobre o modo como se comportar de maneira adequada e a importância de obedecer às normas vigentes. Os membros mais velhos prosseguem com os ensinamentos dos mais jovens até que se tornem adultos.

Nos primórdios da civilização, munir o homem com habilidades que permitissem a ele agir como um bípede e estabelecer meios de comunicação com os demais para juntos defenderem um ao outro, mantendo a vida *na* e *da* comunidade, constituía o objetivo primeiro da educação. Com o aprimoramento da cultura, homem e mundo tornaram-se cada vez mais complexos e à medida

que a marcha evolutiva avançava, o leque das motivações para educar foi qualitativa e quantitativamente se expandindo.

Todas as comunidades humanas, incluindo as primitivas, criaram métodos eficazes de transmitir seus conhecimentos para as novas gerações. Cada civilização, cultura ou sociedade desenvolve métodos próprios para educar as novas gerações. Mesmo quando os objetivos educacionais que orientam uma dada comunidade divergem daqueles que comumente são considerados os mais apropriados, a educação “participa na vida e no crescimento [dessa] sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual” (JAEGER, 1995, p.4). Estão em jogo peculiaridades culturais, interesses políticos, econômicos e religiosos que interferem diretamente na escolha dos processos educativos adotados para toda a sociedade. Seja de forma consciente ou inconsciente, direta ou indireta, a educação é atravessada por fatores intrínsecos a cada grupo social, mas nem por isso deixa de cumprir seu papel e levar adiante as novas gerações. Cada sociedade elege as prioridades que norteiam sua prática pedagógica. Um bom livro sobre a história da educação permite identificar as peculiaridades da educação egípcia, grega, romana ou medieval que se diferenciavam pelos objetivos que cada uma dessas sociedades visava atingir ao educar sua juventude. Nesse sentido, a educação que os orientais dedicam aos jovens é diferente da educação do Ocidente e esta, da educação das tribos indígenas, por exemplo.

Tomemos como padrão a educação nas tribos e nas pequenas comunidades primitivas. Educar os jovens era uma atividade espontânea e generalizada que acontecia juntamente com as demais atividades sociais do grupo. Não havia pessoas especializadas nem instituições encarregadas de ensinar os mais novos, por isso a educação era responsabilidade de todos os membros adultos da comunidade. De acordo com Durkheim,

no regime da tribo, a educação tem por característica essencial ser difusa; é ministrada por todos os membros do clã indistintamente. Não há professores determinados, nem responsáveis especializados pela formação dos jovens; são todos os anciãos, é o conjunto das gerações anteriores que desempenha este papel (DURKHEIM, 2007, p.75).

A informalidade possibilitou a esses grupos tornar a educação um processo não interventivo na rotina da comunidade. Sem recorrer a procedimentos e métodos externos, o processo de formação dos jovens transcorria genuinamente através da participação integral nas atividades socioculturais da comunidade. Assim, as normas, os hábitos e os costumes dos mais velhos eram transmitidos no convívio diário com as novas gerações, que os assimilavam involuntariamente como algo natural. Como passar do tempo, conforme sucederam mudanças na constituição interna dos grupos, as configurações de comunidade foram cedendo lugar às organizações sociais mais complexas e a educação passou a ser tarefa da família.

A educação doméstica era obrigação dos pais, mas as famílias mais abastadas contavam com o trabalho do preceptor que se encarregava da educação das crianças. Posteriormente, com a organização social edificada sobre as bases do capitalismo, a educação deixou de ser uma incumbência doméstica para ser responsabilidade de instituições especializadas, públicas ou privadas.

Nas sociedades mais avançadas, regidas pelas conquistas da modernidade, a celeridade do mundo laboral acompanhada pelo estilo de vida tornou o sentido primordial da educação uma ação automatizada, somente exigida pelo inconsciente. A vida agitada do mundo do trabalho impôs a propagação das escolas com o propósito de transmitir aos mais novos os conhecimentos acumulados pela sociedade ao longo do tempo, sem, contudo, tirar da família a tarefa de fornecer aos pequenos os primeiros cuidados e ensinamentos, necessários à socialização. Atualmente, a institucionalização da educação faz parte dos projetos políticos dos governos e o processo de inserção social vem sendo, paulatinamente, repassado para a responsabilidade das instituições convencionais de ensino. As crianças começam a frequentar ambientes formais de educação cada vez mais cedo. Em tenra idade, são levadas para creches e pré-escolas que cumprem o papel dos pais durante sua ausência e, assim, assumem o que antes era atribuição da família.

Independentemente de os primeiros processos de inserção social dos quais a educação é mandatária, serem fornecidos dentro do lar ou na creche, logo que atingem as condições necessárias, as crianças são encaminhadas para as escolas, que são as instituições oficialmente encarregadas de cuidar da

educação formal dos novos membros da sociedade. Na vida adulta, para os que podem e desejam, o processo formal prossegue ao longo do tempo do Ensino Superior. Porém, existem outras atividades específicas como a prática de esportes, a dança, o teatro e até os cursos de condutores de veículos, onde os sujeitos estão em condições de ensinar-aprender que podem ser reconhecidas como atividades ligadas à ação educativa. Isso significa que a educação é um acontecimento que acompanha o homem, quer por meio de processos formais, quer através de processos informais. E mais, eles podem ser explícitos ou implícitos, voluntários ou involuntários, como no caso dos programas de televisão sobre saúde ou sobre culinária e, mais recentemente, os tutoriais e aulas disponíveis na internet. De acordo com Aranha,

A educação é um conceito genérico, [...] amplo, que supõe o processo de desenvolvimento integral do homem, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social (ARANHA, 1989, p.49).

Sendo genérico e amplo, o conceito de educação causa embaraços que dificultam a sua clara descrição. Todavia, em sua efetividade, a educação é um instrumento do qual a razão se utiliza para subsidiar o processo evolutivo, o que permite caracterizá-la como um processo de formação através do qual o homem forja-se em sua humanidade e adquire consciência do mundo. Concebido como um ser integral e ao mesmo tempo inacabado, o homem é um ser de necessidades que ultrapassam a mera transmissão dos conhecimentos. Nesse sentido, conforme a evolução apresenta novas demandas, os objetivos da educação devem ser reconsiderados e traçados na direção de projetos que as atendam, sem deixar de favorecer a totalidade aberta que constitui o homem em sua humanidade. Esse empreendimento parece ousado, mas como já foi demonstrado, é pelas mãos da educação que o homem realiza todas as qualidades que o distinguem das demais espécies dentro do reino animal e, assim, se faz humano e não outra coisa.

Como o único ser dotado de consciência, somente o homem é capaz de atribuir significação ao mundo, o que torna possível dizer que sem a sua presença, o mundo não estaria tal e qual. Sem o homem, o mundo não seria mundo, seria apenas planeta. E, embora, enquanto corpo celeste, permanecesse

orbitando em torno do sol e abrigando outras formas de vida, careceria de sentido, pois homem e mundo são e estão aí um para o outro, numa relação de integralidade e totalidade. Nesse sentido, o homem é um microcosmos no qual todas as possibilidades existentes no cosmos estão presentes e “enquanto ser individual e pessoal, resume em si a totalidade do mundo e é, em si mesmo, uma totalidade” (SCHAEFER, 1995, p. 58). Totalidade esta que é um mundo e, ao mesmo tempo, contém o mundo. Porque o ser do homem move-se no mundo interagindo e interferindo nele, doa sentido ao mundo naquilo que ele lhe oferece e ao mesmo tempo naquilo que ele mesmo é. A consciência que o homem tem de si e do mundo é uma propriedade exclusiva da qual os demais animais não participam e faz parte da totalidade desse microcosmos. Scheler entende a totalidade como um ideal de destinação a ser construído durante a jornada vida, não como “um ideal absoluto, pronto para ser imitado” (SCHAEFER, 1995, p. 120), mas como um devir do homem compreendido como abertura, indeterminação, dinamicidade e possibilidade. Para que esse microcosmos humano se constitua, a educação deve atuar de forma mediadora entre o ser do homem e o seu ponto de equilíbrio (SCHAEFER, 1995, p. 46) a fim de fazê-lo usufruir ao máximo das possibilidades que a vida oferece.

4.2 Bildung: a educação como Formação

A educação entendida como formação atua na esfera da humanização do homem. Entretanto, esta humanização não é exatamente a mesma do processo evolutivo que acompanha o ser humano em sua complexificação ao longo do tempo. Humanizar na perspectiva da formação significa oferecer ao homem a sua humanidade total. Significa atuar no espaço destinado ao ser presentificado em infinitas dimensões, que é o homem. Por isso, educar é muito mais do que acompanhar o processo de humanização enquanto revés da lei natural. É confiar nas potencialidades que o ser humano dispõe para enfrentar a vida com êxito. É facultar a cada indivíduo e ao conjunto da humanidade, compreender-se como ser social cujo postulado para conviver no seio de uma comunidade e no próprio planeta está para além da satisfação das necessidades materiais de sobrevivência. Nesse sentido, a educação é um processo permanente que

perdura pela vida toda desse ser em devir. E, ainda que, como ser em devir esteja fadado a seguir numa eterna busca por algo que foge a sua compreensão, tornando sua autorrealização “incompleta”, aquele que se educa na perspectiva da formação, de posse dos recursos recebidos e forjados por ele mesmo, sabe que a liberdade é companheira das aflições, das indeterminações, das incertezas e dos prazeres que o constituem. De acordo com Severino,

A idéia de formação é pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade (SEVERINO, 2006, p. 621).

A ação educativa, pela via da formação, encoraja o crescimento interior para que o indivíduo encontre a si mesmo e se transforme em sujeito livre e autônomo. Como microcosmos, atinge a sua plenitude tornando-se pessoa humana, não acabada, finalizada, mas em constante transformação, criando-se e recriando-se em sua trajetória de vida. Em vista disso, educar nos moldes da formação é conceder ao homem o direito de ser autor e protagonista da sua própria vida utilizando, para isso, os meios que a formação lhe faculta.

A educação formativa representa um modo de educar que privilegia a liberdade como premissa do aprendizado, de modo que “formar-se, educar-se para ser livre significa, antes de tudo, conquistar sua própria existência, realizar seu destino, tornar-se ele mesmo” (SCHAEFER, 1995, p. 131). Isso quer dizer que a educação está comprometida com o despertar o ser pessoa do homem. É nesse sentido que a educação humaniza, não apenas despertando as capacidades rudimentares de conservação da vida, mas fazendo aflorar a face abafada do homem pela exacerbação da racionalidade. “o homem enquanto ser individual e pessoal, resume em si a totalidade do mundo e é, em si mesmo, uma totalidade” (SCHAEFER, 1995, p. 58) que não pode ser fragmentada. Esta totalidade não se constitui de partes isoladas que possam ser desmembradas e sequestradas, mas abarca a integralidade indeterminada do homem. Qualquer tentativa de quebra da totalidade que constitui o homem equivale a fragilizar e degradar sua humanidade.

O conceito de formação vincula-se à palavra alemã *Bildung* ²¹. Em seu idioma de origem, “Devido à riqueza dos significados, o termo exprime uma acepção mais vasta e salienta o aspecto gradual da ação educativa” (BLÄTTNER, 1994, p. 8, Apud NICOLAU) podendo ser entendido como um processo no qual a educação atua na vida do homem resgatando aspectos da sua totalidade sonogados pela educação tradicional cuja base repousa na racionalidade moderna.

Essa concepção da *Bildung* repousa nas premissas da crítica que o Romantismo tece em relação à racionalidade, preconizada pelos iluministas e ao modo de vida da burguesia. Na visão romântica, estes são os responsáveis por invalidar a originalidade e a autenticidade que fazem do homem um ser integral. Por isso, adotam a compreensão estética do mundo como único caminho para que o homem despenda-se dos laços opressores da razão, que subjuguem os sentimentos e as emoções. Volobuef (1999, p. 44) afirma que a *Bildung*, no sentido romântico

[...] diz respeito ao desenvolvimento da subjetividade, da capacidade de percepção, reflexão e criação. Trata-se de uma busca de si mesmo, da libertação das amarras sociais [...], da descoberta de novas possibilidades de subsistência que não se restrinjam às profissões burguesas tidas como “úteis” (VOLOBUEF, 1999, p. 44).

Os românticos tributavam na conta dos ideais iluministas os sentimentos de tédio e ansiedade que nenhum dos benefícios dos quais desfrutavam os burgueses era capaz de fazer cessar. Na burguesia, viam um modo de vida superficial, desinteressante e mesquinho com ápice na estabilidade financeira.

De fato, a racionalidade preconizada pelos iluministas, no século XVIII, trouxe soluções para muitos dos problemas que afligiam o homem moderno, porém não foi capaz de absorver a totalidade humana como um microcosmos constituído também de afetos, sentimentos e desejos que ultrapassam a

²¹ A palavra *Bildung* suscita divergências em sua tradução. Aqui, não é o lugar para detalhar a sua etimologia, porém há duas traduções para o português que aludem à ideia de formação. Uma, como formação cultural e a outra como formação humana. Ambas estão relacionadas ao sentido da educação, mas por entendermos que a educação é o processo que retoma a humanidade integral do homem, optamos pela tradução por modelo de formação humana assim como o é a Paideia grega.. Usamos os termos formação humana, educação formativa ou simplesmente formação, todos como sinônimos de educação nos moldes da *Bildung*.

dimensão da matéria. Os séculos que produziram o avanço desmedido da tecnologia proporcionaram melhores condições de vida para toda a humanidade, mas, em contrapartida, impuseram a retração dos sentimentos e da sensibilidade para as questões espirituais.

Cerceado por uma razão que só consegue lidar consigo mesma, o homem romântico foi tomado pelo desencanto e pela decepção com as promessas mal cumpridas da racionalidade moderna. O progresso impulsionado pela ciência e pela técnica não foi suficiente para promover a felicidade cuja instância transcende a materialidade. Alicerçada no progresso material, a vida se desprende do seu sentido original causando um vazio incompreensível que a razão não conseguia preencher. Em função disso, foi preciso ressignificar a acepção do processo de humanização e ampliar a sua esfera de atuação. Nesse sentido, reparar a parte tolhida da totalidade humana pode ser, hoje, a tarefa mais urgente da educação que, entendida pela perspectiva da *Bildung*, encaminha o homem ao cumprimento do destino que lhe está reservado e que não é outro senão o de ser homem em sua totalidade e inacabamento.

A *Bildung* é ação mediadora que investe na formação de uma identidade pessoal autossuficiente e consciente, capaz de reconhecer a si e aos demais como seres diferentes, porém dotados das mesmas capacidades e dos mesmos direitos. Como consequência, a pessoa educada conforme os preceitos da *Bildung* tende a manifestar claramente seus princípios e a traçar caminhos que a levem a intervir positivamente na sociedade. A construção do homem enquanto sujeito autônomo, preparado para fazer ponderações e escolhas a respeito da vida, do mundo e da sociedade, fomenta sentimentos como a empatia e a solidariedade pelos quais se mostram que os modos de existir são tantos quantos são os indivíduos e que a cooperação é um meio de humanização que promove o bem-estar pessoal e dos outros.

Os preceitos da educação pela *Bildung* são como balizadores que indicam o ideal de formação a ser atingido. Não aquele ideal inatingível da completa perfeição, mas aquele que se propõe a ser ancorado pela realidade do mundo e da vida. O ideal concebido pela incompletude humana, pelo devir do homem que se faz a cada momento como pessoa e como coletividade. Diante disso, toda formação é humana, porque se processa no interior e no exterior do homem. Em

seu interior, promove o desenvolvimento das condições psicofísicas, neurológicas e afetivas acompanhando a formação da personalidade e do caráter individual de cada um. No ambiente, colabora com a evolução cultural da humanidade na medida em que favorece as relações sociais dentro de um grupo e entre grupos distintos através do intercâmbio de vivências, experiências e conhecimentos.

O ideal de formação da *Bildung*, tal como foi concebido pela primeira geração de românticos, propagou-se na literatura em forma de romance. O gênero romanesco que o representa ficou conhecido como *Bildungsroman* ou romance de formação, em português. De um modo geral, o romance de formação reproduz histórias de jovens protagonistas em fase de formação que se parecem com muitos jovens da vida real. O protagonista reproduz simbolicamente os sentimentos, as necessidades, os problemas e as ilusões que caracterizam a juventude. De acordo com Moretti,

Em linhas gerais, o Bildungsroman faz com que o leitor perceba o texto através dos olhos do protagonista: o que é completamente lógico, visto que este é aquele que deve se formar, e a leitura se propõe também, como um percurso de formação. O olhar do leitor é então articulado sobre aquele do protagonista: o primeiro se identifica com o segundo, compartilha a parcialidade e a individualidade de suas reações (MORETTI, 2020, p. 99).

A coragem, a revolta, a ânsia e o tédio assim como os sonhos e os ardores da juventude caracterizam a personalidade e o temperamento do protagonista, por isso a identificação do leitor jovem com o herói dos romances de formação é quase que imediata. O processo de formação gradual ficcionado assemelha-se ao dos que vivenciam sentimentos iguais no mundo real, criando uma identificação psicológica com a trajetória de vida narrada no romance. Ao final da história, o leitor depara-se com o amadurecimento do personagem que aprendeu a lidar racionalmente com as emoções que outrora inflamavam sua alma. Entende que o autoconhecimento e a autoformação conduzem ao amadurecimento, que é um processo de superação de si mesmo.

Como receptor e intérprete da mensagem que o texto de um *Bildungsroman* pretendeu passar, o leitor se identifica ou recusa a narrativa. Mesmo em caso de recusa, o objetivo de contribuir para a formação do leitor é atingido, pois a negação também faz parte do processo de autoformação. A não

identificação com o protagonista não impede o reconhecimento do texto e, muito menos, a reflexão que a leitura propicia. O não reconhecimento de si em um personagem também pode vir do ato reflexivo de autoconhecimento, pela via da negação. Ao mesmo tempo, pode significar o reconhecimento da vivência do outro numa situação semelhante.

Os efeitos da mensagem transmitida pela narrativa dependem de vários fatores, entre eles a expectativa que o leitor depositou no conteúdo do texto, sua visão de mundo e suas idiossincrasias. O desafio de conferir significado a um romance de formação advém do exercício de autorreflexão que cada um é capaz de fazer. O leitor que escolhe embarcar na aventura narrada, a toma como sua e, como um personagem, participa do mundo ficcional. Os momentos de fruição e de autorreflexão proporcionados pelo texto de um romance desse gênero funcionam como instrumentos externos para a formação.

4.3 Os colaboradores da formação: cultura, linguagem e literatura

A educação é um processo que acontece com a colaboração de aparatos e artifícios simbólicos criados pelo homem para sobreviver no mundo. A manifestação do mundo simbólico dá-se pela cultura que representa a consciência fora do mundo natural. Em seu processo de humanização primordial, o homem fez a si mesmo através da produção cultural que ele mesmo inventou. Como criação da consciência, a cultura é o patrimônio a ser transmitido para as novas gerações. O veículo dessa transmissão é a educação, que conta com o auxílio da linguagem nessa missão. Ao mesmo tempo em que são produtos da cultura, aliadas, linguagem e educação são o meio mais eficiente de preservá-la. Juntas, formam as tramas de uma rede que não se desmancham e não existem uma sem a outra. Servem à cultura e dela se servem. Formam um conjunto dinamicamente estruturado pela reciprocidade e pelo auxílio mútuo em favor do processo de humanização do homem através dos tempos. Educação, cultura e linguagem, integram o conjunto simbólico organizador do processo de humanização.

4.3.1 *Cultura: patrimônio transmitido pela educação*

A cultura é composta pelos bens materiais e imateriais que o homem forja para preservar a espécie e, ao mesmo tempo, para gerar bem-estar. O armamento produzido pela indústria bélica, a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, o grampo que prende o cabelo, um diamante lapidado (lapidar é alterar a forma natural), o foguete lançado no espaço ou o celular de última geração, são coisas que só existem em virtude da intervenção humana. Nesse acervo das coisas que fazem parte da cultura, estão incluídos os bens imateriais, não palpáveis, como a linguagem, os valores éticos e estéticos, os modos de vivenciar a política, de manifestar os afetos e a própria educação. Todos esses bens compõem a herança cultural, que vem sendo acumulada ao longo dos anos e deve ser transmitida de geração a geração sob pena de causar prejuízo irreversível ao futuro da humanidade. Essa tarefa é intermediada pela linguagem juntamente com a educação, as responsáveis diretas por traduzir o patrimônio cultural em conhecimentos compreensíveis ao mais novos. Se, agora, já não é necessário ensinar aos jovens como produzir artefatos de caça e pesca, iguais aos que homem primitivo utilizava, é necessário ensiná-los a lidar de forma saudável com os objetos produzidos pela tecnologia avançada. Nesse sentido, a educação desde sempre teve um compromisso indissolúvel para com o tornar-se humano que o ser do homem solicita e seu papel é crucial para qualquer coletividade e para toda a humanidade. Em seu Dicionário de Filosofia (2007, p. 357), Abbagnano define a educação como

a transmissão e o aprendizado das técnicas *culturais*, que são as técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico. Como o conjunto dessas técnicas se chama cultura, uma sociedade humana não poderá sobreviver se sua cultura não for transmitida de geração para geração; as modalidades ou formas de realizar ou garantir essa transmissão chama-se educação (ABBAGNANO, 2007, p. 357).

A educação é o agente responsável por empreender, de forma satisfatória, a transmissão do acervo cultural aos novatos e, concomitantemente, estimular nas crianças e nos jovens o aprimoramento das aptidões em latência. Isso

porque, ao nascer, o “homem é uma decisão ainda aberta em relação a seu destino” (SCHAEFER, 1995, p. 120)” e somente com a mediação das ações educativas as capacidades físicas, intelectuais, psíquicas e afetivas que caracterizam a vida humana, podem florescer e fazer surgir o humano na sua totalidade. Dessa forma, “todo o contexto que faz a vida do homem diz respeito à educação” (SCHAEFER, 1995, p. 81), devendo a vida que principia com uma criança ser cultivada para o perfeito desenvolvimento da sua humanidade. Sem nunca deixar de ser um feixe de possibilidades que exige movimento permanente, ao longo do tempo, a criança avança em seu processo de humanização até atingir a fase adulta. De acordo com esse movimento, a concepção de humanização necessita ser ressignificada conforme as transformações que acompanham o estágio evolutivo da humanidade vão se apresentando. Da mesma forma que uma semente necessita de cuidados para atualizar o seu potencial de planta, as crianças necessitam de atenção durante o período de sua formação. Assim, como a semente precisa contemporizar os cuidados que recebe (rega, poda e adubagem), a criança precisa aceitar os ensinamentos propostos. Educar é um processo que exige uma ação externa para fazer brotar o homem em sua integralidade. Mas também, é um processo interno de livre aceitação e autoformação. No caso da planta, por determinação natural, ela até poderá crescer sozinha, porém atingirá maior robustez e viço se cuidada até o seu pleno desenvolvimento. Essa analogia entre o homem e as plantas costuma ser utilizada para demonstrar que a educação é um longo processo que acontece em prol da formação humana. Ela não é uma sucessão de momentos estanques, mas um fluir e refluir, que regulado por múltiplas atividades com o objetivo de provocar e evocar a pluralidade de saberes disponíveis ao homem, tem sua efetividade no mesmo compasso de vida humana vivida.

4.3.2 Linguagem: o agente de mediação do mundo

Dado que o mundo se apresenta em múltiplas facetas, a linguagem mostra-se como um instrumento polivalente de mediação que denota e conota o mundo. Ela não é um instrumento de comunicação inato, foi criada para suprir a necessidade de decifração e significação do mundo bem como de comunicação

dos homens entre si. Constituída por símbolos e signos, a linguagem é muito mais que um meio de comunicação, é um recurso generoso que o homem inventou para se relacionar com o mundo e com o seu semelhante. É expressão genuína do humano.

Em seu mistério original, o mundo não se dá a conhecer imediatamente. Tal como se apresenta, necessita ser desvendado e decodificado. Sem acesso imediato, a relação entre homem e mundo precisa da linguagem como instância mediadora para acontecer. Sem o seu auxílio, a vida humana não pode ser vivida, uma vez que o mundo ao redor e o mundo interior do homem humanizam-se por seu intermédio. Ao intervir na relação do homem com o mundo, revela seu caráter pluridimensional e reflete o sentido doado ao mundo pelo homem.

A linguagem não é somente um dos dotes, de que se encontra apetrechado o homem, tal como está no mundo, mas nela se baseia e representa o fato de que os homens simplesmente têm *mundo*. Para o homem, o mundo está aí como mundo, numa forma sob a qual não tem existência para nenhum outro ser vivo, nele posto. Essa existência do mundo, porém, está constituída lingüisticamente. [...] a humanidade originária da linguagem significa, pois, ao mesmo tempo, a lingüisticidade originária do estar-no-mundo do homem (GADAMER, 1999, p. 643).

Para o homem, ter mundo constitui o sentido da vida. Este sentido da vida deriva do sentido lingüístico com o qual o homem comunica-se individualmente com o seu interior, com o seu semelhante, com a sua comunidade e com o próprio mundo. A linguagem do mundo se deixa decifrar através das coisas, dos fenômenos, das experiências, vivências e ações que são nomeadas e interpretadas pelo e para o uso comum de todos aqueles que pertencem a uma comunidade lingüística. “Todas as formas da comunidade de vida humana são formas de comunidade lingüística” (GADAMER, 1999, p. 647) de acordo com as quais o homem lê e interpreta o mundo naquilo que ele lhe oferece e, ao mesmo tempo, naquilo que uma comunidade faz dele²². Nesse aspecto, as inúmeras

²² Gadamer chama atenção para o caso das linguagens artificiais:

[...] os sistemas de entendimento artificial inventados nunca se tornam linguagens. As linguagens artificiais, p. Ex., as linguagens secretas ou os simbolismos matemáticos, não têm em sua base uma comunidade, nem de linguagem nem de vida, já que são introduzidos e aplicados meramente como meios e instrumentos do entendimento. Isso se estriba no fato de que pressupõem sempre um entendimento exercido ao vivo, o qual é lingüístico. É sabido que o consenso, pelo qual se introduz uma linguagem artificial, pertence necessariamente a uma outra linguagem. Por outro lado, numa

formas de manifestação da linguagem (oral, escrita, gestual, imagética, literária, teatral, musical, estética, sentimental, racional, etc.) operam como mediadoras do processo da humanização. Ao permitir que o homem realize a leitura do mundo no nível de sua significação, a linguagem faz florescer a humanização em toda a sua intensidade, tanto a considerada do ponto de vista do processo evolutivo quanto a que se processa nos moldes da *Bildung* – como formação em todas as dimensões do humano – para restaurar a totalidade do ser do homem.

Indispensável à realização das práticas educativas, a linguagem tem a função de fornecer acesso e assessorar a educação na transmissão dos conteúdos. Ela é a principal ferramenta com a qual a educação executa seus objetivos. Independentemente da forma como se manifesta, opera como substrato das efetividades requeridas pela educação. Através do fluxo da linguagem, educação e cultura se articulam no processo da formação humana. Ela é como uma amálgama que une cultura e educação. Nesse amalgamento, ela mesma está envolvida e atua num contínuo entrelaçar de múltiplas direções. Junto à educação, humaniza e forma o homem e estimula o desenvolvimento das funções cerebrais através do ato da leitura, seu produto de articulação do mundo e da vida.

4.3.3 A linguagem e os modos de ler na atualidade

Para transmitir de forma compreensível os conhecimentos tidos como válidos, o processo educativo é intermediado pela linguagem, que subsidia o ato de ler. Do ponto de vista das estruturas formais, ler está diretamente relacionado a aparatos linguísticos e a situações de inserção social, cultural e histórica, sem os quais o processo de aprendizagem tornar-se-ia deficitário. O aperfeiçoamento das capacidades intelectuais que propiciam a leitura requer condições específicas que entrelaçam texto e contexto.

Com base na proposta de Gilles Thérien, Jouve (2002) apresentou cinco dimensões do processo que envolve o ato de ler. A primeira é neurofisiológica,

comunidade lingüística real não nos pomos primeiro de acordo, mas estamos já sempre de acordo [...] (GADAMER, 1999, p. 648).

está ligada às funções cerebrais e visuais que permitem a “percepção, identificação e memorização dos signos” (JOUVE, 2002, p. 17). A segunda é cognitiva. Através dela, o leitor esforça-se para compreender o significado do conjunto de signos percebidos anteriormente. Em seguida, entra em funcionamento a parte afetiva instigada pelas emoções. São sentimentos como simpatia, piedade e admiração, que aproximam o leitor da narrativa. Na dimensão argumentativa, ligada à interpretação, o leitor aceita ou recusa a proposta do texto, tecendo suas próprias considerações sobre a trama e os personagens. Finalmente, “agindo nos modelos de imaginário coletivo”, a leitura revela-se um processo simbólico (JOUVE, 2002, p. 22) concernente à cultura dominante de uma sociedade. Essas dimensões interativas do processo revelam a complexidade e multiplicidade de fatores implicados no ato de ler assim como as condições necessárias para que o leitor consiga uma boa *performance* durante a leitura.

No século em que estamos, a informatização alterou as formas de o leitor relacionar-se com o texto e, conseqüentemente, o modo de ler, escrever e conhecer. As dimensões da leitura enumeradas por Jouve permanecem as mesmas, mas se adaptaram às condições hodiernas. O uso constante da tela exige que as funções cerebrais ligadas à visão trabalhem num nível superior ao exigido das gerações anteriores ao advento da internet. Na medida em que os dados estão permanentemente disponíveis aos internautas, a função cognitiva sofre um relaxamento. Desse modo, o ato de ler se torna mais dispersivo em meio à abundância e multiplicidade de informações disponíveis. Em relação à afetividade, os sentimentos e emoções do leitor digital são postos à prova a cada acesso ao mundo tecnológico que, para unir milhares pessoas pela virtualidade, impõe o isolamento real do mundo de todos os participantes. Essa dicotomia entre o real e o virtual tem conseqüências para a vida pessoal e social das pessoas.

Um bom exemplo de como funciona a função argumentativa de aceitação ou rejeição do texto produzido pelo mundo informatizado está fora do ambiente escolar. A indústria do entretenimento e o comércio eletrônico disponibilizam como forma de lazer aos jovens, histórias e narrativas que sintetizam as histórias e narrativas literárias. Misturam fatos históricos com fantasias, proposições

futuristas e mágicas. Nesse aspecto, se aproximam de alguns gêneros literários. O herói do presente pode ser cheio de ambiguidades, demonstrando inseguranças, temores e amarguras que o levam a buscar vingança. A versão eletrônica das narrativas permite ao usuário manipular as características do personagem de acordo com suas próprias características, de modo que ele, virtualmente, transforma-se no herói da história. E a narrativa converte-se em sua história pessoal no mundo ficcional. Funciona como se o leitor aderisse à proposta do texto colocando sobre ele sua interpretação pessoal. Os processos simbólicos de representação cultural são garantidos pela figura do leitor encarnado como herói no mundo virtual. A ele cabe ganhar jogo fazendo justiça, vingando uma traição, uma humilhação sofrida e derrotando o mal. É assim que vence o jogo, que se confunde com a própria vida, mas nunca será a vida.

A popularização cada vez maior das mídias transformou as formas de relacionamento social, repercutindo diretamente no ambiente escolar e nas formas de ensino-aprendizagem tradicionais. Com o acesso facilitado à internet, o aparelhamento eletrônico passou a fazer parte da rotina das salas de aula sendo utilizado, especialmente, pelos jovens. De súbito, a cibercultura tomou conta do ambiente escolar e uma variedade de aparatos com tecnologia digital substituiu, com eficiência, os instrumentos tradicionais de ensino. A celeridade da informatização invadiu uma instituição despreparada para acolher inovações que superam umas as outras antes mesmo de serem absorvidas. Passaram a fazer parte dos instrumentos utilizados na aquisição do conhecimento o livro digital, as vídeoaulas, a projeção na tela e a comunicação virtual em tempo real.

No ciberespaço, as formas da expressão comunicativa estão equiparadas e possuem o mesmo valor. Não há classificação hierárquica na ordem dos tipos de comunicação, o que torna a informação mais acessível a todos. O uso das tecnologias digitais de informação, potencialmente, pertence a toda a humanidade, por isso tornou-se mais um patrimônio cultural. A difusão da informação pode integrar todos os tipos de linguagem: a escrita, a oral, a imagética, a auditiva. Nesse sentido, além de permitir que o usuário escolha qual via de acesso deseja usar para obter qualquer tipo de informação, permite também a inclusão de setores da população que antes tinham pouco ou nenhum

acesso aos meios de obtenção de conhecimento, como é o caso dos que estavam limitados por algum tipo de deficiência.

A digitalização do mundo proporcionou autonomia a quem dependia da ajuda de terceiros para participar dos espaços de transmissão do conhecimento. Essa democratização, que alterou positivamente os modos de conhecer, se deve à capacidade da informática de abrigar todas as formas de comunicação. Grandes clássicos da humanidade foram digitalizados e muitos são oferecidos também no formato de audiolivros, possibilitando o acesso de pessoas com dificuldades visuais. Para as pessoas com deficiência auditiva, além do vídeo legendado, a tradução em libras tem se expandido cada vez mais. Ao mesmo tempo que amplia a possibilidade de acesso, o ciberespaço assegura a longevidade dos conhecimentos já adquiridos pelo homem ao proceder o arquivamento virtual dos mesmos. Isso torna o uso da memória pessoal e coletiva menos requerido, pois a memória artificial dos computadores suporta muito mais que o cérebro humano. No entanto, a ampla utilização das tecnologias de informação e conhecimento disponibilizados pela informática não implica no desaparecimento imediato das formas impressas de texto. Livros, revistas, folhetos, cartazes e similares continuam circulando pelo mundo.

O texto impresso não é suficiente para as necessidades da geração do presente. Contudo, a revolução tecnológica não dispensou a escrita, pelo contrário, passou a exigi-la dentro das condições de acessibilidade dos elementos linguísticos que integram sua rede, como no caso da leitura digital, que emprega o *hiperlink* como uma das suas principais ferramentas. Rapidamente, a leitura digital liga um texto a outro e fornece acesso direto à intertextualidade. Seja como for, ler continua sendo uma atividade de elaboração de significados atinentes ao leitor. A liberdade de interpretação textual mantém-se como prerrogativa da leitura, seja ela realizada pela decifração dos códigos alfabéticos ou pela utilização de suportes audiovisuais.

Com a evolução cultural, novas formas de utilização da linguagem vão surgindo e se associando às invenções tecnológicas. Em termos de comunicação, as novas tecnologias são criadas para facilitar, agilizar e expandir o alcance da comunicação entre os homens. Nesse aspecto, o seu significado e a sua utilização dependem da linguagem que serve de ponte para comunicação

entre novo e o antigo. A estrutura da comunicação não se altera, permanece como trinômio emissor, mensagem, receptor. O que muda é a aparência da tríade e a velocidade da transmissão da mensagem, que no mundo virtual pode ser equiparada à instantaneidade da comunicação oral.

A experiência do mundo tecnológico interfere na visão de mundo, na atuação das pessoas e no comportamento social, por isso reflete na educação cujos novos desafios incluem adaptar-se e entender a forma de expressão linguística que as tecnologias trouxeram consigo. Não se trata da linguagem especializada utilizada pelos profissionais da área tampouco de um novo conhecimento linguístico, mas da adaptação ao presente. Como no mundo anterior às tecnologias da informação e do conhecimento, a linguagem continua sendo o suporte do processo educativo, porém revestida pela adequação às inovações tecnológicas.

Da mesma forma que a linguagem pertence à estrutura do processo educativo, ela também pertence à comunicação literária. E, na medida em que é mediação, continua a exercer sua permanente função de amálgama do mundo humano. Assim, ela contribui para a união da educação com a literatura. Interposta como ato de ler, a linguagem é o elemento comum pelo qual educação e literatura podem penetrar no mundo digital facilitando as novas formas de lidar com o conhecimento.

4.3.4 Literatura: expressão linguística em favor da educação

Como foi dito no capítulo anterior, a literatura também é uma atividade humanizadora. Por convergir para o mesmo propósito, ela coopera com a educação em sua tarefa infinda de humanizar e formar homens. Como um bem inalienável que participa do processo de humanização, deve ser integrada aos saberes escolares produzidos pela educação. Nesse aspecto, “a escola, como agência de letramento por excelência, não pode se eximir de seu papel de formar leitores literários” (KLEIMAN, 2008). Partindo do fato de que o aluno também é um leitor, é no ambiente escolar que ele tem a possibilidade de exercitar os níveis

de compreensão e interpretação da realidade através dos vários formatos de leitura.

Considerando que a expressão linguística é utilizada para comunicar vários tipos de discurso e que cada um deles possui propriedades específicas, a literatura adiciona ao conhecimento transmitido pela educação escolar um tipo de saber que se manifesta com uso de metáforas, alegorias, expressões figuradas e sentidos ambíguos. Sob esse aspecto, a linguagem da literatura é diferente da linguagem do cotidiano e da linguagem da ciência, por exemplo. A linguagem cotidiana está ligada à fala cujas características são a imediatez, a simplicidade e a informalidade. Na comunicação cotidiana, a reflexão que antecede o discurso tem como finalidade a execução de tarefas e a expressão da sociabilidade. A linguagem científica exige formalidade e deve respeitar normas estabelecidas pela comunidade científica. Com a finalidade de transmitir informações precisas e verdadeiras, exige uma reflexão consciente que pretende alcançar a neutralidade em cada palavra. É uma linguagem referencial de descrição, demonstração, verificação e análise. No discurso científico, prevalecem a clareza e a objetividade que estruturam os argumentos lógicos por meio dos quais tenta comprovar suas premissas. Por isso, não admite interpretações dúbias e termos ambíguos. A linguagem literária, por definição, é maleável. Envolve significados conotativos, não se preocupa com referenciais e nem almeja alcançar a verdade absoluta. Sua verdade pertence ao terreno da ficção, da invenção e da livre imaginação. Enquanto forma de expressão artística, “A língua é o material da literatura, como a pedra ou o bronze são o da escultura, as tintas o da pintura, os sons o da música” (WELLECK; WARREN, 2003, p.14), por isso abusa do uso de artifícios poéticos, chama atenção do leitor e o convida a fazer parte da tríade que compõe o processo literário. A literatura tem o poder de brincar com as palavras sem com isso desrespeitar a linguagem. Ela pode subverter a lógica sem violar o princípio da inteligibilidade, porque a natureza de sua expressão intenta atingir o homem em suas emoções e sentimentos.

Como instrumento de comunicação textual, a literatura colabora com o aperfeiçoamento das atividades mentais relacionadas à interpretação de texto e incrementa a criatividade para o exercício das atividades cotidianas. Isso possibilita ao sujeito organizar melhor as representações que tem do mundo e da

vida. Seu lado lúdico revela a face do humano que a educação tradicional deixa em segundo plano. Isso não quer dizer que o conhecimento literário seja a panaceia para os problemas da educação.

Não é pela literatura em si que nos dias de hoje se lê menos livros. A era da informática levou a literatura a se transfigurar em narrativas imagéticas apoiada pelo audiovisual, o que não elimina ou diminui a importância do texto literário. Ao contrário, as formas de ajuste ao tempo presente contribuem para a conservação de sua essência e ampliam seu alcance pelo mundo. Por isso, o conhecimento da literatura é um dos meios que está disponível no mundo da cibercultura para que a educação escolar acolha o aluno pós-digital.

A quantidade de textos literários que se utilizam da comunicação digital vem aumentando a cada dia. A literatura ingressou na era da informática pelos diversos formatos de textos disponíveis bem como pela sua variedade de conteúdos que aderem à imagens, sons e escritas múltiplas. Cabe ao leitor escolher o que melhor lhe convém. É nesse sentido, que ela pode ser um recurso facilitador da comunicação entre a escola e os jovens.

Pensar a formação proposta pela *Bildung* para o século XXI, significa revisar os objetivos da educação os quais devem ser reformulados no sentido de permitir que as ações educativas no mundo tecnológico sejam bem-sucedidas. A escola deve buscar meios e instrumentos que possibilitem ao estudante converter as informações disponíveis no mundo digital em conhecimentos e saberes. É na escola que o legado cultural da humanidade é repassado aos mais novos e, hoje, esse legado está também no mundo cibernético. Operacionalizar a organização e a oferta dos múltiplos saberes, incluindo entre eles as diferentes formas de manifestação da literatura, faz parte da dinâmica dos processos educacionais socialmente instituídos. Como instância de democratização, o espaço escolar é a via de acesso direta ao texto literário, que pode ser um excelente coadjuvante do processo da formação humana.

5 LEITURA DO ROMANCE “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”

Tomando toda a referência do capítulo anterior de que os homens não se educam sozinhos e que a linguagem é o grande veículo produtor da formação humana, constatamos que a literatura é, sim, formativa. Por isso, é possível afirmar que a composição de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* repousa no conceito de formação humana bem como na definição de romance de formação. O quinto capítulo trata da definição do gênero romanesco e, dentro deste, das principais características que distinguem o subgênero romance de formação. Após, descreve, sucintamente, a narrativa do livro e apresenta argumentos que sustentam a tese de que o romance escrito por Lima Barreto pertence ao rol dos romances de formação brasileiros²³ cujo enredo está envolto por uma noção de brasilidade que se constitui como modo de ser e de existir do brasileiro enquanto sujeito que vive e sente o mundo de forma singular.

5.1 Definição e características do romance

Antes de realizar a leitura do romance de Lima Barreto, é preciso explicar o que a teoria literária considera ser um texto romanesco. Como visto no capítulo 2, o romantismo teve origem na Alemanha e se disseminou pelo restante da Europa, até chegar ao Novo Continente, como um amplo movimento de atuação cultural, filosófica, artística e educacional. Em vista disso, não se pode pensá-lo circunscrito ao âmbito das proposições da teoria literária. Assim sendo, esta leitura das *Recordações do escrivão Isaías Caminha* exige que as concepções de

²³ Numa espécie de cânone de *Bildungsroman* brasileiros, encontramos obras como *Capitães de areia*, de Jorge Amado, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector e outras.

romance e romance de formação dentro da teoria literária sejam tratadas neste capítulo.

Foi a partir da *Poética* de Aristóteles que a literatura recebeu, além da sua primeira definição, uma classificação interna para caracterizar as suas diferentes formas de expressão. Válida ainda hoje, a classificação aristotélica leva em consideração o conteúdo do texto e a sua estrutura comunicativa. São três gêneros abrangentes: o lírico, o drama e o épico. O lírico corresponde à poesia, que expressa as emoções e sentimentos do eu lírico. Considerados como poesia, estão sonetos, poemas, hinos e outras formas da comunicação literária cuja marca é o verso. O drama diz respeito às diversas formas de representação teatral na qual a encenação é marcada pelo diálogo. Na Antiguidade, o gênero épico representava as narrativas gloriosas sobre os feitos dos heróis e dos semideuses. Pode ser identificado pela presença do narrador e de um enredo que desenrola-se na esteira do tempo e do espaço. Na era moderna, a epopeia é representada pelo romance, pelo conto e pela crônica, estilos um pouco diferentes da sua raiz, mas que conservam seus principais traços. Em conformidade com o propósito desta tese, aqui cabe destacar somente o romance, em especial, seu subgênero, o romance de formação. Tendo em mente a acepção moderna, Lukács (1962?, p. 61) define o romance como

a epopeia de um tempo em que a totalidade extensiva da vida não é já dada de maneira imediata, de um tempo para o qual a imanência do sentido à vida se tornou problema mas, que apesar de tudo, não cessou de aspirar à totalidade” (LUKÁCS, 1962?, p. 61).

Na literatura antiga, a epopeia representava a unidade do mundo e da vida. Para a épica grega, não havia dissensão entre o indivíduo e o social, pois um laço harmonioso e coeso mantinha a comunidade como totalidade primordial vivida. O eu, o outro e o nós compunham um todo identitário homogêneo. No romance moderno, esse laço rompe-se e o eu passa a ver-se isolado e distinto do todo fazendo desaparecer a harmonia que imperava anteriormente.

Na epopeia, o herói tem sua personalidade previamente definida e sua aventura não altera aquilo que ele é. Como na Odisseia, Ulisses sempre será o

rei de Ítaca, não importa o que lhe aconteça. As aventuras que retardaram em 10 anos sua volta para casa modificaram-lhe apenas a aparência física, seu caráter permaneceu o mesmo, por isso não tardou em recuperar o trono e o casamento com Penélope. Ulisses não saiu em busca de aventuras e nem precisava conhecer a si mesmo, pois sabia bem quem era. Se se afastou de Ítaca, foi para ajudar na guerra de Troia e se após o término desta não conseguia retornar, era pela vontade dos deuses, especialmente Poseidon que de tudo fazia para impedir sua felicidade. Isso conferia sentido à narrativa do odisseo. Diversamente, o romance, herdeiro da epopeia, apresenta a “alma que entra no mundo para aprender a conhecer-se, que procura aventuras para se experimentar nelas” (LUKÁCS, 1962?, p. 102) e então descobrir um mundo inteiro diferente de si. A totalidade do mundo romanesco é, assim, heterogênea e sem sentido preestabelecido.

O romance possui características peculiares que o distinguem do conto e da crônica, as outras duas formas de narrativa. Moretti (2020, p. 26) destaca como principais, a realidade cotidiana e a assimilação do tempo histórico (Bakhtin). Na forma romanesca, as questões do cotidiano entram para o texto como conteúdo de fruição da leitura. Os assuntos triviais da vida como trabalho, lazer, afeições e amizades, passam a ser de interesse tanto do ponto de vista do escritor quanto do leitor – o escritor deseja mostrar ao leitor como é o mundo real e o leitor deseja conhecer histórias diferentes da sua, mas que ao mesmo tempo possibilitem alguma identificação consigo. Para Clara Reeve (1785 *apud* ABREU *et. al.*, 2005),

[...] o romance é uma narrativa, centrada na vida real, próxima do leitor no tempo e no espaço, que trata de coisas que podem acontecer a qualquer um em sua vida cotidiana, escrita em linguagem comum, elaborada de forma a convencer o leitor de que a história relatada realmente aconteceu e de modo a provocar reações de identificação, fazendo aquele que lê se colocar no lugar do personagem e com ele sofrer ou se alegrar (ABREU *et. al.*, 2005, p. 5).

A trama gira em torno da vida pessoal do personagem central, suas relações sociais e amorosas, seus desejos, suas emoções, seus pensamentos e reflexões. Os problemas e aflições do herói se antepõem aos problemas do mundo que ali estão com um elemento avulso. Os acontecimentos do mundo

aparecem em segundo plano diante da ênfase dada à figura do herói que vive sua história no interior de uma época que serve de ponto de referência para a narrativa. O protagonista das histórias de romance é um indivíduo que tenta situar-se no mundo como qualquer outra pessoa, com a diferença de poder desfrutar de aventuras e emoções que na vida real geralmente são abafadas pelas normas sociais.

Analisando o romance a partir de uma perspectiva histórica, Bakhtin elaborou uma tipologia do gênero baseada nos princípios estruturais da imagem do herói identificando e caracterizando quatro tipos principais: romance de viagem, romance de provas, romance biográfico e romance de educação ou formação. Nos três primeiros tipos

A dinâmica do romance, os acontecimentos e episódios nele representados, consiste em movimentar o herói no espaço, na hierarquia social: ele é mendigo, fica rico, é plebeu, torna-se nobre. [...] Os acontecimentos modificam-lhe o destino, a situação na vida e na sociedade”, ao passo que ele permanece inalterado, sempre igual a si mesmo (BAKHTIN, 1997, p. 236).

O perfil predominante do herói romanesco impõe uma figura de caráter imutável mesmo quando o que está em destaque é sua vida privada. Tudo o que envolve suas relações sociais e afetivas pode levar à instabilidade das suas emoções e a reflexões mais complexas, porém nada altera sua personalidade já constituída. A roda do destino gira para ambos os lados, mas ele conserva as características pessoais e o seu temperamento, porque não faz parte do enredo qualquer incerteza ou modificação nesse aspecto. O herói é quem ele é desde o início, e o será até o final.

5.2 O romance de formação

Bakhtin descreve o quarto tipo de romance, o romance de formação, como um tipo especial no qual

A imagem do herói já não é uma *unidade estática*, mas, pelo contrário, uma *unidade dinâmica*. Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma *grandeza variável*. As mudanças por que passa o herói

adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida. Pode-se chamar este tipo de romance, numa acepção muito ampla, de *romance de formação* do homem (BAKHTIN, 1997, p. 237).

Como unidade dinâmica, o herói do romance de formação está em busca de si numa jornada em que a autenticidade é o valor primordial. O processo de transformação e evolução pelo qual passa ao construir seu destino e modificar sua vida sugere a autoformação que se processa em dois sentidos simultâneos, o individual e o social. No desenrolar do processo individual, precisa lidar com seus dramas mais íntimos e com suas angústias particulares, que envolvem as questões de autoidentificação e reconhecimento de si mesmo enquanto pessoa. No aspecto social, os conflitos dizem respeito às relações familiares e ao meio social envolvendo disposições econômicas e posicionamentos políticos. A um determinado ponto, a vida passa a ser examinada, pensada e refletida tornando-se o centro das inquietações para as quais somente o amadurecimento trará o apaziguamento esperado.

Dentro do subgênero romance de formação, Bakhtin (1997, p. 239) observa variações que se apresentam conforme o grau de assimilação do tempo histórico real, distinguindo cinco subtipos. O romance cíclico de tipo puro, o romance clássico de formação (característico da segunda metade do século XVIII), o romance biográfico e autobiográfico (nestes há ausência do elemento cíclico), o romance didático-pedagógico (como *Emílio* de Rousseau) e o romance realista no qual a formação do homem é indissociável da evolução histórica. Todos os subtipos mantêm a figura do herói como homem em devir cuja formação processa-se no tempo histórico seja ele dissociável ou não de si.

Dadas as características essenciais pelas quais é possível distinguir um romance de formação dentro do gênero romanesco, pode-se acrescentar outras especificidades que fazem parte dessa construção literária. Analisando o personagem central, percebe-se que sua jornada no caminho da formação exige também a elaboração psicológica do eu (Moretti, 2020). Isso significa que a juventude é outra condição necessária que configura o herói da *Bildung*, pois é através dela que os processos mentais de desenvolvimento e reconhecimento da

própria identidade ocorrem. A juventude, período efêmero situado entre a infância e a maturidade, é o fio condutor de formação da consciência egoica sendo, portanto, indispensável para a concepção da figura do herói em devir.

Do ponto de vista do enredo, Moretti (2020) destaca ainda outras características que tipificam o romance de formação. Normalmente, a história do protagonista está circunstanciada entre duas classes sociais, especificamente, a burguesia e a aristocracia. A primeira, em ascensão econômica e a segunda, detentora do poder e do conhecimento. Outro ponto é a mobilidade do herói no decorrer da narrativa. Trata-se de uma mobilidade espaço-temporal que envolve viagens, mudanças de cidade e temporadas em lugares diversos. A mobilidade temporal é a do homem em devir, daquele que nunca se completa, mas que prossegue em sua jornada de formação. Por fim, e dependendo do caso, “A *Bildung* termina sob o signo da recordação, da memória voluntária, da racionalização do caminho percorrido” (MORETTI, 2020, p. 117), momento em que o protagonista reconhece que já não restam projetos para o futuro. O herói atingiu a maturidade e o processo de formação seu limite. Contudo, esse cessar da *Bildung* se restringe a sua apresentação na forma literária de romance, porquanto ao se referir à educação, a *Bildung* pode ser considerada um processo permanente, porque o homem é um ser cuja incompletude o faz reinventar-se inúmeras vezes ao longo da vida. A cada projeto concluído, sucede um novo que inicia como uma tentativa de reafirmar, ou melhor, encontrar sua eternidade.

5.3 Isaías Caminha, uma história de vida e uma formação a narrar

O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é ambientado na redação de um jornal de grande circulação na capital do país, no início do século XX. A narrativa memorialística descreve como o jovem contínuo ascendeu ao cargo de repórter dentro da redação. O cenário que compõe o relato de vida de Isaías Caminha, o protagonista, retrata o cotidiano da atividade jornalística e revela os bastidores por trás da notícia, a relação da imprensa com o poder e a influência na formação da opinião popular. Este é o resumo da história. Contudo, um olhar atento e dedicado contempla outras leituras, nem antagônicas nem

opostas, mas complementares ao rico universo criado por Lima Barreto neste romance.

As lembranças que o escrivão descreve em suas recordações têm início em sua infância, no estado do Espírito Santo, onde nasceu, numa pequena cidade chamada Caxambi ²⁴. Passando pelos anos em que viveu na capital do país, termina com o retorno do então adulto para a terra natal. A transição da juventude à idade adulta ocorre nos anos vividos na capital, correspondendo aos mais atribulados e com maior peso memorialístico. É no Rio de Janeiro que Isaías deixa para trás os doces sonhos juvenis para assumir as responsabilidades de homem feito e ingressar definitivamente no mundo dos adultos.

A mudança de cidade foi motivada pelo desejo do jovem de ingressar na faculdade para cursar medicina e, assim, adquirir o título de doutor, o que na época significava ter um diploma universitário. Nesse aspecto, a história de Isaías Caminha é uma reprodução romanesca factível e corresponde a de muitos jovens do interior que se deslocam para os grandes centros a fim de concluir os estudos.

Com um histórico de bom estudante e o firme propósito de tornar-se doutor, Isaías segue rumo ao Rio de Janeiro munido de entusiasmo e coragem. Nada pode dar errado, afinal ele sempre foi considerado um dos melhores alunos da escola, é inteligente e tem muito gosto pelo conhecimento. Após se estabelecer na cidade, seria apenas uma questão de tempo e força de vontade para que sua vida tomasse o rumo que supusera certo. Contudo, as conformações que caracterizam o personagem central desta narrativa, mais que seu esforço, são determinantes para o desenvolvimento da trama. A situação econômica e o fenótipo do jovem estudante acompanham a sua trajetória em busca da realização do seu sonho. É um rapaz pobre que precisa trabalhar para se sustentar ao mesmo tempo em que estuda. Sua pele não é clara e seus olhos não são azuis. Tem a tez escura, “cor de azeitona”, resultado do relacionamento de seus pais, o padre de origem europeia e sua empregada negra. Sua aparência é como um agravo que contraria as concepções de inteligência e de sociabilidade indispensáveis para ocupar uma vaga na faculdade.

²⁴ Em Figueiredo e Ferreira encontra-se escrito “Cachambi” contendo nota de rodapé alusiva à edição da Floreal de 1905 (FIGUEIREDO, C. L. N. de; FERREIRA, C. M., 2017, p. 129).

Em sua pequena cidade, o jovem adolescente não tinha a real dimensão dos efeitos que a sua condição poderia causar em sua vida. As dificuldades, as privações, o preconceito e o racismo se apresentam a Isaías com a chegada ao Rio de Janeiro. Já durante o percurso da viagem, a realidade vem sutilmente ao seu encontro na forma velada da discriminação, assim como um trovão longínquo que anuncia para breve uma forte tempestade, mas deixa sempre a dúvida de realmente ter sido ouvido. Ao fazer um lanche numa das estações do trem, Isaías se viu preterido em relação a outro passageiro em situação idêntica. Temendo perder a hora do embarque, ambos reclamavam da demora em receber o troco pelo pagamento da refeição. O rapaz louro foi prontamente atendido, enquanto ele foi interpelado pelo atendente. Sem encontrar motivos que justificassem a diferença no tratamento e o constrangimento sofrido, compreendeu que nada mais havia que os pudesse separar a não ser a cor da pele.

Os dias mais difíceis do jovem estudante não se restringiram aos momentos do preconceito sofrido. As dificuldades que o impediam de realizar o sonho de ingressar na faculdade se agravavam cada vez mais. Devidamente hospedado, Isaías sai em busca de emprego. Contava com um adiamento no início do curso, até resolver a questão financeira, por isso continuava a apresentar-se como estudante. Por orientação do tio, trouxera consigo uma carta de recomendação aos cuidados de um deputado que também havia nascido em Caxambi. A esperança de que a situação se resolveria no encontro com o político, acabou em decepção. Recebido com desdém, não obteve dele a ajuda que precisava. Inconformado e sentindo-se injustiçado, seus sentimentos se misturam a uma contundente crítica social que passa por sua mente durante o trajeto de retorno do bonde. Olhando para os passageiros, esbravejava dentro de si.

E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia ... “Imbecis!”, pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram ócios de nababo e uma vida de sultão... (BARRETO, 2010, p. 121).

Humilhado e dominado pela raiva, o jovem Isaías sente-se vulnerável e os desejos humanos mais vis corroem seus pensamentos. Os sentimentos individuais se juntam aos do cidadão de um país cujos princípios políticos são duvidosos. A dor do desprezo e o desespero de ver suas expectativas frustradas o afastam do modelo exemplar do bom moço. As emoções fortes que o atordoam estão longe da perfeita dignidade moral. Como ser humano em construção, quase imberbe, para quem a vida só estava começando.

O impacto causado pela mudança do ambiente acolhedor do lar para a hostilidade da capital o marcou para sempre. Sem conseguir alguma fonte de renda, Isaías via seus recursos diminuírem diariamente e o seu sonho se distanciar em pálidas ilusões. Logo, o desespero sucedeu ao entusiasmo da partida para a capital. A fragilidade do jovem sonhador manifestava-se juntamente com as primeiras dificuldades enfrentadas na cidade grande. Sozinho, de frente com a realidade, precisa lidar com a imediatez da vida que urge. Atender necessidades básicas de alimentação e moradia tornam-se prementes para ele. Mas quando a miséria o assombrava, para suportar a fome passava o dia na Biblioteca Nacional lendo Maupassant e Daudet (BARRETO, 2010, p.150). O conhecimento era o lugar de refúgio no qual se abrigava em companhia da literatura. Para se proteger do sofrimento e do sentimento de desamparo, além da fuga para a biblioteca, dava vazão à imaginação e acreditava que poderia, por sorte, encontrar alguma fortuna perdida (BARRETO, 2010, p. 107) para destrinçar de imediato a situação desesperadora na qual se encontrava. O pensamento mágico revela a imaturidade juvenil que, até então, se escondia atrás do comportamento discreto e da personalidade séria de rapaz ajuizado que aparentava quando morava com a família. Desse modo, pelas entrelinhas da vida, entre o medo e a desilusão, Isaías forjava seu próprio processo de formação.

Na capital do país, o estudante Isaías Caminha teve a oportunidade de conhecer alguns personagens que foram decisivos para o seu estabelecimento na cidade. Logo que desembarcou, foi recepcionado pelo padeiro, Laje da Silva, o qual foi seu companheiro de viagem em parte do trajeto e se tornou seu cicerone. Levou-o a conhecer as atrações da cidade e alguns dos mais renomados jornalistas. No hotel em que se hospedou, conheceu Leiva, o poeta

revolucionário, futuro repórter do jornal, que o introduziu no círculo dos intelectuais e da boemia cariocas. E, por intermédio do padeiro, o inteligente jornalista russo Gregoróvitch Rostóloff, formado em línguas orientais e exegese bíblica, que o colocou no cargo de contínuo da redação do Jornal de maior circulação na cidade, *O Globo* ²⁵. A convivência com esses três personagens teve grande influência no processo formativo do protagonista. Com o padeiro, conheceu o lado prático e útil da vida. Com o poeta, aprendeu a ver a diferença entre o sonho e a realidade, a palavra e a ação. A admiração pela sabedoria do russo ampliou sua visão de mundo. Essas foram algumas das experiências de vida que colaboraram para o seu crescimento como pessoa e como cidadão. Antes desse período, a figura paterna e o espaço escolar foram as referências mais significativas na vida do escrivão. Em suas recordações, lembrava do pai envolto numa aura de sabedoria como só era possível aos homens ilustrados. O difícil começo na cidade do Rio de Janeiro colocava em perspectiva a lembrança prazerosa da época de colegial em Caxambi.

Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada (BARRETO, 2010, p. 127).

Sob conflito, a inevitável comparação entre a vida no interior e a vida na metrópole, era um convite a autorreflexão. Provocado a pensar sobre si mesmo a partir das ideias preconcebidas que os outros tinham a seu respeito, Isaías desenvolvia seu processo de autoconhecimento e começava a enfrentar os preconceitos de frente. No excerto acima, o epíteto ofensivo é a expressão “mulatinho”, alcunha com a qual foi apontado na delegacia de polícia quando, injustamente, foi acusado de ser o autor do roubo no hotel em que estava hospedado. Até aquele momento, as suas características físicas não tinham sido determinantes para os acontecimentos de sua vida e o fato de ser um estudante de alto nível parecia-lhe suficiente para atravessar os obstáculos que a vida

²⁵ O nome *O Globo* é fictício, não há relação com as Organizações Globo de Comunicação que conhecemos hoje. Contudo, Irineu Marinho, fundador do jornal *O Globo*, que deu origem as organizações de mesmo nome, era amigo de Lima Barreto e como já mencionado encomendou ao

impunha. Em suas reflexões quase pueris, acreditava que o conhecimento era como um antídoto natural cuja potência mortal era capaz de eliminar qualquer desigualdade e preconceito.

Depois de atravessar as adversidades que acompanharam sua chegada à capital, depois da fome, do medo, do desprezo do deputado e dos preconceitos, surgiu a oportunidade do tão esperado emprego: a vaga de contínuo ²⁶ na redação do *O Globo*. Em pouco tempo, o jovem protagonista constatou o quão difícil seria conciliar trabalho e estudo. Refletindo sobre os acontecimentos desde sua chegada, percebeu que romper as barreiras do preconceito ao qual estava submetido era quase impossível. O preço que pagava por ousar sonhar em ser doutor era muito alto e o sofrimento já tinha deixado nele recordações muito doloridas. Por isso, preferiu viver com o pouco que a vida lhe oferecia e com a garantia da dignidade a perseguir um sonho inatingível.

Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fora só a miséria passada que assim me fizera; fora também a ambiência hostil, a certeza de que um passo para adiante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis. Relembrava-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acovardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do *O Globo* (BARRETO, 2010, p. 196).

Longe do ambiente afável do lar, o mundo se mostrava perverso. Entre a delicadeza dos seus sentimentos e a consciência de que era incapaz de mudar a realidade, Isaías escolheu a resignação como forma de seguir em frente. Não por ser a opção mais confortável, mas talvez por ser a mais sensata. Ao compreender que a saúde emocional não pode pagar o preço da conquista de um sonho de vida, dava mais um passo em direção à maturidade. Nessa fase de transição da adolescência para vida adulta, os ímpetos da juventude lentamente se enfraquecem e as emoções mais intensas pouco a pouco cedem lugar ao comedimento da razão. Analisando por outra perspectiva, assim como o jovem estudante, a maioria das pessoas na mesma situação passavam, e ainda

escritor o folhetim *Numa e a Ninfa*, para ser publicado no jornal, *A Noite*.

²⁶ O contínuo tinha como função suprir as mesas com papéis, mataborrões e tinteiros evitando transtornos que impedissem os jornalistas de escreverem suas matérias a contento.

passam, pelo idêntico sofrimento. Para além do sofrimento que os problemas juvenis acarretam, o preconceito é um agravante que pode destruir uma vida. Ainda que alguns sejam menos vulneráveis ao meio, a busca por ascensão social encontra uma barreira muito forte no racismo, fazendo com que muitos percam o estímulo e se conformem, assim como o protagonista de *Recordações*. Nesse caso, a ficção romanesca criada por Lima Barreto espelha fielmente a vida real da maioria das pessoas negras e pardas no Brasil desde a abolição.

Já na redação do *O Globo*, o destino, finalmente, conspirou a favor do contínuo. Com o suicídio de um dos redatores, Isaías passou trabalhar como repórter do jornal. A ascensão repentina o fez esquecer o começo difícil capital. Agora, além de atender as necessidades básicas, podia também se entregar aos prazeres fúteis. Vivia intensamente desfrutando de todos os privilégios que a sua posição econômica e social oferecia. A proximidade e o envolvimento com a elite contaminaram sua formação fazendo-o crer que a superficialidade da vida bastava. Ao redigir suas memórias, o escrivão reconhece que nesse período esqueceu-se dos conhecimentos que tanto estimava e tornou-se arrogante tal como alguns indivíduos que pertencem a uma classe social mais abastada. Com a vida confortável deixou de lado o interesse pelos estudos e passou a viver conforme os valores da sua nova posição.

Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres; mas as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; [...] não sei o que sentia de ignóbil em mim mesmo e naquilo tudo, que no fim estava sombrio, calado e cheio de remorso. Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia (BARRETO, 2010, p. 295).

Mas, o choque entre o nível de formação no qual se encontrava representado pela sua consciência, o desafiava a sentir-se totalmente confortável com essa situação. O que para a maioria das pessoas seria o ápice da realização pessoal, social e profissional não era suficiente para o protagonista de *Recordações* que, em breve, sucumbiria a copiosos momentos de autocrítica.

Quanto mais a vida lhe favorecia, tanto mais a consciência lhe cobrava. Diferente do adolescente que um dia migrou para a capital em busca de um ideal, Isaías era um homem amargurado e decepcionado consigo mesmo. O jovem para quem o medo era uma fraqueza imperdoável havia virado um fracote. O arrependimento por ter se deixado levar pelas facilidades da vida parecia querer lhe acompanhar pelo resto da vida. Das aspirações juvenis à silente constatação de ser dono de uma inteligência privilegiada e abandoná-la à inação, Isaías experimentava o fracasso moral. Refletir sobre si, sobre os que estão ao seu redor e sobre a sociedade era uma prática que adquirira ainda na infância. Não aceitar conhecimentos superficiais que se quebram ao primeiro interrogar tal qual uma lasca de verniz e contestar os falsos intelectuais, que além de não saberem nada ainda se dispunham a camuflar a verdade em nome de benefícios próprios, eram suas prerrogativas de vida, estavam na essência da sua liberdade. Ao olhar para si sentia que deixava escapar mais que um sonho, perdia-se do que um dia fora: alguém cujas ambições estavam alinhadas ao conhecimento e à verdade, que estabeleceu seus princípios em torno da educação e da vontade de apropriar-se do máximo de conhecimento que pudesse para se parecer com seu pai. Após sucessivos episódios de autocrítica, Isaías toma a drástica decisão de voltar para o interior. Retornar para casa, seu lugar de aconchego. Deixar para trás a cidade das promessas e das dores. Assim, termina o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Sob as circunstâncias assinaladas por Moretti (2020, p. 117) para a finalização da *Bildung*, a redação das recordações é o registro do ponto de chegada de Isaías à maturidade. O livro do escrivão é a expressão pública da racionalização da sua trajetória até o momento do amadurecimento da consciência. Nesse estágio da vida, os ímpetos juvenis já arrefeceram e o bom senso se fortalece encaminhando-nos para a moderação das emoções. Num movimento de autoimposição, a razão tende a superar o sofrimento psíquico fazendo com que as lembranças do passado deem lugar à reflexão sobre as experiências vividas. Se bem elaborado, este processo culmina com a chegada à vida adulta. Foi em Caxambi que o escrivão, ex-contínuo e ex-repórter do grande jornal *O Globo* decidiu escrever suas recordações. Nesse momento, a literatura

mostrou seu valor para a história de Isaías Caminha, pois a inspiração e os exemplos para a escrita vieram dos livros de sua estante.

E, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali *O Crime e o Castigo*, de Dostoiévski, um volume dos *Contos de Voltaire*, *A Guerra e a Paz*, de Tolstói, o *Le Rouge et le noir*, de Stendhal, a *Cousine Bette*, de Balzac, a *Éducation Sentimentale*, de Flaubert, o *Antéchrist*, de Renan, o Eça; na estante sob minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores da literatura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer (BARRETO, 2010, p. 137).

Essa confissão é reveladora, pois mostra que mesmo que tenha enfraquecido em alguns momentos da sua vida, o desejo de conhecer nunca o abandonou. Mostra, também, a importância da formação para a vida adulta do protagonista. Foi a leitura dos clássicos e não a passagem pela redação do jornal que permitiu que Isaías criasse para si uma noção de qualidade textual quando decidiu escrever. Os recursos literários que utilizou para a composição do livro fazem parte dos conhecimentos que adquiriu ao longo do seu processo formativo e demonstram, na prática, o valor e os benefícios proporcionados por uma formação sólida e multidimensional.

No prefácio do livro, Isaías explica ao leitor os motivos que o impeliram a escrever. Ao ler um artigo que afirmava a diferença de inteligência entre as raças sendo a negra a mais inferior, o escritor encheu-se de indignação. Primeiro, pensou em responder ao autor através da agressão física, mas sem demora compreendeu que “o melhor [...] seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido” (BARRETO, 2010, p.63), de modo que cada leitor observando a realidade e utilizando do bom senso pudesse ser o legislador e decretar o valor de verdade de cada sentença. Deixa claro que tem por intenção defender a si e aos seus de uma interpretação equivocada sobre a inferioridade natural da raça negra e sua tendência para a servidão. Não quer pregar o ódio nem estimular a violência, mas debater o assunto:

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não

no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (BARRETO, 2010, p. 64).

O combate ao racismo científico travado por Isaías Caminha é exibido pela sua própria história de vida. A narrativa que transcorre no tempo da infância à maturidade é acompanhada por relações sociais diversas. Nela, estão descritas características de personalidade e caráter de vários personagens brancos com os quais o protagonista conviveu por longo tempo e outros cujo comportamento observou. No cenário, também há personagens negros e mestiços, cada um com suas idiossincrasias. Com suas *Recordações*, o escrivão traz a público o caso da sua experiência de vida que demonstra que não há no conjunto de sujeitos brancos nenhum traço de superioridade em comparação aos demais. Ao contrário, na narrativa a sua superioridade intelectual se destaca em comparação aos seus colegas de redação, o que é confirmado pelo salto profissional que o transformou em repórter do Jornal.

Como dito na seção 3.6.2, a respeito da ironia prefaciada, convém lembrar que a narrativa das memórias do escrivão embora termine com seu retorno para o pacato interior do Espírito Santo sofre uma reviravolta antecipada pelo prefácio, quando o autor da obra, o escritor Lima Barreto, informa ao leitor sobre o destino de seu amigo Caminha dez anos após a publicação de suas recordações. O protagonista teria abandonado suas recordações e o propósito de seu livro para fazer carreira política na capital do país.

5.4 *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, um romance de formação brasileiro

O cotejamento dos critérios fornecidos por Bakhtin e Moretti com o texto do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, escrito por Lima Barreto, foi indispensável e suficiente para afirmar que o livro atende às principais características de um romance de formação. A presença do conteúdo memorialístico no qual o enredo se desenvolve em torno da vida pessoal do protagonista, que em meio a um cenário cotidiano assimila o tempo histórico. O caráter como grandeza variável que ao longo do processo de formação desvela a construção psicológica do eu. A mobilidade espacio-temporal representada pela

viagem para a capital onde se efetiva o trânsito entre duas classes sociais. Todas essas são categorias presentes no texto de *Recordações*.

Recordações é um romance autobiográfico de teor memorialístico. Baseado nas recordações que marcaram sua vida, o protagonista faz uma reflexão crítica sobre sua trajetória da infância à fase adulta. A narrativa é ambientada pelo cotidiano do jovem Isaías Caminha em busca de seus sonhos. Juntamente a acontecimentos triviais da vida são apresentados alguns fatos históricos que remetem ao Brasil do início do século XX. Sem se sobrepor à história pessoal narrada por Isaías, a composição do cenário mistura ficção e realidade e serve de pano de fundo para que o herói construa sua trajetória. Para Figueiredo e Ferreira,

Recordações do escrivão Isaías Caminha concentra-se no drama íntimo da consciência do protagonista, como ponto de vista em primeira pessoa. Ainda que fartamente entremeado por narrações dos acontecimentos culturais e políticos que rodeiam o protagonista, é a representação da consciência do personagem, em sua vida interior, diante do confronto consigo mesmo e com a sociedade, o ponto forte das *Recordações* (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 34).

A expressão dos pensamentos de Isaías na narrativa representa a afirmação da consciência subjetiva diante do mundo. Na descrição das memórias, a ênfase do escrivão se dirige para a maneira como ele vê e sente o mundo na sua relação com os outros e com a sociedade. O mundo é visto pelos olhos do estudante como um lugar que está pronto para recebê-lo, por isso decide ir para a capital do país conquistar seus sonhos. Assim como os protagonistas dos *Bildungsroman*, Isaías é um jovem cheio expectativas com relação ao futuro. Com sentimentos intensos e emoções fortes, anseia pela chegada na metrópole a fim de colocar em prática tudo o que havia imaginado para transformar sua vida. A decepção não tarda, mas a persistência é uma de suas virtudes. Como outros rapazes da sua idade, a maldade ainda não manchou sua alma e a confiança em si e no mundo o anima a seguir em frente. Ademais, podia vencer qualquer insatisfação e só se revoltava diante da injustiça. Estava certo de que a vida não lhe negaria realização pessoal, pois era esforçado, sincero e correto em suas ações como muitos estudantes cuja preocupação maior era preparar o caminho para um bom futuro. Longe de casa e da proteção da família, tinha consciência

que faria por si mesmo a sua formação. Trabalhar, estudar e manter sempre o hábito da leitura que adquirira ainda na infância, quando ganhou da primeira professora um livro de cabeceira. Tinha consciência da importância da leitura e do conhecimento para a vida, por isso, à moda dos ilustrados, nunca dispensaria a leitura dos clássicos, dos textos de filosofia e de história. Não queria herdar a tristeza da mãe, que atribuía à ignorância e a falta de conhecimento de tudo na vida. Queria se parecer com seu pai, almejava ter dele a inteligência.

A mobilidade espacial acontece logo no início do livro, quando o jovem Isaías decide sair de sua cidade natal para continuar os estudos na capital do país, onde permanece por alguns anos. Quando decide deixar a profissão de repórter, retorna para o interior em busca de uma vida tranquila. E, novamente, quando, de acordo com a notícia dada pelo escritor Lima Barreto no prefácio, retorna ao Rio de Janeiro em cumprimento à carreira política.

A mobilidade temporal está presente em todo o texto. De forma diluída, percorre a narrativa conforme as recordações do escrivão vão revelando as transformações psíquicas, sociais e econômicas que contribuíram para o atingimento da maturidade ao longo da jornada da sua formação. Elas lhe vêm à mente de acordo com as ligações que a memória faz entre acontecimentos e sentimentos, sem observar a ordem cronológica.

O que Moretti chama de “elaboração psicológica do eu” transparece na profusão de sentimentos que atingem o personagem especialmente no período da juventude. Isaías chega a limites extenuantes e delicados nos quais o sofrimento psicológico reflete o grau de maturidade conquistado pelo caminho. Numa das mais belas passagens de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto descreve um momento de profunda reflexão do protagonista em sua aflição existencial. Entre o movimento opressor dos transeuntes e bondes da estação e a orla marítima envolvente da imensidão sem fronteiras, o escrivão questiona o significado da vida.

Havia satisfação e felicidade no ar, uma grande meiguice, tudo respirava; e isso pareceu-me hostil. Continuei a olhar o mar fixamente, de costas para os bondes que passavam. Aos poucos ele hipnotizou-me, atraiu-me, parecia que me convidava a ir viver nele, a dissolver-me nas suas águas infinitas, sem vontade nem pensamentos; a ir nas suas ondas experimentar todos os climas da Terra, a gozar todas as

paisagens, fora do domínio dos homens, completamente livre, completamente a coberto de suas regras e dos seus caprichos... Tive ímpetos de descer a escada, de entrar corajosamente pelas águas adentro, seguro de que ia passar a uma outra vida melhor, afagado e beijado constantemente por aquele monstro que era triste como eu.

[...] os bondes continuavam a passar muito cheios, tilintando e dançando sobre os trilhos. Se acaso um dos viajantes dava comigo, afastava logo o olhar com desgosto. Eu não tinha nem a simpatia com que se olham as árvores; ... o meu sofrimento e as minhas dores não encontravam o menor eco fora de mim. [...] Nós não nos entendíamos; as suas alegrias não eram as minhas; as minhas dores não eram sequer percebidas. [...] Só o mar me contemplava com piedade, sugestionando-me e prometendo-me grandes satisfações no meio da sua imensa massa líquida...

– Vem – dizia-me ele –, vem comigo e, no meu seio, viverás esquecido, livre e independente ... Aqui, eu te abrirei perspectivas infinitas à tua vida limitada e os conceitos, as noções e as ideias nada valerão. Zombarás deles, não os sentirás, não terás consciência, nem pensamento, nem vontade... (BARRETO, 2010, p. 145).

O pensamento suicida de Isaías encerra-se em considerações sobre o conhecimento. Era o mar que lhe dizia que o conhecimento de nada valia aos mortos, que na morte cessava toda a consciência, todo o pensamento e toda a vontade. A insatisfação de Isaías consigo mesmo ao ver seus ideais sucumbirem frente à dura realidade da vida e a resistência às ideias suicidas são indicativos da evolução no seu processo de amadurecimento.

Trabalhando como contínuo na redação do jornal, Isaías passa a ter as condições básicas para sua sobrevivência e supera a crise existencial. Numa espécie de negociação entre a vontade do eu e a realidade, abre mão do sonho de ter um diploma universitário para ter uma vida digna. Secretamente, não abandona o sonho de ascender socialmente, o que acontece por obra do acaso com o suicídio do jornalista nas dependências do *O Globo*. A promoção ao cargo de repórter estava distante do título de médico, mas, do mesmo modo, alterava sua posição social para um nível mais alto. Dessa forma, a história do protagonista de *Recordações* cumpre mais um quesito relativo à caracterização dos romances de formação, a transição do herói entre duas classes sociais. Vale destacar que o desejo de ascensão do escrivão não se fixava na mera troca de posição dentro da hierarquia social. Para ele, a ascensão social estava ligada a ascensão profissional, que por sua vez só deveria ser obtida respeitando uma escala de valores na qual conhecimento e competência ocupavam o primeiro lugar. Por isso, cursar medicina significava mais que a conquista de um diploma,

significava, de fato, adquirir os conhecimentos necessários ao exercício da profissão.

Foi justamente o gosto pelo conhecimento que fez o escrivão corresponder à expectativa da vaga de repórter. Contrariando o hábito bajulatório da maioria dos outros empregados, Isaías usou sua inteligência e o conhecimento adquirido ao longo de sua formação para atrair a atenção do chefe. Ao conquistar a confiança e a simpatia do dono do jornal criou com ele laços de amizade que o introduziram no mais alto círculo da sociedade carioca. Mas, a hipocrisia e a futilidade do modo de viver da classe mais abastada o obrigaram a ficar frente a frente com seus antigos princípios colocando-os em conflito com sua nova situação. Decide, então, abandonar tudo e retornar para sua cidade natal, onde se torna escrivão da coletoria. Na perspectiva dos romances de formação, o final da história do escrivão é emblemático. É nele que se revela o caráter educativo proposto pelos *Bildungsroman*. De acordo com Lukács,

O elemento educativo que conserva contudo essa forma de obra [...] deve-se ao que o acesso final do herói a uma solidão resignada não significa um desmoronamento total ou um aviltamento de todos os ideais, mas muito a uma tomada de consciência do divórcio que separa a interioridade e o mundo, uma activa realização dessa dualidade: de um lado, o acomodamento da sociedade por via da aceitação resignada da suas formas de vida, por outro lado, o recuo sobre si mesmo e a conservação em si mesmo de uma interioridade que só se pode realizar na alma (LUKÁCS, 1962?, p. 160).

No período em que atuou como repórter, o herói de *Recordações* vivenciou profundamente a dualidade referida por Lukács. Levar uma vida agitada pelo trabalho juntamente com as noites de orgia significava viver em concordância com o modo preconizado pela sociedade para um rapaz naquela condição. Como um acordo tácito, Isaías Caminha adere ao modo de vida que lhe é socialmente imposto e realiza o apaziguamento entre o eu e o mundo. A ruptura já não é o desacordo entre o interior e o exterior, é o selo do acomodamento à realidade. Mas, assim que a consciência se volta para si exigindo reflexão, o escrivão não se reconhece no papel que assumiu. O distanciamento da própria identidade cobra-lhe um retorno a sua essência o qual coincide com o retorno para sua cidade natal. Porém, a volta às origens não desfaz a dualidade que se concretiza com o emprego de escrivão na coletoria de Caxambi. O trabalho de natureza

burocrática, símbolo da organização social e da conformação às normas vigentes, demonstra sua resignação. Por outro lado, seus ideais, especialmente assentados na relevância do conhecimento, são preservados pelos livros que mantém na estante e aos quais recorre quando decide escrever suas memórias. O movimento de aceitação e recuo que envolve a relação do protagonista com o mundo sentencia a finalização do processo de formação no sentido do atingimento da maturidade. Nesse aspecto, a narrativa do romance de Lima Barreto corresponde à elaboração dos desfechos dos romances de formação. Se a educação formal do jovem Isaías esbarrou nas dificuldades que o impediram de ingressar na faculdade, a sua formação humana se realizou através dos processos internos e externos de aquisição de conhecimentos e experiências vividas ao longo da jornada em busca da realização do seu sonho. Foi no período vivido na capital que o escrивão confrontou seus ideais com a realidade de um mundo antes inexistente para ele. A ilusão da cidade grande se desfez com o seu ingresso no mundo do trabalho, obrigando o dedicado estudante da pequena Caxambi a reconsiderar os planos que havia traçado para o seu futuro. Aos poucos, o ritmo da capital ensinava-o a lidar com derrotas e vitórias com a habilidade de um adulto. No estudo crítico de *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, Figueiredo e Ferreira (2017, p. 85) constataam que

[...] encontramos em *Recordações do escrивão Isaías Caminha* o típico tema de romance do século XIX: a trajetória do jovem em direção à formação intelectual e humana, em um percurso de conhecimento e autoconhecimento no espaço da cidade, em processo de intensa modernização (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2017, p. 85).

Contudo, convém sublinhar que enquanto representante do gênero fora do círculo europeu, *Recordações do Escrивão Isaías Caminha* traz algumas particularidades que ressaltam sua brasilidade. Neste aspecto, ele não é exatamente um *Bildungsroman* no sentido estrito expresso pelo termo alemão, é um exemplar do romance de formação forjado no contexto da literatura brasileira. Isso se deve, de um lado, às condições que configuraram o contexto sócio-histórico em que o escritor estava inserido. A formação do Brasil, do seu povo e do modo de ser da sua gente penetram o interior do texto com a singularidade do ser brasileiro e conferem à obra características de identificação que se revelam

como um distintivo de autorreconhecimento individual e coletivo. De outro lado, demonstra a opção do autor em reproduzir o Brasil e a brasilidade em sua escrita.

No romance de Lima Barreto, o protagonista representa o típico cidadão brasileiro. As condições do seu nascimento, pode-se dizer, são aquelas que, de alguma forma, definem a formação do povo. Sua miscigenação é o emblema que constitui o Brasil e o brasileiro, é o traço originário da brasilidade que não pode ser ocultado nem na vida e nem na arte. Isaías é fruto do relacionamento entre o padre e a empregada. E mais do que isto, é o resultado da mistura de raças tão peculiar ao padrão brasileiro. Seu pai, homem branco e culto, faz parte da elite e como clérigo é uma das autoridades da pequena cidade. A mãe, ao contrário, é uma mulher negra e pobre cuja personalidade apática e inexpressiva denuncia seu escasso nível de conhecimento. Dessa ligação pecaminosa nasceu Isaías, o filho ilegítimo dos contrastes. Da pele alva e branca do pai contra a negritude da mãe. Da sabedoria contra a ignorância, da altivez contra a sujeição.

Começando pela diferença genética, a oposição entre os genitores de Isaías se estende e se transmuta em todo tipo de preconceito. Frente a eles, o pequeno se afasta da ascendência feminina e reconhece no pai o modelo a ser seguido. As primeiras lembranças reveladas pelo escrivo em suas recordações são essas diferenças que, em menino via como “O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe” (BARRETO, 2010, p. 67). Por isso, cedo recusou semelhanças com a figura materna e buscou no pai uma identificação. O reflexo da condição paterna se afigura nele como primeiro indício da autoformação a qual é direcionada pela necessidade interna da busca incessante pelo conhecimento.

A narrativa barretiana mostra como o protagonista toma consciência da dualidade entre o eu e o mundo para avançar em seu processo de amadurecimento. O episódio do recebimento do troco do lanche na estação de trem, durante a viagem para o Rio de Janeiro, representa o começo do enfrentamento com a própria realidade. Esse momento, propiciado pela atitude de um terceiro, leva Isaías a se perceber diferente do mundo. Força-o a reconhecer sua condição de inferioridade perante a sociedade, o que será confirmado mais tarde pelo tratamento que recebeu na delegacia ao depor sobre o roubo no hotel. Foi a força do preconceito racial presa à aparência física que fez com que o

delegado o tratasse como mentiroso, desacreditando de sua palavra. Nesse aspecto, Isaías representa o perfil do mestiço brasileiro para o qual o corpo carrega a marca do racismo como um fator determinante no processo de formação.

O embate do corpo mestiço com a realidade foi a primeira situação de inquietação para o jovem. Outro momento de tensão com o mundo foi a experiência no trabalho. Com a ascensão profissional, Isaías conheceu o lado superficial da vida. Para ele, a situação abastada da elite e a vida miserável dos cortiços da cidade se afiguravam incompatíveis. Os privilégios conquistados com a nova carreira vinham de encontro aos seus princípios, especialmente aquele que se referia ao valor maior, segundo o qual orientou toda a sua trajetória: a verdade em sua relação com o conhecimento. Com sua capacidade de reflexão aguçada, o protagonista dava mais um passo em seu processo de atingimento da maturidade, pois a tomada de consciência sobre o modo como a hierarquização dos valores sociais reforça as desigualdades entre as pessoas passou a ser um fato vivido e presenciado por ele. Nessa condição, sentia que sua aversão pelos falsos sábios era constantemente confrontada com um mundo no qual a concessão de honrarias aos incultos parecia ser um valor supremo.

Ao narrar o episódio da primeira vez que esteve na redação, ainda a procura de emprego, o escrivão descreve-se na cena como alguém insignificante frente aos jornalistas da agitada redação do *O Globo*. Paralelamente, coloca-se como um atento observador daquele cenário que, de antemão, lhe parece burlesco. A descrição de personagens caricatos contrasta com a imagem, ao mesmo tempo humilde e vaidosa, que Isaías Caminha faz de si. Com perspicácia, o aspirante a contínuo analisava a redação do jornal com o mesmo critério da ironia que em sua visão determina o mundo. Secretamente, ridicularizava a veleidade e a dissimulação dos seus futuros colegas de trabalho. Para ele, o dono do jornal era uma figura medíocre e de parca capacidade intelectual, porém rico e poderoso. A maioria dos redatores, bajuladores do chefe. Profissionais pedantes cujo esforço para manter a aparência de grandes intelectuais sobrepujava o empenho em adquirir conhecimento sobre os assuntos relacionados as suas áreas de atuação.

Para desenvolver a trama romanesca em torno da sala de redação, Lima Barreto se vale tanto de acontecimentos históricos como de elementos fictícios. Assim, em suas recordações, o escrivão reproduz alguns diálogos que presenciou no cotidiano do trabalho. Os temas versam sobre os assuntos mais comentados no país, os de interesse popular e, especialmente, os que agradavam a burguesia. Esses últimos revelam a predileção pela cultura estrangeira, particularmente, a francesa, que a elite tentava copiar já há algum tempo e a americana, que começava a ser introduzida no país à medida que os viajantes retornavam ao Brasil com as novidades da América. Com isso, o escritor evidenciava o gosto do brasileiro pela subalternidade cultural. Usando do senso de ironia emprestado ao protagonista, Lima Barreto levou o debate em torno dos valores culturais para além das conversas de bastidores do *O Globo*. Nesse sentido, Isaías recorda a disputa entre as capitais do Brasil e da Argentina para ver qual se parecia mais com Paris.

Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos aires muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. [...] Nós invejámos Buenos Aires imbecilmente (BARRETO, 2010, p. 223).

Para reforçar a crítica ao desejo de competir com a capital argentina na busca por uma paisagem citadina europeia, as memórias do escrivão acrescentam a esse que foi um evento histórico, um episódio fictício. Para aumentar a parecença com a França, o governo municipal criou um projeto que obrigava o povo a usar sapatos ao sair de casa, pois o uso de calçados fazia parte do comportamento adequado de um povo elegante. Na vida real, a perspectiva de que Buenos Aires estava mais próxima da sofisticação parisiense do que o Rio de Janeiro era um dos motivos pelos quais o governo tinha urgência em realizar a reforma urbana. Elevar a urbanidade da capital ao nível dos grandes centros europeus além da implementação da reforma modernizadora das ruas do perímetro central da cidade implicava a adesão por parte do governo, ao projeto eugenista disseminado em todo o país no início do século XX. As medidas de higienização adotadas para dar um ar requintado à cidade, incluíam a

vacinação compulsória da população contra a varíola e o expurgo dos pobres para a periferia. Desse modo, a área central ficaria limpa para a circulação dos membros da elite e dos turistas.

Entremeado pelo registro de fatos reais, o enredo ficcional das recordações de Isaías questiona o papel desempenhado pela imprensa brasileira. O jornal impresso, então, o maior meio de divulgação de notícias, era o detentor quase exclusivo da informação, por isso tornava-se “o quarto poder fora da Constituição” (BARRETO, 2010, p. 193). Dentre as estratégias utilizadas para vender notícias estavam os conchavos com os políticos, a omissão, a exacerbação ou distorção dos fatos e as manchetes sensacionalistas que chamavam atenção dos leitores. Sobre isso, o escritor relembra um crime que causou grande comoção popular. O assassinato de um casal cujos corpos foram encontrados decapitados e sem documentos que possibilitassem a identificação. Para que os leitores não perdessem o interesse no caso, o jornal mantinha atualizações sobre o andamento da investigação policial. A todo momento, boletins eram afixados na fachada do prédio da redação para que todos tivessem acesso às novidades. Na falta de novas revelações por parte da polícia, entravam em cena as especulações dos jornalistas que, por conta própria, interpretavam as circunstâncias, deduziam quais seriam as motivações e adivinhavam os pormenores do misterioso crime. Era preciso satisfazer a curiosidade das pessoas como forma de promover o nome do jornal.

Com a dificuldade de identificar os corpos, para acelerar a investigação, a polícia precisou do auxílio de um médico legista especializado em antropologia científica. Mesmo sem as cabeças, baseado nas categorias raciais estabelecidas pelos eugenistas, o estudo antropológico dos cadáveres poderia ser feito a partir de evidências e mensurações realizadas nas demais partes do corpo. Aplicando o método de identificação racial, o doutor conseguiu, em 24 horas, emitir um laudo conclusivo a respeito das características genéticas do casal no qual afirmava que o homem era mulato. A competência do legista lhe rendeu a promoção a diretor do serviço médico legal um dia antes do dono de um hotel ir à polícia informar o desaparecimento de um casal de hóspedes. Ao confrontar os documentos do hóspede italiano com as informações das digitais do homem decapitado foi comprovado que eram a mesma pessoa.

Esses dois casos narrados pelo escrivão, a competição com Buenos Aires pela aparência parisiense da cidade e a investigação científica do assassinato dos decapitados, retratam como Lima Barreto articulava literatura e engajamento com a finalidade de problematizar as questões sociais vivenciadas em seu tempo. Valendo-se sempre da ironia, a fala de Isaías Caminha é construída como crítica à utilização das teorias eugenistas no âmbito da política e no desenvolvimento de métodos pseudocientíficos de investigação da realidade. Neste sentido, o protagonista de *Recordações* é uma espécie de arauto da verdade que interpreta comicamente as escolhas equivocadas feitas pela sociedade brasileira. Sua formação acontece num contexto em que a falta de autenticidade e o desejo de ser outro diferente daquilo que se é personificam o modo de ser do brasileiro. O apelo ao estrangeirismo como forma superior de existência e a desvalorização da própria cultura evocam o complexo de inferioridade do povo. Por isso, o livro não apenas apresenta a *Bildung* em sua versão brasileira, ele também apresenta certos indicativos temáticos que somente um romancista brasileiro, envolto pela brasilidade existencial poderia captar e descrever em prosa.

Como protagonista de suas *Recordações*, o escrivão narra sua história orientado pela visão de mundo de um sujeito mestiço brasileiro. O seu modo de ver a vida, a elaboração e o significado de suas memórias bem como a maneira como as descreve tem o tom da mestiçagem inserida na classe social da qual se origina. No seu caso, a tensão interna entre indivíduo e sociedade, que se impõe como parte do crescimento pessoal, é intensificada pelo aguçado senso crítico, mas esmorece frente à consciência da sua condição social.

A apreensão do mundo pela via da ironia designa a escolha individual que cada pessoa faz para dar sentido ao mundo e para estabelecer o elo de comunicação com o outro e com a sociedade. Na juventude, a descoberta de que havia uma categoria de pessoas que gozava de privilégios negados as demais despertava em Isaías anseios de ascensão ao mundo quase mágico dos doutores. Seduzido pela ideia de tornar-se um deles, imaginava as benesses que o título traria e nos seus devaneios já se esboçava, espontaneamente, a ironia em feitiço de zombaria.

Ah! Doutor! Doutor! ... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos...

Era um *pallium*, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com fio tênue e quase imponderável, mas a cujo o encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam trazidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor (BARRETO, 2010, p. 75).

A elaboração de um constructo desse tipo representa o espanto da mente diante da hipocrisia. Associado à imaginação, o pensamento reflexivo de Isaías revela a formação da mente lúcida que não se rende à falsidade. Sua jovem consciência orientada pelos valores que encontrou no exemplo paterno se organiza no sentido de utilizar a ironia²⁷ como forma de assimilar e interpretar o mundo que o circunda. Mesmo que os argumentos em defesa da obtenção do diploma sejam simples, eles não são tolos nem fantasiosos, são a pura representação da realidade do mundo percebida pelo olhar do jovem em sua crua ingenuidade. Simbolicamente, traduzem o imaginário popular do diploma como documento que garante ao portador a satisfação, a dignidade e o respeito que nem todos podem alcançar. Essa concepção, ao mesmo tempo em que atrai a imaginação do rapazote traz a consciência da injustiça social, pois, como bom observador, compreende que a posse do título acadêmico faz parecer que competência e conhecimento são desnecessários a uma vida exitosa.

Assentada numa base humorística cujo pressuposto lembra a acepção romântica da ironia, o estilo da escrita das *Recordações* do escrivão apresenta o que se tornará marca registrada da obra barretiana. A ironia é um recurso literário cujo sentido depende da capacidade do leitor em entendê-la. O argumento cômico, assim como um código, precisa ser decifrado para que a contradição e o absurdo sejam concomitantemente revelados. Ela manifesta o humor e revela o drama em uma única mensagem. Por isso, a interlocução entre ficção e realidade exige do leitor uma boa dose de colaboração a fim de que a interpretação da mensagem alcance a intenção do autor. Para extrair da leitura fruição e reflexão o leitor deve disponibilizar sua atenção mental integralmente ao texto. Diante disso, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* oferece ao leitor o modelo

²⁷ Já nos referimos a essa perspectiva em 3.6.1 e 3.6.2.

da ironia na composição dos romances de formação enquanto manifestação da dimensão artística da literatura. A encenação textual da narrativa memorialística autobiográfica, o prefácio do protagonista inserido no prefácio do escritor que introduz, complementa e finaliza a história do escrivão, a crítica disfarçada pela ingenuidade risível do protagonista ao imaginar-se doutor e perfil néscio dos personagens que atuam na redação de um grande jornal em contraste com a inteligência do contínuo são a forma genuína de expressão romântica da ironia.

O universo interpretativo de *Recordações* coaduna-se com a crítica à hipocrisia social no que tange aos aspectos que encerram os valores que regem as escolhas que uma sociedade faz para se manter enquanto corpo coletivo e no modo como trata cada um dos seus membros, incentivando-os ou desestimulando-os na busca pela realização de seus ideais, principalmente os da juventude. Assentada em valores que priorizam o âmbito material como o modo correto do bem viver, as sociedades modernas desprezam quaisquer outras possibilidades de estar no mundo que não se encaixem no modelo prescrito para a conquista da felicidade, ainda que seja uma felicidade artificial derivada de uma vida de aparências. Este é o drama vivido pelo jovem Isaías: perceber que a sociedade brasileira orientada pela imitação do mundo europeu, exige de um jovem mestiço como ele muito mais que conformação. Nessa estrutura racializada, a organização social se estabelece pelo preconceito e o direito à igualdade inexistente, por conseguinte, o conformismo não é uma opção, é uma imposição social e, muitas vezes, legal. O discurso segundo o qual existe uma hierarquia racial natural que determina a posição social de inferioridade dos não brancos reforça a crença de que cada um nasce no espaço que lhe cabe. Desse modo, a capacidade intelectual, a competência e o senso moral das pessoas podem ser previamente mensurados, de acordo com a pigmentação da pele. Para o protagonista de *Recordações*, assim como para muitos jovens brasileiros, a luta contra opressão é causa perdida. É possível que, como aconteceu com Isaías, pela sorte ou acaso, uns e outros até subam alguns degraus na escala social, na medida do permitido pela ascensão econômica. Entretanto, para a maioria dos Isaías espalhados pelo Brasil, nem sonhar é permitido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde aquele primeiro contato com a obra de Lima Barreto, quando as memórias da filosofia de Rousseau insistiam em atravessar a leitura de *Recordações*, havia a suspeita de que sua literatura tinha uma estreita relação com os temas e tramas da filosofia e da educação. De lá para cá, para dar conta de realizar uma pesquisa com o rigor exigido pela academia, a imersão na sua obra fez dessa suspeita uma certeza. Conhecedor das ciências humanas e atento aos acontecimentos do seu tempo, foi um verdadeiro homem ilustrado a viver no Brasil do início do século XX. Em face disso, o “convívio” que tive com Afonso Henriques de Lima Barreto ao longo dos últimos anos me exigiu bem mais do que poderia esperar. Cada texto lido, me encaminhava, além da literatura e da filosofia, para pesquisas sobre História do Brasil, ciência no século XIX e noções básicas de francês. Foi graças à compatibilidade da crítica barretiana com o pensamento filosófico que esta tese pode levar o escritor ao passado para encontrar as concepções românticas de ironia e *Bildungsroman* e trazê-lo para o futuro para dialogar com Sartre sobre o papel da literatura. Como mostram estudos elencados no anexo A, referente ao Catálogo de Teses da CAPES, o legado de sua obra não se restringe à teoria literária, ele tem reflexos em outras áreas do conhecimento. Aqui foi destacada a relação com a educação sob a perspectiva da *Bildung* e sua representação literária, o *Bildungsroman*.

O posicionamento de Lima Barreto diante do que a maioria dos seus coevos intelectuais acreditava ser a solução para os problemas do Brasil se manifesta na arte da escrita como capacidade de análise e reflexão sobre os assuntos mais caros à sociedade. Neste sentido, seu desejo de entregar ao público um conteúdo cuja qualidade desafie a capacidade reflexiva do leitor vem da percepção de literatura como força militante para colaborar com a realização do bem social. Com opiniões sempre bem fundamentadas a respeito dos mais variados assuntos, inclusive aqueles triviais que permeiam o cotidiano de uma

cidade, o escritor mostra como a articulação entre engajamento social e literatura atua em benefício da humanidade.

Participante ativo do debate social, o nome de Lima Barreto pode ser considerado sinônimo de referência quando se trata de estabelecer uma crítica radical e contundente a respeito do Brasil Republicano. Pelo viés da ironia, sua literatura chama a atenção para as conseqüências dramáticas do capitalismo na vida dos pobres. Em vista disso, enquanto muitos intelectuais se empolgavam com o projeto de modernização urbana da capital do país, o escritor denunciava a implementação das práticas eugenistas através da adoção de políticas públicas travestidas de progresso. Esse olhar crítico que dirigia à política governamental que, em princípio, se assemelhava ao de um cidadão avesso a mudanças, na verdade, deixava transparecer a expressão ativa do engajamento na literatura, motivo pelo qual sua escrita não se instituiu apenas como o deleite do texto literário, mas também como um convite ao encontro com o conhecimento e com a verdade. Sendo assim, a narrativa do escrivão constitui-se num discurso apologético da verdade, que escrito de forma romanesca, simultaneamente proporciona ao leitor a fruição da arte e o chama a refletir sobre a hipocrisia, o preconceito e o valor social do conhecimento.

Lima Barreto viveu num dos períodos mais importantes da História do Brasil. Isso significa que sua formação ocorreu envolta no turbulento panorama da abolição, da instauração da República e da tentativa de implementação da eugenia como política de governo. Em função disso, considerou-se relevante que o primeiro capítulo mostrasse não somente os aspectos de vida e obra do literato, mas também, o contexto sócio-histórico no qual ele se forjou como escritor. O menino negro cujo pai perdeu o emprego devido à queda do Império viu o discurso exaltado dos progressistas e dos democratas transformar-se em práticas reacionárias e segregacionistas. Sentiu na pele as conseqüências da propaganda racista disseminada pelas teorias científicas que faziam do Brasil um laboratório a céu aberto para a experimentação. Quando adulto, armou-se com a literatura e foi para o *front* da batalha contra o preconceito e a injustiça. Sua indignação o fez preferir ser *persona non grata* entre os intelectuais a compactuar com a hipocrisia reinante na elite brasileira. Mesmo que, de alguma forma, isso o desabonasse a participar do seleto círculo literário composto pelos acadêmicos da ABL, a voz

dissonante do escritor era lida por toda a cidade do Rio de Janeiro em forma de crônicas, contos e romances.

Tendo em vista a concepção que Lima Barreto tinha sobre a literatura, a fundamentação teórica apresentada no segundo capítulo procurou respeitar e preservar o seu ponto de vista, organizando o estudo em harmonia com a mesma linha de pensamento do escritor. Considerando a literatura como recurso constitutivo da busca pelo bem comum, procedeu-se à identificação do seu lugar no campo da comunicação humana e no processo de formação do homem para, posteriormente, situar o autor no universo literário. Como defensor da expressão literária em prol da sociedade, Lima Barreto foi deslocado para o futuro a fim de dialogar com Sartre sobre a importância do engajamento literário. Seus textos carregados de ironia tornaram possível um olhar para o passado como modo de reconhecimento da similaridade entre a sua escrita e os princípios do Romantismo Alemão. Desse modo, a comparação entre os prefácios de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e de *Reflexões do Gato Murr* teve o intuito de demonstrar que o romance brasileiro segue o mesmo estilo empregado no romance escrito por E. T. A. Hoffmann, um clássico exemplo do romance de formação no qual a ironia visa instigar o leitor a refletir através do humor.

Sob a perspectiva da *Bildung*, isto é, da formação humana, o terceiro capítulo apresentou a educação como um longo processo que transcorre juntamente com o desenvolvimento da vida. Como no capítulo sobre a literatura, buscou-se uma definição consoante com o princípio de bem comum. Foi demonstrado que o conceito de *Bildung*, propagado desde o Romantismo, está fundamentado na concepção de educação como um instrumento de evolução e aperfeiçoamento da humanidade constitutiva do homem, um ser em eterno devir cuja incompletude é ao mesmo tempo sua totalidade. Para explicitar o papel da educação no processo da formação humana, apontou-se para a sua imbricação com a cultura e com a linguagem. Desde os primórdios da humanidade, quando a necessidade de sobrevivência individual e da comunidade ditavam as regras do processo educativo até chegar à revolução tecnológica que move os dias atuais, educação, cultura e linguagem sempre agiram em conjunto e umas sobre as outras para garantir que a jornada evolutiva da coletividade humana se perpetue. Diante do estágio evolutivo no qual nos encontramos, foi sugerido que

a escola, enquanto instituição encarregada de transmitir o patrimônio cultural da humanidade aos jovens, procure meios de adaptação ao mundo da cibercultura, que já domina quase todas as instâncias da vida. Nesse sentido, considerou-se que a literatura pode ser uma importante colaboradora e facilitadora da comunicação entre o estudante pós-digital e a escola tradicional

O último capítulo tratou da leitura da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Para confirmar a hipótese de que o mesmo pode ser considerado um romance de formação, primeiro, foram descritas as características que Bakhtin e Moretti atribuem ao gênero romanesco e, especificamente, ao romance de formação, dentro da teoria literária. Posteriormente, a sucinta apresentação da narrativa do escrivão foi cotejada com essas categorias de modo a sustentar a tese de que o romance escrito por Lima Barreto é um genuíno representante brasileiro do gênero romance de formação. Sendo assim, os indicativos confirmaram a hipótese da tese destacando que o texto barretiano compõe-se de um elemento de brasilidade que o torna singular dentre os romances de formação. A brasilidade é caracterizada como um aspecto determinante na construção da narrativa do escrivão. Ela envolve o perfil do protagonista que traz a mestiçagem estampada na pele e terá que conviver com ela durante toda a vida. É uma herança do cruzamento entre a raça branca, a mais pura de todas, e a raça negra, a mais inferior na escala racial, o que significa a degenerescência humana personificada. No caso do protagonista do *Bildungsroman* alemão, na sua jornada em busca de si mesmo não há a problematização da questão racial, para ele, raça nem se quer existe. Outro aspecto que denuncia a brasilidade mais como um embaraçamento do que como uma simples distinção cultural é o cenário no qual se desenvolve a trama. Os personagens da redação, representantes da elite brasileira, revelam em seus diálogos um certo complexo de inferioridade ao preterir a própria cultura e buscar na imitação da cultura europeia o modo de existir no mundo, como se houvesse um modo certo e um modo errado de ser. Esses aspectos da brasilidade que permeiam o texto das recordações do escrivão são o distintivo que o tornam singular, mas não o fazem perder as características essenciais a um romance de formação enquanto descrição da trajetória de formação do herói até o atingimento da maturidade. Elas simbolizam a realidade brasileira a qual muitos jovens, ainda hoje, estão submetidos. Isaías

Caminha representa o típico cidadão brasileiro, que em seu percurso formativo encontra mais empecilhos do que sonhos.

Acredita-se que o incentivo à leitura do primeiro livro publicado por Lima Barreto, realizada nesta tese, pode contribuir para pensar a educação no Brasil sob diferentes ângulos: a) dentre eles, a questão da inclusão e acolhimento escolar dos jovens que vivem na periferia; b) a questão da valorização da literatura e das artes como importantes elementos pedagógicos; c) e, também, o incentivo ao debate a respeito do valor social do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ABREU, M. *et. al.* **Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>
Acesso em: 10 mai. 2020.
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Obras Completas de Machado de Assis, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- ASSIS, M. Pai contra mãe. In: ASSIS, M. **Contos**. São Paulo: ciranda Cultura, 2010. p. 51-59.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC). **Publicações da ABRALIC**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br>. Acesso em: 2019.
- AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BEIGUELMAN, P. **Por Que Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARRETO, L. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956a.
- BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. Barueri: Donnelley Cochrane: Galex, [199-]
- BARRETO, L. **Coisas do Reino do Jambon**. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

BARRETO, L. **Contos Completos**. Lilia Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, L. **Diário do Hospício; O Cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secr. Mun. de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988.

BARRETO, L. **Diário do Hospício; O Cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, L. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956c.

BARRETO, L. **Diário Íntimo** – fragmentos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BARRETO, L. **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956d.

BARRETO, L. **Histórias e Sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1956e.

BARRETO, L. **Impressões de Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1956f.

BARRETO, L. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1956g.

BARRETO, L. **Melhores Contos**. 8 ed. São Paulo: global, 2002.

BARRETO, L. **Numa e a Nífa**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, L. **O homem que Sabia Javanês e Outros Contos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BARRETO, L. **O Subterrâneo do Morro do Castelo**: um folhetim de Lima Barreto. 2. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

BARRETO, L. **Os Bruzundangas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

BARRETO, L. **Os Bruzundangas**. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

BARRETO, L. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1984.

BARRETO, L. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, L. **Sátiras e Outras Subversões**. Felipe Botelho Corrêa (org.). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

BARRETO, L. **Toda Crônica**:1890-919. Beatriz Resende e Rachel Valença (org.). Rio de Janeiro: Agir, 2004a. v. 1

BARRETO, L. **Toda Crônica**:1919-1922. Beatriz Resende e Rachel Valença(org.). Rio de Janeiro: Agir, 2004b. v. 2

BARRETO, L. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 2002.

BARRETO, L. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997.

BARRETO, L. **Um Longo Sonho de Futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

BARRETO, L. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956h.

BARRETO, L. **Vida Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1956i.

BARTHES, R. **Aula**. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BEIGUELMAN, P. Lima Barreto e o grande realismo literário. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 488 - 491.

BERLIN, I. **As raízes do romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: UNICAMP, 1996.

BETHELL, L. O Brasil no Novo Mundo. In: CARVALHO, J. M. (coord.) **A construção nacional: 1830 – 1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 131 – 177, 2012.

BIBLIOTECA DIGITAL LUSO-BRASILEIRA (BDLB). **Acervo**. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17>. Acesso em: 2019.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). **Consultas**. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?page=5&lookfor=Lima+Barreto&type=Subject>. Acesso em: 2018

BLACKBURN, R. Por que segunda escravidão. In: MARQUESE, R.; SALLES, R. (org.) **Escravidão e capitalismo histórico do século XIX**: Cuba, Brasil, Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOSI, A. Figuras do *eu* nas recordações de Isaías Caminha. In: BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BOTTMANN, D. Lima Barreto em Tradução. **Revista da Anpoll**. Florianópolis, n. 44, p. 313-330, jan./abr., 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/36589315/Revista_da_Anpoll_44_Estudos_da_Tradu%C3%A7%C3%A3o_pdf. DOI:<http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1145>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos da mulher escrava (Lei do Ventre Livre). Rio de Janeiro: Paço do Senado,

1871. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496715>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 3.270 de 28 de setembro de 1885**. Regula a extinção gradual do elemento servil (Lei do Sexagenário). Rio de Janeiro: Palácio do Rio de Janeiro, 1885. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/545046/publicacao/15779572>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil (Lei Áurea). Rio de Janeiro: Palácio do Rio de Janeiro, 1888. Diário Oficial da União de 14 de maio de 1888. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/545155/publicacao/15723556>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 1.261, de 31 de outubro de 1904**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>. Acesso em 17 ago. 2020

BRASIL. **Synopse do Recenseamento de 1900**. (publicado em 1905) – Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25474.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2019.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

CANDIDO, A. A Literatura e a Formação do Homem. **Remate de Males**. Campinas, p. 81-89, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>. Acesso em: 25 out. 2020.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlma/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade-1.pdf/view. Acesso em: 25 out. 2020.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

CANDIDO, A. Os olhos, a barca e o espelho. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 549 - 558.

CARULA, K. **Darwinismo, raça e gênero**: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870 - 1889). 2012. 211f. Tese (Doutorado em História Social) –

Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-27092012-115018/pt-br.php>.
 Acesso em 20 dez. 2020.

CARVALHO, J. M. (coord.) **A construção nacional**: 1830 – 1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CARVALHO, J. M. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASA IMPERIAL DO BRASIL. **Casa Imperial**. Disponível em:
<https://www.monarquia.org.br>. Acesso em 21 dez. 2019.

CASSIRER, E. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CATÁLOGO DE TESES DA CAPES. **Catálogo de teses e dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!>. Acesso em: 2018-2020.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.) **História da leitura no mundo ocidental**. v 2. São Paulo: Ática, 1998.

CENCI, A. V.; DLABOSCO, C. A.; MÜHL, E. H. **Sobre filosofia e educação**: racionalidade, reconhecimento e experiência formativa. Passo Fundo: UPF, 2013. Disponível em: <http://editora.upf.br/index.php/e-books-topo/45-filosofia-area-do-conhecimento/73-sobre-filosofia-e-educacao>. Acesso em: 01 jan. 2021.

CHALHOUB, S. População e sociedade. In: CARVALHO, J. M. (coord.) **A construção nacional**: 1830 – 1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 37-81.

CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CAMPATO JUNIOR, J. A. **Lima Barreto**: retórica e literatura militante nas recordações do escrivo Isaiás Caminha. Curitiba.PR: CRV, 2013.

CARPEAUX, O. M. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editoria, 2014.

CAVALHEIRO, E. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto**: com notas, manuscritos e acréscimos. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2017.

CORDEIRO, A. F. M. **Relações entre educação, aprendizagem e desenvolvimento humano**: as contribuições de Jean Marc-Gaspard Itard (1774-1838). 2006. 200f. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/16286> Acesso em: 17 jul. 2012.

COSTA, E. V. da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada: textos fundadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DALBOSCO, C. **Metamorfoses do conceito de Bildung**. Publicado em 21/10/2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZAEB2yw0N6E>. Acesso em: 28 dez. 2020.

DIWAN, P. **Raça pura: uma história de eugenia no Brasil no mundo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, P. **Estio do tempo: romantismo e estética moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Lisboa: edições 70, 2007.

EBY, F. **História da Educação Moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. 2. ed. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1976.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, U. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, U. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FANTINATI, C. E. **O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto**. Assis: Ilpha; São Paulo: Hucitec, 1978.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: USP; FDE, 1995.

FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. **Acervo**. 15ª FLIP. Paraty, Rio de Janeiro. 26 a 30 de julho de 2017. Disponível em: <http://flip.org.br>. Acesso em: out. 2018.

FIGUEIREDO, C. L. N. de. **Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIGUEIREDO, C. L. N. de; FERREIRA, C. M. **Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: USP, 2017.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Z. N. S. **Lima Barreto e a literatura comparada**: ensaios. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, G. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 9-16.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Oswaldo Cruz**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/oswaldocruz.htm> Acesso em: 12 ago. 2020.

FLICKINGER, H.-G. Herança e futuro do conceito de formação (*Bildung*). **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 114, p. 151-167, jan.-mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a10v32n114.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

FOUCAMBERT, JEAN. **Modos de ser leitor**: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Curitiba: UFPR, 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). **Pesquisa teses e publicações**. Disponível em: <https://portal.fgv.br>. Acesso em: dez. 2019.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma teoria hermenêutica filosófica. 3. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GRIECO, A. Prefácio. BARRETO, Lima. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1956g. p. 9-17.

GOETHE, J. W. **Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2010. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/Johann-Wolfgang-von-Goethe-Os-Sofrimentos-do-Jovem-Werther.pdf. Acesso em: 03 jun. 2017.

HARDT, I. S.; DOZOL, M. de S.; MOURA, R. S. de. Do conceito de formação humana: tensões entre natureza e cultura. **Cadernos de pesquisa educacional**. v. 9, n. 22, p. 155-174, 2014. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/680> Acesso em: 11 jan. 2021.

HEMEROTECA. **Acervo digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: dez. 2019.

HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2006.

HOFFMANN, E. T. A. **Reflexões do gato Murr: e uma fragmentada biografia do compositor Johannes Kreisler em folhas dispersas de rascunho**, editado por E. T. A. Hoffmann. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

HOLANDA, S. B. de. Em torno de Lima Barreto. In: **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. **Odisseia**. Porto Alegre: Pradense, 2013.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB). **Acervo**. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br>. Acesso em: 30 dez. 2019.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JOUE, V. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

LINS, O. Lima Barreto: o romancista. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 509 - 524.

LIMA, A. M. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956h. p. 9-16.

LIMA, A. M. (ATHAYDE, T.) Machado de Assis e Lima Barreto. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 506 - 509.

LUKÁCS, G. **Teoria do Romance**. Lisboa: Editorial Presença, 1962?.

MAAS, W. P. M. D. Ironia e performance no Primeiro Romantismo alemão: os casos de Tieck e Friedrich Schlegel. **Revista Arte e Filosofia**. v. 4, p. 166-174, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/744>. Acesso em: 08 dez. 2019.

MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 2000.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARQUESE, R. de B. A História Global da Escravidão Atlântica: balanço e perspectivas. **Esboços**: histórias em contextos globais. Florianópolis: UFSC. v. 26, n. 41, p. 14 - 41, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019v26n41p14/38434>. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2019v26n41p14>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MARQUESE, R. de B. As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e a historiografia sobre a escravidão brasileira. **Revista de História**. n.169, São Paulo: USP, p. 223–253, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-83092013000200223&script=sci_abstract&tlng=pt. doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i169p223-253. Acesso em: 11 fev. 2019.

MARQUESE, R.; SALLES, R. (org.) **Escravidão e capitalismo histórico do século XIX**: Cuba, Brasil, Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARTINO, S. R. **De consumidor a leitor**: veredas à formação leitora. 2018. 154f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4107>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MATTOS, H. A vida Política. SCHWARCZ, L. M. (coord.) **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MEDEIROS, C. L. de. **A crítica literária de Friedrich Schlegel**. 2015. 405f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MEDEIROS, C. L. de. A forma do paradoxo: Friedrich Schlegel e a ironia romântica. **Revista Transformação**. v. 31, n.1. p. 51-70, 2014. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/3624>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MORETTI, F. **O romance de formação**. São Paulo: Todavia, 2020.

MUECKE, D. C. **Ironia e irônico**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
MÖLLMANN, A. D. S. **O legado da *Bildung***. Tese (Doutorado em Educação). 2010. 87f. – Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3671>. Acesso em: 05 jan. 2021.

MONTESQUIEU. **Do Espírito das Leis**. v. 1, São Paulo: Nova Cultural, 2005.

MORAES, M. **Educação e crítica da modernidade: um encontro entre Rousseau**

e Horkheimer. 2013. 97f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MORAES, M. Reflexões sobre a educação na perspectiva da *Bildung*. in: MOREIRA, S. M.; OLIVEIRA, N. A.; BAVARESVO, A.; OLIVEIRA, A. da R. (Org.). **Humanitas e Bildung**: uma homenagem a Osmar Schaefer. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2021. p. 143-149. Doi 10.36592/978658742.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NÉBIAS, W. B. **A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro**: um resgate da atuação das associações de trabalhadores. 2009. 220f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=163689. Acesso em: 20 nov. 2020.

NEGREIROS, C. **Lima Barreto em Quatro Tempos**. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

NICOLAU, M. F. A. Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural [bildung] na elaboração do sistema educacional alemão. **Conjectura**: Filosofia e Educação. Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 385-405, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4158>. Acesso em: 26 dez. 2020.

NOMURA, M. Conceitos Lingüísticos de Linguagem Literária. **Alfa: Revista Linguística**: Estudos lexicológicos e lexicográficos. v. 40, São Paulo, p. 189-204. 1996.

OAKLEY, R. J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: UNESP, 2011.

OSMAN LINS. **Obra**. Disponível em: http://www.osman.lins.nom.br/pg_vida.htm. Acesso em 06 fev. 2020.

PAREDES, M. de M. De convergências e dissidências: notas sobre o repertório teórico do final do século XX. In: SILVA, M. L. da. (org.) **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

PEREIRA, L. M. Lima Barreto. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 438- 461

PEREIRA, L. M. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Histórias e Sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1956e. p. 9-16.

PINO, A. **Ciência e Educação**: a propósito do bicentenário do nascimento de Charles Darwin. Educação e Sociedade. v 30, n. 108, Campinas, 2009. p. 845 – 866 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000300011&lng=pt&tlng=pt. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000300011>. Acesso em: 28 mar. 2020.

PLATÃO. **Teeteto**. [S. l.: s. n., 20--] Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000068.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES. **Periódicos CAPES/MEC**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 2018-2020.

PRADO, A. A. **Lima Barreto**: literatura comentada. São Paulo: Abril, 1980.

PRADO, A. A. **Lima Barreto**: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.

PRADO, A. A. Uma Leitura do povo para o povo. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 524 - 529.

PRADO JUNIOR, C. Lima Barreto sentiu o Brasil. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Coord.). **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edición crítica. Madrid: ALLCA XX, 1997. p. 436 – 438

REALE, G. ANTISERI, D. **História da Filosofia**: do romantismo ao empiriocriticismo. v. 5, São Paulo: Paulus, 2005.

REMAK, H. H. H. Literatura Comparada: definição e função. In: CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada**: textos fundadores. 2. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p.189-205.

RESENDE, B. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Campinas: Unicamp, 1993.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROUSSEAU, J.J. **As Confissões**. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1936. 3 v.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso Sobre as Ciências e as Artes**. São Paulo: Victor Civita, 1973a.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**. São Paulo: Victor Civita, 1973b.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, J.-J. **Emilie e Sophie ou Os Solitários**. Edição bilíngüe. Aliança Francesa de Florianópolis: Editora Paraula, 1994.

RUDI, T. A. M. **A grande missão do século XIX e a escrita da história de Ernest Renan (1848 - 1863)**. 2014. 158f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121975>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SAFRANSKI, R. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação liberdade, 2012.

SALLES, R. A segunda escravidão. **Revista Tempo**. v. 19, n. 35. Niterói, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v19n35/14.pdf>. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173514. Acesso em: 16 fev. 2020.

SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. 7. ed. Porto: Afrontamento, 1995.

SANTOS, J. R. dos. **Afinal, quem fez a república?**. São Paulo: FTD, [1989?]

SANTOS, M. F. **Filosofia e História da Cultura**. São Paulo: Logos, 1962. 2 v.

SARTRE, J. P. **Que é a literatura?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SCHAEFER, O. **Antropologia filosófica e educação**: perspectivas a partir de Max Scheler. Pelotas: EDUCAT, 1995.

SCHLEGEL, F. **Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803)**: seguido de conversas sobre poesia. São Paulo: UNESP, 2016.

SCHWARCZ, L. M. (coord.) **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, L. M. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **Hist. Cienc. saude-Manguinhos**. v.18, n.1, p. 225-242, jan-mar., 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013 DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100013>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SCIELO. **Coleção biblioteca**. Disponível em: <https://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsciScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&fmt=iso.pft&lang=p>. Acesso em: 2019.

SEVCENKO, N. **A revolta da vacina**. São Paulo: UNESP, 2018.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 32, n.3, set./dez. 2006, p. 619-634.

SEVERINO, A. J. Do Estatuto Epistemológico da Filosofia da Educação: o embate entre reflexão e criação de conceitos. **Educação em Foco: revista de educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 20, n.1, p.15-38, mar./jun., 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SILVA, H. P. da. **Lima Barreto**: escritor maldito. [S. l.]: Departamento Gráfico do M. A., 1976.

SILVA, M. L. da. (org.) **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

SILVA, M. L. da. Ciência, raça e racismos: caminhos da eugenia. In: SILVA, M. L. da. (org.) **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 745-760, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf> Acesso em 12 ago. 2020.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung (Formação Cultural). **Kriterion**. v. 46, nº112, p.191-198, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.org.br>. Acesso em: 06 jan. 2021.

TOMICH, D. **Pelo prisma da escravidão**: trabalho, capital e economia mundial. São Paulo: USP, 2011.

VELLOSO, M. P. **As tradições populares na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

WEBER, J. F. Bildung e educação. **Educação e realidade**. p.117-133, Jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6848>. Acesso em 24 dez. 2020.

WELLECK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOLUBUEF, K. **Frestas e arestas**: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: UNESP, 1999.

ZILBERMAN, R. **Teoria da Literatura I**. 2. ed. Curitiba: 2012.

ANEXOS

Anexo A – Dissertações e teses depositadas no catálogo da CAPES até 20 de dezembro de 2019

Distribuição das dissertações e teses
conforme banco da CAPES por Estado/Região

	<u>RS</u>	<u>SC</u>	<u>PR</u>	<u>SP</u>	<u>RJ</u> <u>e</u> <u>ES</u>	<u>MG</u> <u>e</u> <u>DF</u>	<u>MS,</u> <u>MT</u> <u>e</u> <u>GO</u>	CE, BA, PE, SE, AL, PB, RN, PI e MA	<u>Região</u> <u>Norte</u>
<u>Dissertação</u>	<u>9</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>43</u>	<u>45</u>	<u>29</u>	<u>5</u>	<u>36</u>	<u>1</u>
<u>Tese</u>	<u>3</u>	<u>8</u>	<u>2</u>	<u>32</u>	<u>18</u>	<u>7</u>	<u>1</u>	<u>4</u>	<u>=</u>

Relação de Dissertações e teses

1. AGAWA, ROBERTO YUTAKA. **LIMA BARRETO, NAS MALHAS DO UTOBIOGRAFICO. DISCURSO, CONTEXTO E SUJEITO'** 01/08/1993 141 f. Doutorado em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
2. ALMEIDA, ALVARO MARINS DE. **Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira'** 01/07/2002 179 f. Doutorado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Teses da Faculdade de Letras/UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
3. Almeida, Carlos Pereira de. **A SOLIDÃO COMO RESISTÊNCIA: UMA LEITURA DA CONFIGURAÇÃO DA AÇÃO POLÍTICA EM NARRATIVAS DE LIMA BARRETO'** 01/04/2009 97 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central daUEPB
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
4. ALMEIDA, ISIS MAIA DE. **FIGURAÇÕES DOS PRECONCEITOS E DA MARGINALIDADE EM CLARA DOS ANJOS'** 14/12/2015 104 f. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO

GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca
 Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha
 Detalhes

5. ALMEIDA, LENIVALDO GOMES DE. **UM AUTOR À PROCURA DE UMA ALMA: A crise da representação e a dimensão trágica em Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.**' 01/03/2006 137 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

6. ALMEIDA, LENIVALDO GOMES. **VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ: O NARRADOR ORAL NA METRÓPOLE MODERNA**' 01/06/1997 119 f. Mestrado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

7. Almeida, Luiz Alberto Scotto de. **Desilusão Republicana - percursos e rupturas no pensamento de Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto.**' 01/12/2008 337 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU/UFSC
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

8. Almeida, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto - O Cânone e o Bêbado**' 01/10/1997 151 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU/UFSC
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

9. ALMEIDA, MILENE SUZANO DE. **Humanismo Satírico em Lima Barreto e Anatole France**' 30/09/2013 256 f. Doutorado em LETRAS (EST. LING., LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes
 Detalhes

10. ALMEIDA, SILVANA CAVICHIOLI GOMES. **"CLARAS IMAGENS DO SOFRIMENTO NEGRO - O SOFRIMENTO MENTAL DE LIMA BARRETO"** 01/06/2003 248 f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA NADIR GOUVÊA KFOURI
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

11. Alves, Antônio André. **"Jornalismo, literatura e sociedade em Lima Barreto"** 01/04/2007 118 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: BCZM-UFRN e Setorial do CCHLA-UFRN
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

12. ALVES, CARLOS ALBERTO. **PRÁTICAS CULTURAIS DA REPÚBLICA VELHA DECANTADAS NA LITERATURA DE LIMA BARRETO E MONTEIRO LOBATO'** 19/12/2014 107 f. Mestrado em TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE, Curitiba Biblioteca Depositária: José Barros
Detalhes

13. ALVES, PAULO. **A FARPA E A LIRA: Uma Análise Socioliterária a partir de Cruz e Sousa Ed Lima Barreto'** 01/08/2009 212 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFPE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

14. ALVES, PAULO. **IMAGENS DESALENTADAS DE BRASILIDADE EM LIMA BARRETO'** 23/03/2016 347 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), JoãoPessoa Biblioteca Depositária: UFPB
Detalhes

15. ANNA, CRISTINA NUNES DE SANT. **Marcas e metáforas do Rio de Janeiro escrito e vivido por Lima Barreto'** 06/11/2013 181 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: IFCH/PPCIS
Detalhes

16. AQUINO, LAURIDES LESCANO ANTUNES DE. **A GEOGRAFIA DAS MARGENS: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E OPRRESSÃO SOCIAL EM LIMA BARRETO'** 23/09/2015 117 f. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha
Detalhes

17. Arantes, Marco Antonio. **LOUCURA E RACISMO EM LIMA BARRETO'** 01/04/1999 209 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC-SP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

18. ARAÚJO, MARISANGELA SANTIAGO DE. **SÁTIRA E CARICATURA LITERÁRIA EM LIMA BARRETO: A CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA SOCIAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA'** 01/04/2005 150 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Humanidades
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

19. ARREAZA, DIONISIO DAVID MARQUEZ. **Idealismo e República: Personagens fracassadas como crítica ao projeto de nação em Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, e En este país...!, de Urbaneja**

Achelpohl' 26/05/2014 137 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ.

20. ASSIS, LÚCIA MARIA DE. **Lima Barreto - Língua, Identidade e Cidadania'** 01/04/2008 166 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Bibliotecada FFLCH/USP.

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

21. Barros, Luciana Hidalgo. **Lima Barreto e a Literatura de urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura.'** 01/03/2007 248 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Pós-Graduação em Letras **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

22. Bartels, Mirian. **As versões de Numa e a ninfa e o intermediário Aventuras do Dr. Bogóloff:'** 01/12/2012 11 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA biblioteca Depositária: Biblioteca o CES/JF

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

23. Bertolazzi, Carlos José. **Lima Barreto: representações, diálogos e trajetórias literário-culturais'** 01/04/2008 128 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSCSH

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

24. BEZERRA, FERNANDO SALOMON. **Lima Barreto e Roberto Arlt: transições e permanências da memória selvagem'** 10/07/2015 149 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG
Detalhes

25. Bezerra, Jane Mary Cunha. **Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo, forma literária'** 01/08/2010 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Humanidades - UFC

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

26. BOHM, GABRIELA CASSILDA HARDTKE. **O avesso das metrópoles: o subúrbio em Evaristo Carriego e Lima Barreto'** 29/03/2016 263 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BC – UFSC
Detalhes

27. BRANCO, ANTONIA CATARINA GOMES VIEIRA CASTELO. **PERSPECTIVAS DE CONSTRUÇÃO DO ROMANCE DE LIMA BARRETO'**

01/12/2005 150 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CENTRO DE HUMANIDADES

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

28. Brasil, Fabiana Pastore. **A discriminação em Clara dos Anjos, de Lima Barreto, à luz da avaliatividade: uma perspectiva sistêmico-funcional'**

01/08/2012 69 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

29. BULHÕES, MARIANNE AZEVEDO. **"CHEIO DE MISTÉRIO E CERCADODE MISTÉRIOS": LIMA BARRETO (1881-1922), PSQUIÁTRAS, HOSPÍCIO, E O DIAGNÓSTICO DE ALCOOLISMO.'** 23/07/2015 159 f. Mestrado em HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca de História das Ciências da Saúde - COC/Fiocruz

Detalhes

30. BURKARD, JULIANA FALKOWSKI. **Processos de modernização conservadora no Brasil: uma leitura de Recordações do escravidão Isaías Caminha, de Lima Barreto'** 26/11/2014 87 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIV. REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, Frederico Westphalen Biblioteca Depositária: Biblioteca Central DR. José Mariano da Rocha Filho

Detalhes

31. Buzelli, José Leonardo Sousa. **"Episódios da Vida do Major Quaresma"** 01/08/2009 867 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

32. CABRAL, ANDRÉ LUIZ DE LIMA. **Clara dos Anjos: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto.'** 24/11/2015 93 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Biblioteca CES/JF Campus Verbum Divinum

Detalhes

33. CALIL, BEATRIZ MOGADO. **Poéticas Autobiográficas de Arthur Bispo do Rosário e Lima Barreto: Similaridades e Complementaridades'** 17/12/2015 142 f. Mestrado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central César Lattes e Biblioteca do Instituto de Artes da UNICAMP

Detalhes

34. Camacho, Carlos Mario Paes. **As Representações da modernização urbana do Rio de Janeiro nas crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto'**

01/12/2012 1 f. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro
Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

35. Camacho, Carlos Mário Paes. **Representação e conscientização na obra de Lima Barreto**' 01/06/2007 128 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA Biblioteca
Depositária: Biblioteca do CES/JF

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

36. CAMARGO, AUREO JOAQUIM. **A BAGATELIZAÇÃO DA LITERATURA DE LIMA BARRETO: análise do legado editorial do escritor.**' 18/12/2015 184 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: FCL ASSIS
Detalhes

37. Camargo, Luciana de Cássia. **SILÊNCIO EM MOVIMENTO: MEMÓRIA E CRIAÇÃO LITERÁRIA EM O CEMITÉRIO DOS VIVOS E NO DIÁRIO NO HOSPÍCIO, DE LIMA BARRETO**' 01/02/2006 146 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

38. CANEDO, CATIA. **O Truque Republicano e a Política da Ilusão: Reflexão sobre a Essência e Aparência nos Contos de Lima Barreto**' 19/12/2018 133 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ, Marabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Josineide da Silva Tavares
Detalhes

39. CARDOSO, LUCIA TORRES E. **DESMASCARANDO O PODER: UMA LEITURA DO TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO**' 01/04/1987 250 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

40. CARMO, JOSE CARLOS MARIANO DO. **Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto**' 08/04/2013 323 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU – UFSC
Detalhes

41. CASTAGNA, MARLENE CECILIA. **A RECEPÇÃO DE O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO, POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE MARINGÁ**' 01/03/2012 92 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL UEM

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

42. Cavichini, Mariângela Dias Bastos. **Crônicas de Lima Barreto: mosaicode uma cidade in-visível'** 01/04/1996 125 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFF

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

43. Cerqueira, Roberta Cardoso. **Lima Barreto e os caminhos da loucura. Alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX'** 01/08/2002 1 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

44. Chauvin, Jean Pierre. **O poder pelo avesso: mandonismo, dominaçãoe impotência em três episódios da literatura brasileira.'** 01/11/2006 151 f. Doutorado em LETRAS (TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

45. CHAVES, RAMON SILVA. **A paratopia do estigma: identidade e relatode si no discurso Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto'** 05/09/2018 214 f. Doutorado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP MONTE ALEGRE
Detalhes

46. CHAVES, RAMON SILVA. **Sombras negras: a imagem de autor em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto'** 26/05/2014 100 f. Mestrado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP
Detalhes

47. COELHO, EVA VOLITE. **Ciência e literatura em Lima Barreto '** 11/03/2015 71 f. Mestrado em HISTÓRIA DA CIÊNCIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP
Detalhes

48. Coelho, Francisco de Assis Fernandes. **Lima Barreto e as instituições Políticas: um caminhante libertário na vida urbana'** 01/10/2005 106 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

49. CORAÇÃO, CLAUDIO RODRIGUES. **REPÓRTER-CRONISTA: JORNALISMO E LITERATURA NA INTERFACE DE JOÃO ANTÔNIO COM**

LIMA BARRETO' 01/04/2009 200 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/BAURU, Bauru Biblioteca Depositária: UNESP BAURU

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

50. CORREA, HENRIQUE SÉRGIO SILVA. **O A.B.C. DE LIMA BARRETO (1916-1922).'** 01/08/2012 328 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: FCL- UNESP/ASSIS

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

51. COSTA, FABIANO DA SILVA. **Lima Barreto: O Brasil sob a ótica do Dr. Bogóloff'** 04/09/2015 131 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/SJR. PRETO, São José do Rio Preto Biblioteca Depositária: UNESP/Campus de São José do Rio Preto

Detalhes

52. COSTA, SIDNEI SOUSA. **Imagens de si, do coletivo e da alteridade em Diário do hospício e O cemitério dos vivos de Lima Barreto'** 24/03/2016 101 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DEBRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: undefined

Detalhes

53. Cruz, Adécio de Souza. **Lima Barreto: a identidade étnica como dilema'** 01/04/2002 123 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Bibliotecas Universitária e da Faculdade de Letras da UFMG

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

54. Cruz, Ana Aparecida Teixeira da. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma'** 01/12/2009 205 f. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA ESPANHOLA E LIT. ESPANHOLA E HISPANO-AMERIC.) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

55. CRUZ, IZABEL CRISTINA CAVALCANTI DA. **ISAÍAS CAMINHA E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA NO LIMIAR DO SÉCULO XX'** 28/06/2013 186 f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFMT

Detalhes

56. Cunha, André Mols Faria da. **Lima Barreto: em diálogo com a modernidade'** 01/03/2006 108 f. Mestrado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFG

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

57. CUNHA, JOAO FIGUEIREDO ALVES DA. **Entre melindres e espertezas: personagens malandras, nos contos de Lima Barreto e José da Silva Coelho'** 12/08/2016 223 f. Doutorado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes
Detalhes

58. DAHIA, LEILA. **Práticas de Comunicação dos Loucos Leitores: uma abordagem a partir de Lima Barreto'** 30/09/2014 120 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Escola de Comunicação da UFRJ
Detalhes

59. Deus, Denilson Botelho de. **A Pátria que quisera ter era um mito - Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto.'** 01/03/1996 195 f. Mestrado em HISTORIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca do IFCH/UNICAMP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

60. DEUS, DENILSON BOTELHO DE. **Letras militantes: história, política e literatura e Lima Barreto'** 01/12/2001 250 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

61. DIAS, MARIA AMELIA LOZANO. **A RECEPCAO CRITICA DA OBRA DELIMA BARRETO: 1907-1987.'** 01/09/1988 227 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA E LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

62. Duarte, Danusa da Matta. **"A nação bruzundanga - Notas sobre o Brasil de Lima Barreto".'** 01/08/1999 147 f. Mestrado em LETRAS (TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Letras - USP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

63. ELIOTERIO, ROSANE QUEIROGA. **Personagens planos e esféricos como reveladores de um discurso afrodescendente na obra de Machado de Assis e de Lima Barreto'** 28/03/2018 206 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Natal Biblioteca Depositária: Universidade Federal de Juiz de Fora - TCF completo, em forma de Caderno Digital, disponibilizado no link:
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/590>

Detalhes

64. ELPO, LEANDRO AMORIM. **O HEROÍSMO DO HOMEM DE LETRAS EM LIMA BARRETO'** 12/12/2017 undefined f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande Biblioteca Depositária:
SIB FURG
Detalhes

65. Elpo, Leandro Amorim. **Quaresma, você é um visionário!: O conflito entre herói e mundo no romance de Lima Barreto Triste fim de Policarpo Quaresma'** 01/10/2012 122 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, RIO GRANDE Biblioteca Depositária: SIB-FURG
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

66. ENDLER, SERGIO FRANCISCO. **RECORDACOES DO ESCRIVAO ISAIAS CAMINHA: FICCAO E JORNALISMO'** 01/04/1995 124 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA E LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

67. ERNESTO, NEIDE AMORIM. **O ENTRELUGAR DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: A representação feminina em Clara dos Anjos. '** 02/05/2017 134 f. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha
Detalhes

68. FERRARO, PAULA DANIELA. **CIDADES CRÔNICAS: Rio de Janeiro e Buenos Aires nas crônicas de Lima Barreto e nas Aguafuertes de Roberto Arlt'** 26/03/2015 110 f. Mestrado em Estudos de Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ
Detalhes

69. FATTORI, DANUSA DA MATTA DUARTE. **Lima Barreto e Oswald de Andrade nos descaminhos da modernidade.'** 01/04/2006 167 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

70. Fernandes, Ana Helena Cobra. **"BAGATELAS EM PERSPECTIVA LIMA BARRETO - CRÔNICAS ANOTADAS"** 01/02/2010 425 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

71. FERNANDES, FELIPE MOURA. **Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral'** 14/02/2017 346 f. Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FlorestanFernandes-FFLCH/USP
Detalhes

72. FERREIRA, DANIELLA. **O cotidiano da loucura asilada: Lima Barreto presencia o cemitério dos vivos'** 01/08/2012 100 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

73. FERREIRA, LUCIANA DA COSTA. **Um personagem chamado Lima Barreto'** 01/08/2007 147 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

74. FERREIRA, TANIA REGINA. **Literatura em quadrinhos, Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto'** 17/03/2015 undefined f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: undefined
Detalhes

75. FIGUEIREDO, CARMEN L. NEGREIROS DE. **O FIM DO SONHO REPUBLICANO: O LUGAR DA IRONIA EM LIMA BARRETO.'** 01/04/1990 182 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

76. FIGUEIREDO, CARMEN LUCIA NEGREIROS DE. **TRINCHEIRAS DE SONHO: FICÇÃO E CULTURA EM LIMA BARRETO'** 01/08/1997 332 f. Doutorado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

77. FIGUEIREDO, KARINE DE ALCÂNTARA. **LIMA BARRETO: DIÁLOGOS ENTRE A MEMÓRIA DA HISTÓRIA, DA FICÇÃO E DA CRÍTICA'** 01/02/2006 128 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UFC

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

78. FREIRE, ZÉLIA RAMONA NOLASCO DOS SANTOS. **A CONCEPÇÃO DE ARTE EM LIMA BARRETO E LEON TOLSTÓI: divergências e convergências'** 01/07/2009 227 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: UNESP-FCL/ASSIS

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

79. FREIRE, ZÉLIA RAMONA NOLASCO DOS SANTOS. **LIMA BARRETO: IMAGEM E LINGUAGEM'** 01/08/2003 252 f. Mestrado em LETRAS Instituição de

Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: UNESP-ASSIS
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

80. Freitas, Celi Silva Gomes de. **Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a Dupla Exterioridade em Lima Barreto'** 01/05/2003 143 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Pós-Graduação do IFCH **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

81. Freitas, Celi Silva Gomes de. **Troça e campanha: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos'** 01/09/2008 385 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: CCS/A **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

82. Freitas, Luciana Gomes de Lima. **Lima Barreto e a primeira República: uma leitura da sátira nas crônicas de Os Bruzundangas.'** 01/10/2001 109 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

83. Furtado, Fabiana Camara. **Perfis da Belle Époque Brasileira: uma análise das figuras femininas em Lima Barreto'** 01/06/2003 111 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: BC, PG **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

84. Galindo, Fabiana Delana Viegas. **A POLIFONIA NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO'** 01/02/2007 181 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: PG Letras **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

85. Gama, Maria Lúcia Palma. **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá: linguagem e compromisso na obra de Lima Barreto.** ' 01/08/2002 120 f. Mestrado em LITERATURA BRASILEIRA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH/USP **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

86. GAMA, MARIA SANDRA DA. **ENTRE MULHERES E FRONTEIRAS, UM ESCRITOR: LUGARES DO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO (1902-1922)**' 25/08/2015 200 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL ZILA MAMEDE - BCZM / UFRN **Detalhes**

87. GERMANO, IDILVA MARIA PIRES. **ALEGORIAS DO BRASIL:IMAGENS DE BRASILIDADE EM TRISTE FIM DE POLICARPOQUARESMA,DE LIMA BARRETO E VIVA O POVO BRASILEIRO, DE JOAO UBALDO RI- BEIRO'**

01/11/1995 200 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

88. Gileno, Carlos Henrique. **Lima Barreto e a Condição do Negro e do Mulato na Primeira República (1889-1930)'** 01/08/1997 138 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: IFCH / UNICAMP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

89. GOMES, FELIPE ARAUJO. **Um “sopro de epopeia”: processos de construção da prosa e da persona literária de Lima Barreto'** 30/03/2017 87 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades
Detalhes

90. GOMEZ, SANTIAGO MIGUEL. **Uma leitura decolonial de Lima Barreto e Arit.'** 21/03/2018 131 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU UFSC
Detalhes

91. GRALHA, ANDREA DA SILVA. **ESPAÇOS DE MEMÓRIA, LUGARES DE ESQUECIMENTO – LIMA BARRETO E A ‘REINVENÇÃO’ DO SÍTIO DO CARICO Rio de Janeiro 2015'** 27/08/2015 91 f. Mestrado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO
Detalhes

92. GUEDES, AMADEU DA SILVA. **MALANDRO E MULATA: CONTRASTEE NUANCES DA MALANDRAGEM NA OBRA CLARA DOS ANJOS'** 01/08/2005 154 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

93. Guimarães, Marcela Abreu. **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá: modernização e subjetividade, história e memória em Lima Barreto'** 01/09/2012 107 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

94. Hossne, Andrea Saad. **"A angústia da forma e o bovarismo - Lima Barreto, romancista".'** 01/09/1999 234 f. Doutorado em LETRAS (TEORIA LITERÁRIA E

LITERATURA COMPARADA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Letras - USP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

95. INACIO, CIDNEY DE OLIVEIRA. **Urbanização do Rio de Janeiro no início do século XX: entre o real e o oficial na crônica de Lima Barreto'** 28/02/2013 92 f. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha Detalhes

96. INOCENCIO, MONIQUE LOPES. **Tensões sociais refletidas em factus e em fictus: visitando alguns escritos pessoais de Lima Barreto'** 01/02/2010 95 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

97. JUNIOR, JOÃO ADALBERTO CAMPATO. **RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA: UMA ABORDAGEM RETÓRICA'** 01/04/1997 162 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: IBILCE/UNESP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

98. Kahn, Daniela Mercedes. **O leitor deslocado e a biblioteca fora do lugar: figurações da insuficiência intelectual na ficção de Lima Barreto.'** 01/04/2006 176 f. Doutorado em LETRAS (TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes Detalhes

99. KNABBEN, MARIA TEREZINHA. **"POLICARPO QUARESMA: DE LIMA BARRETO A PAULO THIAGO ."** 01/04/2011 142 f. Mestrado em TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE, CURITIBA Biblioteca Depositária: CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

100. KOENIG, MARILIA. **UMA LITERATURA TRANSMODERNA: A ÉTICA DA ESTÉTICA EM LIMA BARRETO, UMA ANÁLISE DE VIDA URBANA À LUZ DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA'** 29/05/2015 175 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, Tubarão Biblioteca Depositária: Universidade do Sul de Santa Catarina Detalhes

101. LANGHI, LILIA FERNANDA G T PARANHOS. **MAMBEMBE, UM JEITO LIMA DE ESCREVER; ESTUDO DE ESTRATÉGIAS NARRATIVAS DE LIMA BARRETO'** 01/06/1992 88 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

102. LEITAO, ELIANE VASCONCELLOS. **ENTRE A AGULHA E A CANETA: UMA LEI-TURA DA OBRA DE LIMA BARRETO**' 01/12/1990 337 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

103. LIMA, ANDRE LUIZ DIAS. **Lima Barreto e Dostoiévski: Vozes dissonantes**' 01/12/2009 226 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

104. LIMA, ELIZABETE BARROS DE SOUSA. **Contos e crônicas sério-cômicos de Lima Barreto: um estudo dialógico do riso e da sátira**' 18/02/2016 136 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB Detalhes

105. Lima, Elizabeth Gonzaga de. **Aveso de Utopias: Os Bruzundangas e Aventuras do Doutor Bogóloff.**' 01/02/2001 200 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

106. Lima, Elizabeth Gonzaga de. **Fragmentos do eu: a escrita íntima em Lima Barreto.**' 01/05/2005 185 f. Doutorado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

107. LOPES, ANDREIA MARIA DA SILVA. **As mulheres da cidade em Lima Barreto: apreciação crítica e recepção de contos na sala de aula**' 27/02/2013 255 f. Mestrado em LINGUAGEM E ENSINO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFCG Detalhes

108. LOPES, ANGELA MARIA THEREZA. **O RIO DE LIMA BARRETO: MODERNIZAÇÃO E MODERNIDADE**' 01/02/1993 119 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

109. LOPES, AURISTELA RAFAEL. **Um riso carnavalesco na Belle Époque carioca. As crônicas barretianas, sob pseudônimos, e seu diálogo com os deserdados da cidade**' 27/07/2018 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DA

LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: undefined
Detalhes

110. Lopes, Silvana Fernandes. **LIMA BARRETO E A EDUCAÇÃO: Os Limites Históricos de uma Concepção Crítica da Educação Escolar.**' 01/02/2002 100 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

111. LOYOLLA, DIRLENVALDER DO NASCIMENTO. **Bagatelas e Marginália: cultura intelectual e revide ao poder nas crônicas de Lima Barreto'** 25/04/2014 199 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASILIA
Detalhes

112. Lozano, Maria Amélia Idiart. **O ficcional o não-ficcional na obra literária de Lima Barreto: uma intertextualidade crítica'** 01/10/1999 396 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSCSH
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

113. MACHADO, LUANA GOULART. **O subúrbio carioca no início do séculoXX na perspectiva de Lima Barreto'** 18/05/2018 97 f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFRRJ
Detalhes

114. Machado, Maria Cristina Teixeira. **"Lima Barreto - um pensador social na Primeira República"** 01/04/1997 280 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UnB
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

115. Magnoni, Maria Salete. **Imprensa como instância de poder: uma leitura das Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto'** 01/04/2010 81 f. Doutorado em LITERATURA BRASILEIRA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

116. Magnoni, Maria Salete. **Um dissidente na república das letras: asidéias literárias em Lima Barreto'** 01/04/1999 189 f. Mestrado em LITERATURA BRASILEIRA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH/USP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

117. Marim, Eliete da Costa. **Diário íntimo Documento da Memória - Criação Estética - Uma dupla leitura'** 01/05/2008 155 f. Mestrado em LITERATURA

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca

Depositária: BCE-UNB

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

118. Marinho, Maria Celina Novaes. **Ironia e interdiscurso em Lima Barreto: Uma análise de Triste Fim de Policarpo Quaresma'** 01/11/2000 134 f.

Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca

Depositária: Biblioteca de Letras/FFLCH/USP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

119. MARTHA, ALICE AUREA PENTEADO. **"E O BOEMIO, QUEM**

DIRIA, ACABOU NA ACADEMIA..."(LIMA BARRETO: INVENTARIO CRITICO).'

01/09/1995 538 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE

EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca

Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

120. Matias, José Luiz. **Vida urbana, Marginalia, Feira e Mafuás: a**

Modernidade Urbana das Crônicas de Lima Barreto ' 01/03/2007 112 f.

Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO

DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca da Pós

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

121. MATOS, CELINE APARECIDA DE. **ENTRE A VIDA E A MORTE:**

INTERSEÇÕES NAS ESTRADAS PERDIDAS DE LIMA BARRETO E TELMO

VERGARA' 25/09/2015 109 f. Mestrado em Estudos da Linguagem Instituição de

Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa

Biblioteca Depositária: Faris Michael

Detalhes

122. Medeiros, Gutemberg Araújo de. **Urbanidade e metajornalismo nas**

matrizes da modernidade: memória textual nas produções de Lima Barreto e

João do Rio no início do século XX' 01/04/2009 221 f. Doutorado em CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca

Depositária: ECA/USP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

123. Melo, José Osmar de. **"Lima Barreto e as questões de seu tempo"**

01/02/1997 142 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca

Depositária: PUC-MINAS

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

124. Melo, José Osmar de. **A poética do artifício em Vida e Morte de M. J.**

Gonzaga de Sá, de Lima Barreto' 01/03/2004 228 f. Doutorado em LETRAS

Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS

GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC Minas

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

125. MELO, JOSE RADAMES BENEVIDES DE. **VOZES SOCIAIS EM CONSTRUÇÃO: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais'** 20/04/2017 454 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
Detalhes

126. Melo, Rita de Cássia Guimarães. **Lima Barreto: a experiência social e cultural de formação dos remediados'** 01/06/2008 390 f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: SBD / CAPH
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

127. Melo, Rita de Cássia Guimarães. **O Mundo Urbano na Obra de Lima Barreto: Classes Médias e Pobres no Subúrbio do Rio de Janeiro (1881-1922)'** 01/05/2002 150 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC-SP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

128. MESSINA, JULIA. **Nas entrelinhas: o Rio de Janeiro do século XX segundo os Diários de Lima Barreto'** 12/04/2013 57 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC-Rio
Detalhes

129. MILIAN, VANESSA KIARA RODRIGUES. **LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA A PARTIR DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO'** 17/09/2015 147 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: BC-UEL
Detalhes

130. MINERVINO, LEANDRO SAADE. **MARGINALIDADE COMO POSICIONAMENTO: TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE LIMA BARRETO NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA'** 11/11/2015 161 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes
Detalhes

131. Miranda, Maria do Socorro Barbosa de. **Um diário extravagante e um romance inacabado: Percursos autobiográficos na obra de Lima Barreto.'** 01/08/2011 104 f. Mestrado em LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Julieta Carteadó.
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

132. Montenegro, José Benjamim. **"Imagens e Símbolos da República, sob o olhar de Lima Barreto".**' 01/06/1999 1111 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

133. Montenegro, José Benjamim. **Lima Barreto: a escrita em retalhos.**' 01/03/2007 208 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPB

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

134. MORAES, ANA LUIZA COIRO DE. **Seis personagens à procura de modernidade: Reflexões sobre discursos complexos - dos contos do pré-modernista Lima Barreto aos relatos de comunicação pós-moderna.** ' 01/07/2002 187 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUCRS e Biblioteca Nacional

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

135. Moraes, Ariadne Garcia. **Aspectos do conto de Lima Barreto**' 01/08/2008 118 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, Araraquara Biblioteca Depositária: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

136. Morais, Luana Candura de. **Lima Barreto: a comunicação do estético eo discurso da atualidade**' 01/08/1998 101 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Escola de Comunicação / UFRJ

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

137. NADOLSKIS, HENDICAS. **A LINGUA LITERARIA DE LIMA BARRETO: TRACOS DISTINTOS**' 01/06/1989 159 f. Doutorado em FILOLOGIA E LINGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

138. NASCIMENTO, ADELIANA ALVES BARROS. **"O CEMITÉRIO DOS VIVOS": A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA BARRETO**' 07/07/2016 170 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Humanidades
Detalhes

139. Nascimento, Maria Ercília do. **Alteridade & Intolerância - Percursos de Lima Barreto.**' 01/06/1999 248 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC / SP

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

140. Neto, Joachin de Melo Azevedo Sobrinho. **Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto.** 01/03/2010 138 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

141. NETO, JOACHIN DE MELO AZEVEDO SOBRINHO. **Vida literária e desencantos: uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)** 20/03/2015 342 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU
Detalhes

142. Neves, José Eugênio das. **A presença das estratégias de descolonização na obra de Lima Barreto.** 01/10/2012 177 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA Biblioteca Depositária: BC UEL
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

143. Nickel, Elisa Hickmann. **"Cyro dos Anjos e Lima Barreto: burocracia e patrimonialismo na Literatura"** 01/08/2010 107 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

144. NOGUEIRA, CLARA MIGUEL ASPERTI. **CRONISTAS DO RIO: O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC (KOSMOS, 1904-1908) E LIMA BARRETO (CARETA, 1915-1922).** 01/07/2012 286 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: FCL- UNESP/ASSIS
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

145. Nogueira, Rômulo Filizzola. **O cosmopolitismo em Lima Barreto** 01/10/2011 120 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Carvalho de Mendonça
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

146. Noronha, Carlos Alberto Machado. **LIMA BARRETO ENTRE LUTAS DE REPRESENTAÇÃO: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX** 01/05/2009 184 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Julieta Carteador **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

147. NUNES, BRUNA FONTENELE. **O escritor numa casca de noz: Lima Barreto e Osman Lins nas trincheiras do campo literário** 10/07/2017 132 f.

Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Humanidades
Detalhes

148. Nunes, Radamés Vieira. **Sobre crônicas, crônicas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac - 1900-1920'** 01/02/2009 194 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA Biblioteca Depositária: Biblioteca UFU - Campus Santa Monica
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

149. Oliveira, Aciomar Fernandes de. **Etnicidade, memória e poder nas crônicas de Lima Barreto e João do Rio: entre o dilema e o silenciamento'** 01/12/2010 93 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Bibliotecas Universitária e da Faculdade de Letras da UFMG
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

150. OLIVEIRA, ADRIANA CARRION DE. **LITERATURA NOS QUADRINHOS: A TRANSCODIFICAÇÃO DE CLARA DOS ANJOS DE LIMABARRETO'** 24/09/2015 112 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE MARÍLIA, Marília Biblioteca Depositária: ZILMA PARENTEDE BARROS
Detalhes

151. OLIVEIRA, ANA PAULA GIEHL DE. **Razão ao avesso: uma análise da representação da loucura, dos loucos e dos manicômios em Cemitério dos Vivos e Diário do Hospício, de Lima Barreto e Um Estranho no Ninho, de Ken Kesey'** 03/03/2017 77 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFPel
Detalhes

152. Oliveira, Fátima Maria de. **Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das Letras.'** 28/02/2000 215 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do CTCH
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

153. OLIVEIRA, FRANCISCO HUMBERLAN ARRUDA DE. **Figurações da intelectualidade no Brasil: a crônica de Lima Barreto'** 27/03/2013 84 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: CEH/B
Detalhes

154. OLIVEIRA, IGOR FERNANDES VIANA DE. **O escritor e a cidade: literatura, modernidade e o Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto'** 17/10/2013 184 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: DBD
Detalhes

155. Oliveira, Irenisia Torres de. **A borboleta no carro forte. Viagens de desorientação e desamparo em contos de Kafka e Lima Barreto**' 01/08/1999 175 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

156. OLIVEIRA, IRENÍSIA TORRES DE. **UMA ESCRITA EM CHÃO CEDIÇO - LIMA BARRETO: UM DESAFIO PARA O PRESENTE.**' 01/12/2003 194 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

157. Oliveira, Patrícia Mattos de. **Cacos de telha, retalhos humanos: uma poética do irremediável em Lima Barreto**' 01/09/2004 110 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

158. OLIVEIRA, VINICIUS MENDES DE. **LIMA BARRETO: O TRISTE FIM DO UFANISMO BRASILEIRO**' 01/12/2012 107 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, CRUZ DAS ALMAS Biblioteca Depositária: CAHL –ufrb
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

159. Oswald, Maria Luiza Bastos. **Aprender com a Literatura: uma Leitura Benjaminiana de Lima Barreto**' 01/07/1997 355 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do CTCH - PUC-Rio
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

160. Pacheco, Keli Cristina. **Lima Barreto / Roberto Arlt: a comunidade em exílio**' 01/05/2009 215 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU / UFSC
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

161. Pacheco, Keli Cristina. **LIMA BARRETO E O MAL-ESTAR NO TERRITÓRIO**' 01/02/2005 131 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU/UFSC
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

162. Pauli, Alice Atsuko Matsuda. **PRESENÇA DO PENSAMENTO UTÓPICO NOS ROMANCES DE LIMA BARRETO**' 01/11/2009 202 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA,

LONDRINA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

163. PENTEADO, MARTHA ALICE AUREA. **A TESSITURA SATIRICA EM NUIMA E A NNFA.**' 01/05/1988 326 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

164. PEREIRA, EDUARDO DA SILVA. **A BARCA E O RIO: DIMENSÕES ESTÉTICAS E SOCIAIS NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO**' 23/01/2013 101 f. Mestrado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ
Detalhes

165. PEREIRA, MARCUS VINICIUS T QUIROGA. **COMO ERA GOSTOSO O MEU JAVANES - ESTUDO DA LINGUAGEM DO JEITINHO NA OBRA DE LIMA BARRETO**' 01/04/1994 201 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

166. PIMENTA, SHYRLEY. **Psicanálise e Literatura: O Corpo Humilhado em Lima Barreto.**' 01/11/2007 122 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA Biblioteca Depositária: Campus Umuarama/Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

167. PINTO, RAQUEL SOLANGE. **CRÔNICA E MODERNIDADE: CONFIGURAÇÕES DA CIDADE**' 21/02/2014 166 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC-MG
Detalhes

168. PINTO, ROSE MARIA. **DISCURSO ÀS AVESSAS EM NUIMA E A NINFADE LIMA BARRETO**' 01/03/2012 90 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)
Detalhes

169. PIRES, ANTONIA CRISTINA DE ALENCAR. **CONFISSESOES DISPERSAS: FICCAO, MEMORIA E HISTORIA EM LIMA BARRETO.**' 01/11/1995 264 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

170. Pontes, Deysiane Farias. **A tradição intelectual do romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, de Lima Barreto'** 01/10/2009 113 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas - UFC
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

171. Prado, Adriano Costa. **"Literatura e modernidade: pressupostos filosóficos da obra de Lima Barreto"** 01/10/1997 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC-MINAS
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

172. QUEIROZ, PATRICIA REGINA CENCI. **História e ficção nos trabalhos satíricos do escritor Lima Barreto: o humor como narrativa historiográfica.'** 01/08/2005 158 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: UNESP - Assis/SP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

173. QUINTAO, DANIEL ROCHEBOIS. **O IDEAL DE FORMAÇÃO DO HOMEM DE LETRAS EM LIMA BARRETO: Recordações do Escrivão Isaías Caminha, Triste Fim de Policarpo Quaresma e Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá sob a perspectiva do romance de formação'** 10/03/2017 148 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC/MG
Detalhes

174. RACHMAN, SERGIO. **A INTERFACE ENTRE PSIQUIATRIA E LITERATURA NA OBRA DE LIMA BARRETO'** 01/04/2010 177 f. Mestrado em PSIQUIATRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA FMUSP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

175. RAMALHO, REGINA CÉLIA. **A LÍNGUA E A HISTÓRIA NO CONTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO'** 01/11/2007 136 f. Mestrado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC-SP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

176. RAMOS, CAROLINA MOURA BARROSO. **Os tipos literários na prosa de Lima Barreto'** 07/04/2015 125 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP
Detalhes

177. RESENDE, BEATRIZ VIEIRA DE. **DENTES NEGROS CABELOS AZUIS, LIMA BARRETO E A CIDADANIA EM FRAGMENTOS'** 01/04/1989 306

f. Doutorado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

178. RESENDE, ROBINSON JOSE. **“LIMA BARRETO: O ESPETÁCULO DA LOUCURA EM DIÁRIO DO HOSPÍCIO”** 15/12/2014 95 f. Mestrado em TEORIA LITERARIA E CRITICA DA CULTURA Instituição de Ensino: Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFSJ - Campus Dom Bosco
Detalhes

179. Ribeiro, Vanessa Lopes. **Memórias de Vida e Morte: Machado de Assise Lima Barreto** 01/04/2008 104 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU / UFSC

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

180. Ribeiro, Francisco Washington Moreira. **A família no romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.** 01/03/2012 119 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

181. Rocha, Laíde de Fátima Oliveira. **Lima e Clara: um percurso feito de silêncio e desclausura** 01/07/2007 102 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA Biblioteca Depositária: Biblioteca do CES/JF

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

182. RODRIGUES, DAVIDSON DE OLIVEIRA. **Representações da Modernidade Fluminense em textos literários de Machado de Assis e Lima Barreto**

09/03/2017 259 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: Biblioteca Comunitária da UFSCar

Detalhes

183. RODRIGUES, ISADORA ALMEIDA. **Literatura, história e senso comum: Lima Barreto e suas representações do músico popular** 21/02/2013 137 f.

Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG

Detalhes

184. RODRIGUES, KARINE SA ANTUNES. **O poder na casa de loucos - Lima Barreto testemunha o cemitério dos vivos** 01/12/2004 120 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIA DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária:

Biblioteca da Pós-Graduação da Faculdade de Letras

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

185. Rodrigues, Manoel Freire. **"Revolta e Melancolia: Uma Leitura da Obra de Lima Barreto"** 01/09/2009 210 f. Doutorado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

186. Rodrigues, Manoel Freire. **Triste fim de Policarpo Quaresma: um diálogo com a tradição'** 01/09/2001 134 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zilá Mamede
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

187. RODRIGUES, MARTA. **"Lima Barreto, leitor de Balzac: as ilusões perdidas de Luciano e Isaías Caminha"** 01/08/2012 208 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

188. RODRIGUES, MARTA. **Entre a crítica e a paixão: os discursos do narrador e do protagonista em Triste fim de Policarpo Quaresma'** 01/08/2007 96 f. Mestrado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

189. Rodrigues, Pedro Henrique Belchior. **Tristes Subúrbios: Literatura, Cidade e Memória na Experiência de Lima Barreto (1881 - 1922).'** 01/06/2011 188 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1444.pdf>
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

190. RODRIGUEZ, BENITO MARTINEZ. **DUELO OU DUETO: A INDECISA POSICAO DA LITERATURA FRENTE AO MUNDO MODERNO EM CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO.'** 01/06/1993 164 f. Mestrado em LITERATURA BRASILEIRA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

191. ROMÃO, ANA PAULA DE FREITAS. **Os Bruzundangas: uma alegoria da primeira república'** 01/03/2012 79 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/SJR. PRETO, São José do Rio Preto Biblioteca Depositária: IBILCE – UNESP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

192. ROSA, ALEXANDRE JULIETE. **O conto em Lima Barreto: oscilação editorial e hibridismo estético'** 30/10/2017 240 f. Mestrado em CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Instituto de Estudos Brasileiros
Detalhes

193. SA, JOANE LEONCIO DE. **SOBRE A ADAPTAÇÃO DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS PARA OS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO “CASO” POLICARPO QUARESMA'** 20/09/2013 149 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE
Detalhes

194. Santana, Suely Santos. **Uma voz destoante na rua do ouvidor: Lima Barreto e a representação das relações raciais no início do século XX'** 01/06/2005 122 f. Mestrado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

195. Sant'Anna, Cristina Nunes de. **O cronista político Afonso Henrique de Lima Barreto'** 01/02/2008 89 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

196. Santos, André Luiz dos. **A casa do louco'** 01/08/2001 89 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de teses
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

197. SANTOS, ANDRÉ LUIZ DOS. **Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto'** 01/03/2007 182 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

198. Santos, Frederico Costa dos. **Hospício Nacional de Alienados (1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar: a experiência de Lima Barreto'** 01/11/2010 97 f. Mestrado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: UNIRIO
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

199. SANTOS, JONATAN DE SOUZA. **A SÁTIRA LIMABARRETIANA EM NUMA E A NINFA'** 30/05/2016 116 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Detalhes

200. Santos, Lilia Carmen Cardoso dos. **"Medo e Esperança: A mulher e a paisagem carioca como extensões de Lima Barreto"** 01/09/1998 74 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca do Instituto de Letras

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

201. SANTOS, LISIANE PINTO DOS. **ISAÍAS CAMINHA E SERGIPANO: TRABALHADORES EXPLORADOS NO CONTEXTO FICCIONAL'** 01/02/2002 126 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

202. SANTOS, POLIANA DOS. **O povo e o paraíso dos abastados - Rio de Janeiro, 1900/1920 (crônicas e outros escritórios de Lima Barreto e João do Rio)** 19/02/2018 undefined f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: undefined

Detalhes

203. SANTOS, ROBERSON ROSA DOS. **Diário de crise: do naufrágio ao renascimento'** 31/08/2015 161 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA E LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUCRS

Detalhes

204. Santos, Walter Mendes dos. **O intertexto balzaquiano em Recordações do Escrivão Isaías Caminha'** 01/04/2012 270 f. Doutorado em LETRAS (EST.LING., LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

205. Santos, Walter Mendes dos. **Representação literária do jornalismo no universo romanesco barretiano.'** 01/01/2007 103 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: bce

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

206. Saraiva, Sergio Eduardo Pinto. **Ironia e representação social em contos de Lima Barreto e João Antonio'** 01/04/2012 180 f. Mestrado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

207. Scheffil, Marcos Vinícius. **Do Registro Diário à Criação - O Processo Ficcional em Recordações do Escrivão Isaías Caminha e Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá.**' 01/03/2007 155 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

208. Scheffil, Marcos Vinícius. **Estações de Passagem da Ficção de Lima Barreto**' 01/06/2011 200 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária Central da UFSC

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

209. Silva, Adriana Carvalho. **O Espaço Carioca no Olhar de Lima Barreto. (um estudo da interação Literatura-Geografia)**' 01/12/2005 166 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Big

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

210. SILVA, AMAURI RODRIGUES DA. **PODER E LINGUAGEM - A CONDIÇÃO HUMANA EM "TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA" DE LIMA BARRETO**' 01/12/1997 187 f. Mestrado em LITERATURA (TEORIA LITER. E LITERAT. BRASILEIRA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE/UnB

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

211. SILVA, ANA GABRIELLA FERREIRA DA. **Representações do negro em Clara dos Anjos, de Lima Barreto**' 28/10/2015 124 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Pau dos Ferros Biblioteca Depositária: UERN/SIB CDD 401.41 Detalhes

212. Silva, Ari Denisson da. **PROCEDIMENTOS DE CRÍTICA À SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO**' 01/05/2011 86 f. Mestrado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Ufal

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

213. SILVA, CINTHIA MARA CECATO DA. **DO Vivido ao Escrito: o Testemunho de Lima Barreto em Diário de Hospício e o Cemitério dos Vivos**' 29/09/2017 undefined f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória Biblioteca Depositária: undefined
Detalhes

214. Silva, Cinthia Mara Cecato da. **Entre o pranto e a mofa, a pátria idolatrada em triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto: sob a égide do arrivismo, a nação em seu rolar de Sísifo.**' 01/12/2010 150 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO

SANTO, VITÓRIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Ufes **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

215. Silva, Cleidinalva Carneiro da. **Canaã e Triste Fim de Policarpo Quaresma: dois momentos de representações do negro no Brasil'** 01/07/2009 165 f. Mestrado em ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR Biblioteca Depositária: Centro de Estudos Afro-Orientais **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

216. SILVA, CRISTINA BONGESTAB DA. **MELANCOLIA E CRISE DO SUJEITO NA MODERNIDADE (Estudo de La voluntad e Triste fim de Policarpo Quaresma)**' 01/08/2005 120 f. Mestrado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

217. SILVA, DECIO BENTO JOSE DA. **A PRESENÇA DE ELEMENTOS SATÍRICOS NA OBRA OS BRUZUNDANGAS DE LIMA BARRETO'** 05/12/2014 146 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: Campo Grande e Dourados **Detalhes**

218. Silva, Elizabet Clemoni Nunes da. **"Lima Barreto: rupturas"** 01/10/2003 113 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU / UFSC **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

219. Silva, Fábio José da. **O Dandi e o Boêmio: João do Rio e Lima Barreto no mundo literário da Primeira República.'** 01/07/2008 110 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFSC **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

220. SILVA, JOAO GONCALVES FERREIRA CHRISTOFARO. **'Pequenas, grandes, mínimas ideias': a construção da imagem do escritor nos diários de Lima Barreto'** 19/02/2013 108 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG **Detalhes**

221. SILVA, JOMAR RICARDO DA. **A educação da mulher em Lima Barreto (1881 - 1922)**' 01/11/2007 205 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: BIBLIOECA CENRAL ZILA MAMEDE, BIBLIOTECADIGITAL DE TESES **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

222. SILVA, JOSE RAIMUNDO GONCALVES DA. **LIMA BARRETO E EDUCAÇÃO: O Protagonismo do Oprimido'** 24/03/2014 96 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, São Paulo
Biblioteca Depositária: Prof. José Storópoli
Detalhes

223. SILVA, JULES VENTURA. **LIMA BARRETO, ENTRE RUMORES E IMAGENS: A CIRCULAÇÃO SOCIAL DA OBRA RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA'** 31/03/2016 153 f. Mestrado em SOCIOLOGIA
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba
Biblioteca Depositária: Universidade Federal do Paraná
Detalhes

224. Silva, Luiz. **A Consciência do Impacto nas Obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto.'** 01/06/2005 335 f. Doutorado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS
Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

225. SILVA, MARCOS RENAN PRACIANO DA. **Entre a História e a Literatura – Lima Barreto: narrativas sobre a pobreza nas primeiras décadas do Brasil República (1900- 1922)'** 28/11/2017 undefined f. Mestrado em HISTÓRIA
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza
Biblioteca Depositária: undefined
Detalhes

226. SILVA, MARIA AUGUSTA DE ALMEIDA. **O UFANISMO E "TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA".'** 01/09/1994 123 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte
Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

227. SILVA, MAURICIO PEDRO DA. **ENTRE A HELADE E O SUBUBIO. CONFRONTOS LITERARIOS NA BELLE EPOQUE CARIOCA (LIMA BARRETO VERSUS COELHO NETO)'** 01/08/1995 151 f. Mestrado em LITERATURA BRASILEIRA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo
Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

228. Silva, Neila Paula da. **A Educação Eugênica e as Críticas de Lima Barreto: a representação dos contrários.'** 01/03/2008 100 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ
Biblioteca Depositária: BCE - BIBLIOTECA CENTRAL DA UEM
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

229. Silva, Nivaldo Rodrigues da. **A Comédia Urbana: sátira política em Lima Barreto'** 01/11/1997 179 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA
Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

230. SILVA, PEDRO SANTOS DA. **Afonso Henriques de Lima Barreto e o mito da identidade nacional'** 01/05/2007 162 f. Mestrado em LITERATURA ECRÍTICA LITERÁRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC-SP **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

231. SILVA, QUESIA FERREIRA. **LIMA BARRETO E SEU DUPLO PROVÁVEL EM RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA'**30/08/2017 104 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFU
Detalhes

232. SILVA, RAFAELA DE OLIVEIRA. **ESCRITORAS EM DIÁLOGO COM LIMA BARRETO'** 23/07/2018 88 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Central Julieta Carteador
Detalhes

233. Silva, Raphael Frederico Acioli Moreira da. **A "moléstia da cor": a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922) '** 01/11/2002 208 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca do IFCH-Unicamp **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

234. SILVA, RODRIGO APARECIDO RIBEIRO DA. **UM HURON PERFEITO: presença francesa nas crônicas de Lima Barreto para a revista Careta (1915-1922)'** 21/02/2017 172 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO(ASSIS), Assis Biblioteca Depositária: FCL ASSIS
Detalhes

235. SILVA, ROSINEIDE DA. **ROMANCE, DIÁRIO E AUTOBIOGRAFIA: TENSÃO ENTRE GÊNERO FICCIONAL E NÃO-FICCIONAL EM DIÁRIO ÍNTIMO (1956) E RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA (1909), DE LIMA BARRETO'** 31/03/2014 106 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, Dourados Biblioteca Depositária: UFGD

236. SILVA, TULANA OLIVEIRA DA. **CLARAS DOS ANJOS'** 01/07/2010 101 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/SJR. PRETO, São José do Rio Preto Biblioteca Depositária: IBILCE-UNESP **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

237. SILVA, VANIA MARIA MOREIRA DA. **A paidéia poética de Lima Barreto'** 01/07/2002 284 f. Doutorado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Teses da Faculdade de Letras/UFRJ

Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

238. Silveira, Cristiane da. **O alvorecer da República sob o olhar interpretativo de Lima Barreto'** 01/03/2004 138 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA Biblioteca Depositária: UFU - Biblioteca Campus Santa Mônica **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

239. Silveira, Marília Gonçalves Borges. **Stultifera Polis: uma leitura de Lima Barreto'** 01/06/1998 145 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamade, Biblioteca Setorial **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

240. SIMON, LUIZ CARLOS SANTOS. **A TORRE E O PORAO: TRAJETÓRIAS DE LIMA BARRETO E OSCAR WILDE'** 01/12/1992 135 f. Mestrado em LETRAS (CIÊNCIAS DA LITERATURA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: undefined **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

241. SIQUEIRA, FERNANDO MATIAS DE. **O SIGNIFICADO DA IRONIA NO ROMANCE 'TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA', DE LIMA BARRETO'** 23/03/2015 225 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: BC e IFCH
Detalhes

242. Siqueira, Marina Gonzaga. **Lima Barreto: A proposta literária, social e política do cronista'** 01/10/2005 114 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

243. Siqueira, Marina Gonzaga. **Lima Barreto: A proposta literária, social e política do cronista'** 01/10/2005 114 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

244. SOARES, JOSÉ WELLINGTON DIAS. **Paisagem e Escritura no Espaço Romanesco de Lima Barreto'** 01/12/2004 174 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Humanidades **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

245. Sousa, Fábio d'Abadia de. **O negro no universo literário de Lima Barreto'** 01/09/2000 139 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFG **Trabalho anterior à Plataforma Sucupira**

246. Sousa, Keila Vieira de. **O pouso da esperança: Lima Barreto e sua formação literária e intelectual.'** 01/03/2007 106 f. Mestrado em LETRAS

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA
Biblioteca Depositária: Ciências Humanas
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

247. SOUZA, ELAINE BRITO. **Lima Barreto e a memorialística: sujeito e autobiografia em crise**' 14/12/2016 211 f. Doutorado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdades de Letras da UFRJ
Detalhes

248. Souza, Fábio Elionar do Carmo. **DO SUBÚRBIO À NEOFAVELA: CONTRAVENÇÕES LITERÁRIAS E DISCURSO EM LIMA BARRETO E PAULO LINS**' 01/03/2004 199 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

249. SOUZA, RENATO DIAS DE. **As representações do nacionalismo em Lima Barreto**' 11/05/2017 undefined f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7454>
Detalhes

250. TEIXEIRA, NÍNCIA CECÍLIA RIBAS BORGES. **Imagens Literárias Urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos.**' 01/06/2005 241 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: UNESP - Assis/SP
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

251. TEIXEIRA, PATRÍCIA ROQUE. **NOS BASTIDORES DA CRIAÇÃO DO DIÁRIO DO HOSPÍCIO**' 01/08/2012 120 f. Mestrado em Estudos de Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

252. THAURONT, EDMOND BENJAMIN JEROME JULIEN. **Aproximando dois autores da Belle Époque: Lima Barreto e Alphonse Allais no Brasil**' 28/03/2014 105 f. Mestrado em ESTUDO DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca central da UNEB
Detalhes

253. TRAGANTE, CINTHIA APARECIDA. **Rio em obras: habitação e urbanismo em Machado de Assis e Lima Barreto**' 13/11/2014 291 f. Mestrado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: Biblioteca da EESC/USP
Detalhes

254. Trindade, Isabela da Hora. **Páginas íntimas - o diário extravagante de Lima Barreto'** 01/05/2012 214 f. Mestrado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DESÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

255. VALGAS, ALINE FLAVIA. **A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO DO CORPO NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA E OS CONTOS DE LIMA BARRETO '** 16/09/2016 115 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Central – UFG
 Detalhes

256. Verani, Ana Carolina. **O triste fim de Lima Barreto-Literatura, loucura e sociedade no Brasil da Belle Époque'** 01/05/2003 1 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

257. Vieira, Jackson Diniz. **Identidade negra e modernidade na obra de Lima Barreto'** 01/03/2010 110 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, CAMPINA GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central daUEPB
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

258. YAEHASHI, MIRIAN HISAE. **A CRITICA LITERARIA EM LIMA BARRETO'** 01/06/1993 172 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: undefined
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Anexo B – Programa do Curso de Filosofia que Lima Barreto criou para si mesmo na juventude

DIÁRIO ÍNTIMO

35

no sentido da luz a lançar reflexos ou ondulações, tornando uma fronte pálida. Exale, adjetivo, do mesmo autor. Gárceo — de garça, à laia de garça — perfil gárceo — José de Alencar. Elance — eflúvio — elance de ternura. Rubescência — gradação da côr que se vai ascendendo às faces até chegar rubor.

* * *

O sol ia alto e, pelas encostas do sêrro, o verde, sob aquela luz, variava de tons; aqui, esmeralda; ali, musgo; e todos, num côro, se confundiam num só, multivirescendo, irisado de azul.

* * *

Sem data.

“No esforço voluntário, a reflexão interior se apercebe de um ‘eu’ que quer e de um ‘não-eu’ que resiste.”
Maine de Biran.

Curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto, segundo artigos da *Grande Encyclopédie Française du Siècle XIX^{ème}*, outros dicionários e livros fáceis de se obter.

O curso será feito segundo a história do pensamento filosófico, devendo cada época ser representada pela opinião dos seus mais notáveis filósofos. Na passagem de uma época para outra, constituirá o grande objetivo do curso estabelecer a ligação dos dous pensamentos, as suas modificações e o que se eliminou de um e porque essa eliminação foi feita, assim como as reações da ciência e da arte. Dessa maneira, o curso será dividido em quatro partes:

1^a) Filosofia em geral. Modo antigo de entendê-la e modo moderno de encará-la. Definição. Divisões. Lógica. Metafísica. Teodicéia. Filosofias particulares das ciências e das artes. O lugar que lhes compete. Fim da filosofia. Utilidade (2 lições).

2^a) Filosofia antiga.

- a) Filosofia grega (3 lições);
- b) Filosofia alexandrina (2 lições);

- c) Filosofia romana (2 lições);
- d) Pensamento antigo.

3ª) Filosofia na Idade Média. Filosofia árabe. Escolástica. Pensamento medievo (4 lições).

4ª) Filosofia moderna. Escolas. Filosofias (5 lições).

5ª) Filosofia contemporânea. Sociologia. Estudo de raças. Teorias (4 lições). Pensamento atual (1 lição).

6ª) Filosofia chinesa (1 lição).

7ª) Filosofia hindu (1 lição).

8ª) Religiões. Crenças religiosas. Animismo. Fetichismo. Politeísmo e monoteísmo. Panteísmo e materialismo (3 lições).

Programa.

1ª Parte.

Objeto da Filosofia (I e II). III — Método. IV — Definição e divisões. Psicologia. Lógica. Teodicéia. Moral. Metafísica e Estética. Modos de encará-la; contribuições diversas do socialismo (estudos sociais), donde modificação de sua significação primitiva.

O resto se fará pelo programa do antigo Colégio Pedro II (está no Paul Janet).

I — A filosofia tem por fim explicar até nos seus últimos fundamentos a existência do mundo, devendo formar um conjunto de nossos conhecimentos particulares a convergir para uma concepção do mundo, do homem e da vida, que satisfaça às necessidades do entendimento e às exigências do espírito humano. Deve ser uma espécie de ciência geral, destinada a constituir, isenta de contradições, um edifício construído com os conhecimentos gerais desvendados pelas ciências particulares.

O seu fim é, portanto, organizar um conhecimento, uma disciplina em métodos seus, teorias organizadas e um plano geral, sendo, pois, arbitrário qualificar de filosóficos os modos de atividade intelectual que consistem em pontos de vista espontâneos, em reflexões sem técnica e sem método, em representações místicas e em crenças. Es-

sas organizações, essa espécie de atividade mental, só pode entrar na verdadeira filosofia como dados, como meros auxiliares, talvez mesmo como fatos, a examinar à luz do critério filosófico. A filosofia é essencialmente uma teoria intelectual organizada. (Artigo Filosofia, da *Grande Encyclopédie*).

II — Cada órgão de conhecimentos tem um objeto nitidamente marcado pela realidade, pelo fato científico a estudar, e bastante poderoso para esgotar a noção dêle. As ciências, portanto, entre si, dividem os objetos primitivamente ou capazes de ser concebidos primitivamente; contudo, sem sair do domínio da ciência, nota-se que o mesmo objeto, que o mesmo fato, que a mesma idéia podem ser examinados de várias maneiras, recebendo explorações diferentes, tôdas aceitáveis e necessárias. O espaço, por exemplo, é o lugar ideal em que se passam os fenômenos geométricos e mecânicos, para o geômetra; pode ser também — uma idéia sempre presente ao nosso espírito; pode ser ainda — a condição para que possa existir a faculdade de perceber. De maneira que, por tão vários modos de encará-lo, vai fazer parte de disciplinas intelectuais diversas. Seria ocioso mostrar o fato da côr ter significações diversas para o físico, para o químico e para o biólogo, e exemplos seriam não fáceis de encontrar, mas inúteis para a certeza. O que define uma ciência não é o objeto que ela considera, é o ponto de vista em que ela o considera. Se se propõe definir uma ciência pelo seu objeto, é preciso dizer-se que êsse objeto não é tal qual existe nas cousas, mas tal qual êle é para a ciência. A ciência vem a ser, portanto, um ponto de vista sôbre as cousas. Segue-se, daí, que, sendo as ciências extensivas sôbre as cousas, a filosofia a bom título pode constituir um conhecimento, constituindo como que um resíduo, que se vai alterando sem cessar, para se perder finalmente no sistema de ciências. A unidade relativa das ciências, a conexão entre a inteligência e as cousas, a natureza dos princípios científicos, a validade dêles, a legitimidade e ilegitimidade das interrogações que se apõem

às ciências, e que, às vezes, são postas por elas mesmas, nem respondendo à solução, constituem o objeto da filosofia, donde partirá uma concepção rígida das cousas e da vida, e da sua harmonia geral.

É mais ou menos o artigo de Victor Delbos.

III — O método filosófico, isto é, o processo de que a filosofia se serve para chegar ao pleno conhecimento do objeto de seus estudos, não se distingue absolutamente dos métodos empregados nas demais ciências. Usa da abstração, da determinação, da síntese e da análise, da indução e da dedução. Mas, sendo assim, o seu método possui caracteres específicos, tanto mais que o filósofo sabe que, além de tais processos de chegar à verdade, a inteligência possui outros que o cientista não admite nem emprega, o sentimento, a intuição.

Portanto, fora das teorias a estudar, seria difícil caracterizar perfeitamente o método da filosofia; só no estudo de suas doutrinas pode-se completamente compreendê-lo (13).

NOTAS

1 Estas notas de 1903, com exceção das referentes ao programa de filosofia, foram retiradas de uma caderneta com capa de couro negro, com os seguintes dizeres em letras douradas: *Agenda Trimestriel 1903*. Trata-se de uma folhinha de propaganda de medicamento francês — Peptonate de Fer Robin — que o escritor utilizou para o registro de suas expansões íntimas.

2 Pedro Ferreira do Serrado, solicitador. Por esse tempo, Lima Barreto ganhava a vida como professor particular.

3 Benjamim da Rocha Faria, contemporâneo de Lima Barreto na Escola Politécnica e dos rapazes mais elegantes do tempo. Daí a implicância.

4 Visconde de Ouro Preto, padrinho de batismo do romancista. Cedo, Lima Barreto indisps-se com o protetor, que custeara os seus estudos no Liceu Popular Niteroiense. Ouro Preto morreu em 1912. E não há, nas notas do *Diário Íntimo*, ou em qualquer outro escrito, nenhuma referência maior ao padrinho.

5 Everardo Backeuser foi, quando aluno da Escola Politécnica, um dos fundadores da Federação de Estudantes. Naquele tempo, era socialista e pertencia ao grupo liderado pelo professor Vicente de Sousa.

Anexo C – Relação de livros da biblioteca pessoal de Lima Barreto, a Limana, conforme consta na biografia de Francisco de Assis Barbosa.

(Documento a que se refere a nota 3 do capítulo “Vila Quilombo”)

INVENTÁRIO

Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na minha pequena biblioteca. O catálogo farei depois, por intermédio dele.

Rio de Janeiro, neste lugar de Todos os Santos, em primeiro de setembro de mil novecentos e dezessete.

Afonso Henriques de *Lima Barreto*.

N. B. – A coleção chama-se “Limana”.

ESTANTE I

1ª prateleira

1 – Cartas. Mlle Lespinasse	Encadernado
2 – Origines et Descendance de l’Homme. Haeckel et Bölche	Encadernado
3 – De l’Allemagne. Mme de Staël	Encadernado
4 – Le Jour sans Lendemain. J. Sandeau	Encadernado
6 – Mélanges d’Économie Politique. Bastiat. 2 vols	Encadernado
7 – La Contingence des Lois de la Nature. Boutroux	Encadernado
8 – Eneida. Virgilio (em italiano)	Encadernado
9 – La Cousine Bette. Balzac	Encadernado
10 – Sciences des Armoiries. Maigne	Encadernado
11 – L’Anthropologie. Topinard	Encadernado
12 – L’Individu et les Diplômes. Abel Faure	Encadernado
13 – Pléiades. Gobineau	Encadernado
14 – O Abolicionismo. J. Nabuco	Encadernado
15 – Littérature Française. Charles André	Encadernado

16 – Idem. Demogeot	Encadernado
17 – Idem. Gérúzez. 2 vols.	Encadernado
19 – Idem. Brunetière (não está nesta estante; está na 2ª, 3ª prateleira)	Encadernado
20 – La Bible d'Amiens. Ruskin	Encadernado
21 – Confessions. Rousseau	Encadernado
22 – Oeuvres. Racine	Encadernado
23 – Civilização Ibérica. O. Martins	Encadernado
24 – Pensées. Pascal	Encadernado
25 – Eugénie Grandet. Balzac	Encadernado
26 – Caractères. La Bruyère	Encadernado
27 – Dominique. Eugène Fromentin	Encadernado
29 – La Révolution Française. Mignet	Encadernado
30 – Un Nichée des Gentilshommes. I. Tourgueneff	Encadernado
31 – La France d'Aujourd'hui. Barret-Wendell	Encadernado
32 – Fumée. I. Tourgueneff	Encadernado
33 – Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse. E. Renan	Encadernado
34 – Julie de Lespinasse. M. de Ségur	Encadernado
35 – La France en 1614. G. Hanotaux	Encadernado
36 – Sargento-Mor de Vilar. A. Gama	Encadernado
37 – Diversas Novelas. Balzac	Encadernado
38-40 – Mil e Uma Noites. Galland (Falta um volume, só estão 3). Estão na 4ª E., 2ª Prat.	Encadernado
41 – Arte de Furtar. (?). (Passou para a 4ª Est., 2ª Prat.)	Encadernado
42 – Théâtre Classique. Régnier	Encadernado
43 – La Religieuse. Diderot	Encadernado
44 – L'Apprenti Compositeurs. J. Claye	Encadernado
45 – As Grandes invenções. Figuiier	Encadernado

2ª Prateleira

- | | |
|---|-------------|
| 46 – Grandezza e Decadenza di Roma. G. Ferrero
(1 só volume, o 1º) | Encadernado |
| 47 – La Vida de Lazarillo de Tormes
(em espanhol) | Encadernado |
| 48 – Diderot. A. Reinach | Encadernado |
| 49 – Descartes. J. Fouillée | Encadernado |
| 50 – De New York à la Nouvelle-Orleans.
Jules Huret | Encadernado |
| 51 – De San Francisco au Canada. Idem | Encadernado |
| 52 – Enquête sur l’Invention Littéraire. Idem | Encadernado |
| 53 – Poésies. A. Chénier | Encadernado |
| 54 – Paris et Amérique. E. Laboulaye | Encadernado |
| 55 – Vie et Opinions de F. T. Graindorge.
Taine | Encadernado |
| 56 – Nouveaux Essais de Critique et d’Histoire.
Taine | Encadernado |
| 57 – Philosophie de l’Art. Taine. 2 vols. | Encadernado |
| 63 – La Littérature Anglaise. Taine. 5 vols. | Encadernado |
| 64-67 – Origines de la France Contemporaine.
Idem. 4 vols. (Não está nesta estante,
mas na 2ª, 4ª Prateleira) | Encadernado |
| 68 – Le Corrège. Mme Albana | Encadernado |
| 69 – S. Botticelli. E. Gebhart | Encadernado |
| 70 – Confessions d’un Enfant du Siècle. Musset | Encadernado |
| 71 – Physiologie du Goût. B. Savarin (Passou
para a 1ª prat., depois de Jules Claye.) | Encadernado |
| 75 – Mémoires. Cardinal de Retz. 4 vols. | Encadernado |
| 76 – Précis de Sociologie. Palante | Encadernado |
| 77 – Évolution et Origine des Espèces.
T. Huxley | Encadernado |
| 78 – Gordon Pym, etc. E. Poe | Encadernado |

79 – Sous le Ciel Vide. J. Boyer	Encadernado
80 – História da Literatura Portuguesa. Teófilo Braga	Encadernado
81 – Le Calvaire. O. Mirbeau	Encadernado
82 – La Femme. Michelet	Encadernado
83 – Les Jésuites. H. Boehmer	Encadernado
84 – Histoire d'une Parisienne. O. Feuillet	Encadernado
85 – Les Végétaux, leur Rôle, etc. Bois et Gadeceau	Encadernado
86 – La Littérature Française au Moyen-Âge. G. Paris	Encadernado
87 – Le Bovarysme. J. Gaultier	Encadernado
88 – As Três Filosofias. L. P. Barreto	Encadernado

3ª Prateleira

89 – Mythologie de la Grèce Antique. P. Decharme	Encadernado
90 – La Révolution Française. Poujolat	Encadernado
91 – Histoire-de l'Art. A. Roux	Encadernado
92 – La Morale, L'Art et la Religion d'après Guyau. A. Fouillée	Encadernado
93 – L'Opposition sous le Césars. G. Boissier	Encadernado
94 – Gil Blas. Le Sage	Encadernado
95 – Oeuvres d'Apulée. 2 vols.	Encadernado
97 – Louis Lambert. Balzac	Encadernado
98 – History of England. Goldsmith	Encadernado
99 – Philosophie Positive. Bourdet	Encadernado
100 – Seleta Clássica. João Ribeiro	Encadernado
101 – Sur la Violence. G. Sorel	Encadernado
102 – Précis de Philosophie. R. Worms	Encadernado
103 – Gramática Portuguesa. E. Dias	Encadernado

104 – Du Style. R. Gourmont	Encadernado
105 – La Conversion de Jeanne. G. Eliot	Encadernado
106 – Brás Cubas. Machado de Assis	Encadernado
107 – Quincas Borba. Idem	Encadernado
108 – Esaú e Jacó. Idem	Encadernado
109 – Ateneu. Raul Pompéia	Encadernado
111 – Mémoires. Mme d'Épinay. 2 vols.	Encadernado
112 – Autobiographie. Booker T. Washington	Encadernado
113 – Le Fondement de la Morale. Schopenhauer	Encadernado
114 – L'Intelligence des Fleurs. Maeterlinck	Encadernado
115 – La Littérature Anglaise. A. Filon	Encadernado
116 – Civilisation em Angleterre. Buckle (só o 5º vol.)	Encadernado
117 – Pages Choiesies. Nietzsche	Encadernado
118 – Les Feuilles d'Automne. V. Hugo	Encadernado
119 – Affaires de Rome. Lamennais	Encadernado
120 – Les Abencerrages, Atala, René, etc. Chateaubriand	Encadernado
121 – Le Génie du Christianisme. Chateaubriand	Encadernado
122 – Les Martyrs. Idem	Encadernado
123 – Camões. T. Braga (<i>Dei</i>)	Encadernado
124 – Oeuvres. Marat	Encadernado
125 – Du Libre Arbitre. S. Prudhomme	Encadernado
126 – Les Civilisés. C. Farrère	Encadernado
127 – La Grande Marnière. G. Ohnet	Encadernado
128 – Philosophie de Schopenhauer. Ribot	Encadernado
130 – Le Lys Rouge. Anatole France	Encadernado

- 131 – H. da Literatura Brasileira.
S. Romero e João Ribeiro Encadernado

4ª Prateleira

- 132 – Aphrodite. Pierre Louÿs Encadernado
- 133 – Fatos do Espírito Humano.
V. de Araguaia Encadernado
- 134 – Gramática Filosófica. Soares Barbosa Encadernado
- 135 – L’Afrique Noire. O. Megnier Encadernado
- 136 – Les Grands-Maîtres d’Art. E. Bayard Encadernado
- 137 – Carnet d’un Inconnu. Dostoïevsky Encadernado
- 138 – La Science et l’Hypothèse. Poincaré Encadernado
- 139 – La Lutte Universelle. F. Le Dantec Encadernado
- 140 – L’Âme et le Corps. A. Binet Encadernado
- 141 – Réputations Littéraires. – P. Stupfer Encadernado
- 142 – L’Alchimie et les Alchimistes. Figuiet Encadernado
- 143 – Mi Viaje alrededor del Mundo. Darwin Encadernado
- 144 – Le Livre des Snobs. Thackeray Encadernado
- 145 – Portraits. A. Suarès Encadernado
- 146 – Études Morales. Laboulaye Encadernado
- 147 – Histoire Juive. M. Vernes Encadernado
- 148 – Théâtre Choisi. Marivaux Encadernado
- 149 – Oeuvres. Villon Encadernado
- 150 – Astronomie. Delaunay Encadernado
- 151 – Femmes de la Régence. P. de Musset Encadernado
- 153 – Souvenirs Contemporains.
Villemain. 2 vols. Encadernado
- 154 – Le Socialisme Utopique.
Lichtenberger Encadernado
- 155 – Doctrine. Confucius Encadernado
- 156 – Le Lendemain de la Mort. L. Figuiet Encadernado

157 – Fables. La Fontaine	Encadernado
158 – Lourdes. E. Zola	Encadernado
159 – Du Pape. J. de Maistre	Encadernado
160 – Renée Maupérin. E. et J. de Goncourt. (Passou para a 1ª prateleira)	Encadernado
161 – Charles Demailly. Idem, idem	Encadernado
162 – Terres Vierges. I. Tourgueneff	Encadernado
163 – Opúsculos. 7 vols.	Encadernado

Castro Lopes: Neologismos etc. – Dr. Jaguaribe: Homens e Idéias no Brasil (I) – H. G. Wells: La Découverte de l'Avenir – Afonso Celso: O Assassinato do Cel. Gentil de Castro – Anatole France: L'Église et la République – Haeckel: Le Monisme (II) – La Chanson de Roland – São Bernardo: De l'Amour de Dieu – Teixeira Mendes: O Regulamento das Escolas do Exército – Lagarrigue: A Ditadura Republicana – Diderot: Essai sur le Beau (III) – Courier: Pages Choiesies – Gomes de Carmo: Reforma da Agricultura Brasileira – Araripe Júnior: José de Alencar (IV) – Robinet: La Philosophie Positive – Péladan: La Dernière Leçon de Léonard de Vinci – Couto de Magalhães: Etnografia Indígena – Clóvis Beviláqua: Filosofia Positiva no Brasil (V) – M. Renault: Épicure – P. Landorny: Descartes – Levraut: La Satire – A. Guimarães: Sílvio Romero – João Ribeiro: Colocação dos pronomes (VI). [.....] (VII).

5ª Prateleira

169 – Pièces. 6 vols.

I

- 1) Mme Sans-Gêne. E. Sardou et Moreau
- 2) La Femme Nue. H. Bataille
- 3) M. de Coupière. Abel Hermant
- 4) L'Assaut. H. Bernstein
- 5) Terre d'Épouvante. André de Lorde et E. Morel; et M. de Condonat. Tristan Bernard
- 6) Bagnes d'Enfants. André de Lorde e Pierre Chaîne

- 7) Jean III. Sacha Guitry; et La Joie du Sacrifice. J. J. Bernard
- 8) Le Scandale de Monte-Carlo. Sacha Guitry
- 9) Timon d'Anthènes. E. Fabre
- 10) Vers l'Amour. Léon Gauchillot

II

- 1) Le Voleur. H. Bernstein
- 2) La Française. Brioux; et Simone, par le même auteur
- 4) Chacun sa vie. G. Guiches
- 5) La Sacrifiée. Gaston Devore
- 6) Coeur à Coeur. R. Coolus
- 7) Le Grand Soir. L. Kampf
- 8) Qui Perd, Gagne. P. Veber
- 9) L'Alibi. G. Trarieux
- 10) L'autre. P. e Victor Margueritte

III

- 1) Théodora. V. Sardou
- 2) Sa Soeur. T. Bernard
- 3) Les Plumes de Paön. Bisson et Turique
- 4) Sou Père. A. Guinon et A. Bouchinet
- 5) L'Amour Veille. Flers et Caillevet
- 6) L'Éventail. Idem
- 7) Après le pardon. M. Serac
- 8) Chérubin. Croisset
- 9) Ramuntcho. P. Loti
- 10) Vieil Heidelberg. Meyer-Foerster

IV

- 1) Samson. H. Bernstein
- 2) L'Affaire des Poisons. V. Sardou
- 3) Un Divorce. P. Bourget et André Cury
- 4) Les Deux Hommes. Alfred Capus
- 5) La Rivale. H. Kistemaekers et E. Delard
- 6) Adrienne Lecouvreur. Mme Sarah Bernhardt
- 7) L'Apprentie. G. Geffroy
- 8) La Belle au Bois Dormant. J. Richepin et H. Cain
- 9) La grande Famille. M Arguillère

V

- 1) Crainquebille. A. France
- 2) La Préférée. L. Descaves
- 3) Education de Prince. M. Donnay
- 4) Le Réveil. Paul Hervieu
- 5) Les Hanneçons. Brioux; et Au Petit Bonheur. A. France
- 6) Mlle Josette, ma femme. P. Gavault et R. Charvay
- 7) Le Ruisseau. P. Wolff
- 8) Pylade. L. Legendre; et Le Poulailier. T. Bernard
- 9) Le Refuge. D. Niccodemi
- 10) Le Martyre de St. Sébastien. G. D'Annunzio

VI

- 1) La Soutane. A. Bernède
- 2) La Loi de Pardon. M. Landay
- 3) Divorçons. V. Sardou
- 4) Le Chandelier. Alfred de Musset
- 5) La Veine. A. Capus
- 6) Gringoire. Th. Banville
- 7) Cyrano de Bergerac. Ed. Rostand
- 8) La Joie Fait Peur. Mme de Girardin

175 – Cinq-Mars. Alfred de Vigny	Encadernado
176 – Après Moi et Le Bercail. H. Bernstein	Encadernado
177 – Les Maitres Humoristes. Herman-Paul; Forain, Abel-Faivre	Encadernado
178 – Perversion et perversité sexuelles. Lauppts	Encadernado
179 – D. João VI. Oliveira Lima. 2 vols.	Encadernado
196 – Revista Brasileira (J. Veríssimo). 16 vols.	Encadernado
197 – D. Quijote de la Mancha. Miguel de Cervantes Saavedra	Encadernado
206 – Romans. 9 vols.	Encadernado

I

- 1) Les Diaboliques. J. Barbey D'Aurevilly
- 2) Les Rois en Exile. Alphonse Daudet
- 3) L'Immortel. Idem
- 4) Boubouroche. George Courteline
- 5) Mémoires d'un Jeune Homme Rangé. Tristan Bernard

II

- 1) Les Vacances d'un Jeune Homme Sage. Henri de Régnier
- 2) L'Abbé Jules. O. Mirbeau
- 3) Les Sous-offs. Lucien Descaves
- 4) La Carrière. Abel Hermant
- 5) La Discorde. Idem

III

- 1) André Cornelis. Paul Bourget
- 2) La Leçon d'Amour dans un Parc. René Boylesve
- 3) La Ruse. Paul Adam
- 4) L'Aventure. Pierre Veber
- 5) La Réssurrection. Léon Tolstoi

IV

- 1) Du Sang, de la Volupté et de la Mort. Maurice Barrès
- 2) Au Service de l'Allemagne. Idem
- 3) Secrets d'État. Tristan Bernard
- 4) Indiana. George Sand
- 5) Fromont Jeune et Risler Aîné. Alphonse Daudet

V

- 1) Chronique de Cadet de Contrats. Abel Hermant
- 2) Les Grands Bourgeois. Idem
- 3) Le Mariage de Minuit. Henri de Régnier
- 4) L'Écornifleur. Jules Renard
- 5) Amants. Paul Margueritte

VI

- 1) Le Cousin Pons. Honoré de Balzac
- 2) Le Petit Chose. Alphonse Daudet

- 3) Le Sceptre. Abel Hermant
- 4) La Lumière qui s'éteint, R. Kipling
- 5) Flirt. Paul Hervieu

VII

- 1) Servitude et Grandeur Militaires. A. de Vigny
- 2) Valentine. George Sand
- 3) Histoire Naturelles. Jules Renard
- 4) M. de Courprière Marié. Abel Hermant
- 5) Souvenirs du Vicomte de Courprière. A. Hermant

VIII

- 1) Sapho. A. Daudet
- 2) Germinie Lacerteux. E. et J. de Goncourt
- 3) Au Congo. Cel. Baratier
- 4) Confessions d'un Enfant d'Hier. Abel Hermant
- 5) Les Rentrées. Pierre Veber

IX

- 1) Le Passé Vivant. Henri de Régnier
- 2) La Petite Paroisse. Alphonse Daudet
- 3) Amants et Voleurs. Tristan Bernard
- 4) Une Passade. Pierre Veber et Willy
- 5) Netotchka. Dostoïevsky

2ª ESTANTE

1ª Prateleira

- | | |
|---|-------------|
| 207 – Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient.
G. Maspero | Encadernado |
| 208 – Cours d'Histoire. 4 vols. A. Malet. I. Antiquité;
II – Moyen-Âge; III – Temps Modernes;
IV – Époque Contemporaine | Encadernado |
| 209 – La Psychologie Ethnique. G. Letourneau | Encadernado |
| 210 – La Préhistoire. G. et A. de Mortillet | Encadernado |
| 211 – Resumen de la Historia de América.
Estevánez | Encadernado |

212 – La Terre. Vidal de la Blache et Camena d’Almeida	Encadernado
213 – La France. Idem	Encadernado
214 – Précis d’Économie Politique. Leroy-Beaulieu (não é meu)	Encadernado
215 – Manuel d’Histoire de la Littérature Grecque. A. et M. de Croiset	Encadernado
216 – A Ilusão Americana. E. Prado	Encadernado
217 – On Heroes. Carlyle	Encadernado
218 – Histoire de France. Choublier	Encadernado
219 – Théâtre. Aristophane	Encadernado
220 – Oeuvres. F. Rabelais	Encadernado
221 – La Linguistique. A. Hovelacque	Encadernado
222 – La Grèce Antique. André Lefèvre	Encadernado
223 – Chimie. Naquet et Henriot	Encadernado
224 – La Science Sociale. A. Fouillée	Encadernado
225 – Histoire de Law. Fouquet. A. Thiers et Savine & Bournand	Encadernado
226 – Vie des Mots. Darmesteter	Encadernado
227 – Horto de Mágoas. Gonzaga Duque	Encadernado
228 – Discours sur l’Histoire Universelle. Bossuet	Encadernado
229 – História Antiga (Oriente e Grécia). João Ribeiro	Encadernado
230 – Viagem ao Araguaia. Couto de Magalhães	Encadernado
231 – Du Morcellement du Sol em France. M. J. Piogey	Encadernado
<i>2ª Prateleira</i>	
232 – Pequeno Panorama. M. de Azevedo	Encadernado
233 – Pierre Nozière. Anatole France	Encadernado

234 – Honoré de Balzac. Brunetière	Encadernado
235 – En France. Marius-Ary Leblond	Encadernado
236 – Roman de Léonard de Vinci. Mérejkovsky	Encadernado
237 – Les Renards. Abel Hermant	Encadernado
238 – La Biche Relancée. Idem	Encadernado
239 – Les Confidences d'une Biche. Idem	Encadernado
240 – Autres Troupiers. R. Kipling	Encadernado
241 – Simples Contes des Collines. Idem	Encadernado
242 – L'Île de l'Aepyornis. H. G. Wells	Encadernado
243 – La Burlesque Équipée du Cycliste. Idem	Encadernado
244 – Les Premiers Hommes dans la Lune. Idem	Encadernado
245 – Le Pays des Aveugles. Idem	Encadernado
246 – Bel-Ami. Guy de Maupassant	Encadernado
247 – La Main Gauche. Idem	Encadernado
248 – Toine. Idem	Encadernado
249 – Au Soleil. Idem	Encadernado
250 – Miss Harriet. Idem	Encadernado
251 – Yvette. Idem	Encadernado
252 – La Maison Tellier. Idem	Encadernado
253 – Souvenirs. Tolstoi	Encadernado
254 – Port-Tarascon. A. Daudet	Encadernado
256 – Ménage et Finances de Voltaire. Louis Nicolardot. 2 vols.	Encadernado
257 – Viagens na Minha Terra. Almeida Garrett	Encadernado
258 – Romanceiro. Idem	Encadernado
259 – Les Moujiks. Tchékov	Encadernado

3ª Prateleira

- | | |
|--|-------------|
| 260 – Divina Comédia (tradução portuguesa do Barão de Vila da Barra). Dante | Encadernado |
| 261 – Vida do Duque de Caxias. Monsenhor Pinto de Campos | Encadernado |
| 262 – L'Espèce Humaine. Quatrefages | Encadernado |
| 264 – Os Anais. Cornélio Tácito (Tradução de José Liberato Freire de Carvalho). 2 vols. | Encadernado |
| 265 – Colonies Étrangères et Haiti. Victor Schoelcher. 2 vols. | Encadernado |
| 266 – Motins Políticos. Domingos A. Raiol (só o 2º volume) | Encadernado |
| 267 – Histoire des Mathématiques. J. Boyer | Encadernado |
| 268 – Filosofia Positivista. Teófilo Braga | Encadernado |
| 269 – Ortografia Portuguesa. José F. de Castilho | Encadernado |
| 270 – Précis de Droit Maritime International et de Diplomatie. A. Le Moine | Encadernado |
| 271 – La Démocratie Devant La Science. C. Bouglé | Encadernado |
| 272 – Essais Sur le Régime des Castes. C. Bouglé | Encadernado |
| 273 – Lições de Coisas. Calkins (tradução de Rui Barbosa) | Encadernado |
| 274 – Origine des Espèces. C. Darwin | Encadernado |
| 275 – La Vie du Langage. Whitney | Encadernado |
| 276 – L'Homme Mental. Groslambert | Encadernado |
| 277 – As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização. Max Nordau. (Tradução para o português por M. C. da Rocha) | Encadernado |
| 278 – L'Oeuvre et la Vie d'Auguste Comte (Notice sur). Robinet | Encadernado |

279 – La Philosophie Positive, condensation de Jules Rig (1° vol.)	Encadernado
280 – L'Hérédité Psychologique. Th. Ribot	Encadernado
281 – L'Imagination Créatrice. Idem	Encadernado
282 – Nacionalidade, Língua e Literatura de Portugal e Brasil. Pereira da Silva	Encadernado
283 – Théorie Nouvelle de la Vie. Félix le Dantec	Encadernado
284 – Littérature Française. Brunetière	Encadernado
285 – História de Portugal. Oliveira Martins	Encadernado
286 – Aritmética. Serrasqueiro	Encadernado
287 – Viagens de Gulliver (em português). J. Swift	Encadernado
288 – La Morale Evolutioniste. H. Spencer	Encadernado

4ª Prateleira

289 – Falas do Trono do I. do Brasil, de 1828 a 1872	Encadernado
290 – Philosophie. Janet (Paul)	Encadernado
291 – Psychologie Économique. G. Tarde (só o 1°)	Encadernado
292 – Marc-Aurèle. E. Renan	Encadernado
293 – Le Préjugé des Races. J. Finot	Encadernado
299 – História do Brasil. R. Southey (tradução do dr. Joqm. de Oliveira Castro e notas do cônego Fernandes Pinheiro). 6 vols.	Encadernado
300 – Anthropologie. E. Fredault	Encadernado
301 – Histoire de la Civilisation Hellénique. M. C. Paparrigopoulos	Encadernado
302 – A Mulher e a Sociogenia. Tito Lívio de Castro (1ª edição, da Casa da Moeda)	Encadernado

- 303 – Gramática Portuguesa.
Julio Ribeiro (1ª edição) Encadernado
- 304 – Manual do Aprendiz Compositor.
Jules Claye (tradução de J. H. de
Lima Barreto) Encadernado
- 305 – Histoire de la Philosophie Allemande.
Willm (3º vol., só) Encadernado
- 306 – Le Paradis Perdu. Milton
(tradução francesa de Chateaubriand) Encadernado
- 307 – Gramática Analítica. Grivet Encadernado

ESTANTE PEQUENA (3ª)

1ª Prateleira

- 309 – Universo ed Umanitá (I e II). Diversos Encadernado
- 310 – Publicações do Arquivo Público
(vols. 4, IX e X) Encadernado
- 311 – Dictionnaire des Contemporains;
Vapereau (1858) Encadernado
- 312 – Cartas da Índia e da China.
J. I. de Andrade Encadernado
- 313 – Les Contes Drôlatiques. H. de Balzac Encadernado
- 314 – Le Socialisme Intégral.
Benoît-Malon (2º vol.) Encadernado
- 315 – Revue de Deux Mondes.
(12 vols., 1851) Encadernado
- 316 – L'Afrique Française etc. P. Christian Encadernado
- 317 – Magnum Lexicon. M. José Ferreira Encadernado
- 318 – Le Procès Bazaine Encadernado

2ª Prateleira

- 319 – Retalhos (Vol. A) Encadernado
- 320 – Retalhos (Vol. B) Encadernado

- 321 – Imprensa Industrial (revista decenal,
um tomo: de agosto de 1876
a dezembro do mesmo ano) Encadernado
- 324 – Fon-Fon! (Os três primeiros trimestres
do 1º ano, 1907, onde está
a minha colaboração). 3 vols. Encadernado
- 325 – Notícia Histórica dos Estabelecimentos
do M. do Interior. Amaro Cavalcanti
ou melhor Cupertino do Amaral Encadernado
- 326 – Livro do Centenário da Descoberta
do Brasil (3 vols.). Diversos Encadernado
- 327 – O Marquês de Pombal.
Obra comemorativa, publicada por ocasião
do centenário
da sua morte (1882), pelo Club de Regatas
Guanabara. Latino Coelho, Oliveira
Martins, Machado de Assis e outros Encadernado
- 328 – Recenseamento do Rio de Janeiro,
em 20 de setembro de 1906. 2 vols. Encadernado
- 330 – Anais da Biblioteca Nacional.
Vols. XXV e XXVIII Encadernado
- 331 – Culture et Exploitation du Caoutchouc
au Brésil. Labroy et Cayla Encadernado
- 332 – L'Amour (revista galante). 2 vols., 1902 Encadernado
- 334 – Le Vieux Marcheur. Idem Encadernado

4.ª ESTANTE

1ª Prateleira

- 335 – Obras (Sonetos, Cantatas, Epicédios etc.)
de Camões. Visconde de Jurumenha.
1 vol. Encadernado
- 336 – História do Brasil. Frei Vicente do Salvador.
1 vol. Encadernado
- 337 – Idem. Matoso Maia. 1 vol. Encadernado

338 – Floreal (revista). 1 vol.	Encadernado
339 – Miguel de Cervantes. Fitzmaurice-Kelly. 1 vol.	Encadernado
340 – A Cultura dos Campos. Assis Brasil. 1 vol.	Encadernado
341 – Gramática Portuguesa. Carneiro Ribeiro. 1 vol.	Encadernado
342 – Viaje Artístico. D. P. de Madrazo. 1 vol.	Encadernado
343 – Restauração de Portugal. 1 vol.	Encadernado
344 – Memórias. Casanova. 4 vols.	Encadernado
347 – Les Souces d'Idées. (16º século). P. Villey. 1 vol.	Encadernado
348 – Gramática Italiana. Lopes	Encadernado
349 – De la Renaissance en Italie. J. Burckhardt. 2 vols.	Encadernado
351 – Entr'aide. Kropotkine	Encadernado
352 – A Bíblia	Encadernado
353 – Geografia Física do Brasil. Wappoeus	Encadernado
354 – Correspondance de Victor Jackquemont. 2 vols.	Encadernado
356 – Lettres à un Provincial. Pascal	Encadernado
357 – Farias Brito, por J. de Figueiredo e Nestor Vítor. 1 vol.	Encadernado
358 – Holocausto. X. Marques; e Mota Coqueiro. J. do Patrocínio. 1 vol.	Encadernado
359 – Lusíadas. Camões. 1 vol.	Encadernado
360 – Oraisons Funèbres. Bossuet	Encadernado
361 – Novo Testamento	Encadernado
362 – Cruel Berceau. C. Mendès	Encadernado
363 – Un Début dans la Vie. Balzac	Encadernado
364 – Gouaches. J. Barreira	Encadernado
365 – A China e os Chins. H. C. Lisboa. 1 vol.	Encadernado

2ª Prateleira

367 – Química. M. Maciel	Encadernado
368 – Traité d'Hygiène. M. Lévy	Encadernado
369 – Olnarcia (poema). Luís José Pereira da Silva	Encadernado
370 – Retalhos, colecionados por um desconhecido, que vieram com os livros que o Chambá me deixou, ao morrer	Encadernado
371 – História da Idade Média. J. José da Rocha	Encadernado
372 – Estrada Suave. Alexander e Hewitt	Encadernado
373 – Literatura Brasileira. Melo Morais Filho	Encadernado
374 – Gramática Inglesa. Mota	Encadernado
375 – Nuttal's Dictionary (ficou fora)	Encadernado
376 – Filosofia. Azevedo	Encadernado
377 – Exaltação. Albertina Berta	Encadernado
378 – Poems. Gray	Encadernado
379 – Um Descobrimento Prodigioso. J. Verne	Encadernado
380 – Guide Médical. Rochon	Encadernado
381 – Divina Commedia. Dante (em italiano)	Encadernado
382 – Dicionário dos Verbos Irregulares Portugueses, por C. de R.	Encadernado
383 – Grammaire Anglaise. A. Spiers	Encadernado
384 – Grammaire Anglaise. Noel et Chapsal	Encadernado
385 – Atlas. Hickmann (está fora)	Encadernado
386 – La Grenadière etc. Balzac	Encadernado
387 – Versions. Sedler	Encadernado
388 – Émile. J. J. Rousseau. 2 vols.	Encadernado
390 – As Farpas. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão (vols. 2, 3 e 5)	Encadernado

391 – Exercícios de Latinidade. Pedro Freire de Oliveira (1 vol.)	Encadernado
392 – Le Darwinisme. E. Ferrière	Encadernado
393 – Les Peuples de l'Asie et de l'Europe. Girard de Rialle	Encadernado
394 – O Retrato de Vênus. Garrett	Encadernado
395 – O Totemismo. Origem dos Arias. Frazer e Salomão Reinach	Encadernado
396 – Qu'est-ce que l'Art? Tolstoi	Encadernado
397 – Shakespeare. Idem	Brochado
398 – Mémoires Complets et Authentiques du Duc de Saint Simon. 13 vols.	Encadernado
411 – L'Esthétique de Schopenhauer. André Fauconnet	Brochado
412 – Boule de Suif. Maupassant	Brochado
413 – Evocações. Cruz e Sousa	Brochado
414 – Les Transformations du Droit. G. Tarde	Brochado
415 – Le Théâtre d'Ibsen. Ossip-Lourié	Brochado
416 – Eaux Printanières. I. Tourgueneff	Brochado
417 – Dernières Pensées. H. Poincaré	Brochado
418 – La Vie du Droit. Jean Cruet	Brochado
419 – La Formation des Légendes. A. Van Gennep	Brochado
420 – Venise. Charles Diehl	Brochado
421 – Luís de Camões. Miguel Lemos	Brochado
422 – Histoire de la Littérature Hindoue. Jean Lahar	Brochado
423 – Oeuvres (Court Traité, etc.) Spinoza	Brochado
424 – Théâtre. Sophocle	Brochado
425 – Mystifications Littéraires. A. Thierry	Brochado
426 – Le Génie de Flauhart. J. de Gaultier	Brochado

427 – Saint Marie des Fleurs. R. Boylesve	Brochado
428 – Nos Cathédrales. A. Bousquelet	Brochado
429 – Estudos de Literatura. 3ª série. José Veríssimo	Brochado
430 – Filosofia del Anarquismo. C. Malato	Brochado
431 – El Satíricon. Petronio	Brochado
432 – Filosofia Zoológica. Juan Lamarck	Brochado
433 – El Anticristo. F. Nietzsche	Brochado
434 – Determinismo y Responsabilidad. A. Hamon	Brochado
435 – Socialismo y Anarquismo. A. Hamon	Brochado
436 – Poésis Nouvelles A. Musset	Brochado
437 – Obras. Cláudio Manuel da Costa. 2 vols.	Brochado
439 – La Mort. M. Maeterlinck	Brochado
440 – Le Curé de Village. Balzac	Brochado
441 – Études Anglaises. P. Bourget	Brochado
442 – Dans l'Inde du Sud. M. Maindron	Brochado
443 – Le Pauvre Amour de D. Balbine. André Corthis	Brochado
444 – Literaturas Malsanas. Pompeyo Gener	Brochado
445 – Petit Jean de Sainté. A. de la Sale	Brochado

3ª Prateleira

446 – J. J. Rousseau. Auguste Dide	Brochado
447 – Les Énigmes de l'Univers. E. Haeckel	Brochado

551 – América Latina. Oliveira Lima. (Há um erro de três volumes. Vid. pág. 24, no fim)	Brochado
552 – História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai. Jourdain. 3 vols.	Brochado
555 – A Campanha do Uruguai. Bormann	Brochado

556 – A Base Física do Espírito. Farias Brito	Brochado
557 – O Mundo Interior. Idem	Brochado
558 – Mecânica Racional. Morais Rego (os irmãos)	Brochado
559 – A Língua dos Caxinauás. C. Abreu	Brochado
560 – L'État, comme Organisation Coercitive, S. Balicki	Brochado
561 – História da Cidade do Rio de Janeiro. Felisbello Freire. 2 vols.	Brochado
563 – Anais do 1º Congresso de Geografia do Rio de Janeiro. 4 vols.	Brochado
567 – Congresso Universal de Raças. J. B. de Lacerda	Brochado
568 – Os Museus de História Natural. Idem	Brochado
569 – Problema de Filosofia Biológica. Araújo Jorge	Brochado
570 – Quadros da Natureza. Humboldt	Brochado
571 – Perfis de Intelectuais. Silva Bastos	Brochado
572 – Névrose. Émile Morel	Brochado
573 – Fromentin. F. Beaume	Brochado
574 – E. Durkheim. G. Davy	Brochado
575 – J. Jacques Rousseau. Pages Choiesies	Brochado
576 – Les Cosaques etc. L. Tolstoi	Brochado
577 – La Mort des Dieux. Mérejkovsky	Brochado
578 – Silas Marner. G. Eliot	Brochado
579 – João Ribeiro. G. Portuguesa	Brochado
580 – Les Corsaires Barbaresques. J. de la Gravière	Brochado
581 – La Maison Brûlée. P. Margueritte	Brochado
582 – Lazarillo de Tormes (em português)	Brochado
583 – Análise Química. Pinto	Brochado

584 – Gram. Inglesa. Sadles	Brochado
585 – Epilogus. Rémy de Gourmont	Brochado
586 – Casos e Impressões. Adelino Magalhães	Brochado
587 – Funcionários e Doutores. Tobias Monteiro	Brochado
588 – Obras Poéticas. Garção	Brochado
589 – Voyage dans les Royaumes de Siam, Cambodge, de Laos. H. Monhot	Brochado
590 – Sans Dogme. Sienkiewicz	Brochado
591 – Les Musiciens et la Musique. H. Berlioz	Brochado
592 – Diversas Biografias	Brochado
593 – Primprnette. Willy	Brochado
<i>5ª Prateleira</i>	
594 – Arithmétique. F. J. (F. I. C.)	Brochado
595 – O Anarquismo. Paulo Eltzbacher	Brochado
596 – Geometria Superior. Paula Sousa	Brochado
597 – Viagem ao Redor do Brasil. 2º vol. João Severiano da Fonseca	Brochado
598 – O Brasil Industrial. Vol. III	Brochado
599 – Anuário da Estatística do Rio. Vol. I	Brochado
600 – As Secas no Brasil. A. Olinto. O secular problema do Nordeste. Ildefonso Albano	Brochado
601 – Essais de Critique et d'Histoire. Taine	Encadernado
602 – Quatre-vingt-treize. V. Hugo. 2 vols.	Encadernado
604 – Opúsculos (VII). Assis Brasil – A unidade Nacional; Georges Ville – Une Révolution Agricole; Germano Vert – Almanaque do Lavrador Brasileiro; Plácido de Castro – Apontamentos Sobre a Revolução Acreana; Gérard de Nerval – La Main Enchantée; M. Bonfim – O Fato Psíquico	Encadernado

605 – Encyclopédie de Connaissances Utiles	Encadernado
606 – Anais da Imprensa Nacional. Vale Cabral	Encadernado
607 – Télémaque. Fénelon	Encadernado
609 – Viagem à Venezuela, Nova Granada e Equador. Conselheiro Lisboa	Encadernado
610 – Crimes Espantosos. Dez. ^{or} Henrique de Oliveira	Encadernado
611 – Mille et Une Nuits. 1 ^o vol. Trad. dr. J. C. Madrus	Brochado
612 – Visões, Cenas etc. Adelino Magalhães	Brochado
613 – Vários Escritos. Astério de Campos	Brochado
614 – Efemérides Navais. Garcez Palha	Brochado
615 – Desenho Linear. Poluceno	Brochado
616 – The Rosette Stone. Samuel Shayre	Brochado
617 – Guia de Análise Química. Stadeler	Brochado
618 – Revista Brasileira (Número do centenário de Camões)	Cartonado
619 – Abastecimento d'água do Rio de Janeiro (Not). Antônio Joaquim de Almeida Silva	Brochado
620 – Anais da Imprensa Nacional. Vale Cabral (<i>del</i>)	Brochado
624 – Essais sur l'Histoire d'Angleterre. 5 vols. Macaulay	Brochado
625 – Indústria Siderúrgica. F. M. de Sousa Aguiar	Brochado
626 – Teoria e Prática da Cooperação. Sarandy Raposo	Brochado
627 – A Redenção de Tiradentes	Brochado
628 – El Estado de S. Paulo	Brochado
629-630 – Revista do Instituto Histórico. Tomo 74 (2 partes).	Brochado

631 – Um lote de Revue des Deux Mondes, de 1877	Brochado
632 – Um outro do mesmo ano	Brochado
633 – Um outro, com a Revue de Paris	Brochado
634 – Um outro da Revue Philosophique (1908)	Brochado
635 – Polícia Carioca. Elísio de Carvalho	Brochado
636 – Um amarrado, com a Nouvelle Revue Français	Brochado
637 – Anuário da Escola Politécnica de São Paulo. 1908	Brochado
<i>Em cima das estantes e das mesas:</i>	
638 – Petit Larousse Illustré	
640 – Dicionário Inglês-Português e vice-versa. Valdez. 2 vols.	Encadernado
642 – Dicionário Francês-Português e Português-Francês. 2 vols.	Encadernado
644 – Dicionário Universal Português. 2 vols. Francisco de Almeida	Encadernado
645 – Dicionário Português-Francês. Constâncio	Encadernado
646 – Vocabulário Italiano-Portoghese. 1 vol.	Encadernado
647 – Arquivos do Museu Nacional. Vol. XVIII	Encadernado
648 – Proménades Archéologiques. Gaston Boissier	Brochado
Um caderno com artigos da R. des Deux Mondes	Brochado
649 – La Femme et le Pantin. Pierre Louÿs	Brochado
Um caderno de páginas de revistas	Brochado
650 – Notre Coeur. Guy de Maupassant. Idem	Brochado
651 – Mensonges. Paul Bourget. Idem	Brochado

- 652 – Pêcheurs d’Island. Pierre Loti. Idem Brochado
 653 – Mon Frère Yves. O mesmo. Idem Brochado
 656 – Contos. Diversos Brochado

Dois cadernos com páginas de revistas, tendo

- 657 – Pièces. Diversos Brochado

1 caderno com pgs. de revistas, contendo:

- 658 – Fastos do Museu Nacional.
 Dr. J. B. de Lacerda Brochado
 659 – Le Beau Saint Cendre. Maurice Maindron Brochado
 660 – A Língua Portuguesa. Adolfo Coelho.
 A Literatura Portuguesa. Por Teófilo Braga Brochado
 667 – Retalhos de Jornais. 7 cadernos Brochado
 669 – Gazeta Literária. 2 vols. Brochado
 662 – Artigos da Revue des Deux Mondes.
 3 cadernos Brochado
 664 – Anais. Duas pastas com números Brochado
 665 – Le Tout Sayoir (almanaque) Brochado
 667 – Amarrados com diversas brochuras (opúsculos)
 668 – Um amarrado: Bronzino, reprodução de quadros; Holbein,
 idem; Le Chandelier et Louison; Musset; O Continente
 Negro, B. do Povo; J. J. Rousseau, G. Gampayré; Gregório
 de Matos, Araripe Júnior
 669 – Um amarrado, com as revistas: Na Barricada: La Falmme;
 Nuova Antologia; A Vida Fluminense; n^{os} 111 e 135, de
 1870; A Vida e Revista Contemporânea, número dedicado a
 Gonzaga Duque
 670 – Um amarrado com coleção de desenhos de Guillaume
 e B. Rabier
 671 – Um amarrado com os romances: Mme Gervaisais, de E. et J.
 de Goncourt; Poil de Carotte, de Jules Renard;
 e Les Amants Singuliers, de Henri de Régnier

- 672 – A Festa Literária, por ocasião de fundar-se a A.
dos Homens de Letras, em 1883
- 673 – Opúsculos (VIII vol.). Une Idylle de la Décadence,
E. Tissot; Constituição da República;
A Moral dos Jesuítas, por um antigo discípulo da
Companhia; Consolidação das Leis Rurais,
Crisanto Freire; Um Episódio da Regência,
Baltazar da Silveira
- 674 – Toutes les Femmes. Amédée Vignola Brochado
- 675 – Teoria das Quantidades Negativas.
Benjamin Constant Botelho de Magalhães Brochado
- 676 – Obras de Magnus Söndhal Brochado
- 677 – Teorias das Funções. Licínio Cardoso Brochado
- 678 – Une Vielle Maîtresse. J. Barbey d'Aurevilly Brochado
- 679 – À travers l'Afrique. Baratier Brochado
- 680 – Um amarrado com: Essais, de Montaigne;
Voyage Autour de ma Chambre,
por Xavier de Maistre; Philippiques,
de Demosthène, Le Vieux Célibataire, etc.,
de Collin d'Harleville; e Contos,
de Perrault Brochado
- 681 – Il Secolo XIX. L'Esposizione
Mondiale de 1900 in Parigi Brochado
- 682 – Idem. Architettura. Archeologia Brochado
- 683 – Idem. L'Astronomia. La Fisica Terrestre Brochado
- 684 – Idem. Cronistoria Brochado
- 685 – Idem. Parigi. Contemporanea Brochado
- 686 – Idem. Le Scoperte Geografiche Brochado
- 687 – Idem. L'Agricoltura. Industria.
Commercio Brochado
- 688 – Idem. La Storia. La Marina e Gli Eserciti Brochado
- 689 – Idem. La Musica; Musica Comica
e Coreografica Brochado

- 690 – Idem. La Biologia; Medicina e Chirurgia Brochado
- 691 – Idem. Storia Naturale Brochado
- 692 – Dizionario di Coltura Universale
(Vol. I e parte do II) Brochado
- 694 – Universo ed Umanità (Vol. IV e V) Brochado
- 695 – Trattato di Costruzioni Civili
(fascículos desencontrados) Brochado
- 696 – Uma pasta com mapas, cartas e plantas: Cidade do Rio de Janeiro; do Extremo Oriente; do Município do Rio de Janeiro; do Est. Do Rio Grande do Sul; da Algéria, Marrocos e Saara; dos limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte; de Portugal e Espanha; da Palestina; do Piauí; do teatro da guerra entre Espanha e os Estados Unidos; da fronteira entre o Brasil e a Bolívia; das E. de F. do Rio, Minas e São Paulo; da E. F. C. do Brasil; da cidade de São Paulo
- 697 – Vários artigos: I – Notícia sobre as Poesias de Francisco Otaviano, por G. Bellegarde; Rosminé e a Sociedade Brasileira, por A. H. de Sousa Bandeira; Notícias sobre os Cromos, de B. Lopes (1881), sem autor declarado; L'Odeur de Sainteté, por George Dumas; Uma Noite Histórica, Raul Pompéia; e Uma Paixão no Deserto, por H. de Balzac.
II – O Gentio do Brasil Atual, sem autor declarado; Resumo da Revolução dos Farrapos, pelo Gal. Carlos de Campos; e O Fetichismo dos Negros no Brasil; pelo padre Étienne Brasil
- 699 – Um amarrado com as revistas: Revue des Cours; la Revue; Boletim da U. Pan-Americana; La France de Demain; A Lanterna (jornal de estudantes, onde escrevi) e o O Diabo (onde também escrevi)
- 714 – As Grandes Invenções.
Luís Figuiet. Trad. Encadernado

Manuscritos e Originais

- I – Clara dos Anjos, romance meu (inédito e incompleto) 1904

- II – Recordações do Escrivão Isaías Caminha, romance meu (publicado em 1909, a 1ª edição; em 1917, a 2ª ed.)
- III – Policarpo Quaresma, romance meu (publicado no Jornal do Comércio, ed. da tarde, 1911; e em livro, 1916)
- IV – Numa e a Ninfa, romance meu (publicado em A Noite, em 1915; e em fascículos, em 1917)
- V – Originais Publicados
- VI – Originais a Aproveitar
- VII – Papéis vários
- VIII – Originais a Organizar
- IX – Originais a Aproveitar
- X – Numa e a Ninfa (em provas revistas)

700 – Contrat Social. J. J. Rousseau e outras obras	Brochado
701 – Escritos Diversos. Almeida Garrett	Brochado
702 – O Mestre de Campo. Afonso Arinos	Brochado
703 – A Grande Ilusão. Norman Angel	Brochado
704 – O Bailio de Leça. Arnaldo Gama	Encadernado
705 – Quadros da História Portuguesa. Silveira da Mota	Brochado
706 – Que é a Literatura. José Veríssimo	Brochado
707 – Le Feu. Henri Barbusse	Brochado
708 – Urupês. Monteiro Lobato	Brochado
709 – Faits et Commentaires. H. Spencer	Encadernado
711 – Mémoires. Barras	Encadernado
712 – Les Maladies de la Volonté. Th. Ribot	Encadernado
713 – Cartas do Meu Moinho. A. Daudet (tradução)	Encadernado
714 – La Morale Anglaise. M. Guyau	Encadernado
715 – Obras Escogidas (Novelas Ejemplares). Cervantes	Encadernado

716 – Sol de Portugal. José Vieira	Brochado
717 – Saneamento do Brasil. Belisário Pena	Brochado
718 – As Desencantadas. Pierre Loti	Encadernado
719 – Antropologia. Carrestini	Encadernado
720 – Senzalas. Alberto Deodato	Brochado
721 – O “S” e o “Z” em Português. A. de A. de Melo Carvalho	Brochado
722 – Matercracia. J. T. Portugal Freiser	Brochado
723 – Psicologia Mórbida na Obra de Machado de Assis. Dr. Luís Ribeiro do Vale	Brochado
733 – Histoire de l’Art. A. Michel	Brochado
734 – Guzmán de Alfarache. Mateo Alemán	Encadernado
737 – Histoire de la Philosophie Moderne. Höfdding	Encadernado
738 – L’Angleterre au XIX ^e Siècle. Philarète Chasles	Encadernado
740 – Novas Telas Literárias. A. F. de Castilho	Encadernado
741 – Descartes. Luís Dimier	Brochado
742 – Le Sens de la Mort. Bourget	Brochado
743 – A Morte da Polidez. Bandeira de Melo	Brochado
744 – Filosofia da Arte. V. Licínio Cardoso	Brochado
745 – História do Brasil. Frei Vicente do Salvador. 2 ^a edição	Brochado
748 – Histoire des États Unis. E. Laboulaye. 3 vols.	Encadernado
749 – L’État et ses Limites. Ed. Laboulaye	Encadernado
750 – Política. Aristóteles	Encadernado
751 – Ensinamentos Psicológicos da Guerra Européia. G. Le Bon	Brochado
752 – As Lições da Guerra Mundial. H. Hamon	Brochado

- 753 – Les Idéologiques. F. Picavet Encadernado
- 773 – Dicionário e Enciclopédia de J. Jackson Encadernado
- 775 – Romans. Voltaire
- 786 – Livre des Masques. Rémy de Gourmont
- 787 – Capitania de Sergipe. Ivo do Prado
- 788 – Coivara. Gastão Cruls
- 789 – Rua da Paz. Visc. De Saussay
- 790 – Negrinha. M. Lobato
- 791 – Fidelino de Figueiredo. A Crítica Literária como Ciência
- 792 – Funcionários e Doutores, Tobias Monteiro; Notas de
Pedagogia e Psicologia Normal e Patológica,
Plínio Olinto; Vocábulo e Locuções da Língua Portuguesa,
Guilherme Bellegarde, trazendo a polémica dele e de Laet
com Camilo Castelo Branco
- 793 – Physique (pequena). Ganot
- 794 – Senhora de Engenho. Mário Sette
- 795 – As Virgens Amorasas. Teo Filho
- 796 – Terras do Demo. Aquilino Ribeiro
- 797 – Máximas do Marquês de Maricá
- 798 – Manual de Estética
- 799 – Discours de la Méthode
- 800 – Storia della Litteratura Italiana. Francesco de Sanctis